

JUVÊNIO BORGES SILVA

**A IGREJA UNIVERSAL:
MISTICISMO E MERCADO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Departamento de Sociologia do Instituto
de Filosofia e Ciências Humanas da
Universidade Estadual de Campinas sob a
orientação do Prof. Dr. Sérgio S. Silva.

AGOSTO/2000

UNICAMP

BIBLIOTECA CENTRAL

SEÇÃO CIÊNCIAS

200019101

JUVÊNIO BORGES SILVA

**IGREJA UNIVERSAL:
MISTICISMO E MERCADO**

**Dissertação de Mestrado apresentada ao
Departamento de Sociologia do Instituto
de Filosofia e Ciências Humanas da
Universidade Estadual de Campinas sob a
orientação do Prof. Dr. Sérgio S. Silva.**

**Este exemplar corresponde à
Redação final da tese defendida
e aprovada pela Comissão
Julgadora em 30/08/2000**

BANCA EXAMINADORA:

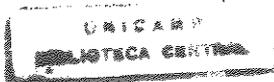
Prof. Dr. Sérgio S. Silva (Orientador)

Prof. Dr. Marcelo Siqueira Ridenti

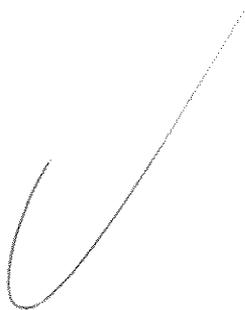
Prof. Dr. Antônio Gouvêa Mendonça

Sérgio S. Silva
Marcelo Siqueira Ridenti
Antônio G. Mendonça

AGOSTO/2000



UNIDADE BE
N.º CHAMADA: TUNICAMP
5138i
Ex.
TOMBO BC/ 43229
PROC. 96-278100
C D
PREC. R\$ 11,00
DATA 16/12/00
N.º CPD



CM-00153314-0

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP

Silva, Juvêncio Borges

SI38i

**Igreja universal: misticismo e mercado / Juvêncio Borges
Silva . - - Campinas, SP: [s.n.], 2000.**

Orientador: Sérgio Silva.

**Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campi-
nas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.**

- 1. Weber, Max, 1864 - 1920. 2. Bourdieu, Pierre, 1930 -
3. Religião - Aspectos sociológicos. 4. Sociologia da cultura.
I. Silva, Sérgio, 1943- II. Universidade Estadual de Campinas.
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.**

RESUMO

A Igreja Universal do Reino de Deus é uma das mais novas igrejas do Brasil. Todavia, com apenas 23 anos de organização, desponta-se como uma das maiores do país, tendo ultrapassado muitas igrejas que encontram-se no país desde o século passado.

É uma igreja organizada de acordo com os mais modernos princípios de administração, que possui uma imensa rede de comunicação: emissoras de TV, rádios, gravadora, editora e jornais. É também proprietária de um banco, construtora, empresa imobiliária, dentre outros. Tem filiais em aproximadamente 70 países, incluindo o Chile, Estados Unidos, Portugal e África do Sul.

O presente trabalho procura analisar a razão do crescimento da Igreja Universal a partir da sua inserção no mercado, mostrando que misticismo e mercado não se excluem, antes, mantêm relações de intercâmbio.

Primeiro, discorre-se sobre a Igreja Universal, mostrando como ela surgiu, cresceu e consolidou-se. Segundo, procede-se a uma análise do protestantismo, estabelecendo semelhanças e distinções deste em relação à Igreja Universal. Terceiro, procede-se a uma análise do pentecostalismo, seu antecessor imediato, as transformações que experimentou e a forma de que se reveste na Igreja Universal. Quarto, analisa-se a Teologia da Prosperidade, procurando mostrar como ela atua como elemento de legitimação das práticas monetárias da igreja e do mercado. Quinto, analisa-se as várias formas de sacralização do mercado presentes no culto da Igreja Universal. Sexto, procede-se a uma análise da mercantilização do sagrado. Sétimo, analisa-se a relação entre misticismo e mercado.

Por fim, faz-se uma avaliação da Igreja Universal à luz da pesquisa realizada.

ABSTRACT

The Kingdom of God Universal Church is one of the newest churches of Brazil. Although , with only 23 years of organization, it's said to be one of the biggest, having exceeded many churches which exist in the country since last century.

It's an organized church in accordance with the most modern principles of management, which owns an immense network of communication: TVs , radios, publishing company and newspapers. It's also proprietor of a bank, constructor company, real estate company, amongst others. It has branch offices in approximately 70 countries, including Chile, the United States, Portugal and South Africa. The present work analyzes the reason of the Universal Church growth of from its insertion in the market, showing that mysticism and market are not abstained, but keeps relations of interchange .

Firstly I want to show, how the Universal Church appeared and consolidated itself in the market.

Secondly, it's proceeded an analysis of protestantism, establishing similarities and distinctions in relation of the Universal Church.

Thirdly, it's proceeded an analyzis of pentecostalism, it's immediate predecessor, the hashings that it tried and the form it assumed within the Universal Church.

Fourthly, it's analyzed the Theology of Prosperity, trying to show how it acts as an element of legitimation of the monetary practices inside the church and the market.

Fifthly, it's analyzed the various forms of sacralization of the market present in the cult of the Universal.

Sixthly, it's proceeded an analysis of trading the sacred.

Seventhly, it's analyzed the relation between mysticism and market.

Finally, it's carried an evaluation of the Universal church, through the accomplished research.

AGRADECIMENTOS

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, CNPq., que financiou esta pesquisa, viabilizando sua realização.

Ao Prof. Dr. Sérgio S. Silva, meu orientador, pela amizade, generosidade, apoio, atenção e incentivo que dispensou-me no transcorrer de toda a pesquisa, lendo cuidadosamente todos os capítulos desta dissertação nas várias fases de sua elaboração, fazendo preciosas observações, imprescindíveis à sua realização.

Aos Professores, Drs. Marcelo Siqueira Ridenti e Arlete Moysés Rodrigues, pelas importantes observações e sugestões proporcionadas por ocasião da qualificação.

Ao Prof. e amigo José Querino Tavares Neto e sua esposa, Prof^a Silvana Beline Tavares, também pesquisadores na área de sociologia da religião, a quem sou profundamente grato pelo incentivo que me vêm dando ao longo de mais de dez anos, pela amizade sincera, desinteressada e generosa que têm me oferecido.

A Ana Lúcia Pellegrino, minha esposa e companheira de todos os momentos, por todo o amor que me tem dedicado. A ela dedico este trabalho.

SUMÁRIO

Glossário das Siglas Evangélicas e Protestantes.....	5
Introdução.....	6
I – Igreja Universal do Reino de Deus.....	18
1. Fundação e Consolidação.....	19
2. Estrutura Organizacional.....	34
3. Teologia e Prática.....	37
II – Protestantismo.....	42
1. O Puritanismo.....	43
2. O Pietismo.....	47
3. O Metodismo.....	52
4. Racionalismo <i>versus</i> Espiritualismo.....	57
III – Pentecostalismo.....	67
1. A Gênese do Pentecostalismo.....	67
2. O Pentecostalismo no Brasil.....	71
3. O Neopentecostalismo.....	88
IV – A Teologia da Prosperidade.....	93
1. A Confissão Positiva.....	99
2. A Fé Possuidora.....	108
V – A Sacralização do Mercado.....	122
1. O Sacrifício.....	130
2. O Negócio.....	145
3. O Desafio.....	150
VI – A Mercantilização do Sagrado.....	158
1. Igreja-Empresa.....	161
2. Religião-Magia.....	172
3. O Mercado da Fé.....	177
4. O Marketing da Fé.....	183
VII – Misticismo e Mercado.....	194
Conclusão.....	214
Bibliografia.....	227

GLOSSÁRIO DE SIGLAS EVANGÉLICAS E PROTESTANTES

AD	Assembléia de Deus
AEVB	Associação Evangélica Brasileira
BPC	Igreja Evangélica Pentecostal O Brasil Para Cristo
CCB	Congregação Cristã no Brasil
IEQ	Igreja do Evangelho Quadrangular
IIGD	Igreja Internacional da Graça de Deus
IPB	Igreja Presbiteriana do Brasil
IPDA	Igreja Pentecostal Deus é Amor
IURD	Igreja Universal do Reino de Deus
RCC	Renovação Carismática Católica
TP	Teologia da Prosperidade
VINDE	Visão Nacional de Evangelização

INTRODUÇÃO

A discussão sociológica sobre a relação entre religião e economia não é recente, haja visto a obra de Weber, mormente “A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo”, na qual procura estabelecer a relação entre o desenvolvimento do capitalismo a partir de uma análise de elementos presentes no calvinismo e na prática religiosa dos puritanos, concluindo que tal forma de religiosidade, pautada sobretudo pela organização racional da vida e do trabalho, propiciou as condições para o surgimento do que ele chama de “espírito” do capitalismo.

“Mas, o que era ainda mais importante: a avaliação religiosa do infatigável, constante e sistemático labor vocacional secular, como o mais alto instrumento de ascese, e, ao mesmo tempo, como o mais seguro meio de preservação da redenção da fé e do homem, deve ter sido presumivelmente a mais poderosa alavanca da expressão dessa concepção de vida, que aqui apontamos como “espírito” do capitalismo.

“Combinando essa restrição do consumo com essa liberação da procura de riqueza, é óbvio o resultado que daí decorre: a acumulação capitalista através da compulsão ascética à poupança. As restrições impostas ao uso da riqueza adquirida só poderiam levar a seu uso produtivo como investimento de capital”.¹

Peter Berger empreende uma análise sociológica na qual estabelece a relação entre religião e economia na atualidade, buscando as raízes da presente situação da religião no processo de secularização. Para ele, se o “portador primário da secularização é o processo econômico moderno, por sua vez ele

¹ Max Weber. A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo. Livraria Pioneira Editora, 12ª Edição, São Paulo, 1997, p. 124.

percebe também na tradição religiosa do ocidente, mormente no protestantismo, os germes da secularização. Segundo ele o protestantismo pode ser descrito como uma imensa redução do sagrado na realidade. Assim afirma: “simplificando os fatos, pode-se dizer que o protestantismo despiu-se tanto quanto possível dos três mais antigos e poderosos elementos concomitantes do sagrado: o mistério, o milagre e a magia. Esse processo foi agudamente captado na expressão ‘desencantamento do mundo’”². A expressão “desencantamento do mundo” é de Weber, utilizada para referir-se aos resultados do processo de racionalização no mundo ocidental:

“O destino de nosso tempo, que se caracteriza pela racionalização, pela intelectualização e, sobretudo, pelo ‘desencantamento do mundo’, levou os homens a banirem da vida pública os valores supremos e mais sublimes”.³

Weber destaca, dentre as características do protestantismo, o seu repúdio a toda e qualquer forma de magia, e ao mesmo tempo, sua organização racional, sistemática da vida:

“Não só não havia meios mágicos de obter a graça de Deus para aqueles a quem Ele decidira negá-la, como não havia espécie alguma de meio”.⁴

Berger, assim como Weber, compreendem que o protestantismo, despido de vários elementos do catolicismo, reduziu a dimensão do sagrado, tornou-se

² Peter Berger. O Dossel Sagrado. Paulus, 2ª Edição, São Paulo, 1985, p. 124.

³ Max Weber. A Ciência como Vocação. In: Ciência e Política, Duas Vocações. Editora Cultrix, São Paulo, 1998, p. 51.

⁴ Max Weber. A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo. Livraria Pioneira Editora, 12ª Edição, 1997, p. 72-73.

uma religião racionalista, e contribuiu para o processo de secularização. Berger assim definiu e explicou o sentido da secularização:

“Por secularização entendemos o processo pelo qual setores da sociedade e da cultura são subtraídos à dominação das instituições e símbolos religiosos. Quando falamos sobre a história ocidental moderna, a secularização manifesta-se na retirada das igrejas cristãs de áreas que antes estavam sob seu controle ou influência: separação da Igreja e do Estado, expropriação das terras da Igreja, ou emancipação da educação do poder eclesiástico, por exemplo. Quando falamos em cultura e símbolos, todavia, afirmamos implicitamente que a secularização é mais que um processo socioestrutural. Ela afeta a totalidade da vida cultural e da ideação e pode ser observada no declínio dos conteúdos religiosos nas artes, na filosofia, na literatura e, sobretudo, na ascensão da ciência, como uma perspectiva autônoma e inteiramente secular, do mundo. Mais ainda, subentende-se aqui que a secularização também tem um lado subjetivo. Assim como há uma secularização da sociedade e da cultura, também há uma secularização da consciência. Isso significa, simplificando, que o Ocidente moderno tem produzido um número crescente de indivíduos que encaram o mundo e suas próprias vidas sem o recurso às interpretações religiosas”.⁵

Como decorrência do secularismo, o protestantismo sofreu fortes abalos, pois o racionalismo protestante acabou por conduzir a uma esfera autônoma da razão, separada da religião, e que se voltou contra a mesma, exigindo que tudo passasse pelo seu crivo. O racionalismo associado ao cientificismo se estabeleceram como critério supremo do saber. Como consequência surgiram várias concepções teológicas que procuraram se amoldar ao espírito

⁵ Peter Berger. O Dossel Sagrado. Paulus, 2ª Edição, São Paulo, 1985, p. 119-120.

secularizante, das quais podemos destacar a Teologia da Morte de Deus de Thomas J. J. Altizer, que afirma de forma peremptória:

“Deus morreu no *nosso* tempo, na *nostra* história, na *nostra* existência. Aquele que pensa como nós não pode aceitar a realidade da presença de Deus e encarar o mundo como Sua criação: tampouco pode ser sensível às clássicas imagens cristãs do Criador e de Sua criação. Assim sendo, a aceitação das formas tradicionais de fé não é mais do que uma fuga de caráter gnóstico às cruéis realidades da história”.⁶

O secularismo levou ao “desencantamento do mundo”, gerando um clima de desconfiança em relação a toda forma de religião como sendo coisa ultrapassada.

Comte, de acordo com a sua lei dos três estados, afirmava que a religião corresponde ao estágio infantil da humanidade:

“No estado teológico, o espírito humano, dirigindo essencialmente suas investigações para a natureza íntima dos seres, as causas primeiras e finais de todos os efeitos que o tocam, numa palavra, para os conhecimentos absolutos, apresenta os fenômenos como produzidos pela ação direta e contínua de agentes sobrenaturais mais ou menos numerosos, cuja intervenção arbitrária explica todas as anomalias aparentes do universo.

“No estado metafísico, que no fundo nada mais é do que simples modificação geral do primeiro, os agentes sobrenaturais são substituídos por forças abstratas, verdadeiras entidades (abstrações personificadas) inerentes aos diversos seres do mundo, e concebidos como capazes de engendrar por elas próprias todos os fenômenos observados, cuja

⁶ Thomas J. J. Altizer. Teologia e a Morte de Deus. In: A Morte de Deus. Introdução à Teologia Radical. Ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1967, p. 122.

explicação consiste, então, em determinar para cada um uma entidade correspondente.

“Enfim, no estado positivo, o espírito humano, reconhecendo a impossibilidade de obter noções absolutas, renuncia a procurar a origem e o destino do universo, a conhecer às causas íntimas dos fenômenos, para preocupar-se unicamente em descobrir, graças ao uso bem combinado do raciocínio e da observação, suas leis efetivas, a saber, suas relações invariáveis de sucessão e de similitude. A explicação dos fatos, reduzida então a seus termos reais, se resume de agora em diante na ligação estabelecida entre os diversos fenômenos particulares e alguns fatos gerais, cujo número o progresso da ciência tende cada vez mais a diminuir.

“(…) Ora, cada um de nós, contemplando sua própria história, não se lembra de que foi sucessivamente, no que concerne às noções mais importantes, *teólogo* em sua infância, *metafísico* em sua juventude e *físico* em sua virilidade? Hoje é fácil esta verificação para todos os homens que estão ao nível de seu século”.⁷

Assim, a religião, a crença num ser transcendente que intervém na história é considerada parte do estágio infantil da humanidade, coisa de quem ainda não chegou à maturidade. A filosofia positivista contribuiria para o advento do cientificismo, a crença na ciência como critério máximo de verdade.

Rubem Alves, discorrendo sobre o desenvolvimento da ciência e da técnica, que resultaram no “desencantamento do mundo”, procede à seguinte consideração:

“Mas, se tal quadro de interpretação do fenômeno religioso se estabeleceu, foi porque, de fato, ela perdeu seu poder e centralidade. Como dizia Rickert, com o triunfo da burguesia Deus passou a ter problemas habitacionais crônicos. Despejado de um lugar, despejado de

⁷ Augusto Comte. Curso de Filosofia Positiva. Ed. Abril Cultural, São Paulo, 1978, p. 4-5.

outro... Progressivamente foi empurrado para fora do mundo. Para que os homens dominem a terra é necessário que Deus seja confinado aos céus”.⁸

Afinal, o sagrado se exilou? Não há mais espaço para ele no mundo moderno? O secularismo baniu o sagrado do universo?

Em meio a questões desta natureza, quando o mundo ocidental parecia estar totalmente envolto pelo manto do secularismo, começaram a surgir vários movimentos religiosos de caráter profundamente místico. Foi assim com os movimentos avivalistas⁹ nos Estados Unidos da América, marcados por manifestações de êxtases e arrebatamentos emocionais, bem como com o movimento pentecostal¹⁰, marcado por acentuado misticismo, por uma experiência pessoal, direta com o sagrado. Todavia, o secularismo continuou a exercer forte influência sobre a teologia e as igrejas.

Há aproximadamente trinta anos atrás, considerando a situação da transcendência no mundo moderno, Peter Berger narrou um fato afim de expor a forma como a mesma era concebida:

“Há alguns anos atrás, a um padre trabalhando numa favela de uma cidade da Europa, fez-se a pergunta por que estava fazendo aquilo e respondeu: ‘Para que o rumor de Deus não desapareça completamente’. A palavra exprime bem o que os sinais da transcendência se tornaram em nossa situação – rumores – e rumores não muito conceituados”.¹¹

Hoje vemos o misticismo presente no catolicismo, no esoterismo, nas religiões de origem oriental, nas igrejas pentecostais e na sua vertente mais nova,

⁸ Rubem Alves. O Exílio do Sagrado. In: O que é Religião. Editora Brasiliense, 2ª Edição, 1981, p. 50.

⁹ Os movimentos avivalistas tiveram início no final do século XVIII nos Estados Unidos, e tinham como objetivo um despertar espiritual, um avivamento do espírito religioso dos protestantes.

¹⁰ Movimento religioso que surgiu nos Estados Unidos no início do século XX, do qual trataremos no capítulo III.

¹¹ Peter L. Berger. Rumor de Anjos. A Sociedade Moderna e a Redescoberta do Sobrenatural. Ed. Vozes, 2ª Edição, Petrópolis, 1997, p. 19.

nas igrejas neopentecostais, como, por exemplo, a Igreja Universal do Reino de Deus.

A religião, que parecia ter sido banida pelo secularismo, retornou com toda a sua força. Assim afirma Rubem Alves:

“Após o desencanto com a racionalidade tecnológica segue-se a descoberta da religiosidade popular. Teremos aqui a repetição da reação romântica contra o formalismo frio, cerebral, anti-emocional do Iluminismo? Uma versão latino-americana do fenômeno ‘contra-cultura’ norte-americano, em oposição aos mecanismos repressores da sociedade capitalista opulenta? É impossível prever”.¹²

Partindo das análises supracitadas, podemos perceber que o misticismo tem encontrado um solo fértil no Brasil, e tem proliferado cada vez mais.

Mendonça, após tecer várias considerações sobre as razões do exílio do sagrado e posteriormente do seu retorno conclui:

“Em resumo, pode-se entender o ressurgimento do misticismo como um componente necessário da religiosidade dominada e marginalizada das massas pobres que tendem a crescer na sociedade industrializada. Na medida em que as religiões tradicionais, como o caso do protestantismo especialmente, reproduzem os mecanismos do poder da sociedade, marginalizando seus fiéis em relação ao sagrado, tendem a perder seus adeptos para formas de religiosidade em que a crença e o ritual favorecem canais para o acesso ao sagrado sob a forma de misticismo e êxtase”.¹³

¹² Rubem Alves. A Volta do Sagrado: os Caminhos da Sociologia da Religião no Brasil. In: *Religião e Sociedade*, nº 3, outubro de 1978, p. 137.

¹³ Antônio Gouveia Mendonça. A volta do sagrado selvagem: misticismo e êxtase no protestantismo do Brasil. In: *Religiosidade Popular e Misticismo no Brasil* (vários autores). Ed. Paulinas, São Paulo, 1984.

Ortiz, considerando a questão do exílio e retorno do sagrado assume posição cautelosa:

“Não tenho tendência a achar que o sagrado ressurgiu (o que sentem certas pessoas religiosas temendo as forças secularizadoras e o desaparecimento do sagrado). Não sou religioso e acho que a religião nunca desapareceu, sempre se manteve e ainda emerge”.¹⁴

Parece-me que, de fato, o sagrado sempre esteve presente em todos os momentos, assumindo características próprias a cada época, tendo se manifestado ultimamente em forma de uma efervescência religiosa crescente, com os mais variados matizes.

Como explicar, todavia, o crescimento do misticismo atualmente, no universo de um mercado que afirma ser o reino da racionalidade, que afirma ter o poder de auto-regular a vida econômica e social? Como explicar o crescimento da religiosidade e, de forma mais específica, do pentecostalismo ou de seu desdobramento mais recente, o neopentecostalismo, do qual a Igreja Universal, nosso objeto de pesquisa, é o principal expoente? Como explicar a oferta por parte da Igreja Universal de exorcismos, curas, promessas de prosperidade material e utilização de uma gama imensa de objetos mediadores do sagrado como óleo ungido, sal grosso, água abençoada etc., e sua procura por um público cada vez maior? Enfim, o que aconteceu?

O racionalismo, que se deveu dentre outras coisas, à influência do protestantismo, e propiciou o desenvolvimento científico, se voltou contra a própria religião, e esta, agora, se volta contra os sistemas de dominação decorrentes do tecnicismo, do racionalismo, do cientificismo? Se volta contra as forças opressivas do mercado, que exclui considerável parcela da população ao acesso dos bens

¹⁴ Renato Ortiz. As Falácias Religiosas do Mercado (intervenções). In: Alberto, Moreira & Zicman, Renné (Orgs.). Misticismo e Novas Religiões, Ed. Vozes, 2ª Edição, Petrópolis, 1994, p. 137.

de consumo? Ou terá a religião, mormente as de caráter acentuadamente místico, se adequado aos mecanismos do mercado afim de colocar os seus produtos religiosos? Estamos presenciando um reencantamento do mundo através da religião ou estamos apenas vendo uma nova face do mercado? Procurarei responder estas questões ao longo deste trabalho.

Minha análise objetiva tratar a relação misticismo e mercado a partir da Igreja Universal do Reino de Deus, procurando mostrar de que forma mercado e religião se interagem atualmente.

Percebemos claramente a relação religião-dinheiro na Igreja Universal do Reino de Deus. Tal realidade é visível, pois a mesma tem se projetado na mídia, fala abertamente sobre dinheiro e sua importância para a continuidade da igreja, bem como se apresenta como solucionadora de problemas, sejam eles conjugais, sentimentais, profissionais, físicos e financeiros. Ao mesmo tempo em que fala reiteradamente de dinheiro, como sendo “veículo de felicidade”, a Igreja Universal desenvolve as mais variadas práticas místicas, que vai desde o exorcismo, cura de enfermidades, correntes de oração e utilização de objetos como intermediadores do sagrado.

Neste sentido, diferentemente do calvinismo e do puritanismo, que aboliram todos os elementos mágicos, a Igreja Universal utiliza-se de toda uma gama de elementos próprios da magia, afim de atrair e atender uma clientela cada vez maior.

Procurarei assim, no primeiro capítulo, discorrer sobre a Igreja Universal do Reino de Deus, seu surgimento e consolidação, procurando mostrar a sua trajetória, pontuando as lutas internas e externas que fizeram parte de seu percurso até o presente momento, bem como o seu crescimento. No segundo capítulo procurarei estabelecer a relação entre a Igreja Universal e o protestantismo, destacando o puritanismo, o pietismo e o metodismo, e a seguir tecendo algumas considerações sobre o protestantismo nos séculos XVIII e XIX, principalmente na reação do protestantismo ao racionalismo. Entendemos ser relevante tal comparação, pois a Igreja Universal não é criação *ex nihilo*, mas

surgiu em razão dos movimento religiosos que a antecederam, ainda que reelaborando sua própria forma de pensar, de trabalhar. No terceiro capítulo tratarei do surgimento do pentecostalismo no século XX, procurando estabelecer os liames entre a Igreja Universal e os elementos religiosos que a antecederam, e de que forma influíram na sua formação. No quarto capítulo, abordarei a Teologia da Prosperidade, teologia que se destaca na Igreja Universal, procurando mostrar como a mesma atua como elemento de legitimação das práticas monetárias da igreja, bem como de legitimação do mercado. Abordarei, no quinto capítulo, o culto da Igreja Universal, procurando mostrar como o mesmo constitui uma forma de sacralização do mercado, através da ritualização e sacralização que se faz em torno do dinheiro. Finalmente, analisarei no sétimo capítulo a relação entre o misticismo e o mercado, procurando mostrar como o misticismo, componente próprio da religião, acabou por tornar-se um produto comercializável no mercado.

Há neste trabalho uma ênfase sobre a teologia e prática da Igreja Universal, sendo a teologia e prática enfocadas ao longo de todo o trabalho. Tal procedimento foi adotado tendo em vista que há uma relação muito estreita entre a teologia e a prática da Igreja Universal. Se por um lado a prática na Igreja Universal precede a teologia, por outro, na medida em que esta é elaborada, torna-se inquestionável, e é imposta a todos os membros, determinando um comportamento uniforme por parte dos mesmos. Assim, a prática da Igreja Universal passa a ser uma reprodução da sua teologia. Desta forma, estudar a prática da Igreja Universal e sua teologia é elaborar uma sociologia da teologia, daí a razão do enfoque sobre a teologia iurdiana.

Pesquisa

A pesquisa levou em conta assistência a cultos nos templos da Igreja Universal, principalmente na cidade de Ribeirão Preto, interior de São Paulo. Nesta cidade há um templo da Igreja Universal localizado na Av. Francisco Junqueira nº 1461, em um prédio que antes pertencia à rede de supermercados

Pão de Açúcar, com lugar para 2.200 pessoas sentadas, e com estacionamento subterrâneo para 300 carros, além de ter uma livraria anexa ao mesmo. Este prédio foi adquirido pela Igreja Universal há aproximadamente três anos. Além deste templo, há mais quatro na cidade de Ribeirão Preto.

Pude participar de aproximadamente cinqüenta cultos, nos quais houve a realização de exorcismos, “correntes” de oração, santa ceia e outras práticas litúrgicas da Igreja Universal.

Pude conversar com vários membros da Igreja Universal, bem como com pessoas que freqüentaram a igreja mas dela saíram por divergirem de algumas de suas práticas.

Foi utilizado como fonte de pesquisa o jornal *Folha Universal*, produzido pela Igreja Universal, atualmente com tiragem semanal de 1.500.000 exemplares, no período de janeiro de 1.998 a junho de 2.000. Este jornal traz matérias informativas sobre a Igreja Universal, destacando alguns cultos que tiveram grande participação de membros ou autoridades políticas; relata atividades beneficentes realizadas pela igreja; traz matérias de cunho teológico, político, social, bem como uma palavra do bispo Macedo aos iurdianos.

Foram utilizados na pesquisa vários livros editados pela Gráfica Editora Universal, pertencente à Igreja Universal, nos quais estão expostas as concepções teológicas da igreja.

Foram utilizados quatro vídeos da Igreja Universal: *As Lutas da Vida Cristã*, *Peregrinação à Terra Santa*, Vol. I, comemorativo aos 20 anos de fundação da igreja; *Crescimento Universal: do Brasil para o Mundo* e *O Espírito Santo*.

Além destes, foram utilizados artigos dos jornais *Folha de São Paulo*, *Jornal do Brasil* e da revista *Veja*, que foram coletados ao longo da pesquisa, bem como artigos de duas revistas de veiculação no meio evangélico, *Vinde-Eclésia*, publicada mensalmente e *Ultimato*, publicada bimestralmente.

Outra fonte de pesquisa utilizada foram os artigos publicados em periódicos especializados em pesquisas da religião.

No decorrer da pesquisa acompanhei vários programas da Igreja Universal, no rádio e na televisão.

Todas as fontes de pesquisa foram importantes para o conhecimento da Igreja Universal: sua organização, estruturação, estratégia, culto, teologia, prática e perfil de seus membros.

É à luz de todas as informações colhidas e de sua análise que pretendo desenvolver este trabalho, tratando da relação misticismo e mercado na Igreja Universal.

Desta forma, minha pesquisa se circunscreverá à Igreja Universal do Reino de Deus, mas levando em conta um universo maior, o qual seja, o do misticismo no Brasil e no mundo, considerando também o universo evangélico e protestante, por se ligarem diretamente ao surgimento da Igreja Universal.

IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS

A Igreja Universal, não obstante seu pouco tempo de existência, tem se despontado na mídia como uma das maiores igrejas evangélicas do Brasil. Tal projeção deve-se ao seu rápido crescimento, incomparavelmente maior que o de muitas igrejas que já se encontram no Brasil há muito mais tempo.

Desde o seu surgimento, três fatos fizeram com que a Igreja Universal recebesse grande notoriedade por parte da imprensa: a compra da Rede Record de Rádio e Televisão no final de 1989; a prisão do bispo Macedo de 24 de maio a 04 de junho de 1992, acusado de prática de estelionato, charlatanismo, curandeirismo, vilipêndio a culto religioso e incitação a crime, e o episódio do “chute na santa”, ou seja, o chute que o bispo Sérgio von Helde deu na imagem de Nossa Senhora Aparecida, no dia 12 de outubro de 1995, em um programa levado ao ar pela Rede Record, e que ocasionou forte reação por parte dos fiéis católicos.

Por esses e outros fatos a Igreja Universal tem sido motivo de controvérsia, de polêmica. Entretanto, as oposições empreendidas parecem ter surtido um efeito contrário ao pretendido pelos opositores, pois a Igreja Universal tem crescido cada vez mais.

É necessário portanto, tecermos algumas considerações históricas sobre a Igreja Universal, enfocando o seu surgimento, desenvolvimento e organização, afim de que possamos conhecê-la e assim analisá-la.

1. Fundação e consolidação

A Igreja Universal foi fundada em 1977 por Edir Bezerra Macedo.¹

Edir Bezerra Macedo nasceu em fevereiro de 1945 na cidade fluminense de Rio das Flores, numa família de migrantes nordestinos. Era ele um adolescente quando sua família mudou-se para Petrópolis e depois para São Cristóvão. Tinha Edir Macedo 17 anos quando começou a trabalhar como *office-boy* na Loteria do Rio de Janeiro (Loterj), Secretaria de Finanças do Estado, onde permaneceu por 16 anos, na condição de funcionário público. Ao sair da Loterj, em 1977, ocupava a função de “chefe de tesouraria”. Teve oportunidade de freqüentar universidade, tendo estudado matemática na Universidade Federal Fluminense e estatística na Escola Nacional de Ciência e Estatística, embora não tendo concluído nenhum destes dois cursos.

Edir Macedo converteu-se ao pentecostalismo no ano de 1963, quando tinha então 18 anos de idade, na Igreja Nova Vida, na qual permaneceu durante 14 anos. Como afirma Freston, “a Nova Vida foi pioneira de um carismatismo de classe média, um tanto à frente do seu tempo no Brasil. Por isso, e pelo estilo de liderança do fundador estrangeiro, não cresceu muito entre a classe média propriamente, mas atraiu pessoas de classe média baixa que aproveitaram o

¹ Registros acerca da história da Igreja Universal podem ser encontrados nos seguintes textos: Paul Freston: “Breve História do Pentecostalismo Brasileiro”. In: ANTONIAZZI et alii. *Nem Anjos Nem Demônios. Interpretações Sociológicas do Pentecostalismo*. Ed. Vozes, 2ª Edição, Petrópolis, 1996, pg. 131-159; Margarida Oliva. *O Diabo no “Reino de Deus”*. Por que proliferam as seitas? Ed. Musa, São Paulo, 1997, pgs. 159-166; Ricardo Mariano. *Neopentecostalismo: os pentecostais estão mudando*. Dissertação de Mestrado em Sociologia apresentada ao Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995, pgs. 42-74; Revista Veja, 25.10.95, 6.12.95, 25.12.95, bem como outras publicações de jornais e revistas.

treinamento para elaborarem receitas inovadoras para o pentecostalismo de massas”².

Em 1974, Edir Macedo, juntamente com R.R. Soares, Roberto Augusto Lopes e os irmãos Samuel e Fidélis Coutinho, fundaram a Cruzada do Caminho Eterno, que não logrou êxito. Todavia, antes de abrir a Cruzada do Caminho Eterno, Edir Macedo e Romildo Ribeiro Soares (seu cunhado) foram consagrados pastores na Casa da Bênção pelo missionário Cecílio Carvalho Fernandes. Face a sua experiência com contas e dinheiro, decorrentes de sua formação escolar e de seu trabalho na Loterj, Macedo ocupou a função de tesoureiro da Cruzada. Após três anos, desentendendo-se com os irmãos Coutinho, Macedo, Soares e Roberto Augusto saíram da Cruzada do Caminho Eterno e fundaram, em novembro de 1977, a Igreja Universal do Reino de Deus e, no ano seguinte, conseguiram o registro oficial da igreja com o nome atual.

No início, Soares era o líder da Igreja Universal. Sua liderança começou a sofrer atropelos devido ao estilo autoritário e centralizador de Macedo. Soares desligou-se da Igreja Universal em 1980 para fundar a Igreja Internacional da Graça de Deus, uma vez que Macedo havia adquirido grande destaque entre os fiéis e pastores da igreja.

Após a saída de Soares, Edir Macedo e Roberto Augusto se auto consagraram bispos em 1981, adotando o episcopado, seguindo o modelo da Igreja Nova Vida, a primeira igreja pentecostal a adotar o episcopado no Brasil.

Ainda em 1981, Roberto Augusto foi para São Paulo e implantou a Igreja Universal na capital, no Parque Dom Pedro, que foi transferida posteriormente para o bairro da Luz e por fim para o Brás, que se tornou sua sede nacional, em 1989. Roberto Augusto permaneceu em São Paulo até 1984.

Em 1986, Roberto Augusto ingressou na política e foi eleito deputado federal com a maior votação do PTB/RJ naquela eleição: 54.332 votos. Em 1987, saiu da Igreja Universal e retornou à Nova Vida. Sua saída foi marcada por

² Paul Freston. Breve História do Pentecostalismo Brasileiro In ANTONIAZZI et alii. “Nem Anjos Nem Demônios” - Interpretações Sociológicas do Pentecostalismo, 2^a Edição, Ed. Vozes, Petrópolis, 1996, pgs. 132.

turbulências e troca de farpas com Macedo, afirmando que a visão deste passara a ser meramente empresarial e mercantilista.

Macedo passou a morar nos Estados Unidos a partir de 1986. Pensava que residindo lá seria mais fácil difundir a Igreja Universal pelo mundo, além do que, poderia, em sendo bem sucedido no seu empreendimento evangelístico nos Estados Unidos, usar dos recursos ali obtidos para enviar as pessoas convertidas nos Estados Unidos como missionários para seus países de origem. Todavia, a Igreja Universal não prosperou nos Estados Unidos como esperava Macedo, pois suas igrejas lá não conseguiram crescer como no Brasil. Na verdade a pouca acolhida da Igreja Universal nos Estados Unidos deu-se mais entre hispânicos, e ainda assim, menos que o esperado.

A Igreja Universal experimenta um maior crescimento a partir de meados dos anos 80. Em 1984, a Igreja Universal comprou a sua primeira emissora de rádio, a Copacabana do Rio.

A mais cara e importante aquisição da Igreja Universal foi a Rede Record de Rádio e TV, em novembro de 1989, ocasião em que Macedo voltou ao Brasil, objetivando concluir a transação para a compra da Rede Record, que após muita negociação e muita campanha de arrecadação de dinheiro realizada nos templos, foi comprada pelo preço de U\$ 45 milhões. Em maio de 1992 a Igreja Universal realizou novo empreendimento milionário, tendo comprado pelo preço de U\$ 20 milhões o diário *Hoje em Dia* e a *Rádio Cidade* de Belo Horizonte, do ex-governador Newton Cardoso.

Em 1990 a Igreja Universal já havia adquirido rádios nos Estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Ceará, Minas Gerais, Goiás, Bahia, Rio Grande do Sul e Paraná.

Ao final de 1994 a Igreja Universal já possuía uma grande rede de comunicação. Além da Rede Record, da *Folha Universal*, que tem hoje uma tiragem semanal de 1,5 milhão de exemplares, do diário *Hoje em Dia* (que circula em Belo Horizonte), contava com 22 emissoras de rádio e 16 de TV. Além do Brasil, a Igreja Universal adquiriu em Portugal seis emissoras de rádio, sendo que

lá seus programas são transmitidos em 23 rádios e na TV. A Igreja Universal, em 1994, tinha em Portugal 57 congregações.

Conforme dados mais recentes³ a Igreja Universal tem 21 emissoras de TV avaliadas no seu total em U\$ 120 milhões, sendo que detém o controle acionário total sobre 14 destas emissoras.

Em 1994 já se encontrava presente em 32 países, dentre eles: EUA, Canadá, Portugal, Espanha, México, Suíça, Itália, África do Sul e Chile.

No Brasil, a Igreja Universal concentra seu maior número de templos no Estado do Rio de Janeiro, depois em São Paulo e, em terceiro lugar, na Bahia. Este rápido crescimento da Igreja Universal, associado principalmente à compra da Rede Record, chamou a atenção da mídia. Enfim, havia razões suficientes para questionamentos em torno da mesma, afinal, a Igreja Universal tinha não mais que 12 anos de existência e o seu surgimento fora bastante modesto. Como conseguiu U\$ 45 milhões em tão pouco tempo de existência para comprar uma rede de comunicação tão importante como a Record? A partir de então a imprensa passou a promover uma verdadeira devassa na vida do bispo Macedo e da igreja por ele liderada, mormente a Rede Globo e a Rede Manchete, que apresentaram reportagens que tendiam a exorcizar a Igreja Universal como um elemento religioso danoso para a vida social e religiosa do país.

Através da exibição de práticas de exorcismo, de orações por cura física e do levantamento de ofertas na Igreja Universal, bem como através de entrevistas com pastores ligados ao protestantismo histórico e líderes católicos, procurou a mídia ridicularizar a Igreja Universal, bem como aqueles que nela depositavam sua confiança. Foram questionadas as curas propugnadas pela Igreja Universal, bem como os rituais de exorcismo e as promessas de prosperidade anunciadas. Enfim, a Igreja Universal foi execrada pela Globo e Manchete, em seus programas *Globo Repórter* e *Documento Especial*.⁴

³ Jornal Folha de São Paulo, 18 de julho de 1999, p. 1:12.

⁴ Programas exibidos em 15.5.90 e 4 e 11.5.90.

Ricardo Mariano registra uma observação de Freston quanto à parcialidade da mídia no tratamento de questões religiosas no Brasil:

“Um ano depois, como frisou Freston, a Globo, no *Fantástico*, tratou de modo bem distinto a Renovação Carismática Católica. Entrevistou pessoas de classe média que, antes de serem curadas milagrosamente, haviam vencido o ceticismo dos bem-instruídos. Fez propaganda das já concorridas intercessões de cura de Dona Laura, moradora de Lorena. E, ao contrário do que fez com a IURD, não consultou psiquiatras nem expôs opiniões negativas de médicos a respeito das supostas curas alcançadas nas reuniões desta corrente pentecostal católica. No caso da IURD, engodo e curandeirismo, no caso da RCC, milagre, novo modo de ser católico e de viver o catolicismo”.⁵

A Igreja Universal, a partir da aquisição da Rede Record, tem sido atacada de várias formas, sendo motivo de controvérsias bem como de inquéritos policiais, saindo-se ileso dos mesmos, apesar dos desgastes resultantes de tanta refrega.

Logo após a compra da Rede Record, e efetuado o primeiro pagamento no primeiro semestre de 1990, a Igreja Universal passou a ser investigada quanto a origem do dinheiro empregado em tal negociação.

No ano seguinte, Carlos Magno de Miranda, pernambucano, na qualidade de ex-pastor da Igreja Universal, com grande atuação em vários Estados nordestinos durante 11 anos, acusou Edir Macedo de sonegação de impostos, bem como de remessa ilegal de dólares para o exterior, além de ter recebido em dezembro de 1989, de um traficante colombiano ligado ao Cartel de Medellín, convertido à Igreja Universal, doação de um milhão de dólares, que teria sido usado para pagamento de prestação da compra da Rede Record.

⁵ Ricardo Mariano. Neopentecostalismo: os pentecostais estão mudando. Tese de Mestrado, USP, São Paulo, 1995, p. 55-56.

A Igreja Universal saiu à forra acusando Carlos Magno de haver extorquido dinheiro da igreja e de ter-se candidatado a deputado federal contra as recomendações da igreja. Ocorre que Carlos Magno havia sido exonerado de seu cargo na Igreja Universal pelo presbitério no final de 1990, devido a irregularidades administrativas a ele imputadas.

O fato é que devido às acusações feitas por Carlos Magno, Edir Macedo foi intimado a depor na Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) do Narcotráfico em outubro de 1991. O relator da CPI afirmou que não havia provas contra Macedo. Carlos Magno não compareceu à acareação com Macedo já marcada pela polícia e ainda acusou o relator da CPI de ter recebido financiamento de Macedo para sua campanha a deputado, o que resultou em sua condenação a um ano de prisão por difamação.

No ano seguinte o bispo Macedo e a Igreja Universal são novamente alvos de acusações. Ocorre que, em 1988, cinco ex-membros da igreja haviam ingressado com uma ação judicial alegando que haviam se desfeito de todos os seus bens, entregando-os à Igreja Universal, porém inutilmente, pois o fizeram devido à promessa de que seriam beneficiados com milagres. O Ministério Público ofereceu denúncia que foi acolhida pelo juiz, na qual alegou terem sido “os seguidores do bispo submetidos a exploração porque são ‘intelectualmente indefesos’”⁶.

O bispo Macedo acabou por ser processado criminalmente por estelionato, charlatanismo, curandeirismo, vilipêndio a culto religioso e incitação a crime. Esta última acusação decorreu de declarações de um jovem que confessara o assassinato de várias crianças no Rio de Janeiro e afirmara ter recebido inspiração na Igreja Universal.

Não obstante serem frágeis as acusações, de vez que a prática de curas é comum nas igrejas pentecostais bem como em outras religiões, o bispo Macedo acabou por ser preso em maio de 1992 por um ostensivo aparato policial, nada

⁶ Paul Freston. Breve História do Pentecostalismo Brasileiro. In: ANTONIAZZI et alii. Nem Anjos Nem Demônios: Interpretações Sociológicas do Pentecostalismo. Ed. Vozes, 2ª Edição, Petrópolis, 1996, p.155.

menos que cinco delegados e 13 agentes de Capturas e do Grupo de Ação e Repressão a Roubos Armados, portando revólveres e metralhadoras, ocupando cinco carros. O bispo Macedo teve o seu veículo cercado no bairro paulistano de Santo Amaro, logo após sua saída de um dos templos da IURD na capital. Foi-lhe dada voz de prisão e, sob a mira das armas, seguro pelos braços, foi transportado num camburão, até à delegacia, onde estava sendo aguardado por nada menos que a equipe de reportagem da TV Globo, que com exclusividade foi informada da operação.

O bispo Macedo permaneceu preso por 12 dias numa cela especial na 91ª Delegacia de Polícia da Zona Oeste de São Paulo, tendo sido visitado por Romildo R. Soares, Luís Inácio Lula da Silva, além do que levantaram a voz em sua defesa os deputados Arnaldo Faria de Sá, Roberto Cardoso Alves e Gastone Righi, dentre outros. Foi libertado após 12 dias mediante impetração de *habeas-corpus*.

No dia primeiro de junho, quando Macedo já estava preso há oito dias, cerca de dois mil fiéis da Igreja Universal se reuniram em volta da Assembléia Legislativa de São Paulo, formando uma corrente humana, protestando contra sua detenção. Perto de 200 pastores, representando 34 igrejas, e 30 deputados, redigiram documento repudiando sua prisão. O Manifesto dirigido às autoridades e ao povo brasileiro dizia: "O Brasil vive nos últimos dias momentos de preocupação no que diz respeito aos direitos de expressão religiosa e suas garantias constitucionais. Os 35 milhões de evangélicos⁷ em todo país exigem o cumprimento da Constituição e o fim de todo tipo de discriminação religiosa".

⁷ Registro aqui a observação de Freston (1993:1) sobre as nomenclaturas "evangélicos" e "protestantes": "No Brasil, 'evangélicos' é geralmente sinônimo de 'protestante'. Segundo Mendonça(1989:42), 'evangélico' é preferido por membros das igrejas e por historiadores comprometidos com as mesmas, enquanto 'protestante' é usado por historiadores e sociólogos não comprometidos. O IBGE oferece duas categorias: 'protestante tradicional' e 'protestante pentecostal'. A auto-identificação problemática reflete uma identidade forjada em oposição à igreja dominante e a falta de unidade interna. Esta decorre não só da concorrência missionária original, mas do crescimento rápido no qual todos os grupos encontram um lugar ao sol. A segmentação resultante precisa ser complementada por uma identidade unificadora. 'Evangélico' é a identificação que une e permite ações conjuntas: e o nome denominacional ('batista', 'metodista' etc.) é a identificação que diferencia e justifica a existência de organizações múltiplas. A ressalva que fazemos a Mendonça é que, nos últimos anos, a imprensa consagrou o termo '

A prisão do bispo Macedo acabou por reverberar como uma perseguição a toda comunidade evangélica brasileira, de vez que as acusações dirigidas contra o bispo poderiam muito bem ser dirigidas a uma gama enorme de igrejas que desenvolvem práticas semelhantes às da Igreja Universal. Até mesmo lideranças religiosas que discordavam de certas práticas da Igreja Universal se solidarizaram com o bispo Macedo, pois estava em jogo a questão da liberdade de culto, e a condenação do bispo poderia abrir um precedente que acabaria por justificar a perseguição a qualquer culto religioso evangélico no Brasil.

Tal ajuntamento de forças manifestou-se claramente no dia cinco de junho de 1992, um dia após a libertação de Macedo, por ocasião da Eco 92. Numa passeata da Candelária até a Cinelândia, no Rio de Janeiro, quando cerca de meio milhão de evangélicos participaram do encontro "Celebrando Deus com o Planeta Terra", houve um protesto contra a prisão de Macedo, sendo o evento encerrado pelo próprio bispo Macedo, orando, ajoelhado, em prantos, ladeado por inúmeros pastores. Todos os presentes lhe prestaram solidariedade, até mesmo aqueles que dele discordavam em várias questões de fé.

Doravante a Igreja Universal passa a desenvolver uma política de proximidade com as demais igrejas evangélicas, entendendo que não era possível sobreviver isolado, mas que a simpatia, ou pelo menos uma relação amistosa com as demais igrejas evangélicas era de suma importância para o seu fortalecimento, mormente num fato como o da prisão do bispo, quando a manifestação das lideranças evangélicas nacionais foi fundamental para que a libertação do mesmo

evangélico', o qual adquiriu espaço em publicações acadêmicas e deixou de ser privativo dos 'comprometidos'".

Neste trabalho usarei o termo "protestante" ao referir-me às igrejas ligadas ao protestantismo histórico e "evangélico" ao referir-me às igrejas que não estão ligadas diretamente ao protestantismo histórico, como pentecostais, neopentecostais e batista. Tal diferenciação faz-se necessária tendo em vista as considerações de ordem histórico-teológica que são feitas neste trabalho, excetuando-se as citações de outros autores que usam os dois termos como equivalentes. Outrossim, não obstante a forma como estes termos são usados pela mídia e por alguns estudiosos, isto é, como equivalentes, considero tal uso inadequado, por não expressarem a realidade histórica e teológica dos grupos protestantes e dos que deles derivaram, com diferenciados matizes.

se acelerasse. A partir de então vemos a Igreja Universal aliada a outras igrejas evangélicas, mormente às pentecostais.

Percebendo a necessidade de se aliar com as demais lideranças evangélicas brasileiras afim de ganhar força, a Igreja Universal passa a articular a formação de um Conselho de Pastores de São Paulo que é organizado em junho de 1993. Em julho do mesmo ano é organizado o Conselho Nacional de Pastores do Brasil, tendo como principais expoentes o bispo Edir Macedo e o pastor Manoel Ferreira, presidente da Convenção Nacional das Assembléias de Deus, CONAMAD.

Em 1995, em consequência do episódio do “chute na santa”, muito explorado pela Rede Globo, que exibiu de sobejo no *Jornal Nacional* as imagens do bispo Sérgio von Helde chutando por doze vezes a imagem da santa e batendo-lhe com a mão por dez vezes, a Igreja Universal enfrenta outro momento de crise, pois tal atitude causou revolta em muitos católicos por todo o país, sendo que em alguns lugares houve invasão e tentativa de destruição de alguns templos da Igreja Universal, o que levou o bispo Macedo a ir a público na televisão pedir desculpas aos católicos pela atitude do bispo von Helde⁸, que foi imediatamente transferido para a África.

Analisando este episódio, um articulista da *Veja* assim comentou:

⁸Quatro anos depois deste incidente (1999), a Igreja Universal, através da Editora Gráfica Universal, publicou um livro de autoria do bispo von Helde intitulado “Um Chute na Idolatria”, em cujo prefácio (pg. 10 e 11) os editores defendem o bispo e criticam a Igreja Católica e a Rede Globo: “Sem ter a intenção de desrespeitar a memória de uma serva de Deus do passado, o bispo representou o legítimo pensamento protestante desde a época dos reformadores, afirmando que pessoas falecidas e objetos feitos por mãos humanas não podem ser tratados como divindades, recebendo honrarias devidas somente a Deus. Em seu entusiasmo de evangelizar, no entanto, chegou a afirmar que a imagem em questão era feia e desgraçada (desprovida de graça), no que foi prontamente repreendido pelo bispo Macedo, que tratou de pedir perdão publicamente aos que se sentiram ofendidos. Pedido que, diga-se de passagem, ainda não foi aceito pela Igreja de Roma. O episódio poderia ter passado despercebido pelo grande público, como simples exposição protestante da conhecida incompatibilidade doutrinária com o catolicismo romano, mas se transformou em foco de uma polêmica que envolveu até mesmo o presidente da República. Tudo porque segmentos da mídia, contrários à causa evangélica no Brasil, liderados pela Rede Globo, aproveitaram a oportunidade para criar uma comoção nacional, manipulando a opinião pública, forjando imagens, distorcendo fatos e explorando pessoas de diferentes classes sociais, para que a obra da Igreja Universal do Reino de Deus fosse prejudicada em todas as suas áreas de atuação”.

“Uma das práticas mais comuns da Universal é desprezar outras religiões e agredir seus símbolos. Durante os cultos, os pastores dizem o diabo da umbanda, xingam os orixás do candomblé e acusam adeptos do espiritismo de filhos do demônio. No entanto, não se tem notícia de uma mobilização para defender umbandistas ou kardecistas ou para denunciar a intolerância religiosa. ‘Esse episódio chamou a atenção por duas razões’, diz o antropólogo Jefferson Barcelar, do Centro de Estudos Afro-Orientais, da Universidade Federal da Bahia: ‘Porque a mídia deu divulgação e porque eles mexeram com a religião majoritária do país, que é a Igreja Católica’.

“Mas é possível encontrar um terceiro e grande motivo para tanto barulho. É o fato de que quem mexeu com a Igreja Católica não foi uma seita de fundo de quintal, mas a cada vez mais poderosa Igreja Universal do Reino de Deus. De 1990 para cá, seus fiéis pularam de 900.000 para cerca de 3,5 milhões, num salto estratosférico de 280% - mais do que qualquer outra igreja. A Assembléia de Deus é muito maior, com um rebanho de 12 milhões de fiéis, mas está no país desde o início deste século. Já a Universal tem apenas dezoito anos. Começou num prédio de uma antiga funerária, no bairro da Abolição, no Rio de Janeiro; hoje disputa o segundo lugar de maior igreja neopentecostal do Brasil e já tomou o rumo do mundo. Tem cerca de 2.100 templos no Brasil e instalou sua cruz em 34 países, num total de 225 templos nos cinco continentes. Com 7000 pastores, pode ser comparada com uma empresa de grande porte e estima-se que seu faturamento gire em torno de 800 milhões de dólares - mais do que a Alcoa ou a Pirelli do Brasil. Inspirada no Vaticano, a Universal tem até um banco. É o Banco de Crédito Metropolitano, que ocupa três andares num prédio na Avenida Paulista.”⁹

⁹ Revista Veja, 25.10.95, p. 98.

Não obstante todos esses reveses, a Igreja Universal continuou crescendo, sempre explorando a idéia de ser uma minoria perseguida, instalada em um país onde a igreja católica exerce grande influência, e de ser perseguida pela Rede Globo.

A Igreja Universal tem uma forte disciplina eleitoral. Ela elege seus deputados por regiões. A cúpula da igreja escolhe quem serão os candidatos que irá apoiar. Assim, dividindo por setores, a Igreja Universal consegue os votos necessários para eleger deputados, evitando a concentração bem como a divisão demasiada de votos entre vários candidatos. Com esta estratégia, e com a facilidade com que os membros da Igreja Universal aceitam aquilo que a cúpula estabelece, a grande maioria dos fiéis acaba votando em quem a liderança da igreja determina.

A alegação da Igreja Universal é de que deve eleger deputados com a finalidade de proteger os seus interesses, principalmente de uma eventual perseguição, haja visto o fato da prisão do bispo Macedo, muito bem explorada, uma vez que a *Folha Universal*, até hoje, na página dedicada à matéria escrita por ele (pg. 2 A), ao lado do título da matéria é esboçada uma pequena foto do bispo Macedo com uma bíblia aberta em suas mãos, sentado atrás das grades, uma reprodução de foto tirada quando o mesmo encontrava-se preso.

A Igreja Universal investe pesado na campanha política de seus candidatos. Chega mesmo a exibir faixas com os nomes e números de seus candidatos em seus templos. Os pastores pedem votos para eles dos púlpitos, durante os cultos, e todos os obreiros são mobilizados para distribuírem “santinhos” dos candidatos aos membros da igreja.

Assim, em 1986, a Igreja Universal elegeu um parlamentar para o Congresso Constituinte. Em 1990, elegeu quatro deputados federais e três estaduais. Em 1994, elegeu seis deputados federais e seis deputados estaduais.¹⁰ Em 1998, elegeu catorze deputados federais, mais do dobro que

¹⁰ Ricardo Mariano. Neopentecostalismo: os pentecostais estão mudando. Dissertação de Mestrado em Sociologia apresentada ao Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995, p. 68.

havia elegido em 1994.¹¹ Com este número de deputados a Igreja Universal acaba por ter grande poder de negociação política, principalmente por ocasião de decisões de grande importância para o governo federal.

A Igreja Universal tem procurado investir também em atividades assistencialistas, tendo criado a ABC (Associação Beneficente Cristã), através da qual promove filantropia, distribuindo cestas de alimento e roupas a pessoas necessitadas.

Mais recentemente a Igreja Universal adquiriu uma fazenda no Nordeste. Deu-lhe o nome de Fazenda Nova Canaã. A mesma foi adquirida com o dinheiro da gravação de um CD intitulado *Mensageiro da Solidariedade*, através de um contrato celebrado entre o bispo e cantor Marcelo Crivella com a Sony. Pela assinatura do contrato o bispo recebeu R\$ 850 mil, fora o percentual que recebeu sobre a venda dos CDs. Com este dinheiro o bispo Crivella adquiriu uma fazenda na Bahia e contratou técnicos israelenses afim de implantar no Nordeste o sistema dos *kibutzin* de Israel.

Perguntado sobre como surgiu e foi desenvolvida a idéia da Fazenda Canaã, assim respondeu o bispo:

“Surgiu numa das peregrinações a Israel. Sempre que passávamos a caminho de Tel Aviv para o Monte Sinai, víamos grandes fazendas. Sempre nos perguntávamos: por que não se faz isso no Nordeste do Brasil? Aqui, a Record fez muitas campanhas de doação de alimentos. Íamos lá com 20 carretas de cestas básicas. Era um trabalho assistencialista, cuidando paliativamente só dos efeitos. A gente voltava para casa com a imagem na cabeça, pensando: ‘Aquela cesta vai acabar. Vamos chamar o pessoal de

¹¹ Conforme circular do gabinete do deputado federal e bispo Wanderval, de Brasília, datada de 12 de fevereiro de 1999, dirigida aos líderes evangélicos do Brasil, no qual constam os nomes de quarenta e dois parlamentares evangélicos, seus partidos, estados de origem, igrejas a que estão filiados, gabinete e telefone, a Igreja Universal figura com catorze deputados federais, sendo eles: Aldir Cabral (PFL-RJ); Almeida de Jesus (PMDB-CE); Bispo Rodrigues (PFL-RJ); Bispo Wanderval (PTB-SP); Jorge Pinheiro (PRONA-DF); Jorge Wilson (PMDB-RJ); Luiz Moreira (PFL-BA); Pastor De Velasco (PRONA-SP); Pastor Marcos de Jesus (PTB-PE); Pastor Oliveira Filho (PPB-PR); Pastor Paulo José Gouveia (PTB-RS); Pastor Reginaldo Germano (PFL-BA); Pastor Valdeci Paiva (PSDB-RJ) e Wagner Salustiano (PPB-SP).

Israel para ensinar a gente'. Quando surgiu o dinheiro, fomos a Israel, fizemos os contatos e enviaram sete engenheiros, que traçaram o projeto".¹²

Em matéria publicada na Revista Vinde/Eclésia intitulada "Reação Social - Evangélicos organizam-se na luta contra a miséria no país", falando acerca do Projeto Nordeste, realizado pela Associação Beneficente Cristã, da Igreja Universal, assim afirma:

"A Universal vai continuar dando o peixe, mas quer ensinar a pescar. O Projeto Nordeste consiste na instalação de uma comunidade autônoma, no estilo dos *kibutzin* israelenses, voltada para a produção rural. Orçado em R\$ 3 milhões, o complexo será instalado na Fazenda Nova Canaã, em Irecê (BA). Crivella trouxe de Israel técnicos que estão construindo represas e implantando sistemas de irrigação. 'No *kibutz* brasileiro, ninguém será dono da terra, nem da produção, mas todos viverão bem. Vamos plantar tomate e esperamos produzir 140 toneladas por hectare', antecipa.

"Ao redor da Fazenda Nova Canaã, vivem 30 mil pequenos produtores rurais, e o objetivo é fazer com que sejam beneficiados, entre outras coisas, pelo suporte tecnológico. 'Em pouco tempo, a comunidade será auto-suficiente e terá condições de absorver e comercializar a produção de toda a região', continua o bispo.

"Além da produção agrícola, o Projeto Nordeste vai atender as crianças, fornecendo transporte até a escola, atendimento médico e dentário, além de promover treinamento de mão-de-obra".¹³

¹² Revista Vinde/Eclésia, Janeiro/2000, p. 15.

¹³ Revista Vinde/Eclésia, Dezembro/1999, p. 28-29.

A Igreja Universal também montou um time de futebol no Rio de Janeiro, que tem como nome Internacional Futebol Clube. A Revista Vinde/Eclésia faz menção deste fato esportivo/religioso:

“A idéia de montar um time profissional evangélico no Rio foi do bispo Edir Macedo, líder da Universal. Em meados do ano passado, ele procurou o bispo Sérgio Correa, dirigente da denominação em Botafogo, e pediu a ele que levasse o projeto adiante. A escolha não foi casual. Sérgio, de 35 anos, atuou como jogador profissional até os 24, quando *pendurou as chuteiras* para se dedicar ao ministério.

“Gosto muito de futebol. Esta é a chance de unir o esporte com a obra de Deus’, explica Sérgio. Depois de uma série de reuniões, a Universal arrendou o clube, com estádio e tudo, em outubro passado, e o bispo virou seu presidente.”¹⁴

Enfim, a Igreja Universal tem penetrado em todas as instâncias da vida social brasileira, e tem-se ampliado mais e mais, não somente no Brasil mas também no exterior. Segundo declaração do bispo Marcelo Crivela¹⁵, a Igreja Universal encontra-se instalada em 70 países, reunindo um patrimônio que ninguém sabe ao certo de quanto se trata, de vez que não divulga o quanto possui. Vai-se firmando cada vez mais como uma igreja voltada para o povo, pronta a atender suas necessidades, e que tem uma oferta de bens de salvação que se dirigem às necessidades imediatas das pessoas e não apenas a bens de salvação pós-morte.

Com um discurso direto, com a proposta de uma vida melhor aqui na terra, com *slogans* chamativos como “*pare de sofrer*”; “*Igreja Universal, onde um milagre espera por você*”; “*deixe de comer na mão dos outros*”; “*deixe de ser rabo e se torne cabeça*”; “*a Igreja Universal não promete, ela faz*”; a Igreja Universal vai

¹⁴ Revista Vinde/Eclésia, fevereiro/2000, p. 30.

¹⁵ Revista Vinde/Eclésia. Janeiro/2000, p. 10.

atraindo um número cada vez maior de adeptos, construindo grandes templos, ampliando cada vez mais sua rede de comunicação e aumentando o número de parlamentares prontos a defender os interesses da denominação.

Desta forma vai crescendo a Igreja Universal por todo o território brasileiro e além mar, com uma estratégia nunca antes vista nas igrejas evangélicas, utilizando-se de um discurso direto, um marketing muito bem elaborado e de uma administração empresarial nos moldes de uma empresa moderna, dentro do contexto do sistema capitalista, atuando sobre suas bases e procurando tirar o máximo de proveito do mesmo.

Como afirma Freston, “embora as controvérsias dificultem o exame isento, é necessário estudar a IURD pois, salvo um grave acidente de percurso, poderá ter bastante influência na vida nacional. Seu significado não se reduz à questão da probidade pessoal dos líderes. O que importa é o modelo religioso, o qual (quaisquer que sejam as motivações da cúpula) suscita muito trabalho voluntário e no qual centenas de milhares de pessoas colocam seus sonhos e reconstroem suas vidas”.¹⁶

De fato, o modelo de igreja desenvolvido pela Igreja Universal cativa muitas pessoas, principalmente pessoas desesperançadas, marginalizadas, apresentando-lhes uma possibilidade de solução para os seus problemas à partir da fé. Ao mesmo tempo em que atrai grande contingente de pessoas, a Igreja Universal vai se estruturando cada vez mais, propagando a imagem de uma igreja resolucionadora de problemas.

Assim, a despeito da boa ou má fé de seus líderes, ela continua crescendo, devido à sua forma de organização e discurso.

¹⁶ Paul Freston. Breve História do Pentecostalismo no Brasil. In: ANTONIAZZI et alii. “Nem Anjos Nem Demônios”- Interpretações Sociológicas do Pentecostalismo, 2ª Edição, Ed. Vozes, Petrópolis, 1996, p. 132.

2. Estrutura organizacional.

A Revista Veja¹⁷ publicou esquematicamente a forma como a Igreja Universal do Reino de Deus encontra-se estruturada, o que confere com o que tem sido pesquisado sobre a mesma.

O líder máximo da Igreja Universal é o bispo Macedo. Formalmente apenas mais um bispo, mas na verdade quem dirige toda a igreja, de vez que é quem determina as regras relativas à Igreja. Todas as decisões de alguma relevância têm que passar pelo seu crivo e aprovação. Desde 1986 mora em Miami de onde comanda toda a igreja. Como consta de reportagem da revista Veja, “sua rotina começa às 8 da manhã, quando se pendura no telefone, conversando com subordinados que se encontram em países tão díspares como o Japão e a Nicarágua. O bispo quer saber de trabalho e também de vida pessoal, que acompanha em detalhes”.¹⁸

A estrutura da Igreja Universal é portanto vertical. Os líderes locais são nomeados de cima para baixo. Os fiéis não tem liberdade de escolher os seus líderes locais, sendo que estes obedecem a um esquema de rodízio, permanecendo por um prazo máximo de dois anos numa mesma congregação, além do que, não tem nenhuma autonomia para gerenciar os recursos financeiros arrecadados.

Abaixo do bispo há um Conselho Episcopal Mundial que em 1995 era composto por 22 membros, dos quais dez bispos moravam no Brasil e doze no exterior. Todos eles ocupam postos estratégicos na igreja, desde liderança política, comunicações e administração financeira.

Abaixo deste Conselho Episcopal Mundial há os líderes estaduais, em 1995 composto por 22 membros, podendo estes serem bispos ou pastores, os quais controlam a arrecadação dos templos nos vários Estados onde a Igreja Universal se encontra estabelecida.

¹⁷ Revista Veja, 25/12/95, p. 99.

¹⁸ Revista Veja, 6/12/95, p. 65.

Em 1995 a Igreja Universal contava com aproximadamente 7.000 pastores, os quais são sujeitos a uma forte hierarquia e estão espalhados em mais de 2.500 templos no Brasil e exterior.

Todos os pastores da Igreja Universal encontram-se distribuídos em três quadros: pastores regionais, pastores de templo e pastores auxiliares. Os pastores regionais administram de dez a quinze templos em suas regiões, funcionando como gerentes dos mesmos. Os pastores de templo administram apenas um templo. Ministram cultos e indicam seus auxiliares. São os pastores que atuam em grandes templos, com grande número de participantes. Os pastores auxiliares constituem uma espécie de estagiários. Ajudam o titular nas tarefas do templo, mas não ministram cultos.

A grande maioria dos pastores da Igreja Universal são submetidos a um período de preparação de um ano, sem que para isso tenham que freqüentar seminários, pois se preparam auxiliando um pastor e recebendo algumas diretrizes básicas do ensino bíblico propugnado pela Igreja Universal. Sobre este preparo assim afirma o bispo Marcelo Crivella:

“Quando me converti, freqüentei a Igreja de Nova Vida durante quase 12 anos. Neste período, me formei, freqüentei a universidade. Ainda não existia a Universal. A igreja em que eu estava era tradicional, ou seja, o pastor entendia que o campo era pequeno e os obreiros, muitos. É uma visão enganosa de muitas denominações. O pastor detém o púlpito como uma posse pessoal. É diferente na lurd, onde temos milhares de pastores, formados em cursos rápidos de um ano, e que depois são fiscalizados por seus líderes em 70 países do mundo, mas que têm a oportunidade de se lançar na obra ainda jovens.”¹⁹

Na escala mais inferior, mas não menos estratégica e importante, estão os obreiros, que são milhares de jovens e também adultos cuja principal missão é

¹⁹Revista Vinda/Eclésia, janeiro/2000, p. 10.

arregimentar fiéis. Os homens trajam calça preta e camisa branca, sapatos pretos e usam gravatas. As mulheres usam saia azul-escuro. Atuam como recepcionistas nos templos, procurando conhecer a pessoa que vai pela primeira vez, entregando-lhe um jornal da igreja, informando-lhe os horários de reuniões e convidando-a a participar de seus cultos. Auxiliam também durante os cultos em casos de exorcismo e atendimento aos fiéis, bem como no recolhimento de dízimos e ofertas. Não recebem salário. Trabalham voluntariamente e constituem a grande força leiga da Igreja Universal.

Em seguida estão os fiéis, cujo número é estimado entre seis milhões a oito milhões²⁰.

Além desta estrutura organizacional a igreja atua no ramo das comunicações, possuindo vários canais de TV²¹, uma gravadora, a Line Records, no Rio de Janeiro, que distribui as músicas utilizadas na programação das rádios FM de propriedade da igreja e em seus programas de televisão, um jornal para o público evangélico, bem como um jornal comum, o *Hoje em Dia*, de Belo Horizonte. Possui ainda uma holding LM, em São Paulo, que administra todas as empresas do grupo, menos os templos; uma agência de turismo a New Tur, que tem vôos para Israel e só opera com fiéis.

Em 1991 a Igreja Universal comprou por três milhões de dólares o Banco Dime, que se transformou no Banco de Crédito Metropolitano, que é dirigido por um pastor.

Além destas a Igreja Universal tem as seguintes empresas ligadas a ela:

- Unimetro Empreendimentos, sediada em São Paulo que tem como atividade loteamento e incorporação de imóveis
- Credinvest - Crédito, Financiamento e Investimento S/A, sediada em São Paulo, que atua na área financeira.

²⁰Folha de São Paulo, 18 de julho de 1999, p.1-12.

²¹ Segundo publicação da *Folha de São Paulo*, 18 de julho de 1.999, a Igreja Universal possuía 21 emissoras de TV, sendo o valor total delas de U\$ 120 milhões.

- Uni-Factoring Comercial, sediada em São Paulo e cuja atividade é operações financeiras.
- Uni-Participações S/A. Também sediada em São Paulo, cuja atividade é participação em empresas.
- Cremo Empreendimentos. Sediada em São Paulo, e que tem como atividade a prestação de serviços auxiliares a empresas, pessoas e entidades.
- Cableinvest Limited. Sediada em Jersey (Channel Islands), cuja atividade consiste em movimentar dinheiro no mercado internacional.
- Investholding Limited. Sediada em George Town, Grand Cayman, cuja atividade consiste em movimentar dinheiro no mercado internacional.

Pelo exposto pode-se perceber que a Igreja Universal possui uma estrutura empresarial, estando organizada de acordo com os mais modernos princípios de administração empresarial.

No VI capítulo trataremos mais pormenorizadamente dos aspectos empresariais da Igreja Universal.

3. Teologia e Prática

A teologia da Igreja Universal vai sendo elaborada na esteira de sua prática, de vez que só muito recentemente se deu ao trabalho de procurar elaborar um sistema de doutrinas, desde que acessível ao povo, de fácil inteligibilidade e prático, o que parece ir ao encontro da observação de Peter Berger:

“A interação dialética entre a atividade religiosa e a ideação religiosa aponta outro fato importante - o enraizamento da religião nos interesses práticos de cada dia. As legitimações religiosas, ou pelo menos a maioria delas, pouco sentido têm se concebidas como produções dos teóricos que

a seguir são aplicadas *ex post facto* a complexos particulares de atividade. Caracteristicamente, isto está na consciência dos atores antes que na dos teóricos. E, é claro, embora todos os membros da sociedade sejam atores dentro dela, só muito poucos são teóricos (mistagogos, teólogos, e outros semelhantes). O grau de elaboração teórica das legitimações religiosas variará de acordo com múltiplos fatores históricos, mas induziria em grave equívoco tomar em consideração apenas as legitimações mais sofisticadas. Para dizê-lo singelamente, a maior parte dos homens na história sentiram a necessidade de legitimação religiosa - mas só uns poucos se interessaram pelo desenvolvimento de 'idéias' religiosas".²²

A Igreja Universal, após vinte anos de existência, passou a elaborar para seus fiéis um corpo doutrinário que lhes sirva de referência para a sua crença e prática cristãs. Na contracapa do primeiro volume de uma série de estudos doutrinários de autoria do bispo Macedo, intitulado "Doutrinas da Igreja Universal do Reino de Deus", encontramos o seguinte esclarecimento aos leitores:

"Nos últimos tempos, satanás tem investido sobre a Igreja do Senhor Jesus, semeando heresias no meio do povo de Deus, enganando a muitos e se passando por 'anjo de luz'.

"Diante dessa realidade, a IURD reconhece que é necessário um conhecimento maior da Palavra de Deus, que é a espada que todo cristão deve saber manejar, para lutar contra os ataques do diabo.

"A Igreja Universal do Reino de Deus, vez por outra acusada de não ter doutrina, tem adotado como sua regra de fé e prática as verdades escritas na Bíblia Sagrada, expostas de forma simples e direta por seus pastores e bispos por intermédio da pregação ou outros dos seus escritos, evitando qualquer doutrina ou prática que não estejam fundamentadas nas Escrituras.

²² Peter Berger. O Dossel Sagrado: Elementos para Uma Teoria Sociológica da Religião. Paulus,

“O objetivo deste livro escrito pelo Bispo Macedo, é passar de forma clara e objetiva o estudo das doutrinas bíblicas, importante para a formação do verdadeiro cristão, sem o apelo da linguagem teológica sofisticada e elitista que muitas igrejas usam e que, na realidade, confundem mais do que esclarecem.

“Entendemos que o verdadeiro intérprete da Palavra de Deus é o Espírito Santo, em cujas mãos, certamente o autor se colocou, a fim de preparar esses estudos para o povo de Deus”.²³

A Igreja Universal afirma ter as Escrituras do Velho e Novo Testamentos como única regra de fé e prática à semelhança das igrejas protestantes e pentecostais.

Em matéria publicada pela Igreja Universal, tendo como título “Manifesto ao Povo Evangélico Brasileiro”, em forma de pergunta e resposta, assim consta:

“Como saber se uma entidade é evangélica ou não? Pelos ensinamentos comuns a todas as igrejas evangélicas, tais quais:

- As Igrejas Evangélicas crêem num Deus Trino. A Igreja Universal do Reino de Deus também.
- As Igrejas Evangélicas crêem no céu, no inferno e no julgamento final. A Igreja Universal do Reino de Deus também.
- As Igrejas Evangélicas crêem na Bíblia como única e inerrante palavra de Deus. A Igreja Universal do Reino de Deus também.
- As Igrejas Evangélicas arrecadam contribuições financeiras somente através dos dízimos e ofertas. A Igreja Universal do Reino de Deus também.

Estas são doutrinas comuns às Igrejas Evangélicas; portanto, podemos concluir com toda certeza que a Igreja Universal do Reino de Deus é

São Paulo, 1985, p. 54.

²³ Edir Bezerra Macedo. Doutrinas da Igreja Universal do Reino de Deus, Vol. I. Ed. Gráfica Universal, Rio de Janeiro, 1999.

uma igreja genuinamente evangélica, não sendo antibíblica em sua orientação doutrinária”.²⁴

A Igreja Presbiteriana do Brasil que, segundo Tavares Neto “ é um dos últimos redutos atingidos pelas ‘ igrejas’ neopentecostais”²⁵, chegou até mesmo a publicar um opúsculo²⁶ de 76 páginas procurando orientar seus pastores e fiéis quanto à teologia e prática da Igreja Universal. Neste opúsculo são destacados os pontos em comum entre a Igreja Universal e o protestantismo histórico, entre a Igreja Universal e os pentecostais, e entre a Igreja Universal e os neopentecostais, concluindo que a Igreja Universal é uma igreja neopentecostal, para logo em seguida afirmar que ela prega um evangelho desfigurado:

“À luz da sua pesquisa acima, a Comissão Permanente de Doutrina entende que existem elementos evangélicos suficientes na pregação da IURD para que as pessoas ali sejam genuinamente convertidas pela ação do Espírito Santo, através da verdade do Evangelho; mas que existem crenças e práticas, de tal forma contrárias ao Evangelho de Cristo, que a IURD não pode ser considerada senão como uma igreja desfigurada; e que a mensagem ali pregada, apesar de afirmar pontos centrais, acaba por ser uma caricatura do Evangelho de Cristo. E que, em que pesem os testemunhos de pessoas transformadas e a divulgação do nome de Cristo no Brasil, a atuação da IURD tem muito mais contribuído para disseminar um evangelho desfigurado, trazendo assim um desserviço ao avanço do verdadeiro Reino de Deus no Brasil” .²⁷

²⁴ *Jornal Folha de São Paulo*, 1.11.95.

²⁵ José Querino Tavares Neto. *Igreja Presbiteriana do Brasil: Poder, Manutenção e Continuismo*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997, p. 116.

²⁶ Cláudio Antônio Batista Marra (editor). *Igreja Universal do Reino de Deus - Sua Teologia e Sua Prática*. Editora Cultura Cristã, São Paulo, 1997. Elaborado pela Comissão Permanente de Doutrina da Igreja Presbiteriana do Brasil.

²⁷ *Ibidem*, p. 63.

A posição das demais igrejas protestantes históricas em relação à Igreja Universal é muito semelhante à posição da Igreja Presbiteriana do Brasil.

No que tange ao pentecostalismo, se de início houve críticas em relação à Igreja Universal, estas foram na sua maioria superadas, restando ainda algumas rurgas por parte do pentecostalismo clássico, e algumas diferenças por parte dos neo-clássicos e também dos neopentecostais.

A Igreja Universal tem se preocupado em elaborar um corpo de doutrina, conquanto seja prático, objetivando legitimar-se através de um arcabouço teológico, ainda que sem a mínima sofisticação. Assim, o pragmatismo é uma marca bem nítida na Igreja Universal, sendo que a teologia funciona como elemento legitimador de uma prática já arraigada na igreja, prática esta que, uma vez teologizada, é imposta a todos os fiéis de forma inquestionável.

PROTESTANTISMO

É certo que as práticas religiosas desenvolvidas no presente têm suas raízes no passado, não obstante muitas vezes o próprio discurso religioso pretender passar a idéia de tratar-se de um movimento totalmente novo ou bastante diferenciado de outros já existentes.

O pentecostalismo e sua vertente mais recente, o neopentecostalismo, no qual se insere a Igreja Universal, têm suas raízes num passado religioso do protestantismo, sendo que este sofreu vários desmembramentos ao longo de sua história. Esta parece ser também a compreensão de Leonildo Campos:

“No entanto, o surgimento do protestantismo e do pentecostalismo moderno na América Latina não pode ser bem entendido se os mantivermos isolados da história religiosa das colônias inglesas, e dos Estados Unidos da América do Norte. A ocupação do território, a abertura de frentes pioneiras, o conflito com os indígenas, a constante e numerosa chegada de imigrantes europeus e os deslocamentos internos de populações criaram uma multidão de pessoas desajustadas, rarefeitas e espalhadas num grande território. As denominações religiosas, incapazes de dar uma assistência espiritual adequada a todos, ficaram à margem de um grande processo de aclimatação pela qual passou o protestantismo ao chegar àquele território junto com os imigrantes. Assim, a religião se tornou o grande eixo integrador desses novos habitantes, fornecendo a eles um centro gerador de sentido simbólico para uma vida experimentada em condições inóspitas”.¹

¹ Leonildo Silveira Campos. Protestantismo Histórico e Pentecostalismo no Brasil: Aproximações e Conflitos. In. Gutiérrez F. Benjamim & Campos, Leonildo Silveira. Na Força do Espírito: Os Pentecostais na América Latina: um desafio às igrejas históricas. Aipral-Pendão Real-Ciências da Religião. São Paulo-SP, 1996, p. 80.

Não obstante ter havido várias manifestações pneumáticas² ao longo da História da Igreja Cristã, e que se converteram em movimentos que foram posteriormente intitulados de Religiões do Espírito, Movimentos do Espírito, ou ainda, Iluminismo; o puritanismo, o pietismo e o metodismo constituem-se em configurações do protestantismo que se fazem presentes de alguma forma na raiz do pentecostalismo e neopentecostalismo, e por conseguinte, da Igreja Universal.

Assim sendo, discorreremos ainda que sucintamente sobre o puritanismo, o pietismo e o metodismo, procurando estabelecer em que medida o pentecostalismo, e, por decorrência, a Igreja Universal, se apropriou e reelaborou algumas de suas práticas e doutrinas.

1. O Puritanismo.

O puritanismo é certamente a matriz do protestantismo norte-americano, onde posteriormente teria início as primeiras manifestações pentecostais.

Os puritanos, nome daqueles que compunham o contingente dos que ansiavam por uma reforma na Igreja Anglicana, na Inglaterra, como disciplina mais severa contra clérigos e também leigos cujo padrão de conduta moral não estivessem concordes ao modelo vigente em Genebra, onde Calvino exercera enorme influência, estiveram submetidos a intensas perseguições por ocasião do reinado de Carlos I (1625-1649), o que levou-os a fugir para as Treze Colônias em busca de liberdade religiosa, procurando construir assim sua nova pátria.

Foi assim que os *Pilgrim Father* vieram para os Estados Unidos, atravessando o oceano à bordo do *Mayflower*, em 1620, e fundaram a colônia de Massachussets. Entre os anos de 1628 e 1640 a emigração se intensificou. Como afirma Walker, “até 1640 a

² A palavra grega πνευμα que pode ser traduzida por respiração, movimento de ar, alento, alma, espírito, dá origem a peneumáticos, ou seja, os que são movidos pelo Espírito, sendo pois usada para referir-se aos movimentos religiosos marcados por manifestações externas de natureza emocional.

maré puritana subiu no rumo da Nova Inglaterra e não menos de vinte mil almas atravessaram o Atlântico”.³

A circunstância e motivação que ocasionaram o êxodo dos puritanos para a Nova Inglaterra, bem como a sua cosmovisão orientada pela sua fé, fizeram com que os puritanos tomassem a direção de toda a vida social das Treze Colônias, de sorte que toda a formação da nação americana vincula-se diretamente ao calvinismo, mormente à sua forma de expressão no puritanismo.

De origem calvinista, o puritanismo acabou por se distanciar dos dogmas calvinistas na medida em que passou a dar ênfase à iniciativa humana e pessoal na apropriação da graça divina. Ocorre que o calvinismo, com a pregação do dogma da eleição afirmava que Deus, desde antes da “queda do homem”, na pessoa de Adão, já havia escolhido aqueles que haveriam de ser salvos, bem como aqueles que sofreriam a danação. Assim afirmava João Calvino:

“Chamamos predestinação o eterno decreto de Deus pelo qual houve em si [por] determinado quê acerca de cada homem quisesse acontecer. Pois, não são criados todos em igual condição; pelo contrário, a uns é preordenada a vida eterna, a outros a eterna danação. Portanto, como criado foi cada qual para um ou outro [desses dois] fins, assim [o] dizemos predestinado ou para a vida, ou para a morte”⁴.

Desta forma, por mais esforço que o homem pudesse fazer no sentido de apropriar-se da salvação, era de todo inútil, de vez que seu destino já estava selado antes mesmo de ele vir a existir. Destarte, a ação humana visando obter a salvação era de todo rechaçada como esforço inútil, pois a salvação era um ato exclusivo, soberano

³ Williston Walker. História da Igreja Cristã, Vol. II, 3ª Edição, JUERP-ASTE, Rio de Janeiro e São Paulo, 1981, p. 150.

⁴ João Calvino. As Institutas ou Tratado da Religião Cristã. Casa Editora Presbiteriana/Luz Para o Caminho, São Paulo, 1989, p. 389.

de Deus, dele tudo dependia e nada do homem. Competia pois ao homem provar através de uma vida de piedade e de trabalho a sua vocação.

Os puritanos, conservando a sua crença na iniciativa divina na concessão de sua livre graça e mantendo também a ênfase no desenvolvimento de uma vida ascética, inseriu entretanto um novo elemento ao conjunto de sua crença, ou seja, a iniciativa humana e pessoal na apropriação dessa graça. Assim, cada crente era chamado a ter a sua experiência pessoal de fé e da graça de Deus. Não bastava tão somente a aquisição da segurança da eleição, resultado da crença no dogma como um assentimento intelectual, era preciso experimentar uma verdadeira conversão. Com este novo componente da teologia puritana, ocorre a valorização do homem, da pessoa humana. Como bem expressa Mendonça, “o puritanismo foi mais um modo de ser da vida religiosa que se foi ajustando, nem sempre passivamente, às várias correntes de pensamento que vão desembocar na América e se prolonga pela história do protestantismo naquele país e pelas suas áreas de influência missionária (...) é um modo de ser, de ver os seres humanos e as coisas sob o prisma da fé religiosa”.⁵

O modo de ser puritano foi marcado por forte ascetismo e uma conduta pautada por um rigorismo bíblico que permeava toda a vida social.

Prócoro Velasques Filho assim discorre sobre o puritanismo:

“O puritanismo compunha-se, originalmente, de presbiterianos, congregacionais e batistas, grandemente influenciados pela Reforma de Calvino, em Genebra, onde muitos deles estiveram exilados durante vários anos. Contudo, o puritanismo tomou cautelosa distância do calvinismo ortodoxo. A predestinação não era vista como uma verdade teológica universal, mas como mistério discernível apenas pela fé dos eleitos. O ser humano que se sabe, pela fé, pertencente ao rol dos eleitos, deve agir como tal. A eleição não tem apenas o propósito de salvar alguns, mas é apenas o primeiro passo para a santificação,

⁵ Antônio Gouvêa Mendonça. O Celeste Porvir. A Inserção do Protestantismo no Brasil. ASTE/Edims, São Paulo, 1995, p. 42-43.

a nova vida em Cristo. Assim, o tipo de atividade religiosa e comportamental do eleito é um sinal visível, para si mesmo e para os outros, de que é um dos escolhidos de Deus”.⁶

A ênfase puritana na iniciativa humana e pessoal na apropriação da graça divina, que teve grande influência no surgimento dos grupos religiosos chamados avivalistas e posteriormente no pentecostalismo, é plenamente absorvida pela Igreja Universal. Por outro lado, rejeita certos elementos teológicos do puritanismo como por exemplo a doutrina da predestinação e da perseverança dos santos, que afirma que quem é salvo o é para sempre. A posição da Igreja Universal sobre tal questão encontra-se expressa em artigo da *Folha Universal*:

“Podemos negar claramente essa teoria de ‘uma vez salvo, salvo para sempre’, mostrando vários exemplos bíblicos. Um deles está no livro de Lucas, capítulo 19, quando um homem chamado Zaqueu, decide dar aos pobres a metade dos seus bens e restituir em dinheiro, o que antes havia fraldado. Jesus então lhe disse: *‘Hoje, houve salvação nesta casa, pois que também este é filho de Abraão’* (Lucas 19:9). Ele quis dizer com isso que, naquele instante, por causa daquela atitude e daquele comportamento Zaqueu e a família estavam salvos. Em outras palavras, o amanhã depende de cada um. A salvação se conquista dia a dia se você mantiver uma comunhão com Deus, se você mantiver uma linha de procedimento segundo a Palavra de Deus. Se assim não fosse, para que Jesus teria morrido na cruz para nos salvar? Tudo teria sido em vão. As grandes doutrinas bíblicas, não dão margem à discussão: são claras e precisas, o que, naturalmente, não acontece com a chamada ‘doutrina da predestinação’ - disse o bispo Antônio”.⁷

⁶ Antônio Gouvêa Mendonça e Prócoro Velasques Filho. Introdução ao Protestantismo no Brasil, Edições Loyola, São Paulo, 1990, p. 94.

⁷ *Folha Universal*, 28 de março de 1999, p. 1B.

Vemos assim que a doutrina da predestinação é rejeitada pela Igreja Universal, ao mesmo tempo em que a ênfase puritana na participação individual é totalmente absorvida e recebe uma ênfase bem maior que a que era dada pelos puritanos. Na Igreja Universal a salvação depende inteiramente do homem, bem como o receber toda sorte de bênçãos de Deus.

Enfim, se no calvinismo em sua origem, o homem não tinha praticamente nenhuma participação na salvação, pois era escolhido por Deus antes da criação do mundo; no puritanismo havia espaço para a participação do homem na apropriação da graça de divina; na Igreja Universal a salvação depende tão somente do homem. Como afirmou o bispo Antônio *“o amanhã depende de cada um”*. Este é o longo caminho que vai do calvinismo para o antropocentrismo iurdiano, sendo que o puritanismo é que abriu a fenda da porta para a promoção do homem em sua participação na salvação; o pentecostalismo a abriu um pouco mais, e a Igreja Universal a escancarou.

A Igreja Universal afirma: *“a salvação se conquista dia a dia”*, e *“se você tem fé, você consegue”*. Assim, a salvação na Igreja Universal é uma conquista humana, resultado do esforço humano, e não da soberana graça divina como preconizava Calvino.

2. O Pietismo.

O pietismo surge na segunda metade do século XVII na Alemanha, e tem como seu principal mentor e inspirador o alsaciano Filipe Jacó Spener (1635-1705), um homem que respondeu às aspirações de muitos Luteranos, ansiosos por uma renovação de sua igreja. Era um homem de temperamento afável e piedoso, e que se deixou absorver desde a juventude na leitura da Bíblia e dos livros religiosos.

Em 1666 Spener tornou-se pastor da cidade de Frankfurt e deão dos pastores daquela cidade. Em 1670 começou a realizar reuniões em sua casa com um pequeno grupo de pessoas que compartilhavam idéias semelhantes afim de ler

a Bíblia, orar e discutir o sermão dominical, procurando um aprofundamento espiritual. Destas reuniões surgiram vários círculos de estudos, dos quais o da casa de Spener foi o primeiro, e aos quais foi dado o nome de *collegia pietatis* (daí pietismo).

Começou a ensinar que cristianismo é mais vida que conhecimento intelectual. Deveria ser exigido um conhecimento experimental da religião. Um novo tipo de pregação era necessário afim de edificar a vida cristã dos ouvintes, e não afim de provocar controvérsias ou exibição das habilidades em argumentar do pregador. O único cristianismo verdadeiro é o demonstrado na vida.

A pregação e ensinamentos de Spener influenciaram muito o conde Nicolau de Zinzendorf (1700-1760), que viria a ser o organizador da Igreja Moraviana em 13 de agosto de 1727.

Não obstante a doutrina da predestinação ter sido o ponto de partida do pietismo, este acabou por distanciar-se deste ensino. Sobre tal distanciamento assim se expressa Weber:

“Todavia, mesmo o pietismo reformado continental (...) nada mais foi que uma simples intensificação do ascetismo reformado. Foi posta tanta ênfase na *praxis pietatis* que a ortodoxia doutrinal passou para segundo plano, parecendo, às vezes, de fato, quase um assunto sem importância. Aqueles predestinados para a graça podiam ocasionalmente ser submetidos a erro dogmático assim como a outros pecados e a experiência mostrou que freqüentemente aqueles cristãos que quase não tinham orientação da teologia acadêmica exibiam mais claramente os frutos da fé, enquanto, por outro lado, o mero conhecimento da teologia não garantia absolutamente a prova de fé da conduta.

“Assim, a eleição não podia ser aprovada de algum modo pelo conhecimento teológico. Daí o Pietismo, com uma profunda descrença na Igreja dos Teólogos a qual - o que faz parte das características - oficialmente

ainda pertencia, ter começado a reunir os adeptos da *praxis pietatis* em conventículos separados do mundo. Ele desejava tornar, a invisível Igreja dos eleitos, visível nesta terra. Sem chegar a ponto de formar uma seita separada, seus membros tentaram viver nesta comunidade uma vida livre das tentações do mundo, e ditada em todas as minúcias pela vontade divina para, assim, - tornarem-se seguros de sua própria redenção, por sinais externos manifestos em sua conduta diária. Deste modo, a *ecclesiola* dos verdadeiros convertidos - isto era comum a todos os grupos genuinamente pietistas - desejava, por meio do ascetismo intensificado, gozar a bem-aventurança da comunidade com Deus nesta vida".⁸

Conforme assinala Mendonça⁹, as características principais do pietismo foram:

1. instituição de conventículos que tinham como objetivo estudar a Palavra de Deus;
2. restabelecimento do sacerdócio universal;
3. ensino da preponderância da vida cristã sobre a teologia, ou seja, ênfase na experiência pessoal como fundamento de certeza em matéria de conhecimento teológico;
4. introdução da caridade nas polêmicas;
5. a restauração dos estudos teológicos, com pequenas reuniões de estudo entre professores e alunos;
6. uma reforma completa da pregação no sentido catequético.

⁸ Max Weber. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. Livraria Pioneira Editora, 12ª Edição, São Paulo, 1997, p. 91.

⁹ Antônio Gouvêa Mendonça. *O Celeste Porvir. A Inserção do Protestantismo no Brasil*. ASTE, Pendão Real e Ciências da Religião, São Paulo e São Bernardo do Campo, 1995, p. 73.

O centro da fé pietista consistia na experiência com Cristo, experiência mística, e no desenvolvimento, no cultivo de sua presença. A visão do Cristo crucificado e sua experiência com Ele era o caminho da vida cristã, logo, com grande ênfase na subjetividade e na dimensão emocional.

Como afirma Walker, “o pietismo foi um rompimento com tais tendências escolásticas, uma afirmação da primazia do sentimento na experiência cristã, uma vindicação por parte dos eleitos da participação ativa na edificação da vida cristã e um esforço de estrita atitude ascética com referência ao mundo”.¹⁰,

Weber também destaca a importância da dimensão emocional na fé pietista:

“Esta última tendência¹¹ tinha algo de intimamente relacionado à *unio mystica* luterana, e muito freqüentemente levou à uma ênfase maior ao lado emocional da religião, do que a aceita pela média dos calvinistas. Do nosso ponto de vista, na verdade, pode-se dizer que é esta a característica decisiva do Pietismo desenvolvido dentro da Igreja Reformada, pois este elemento emocional, que era, originalmente, bem estranho ao calvinismo mas que, por outro lado, era relacionado a certas formas religiosas medievais, levaram a religiosidade prática a empenhar-se muito mais no gozo da salvação do que na luta ascética pela certeza acerca do mundo futuro. Além disso, a emoção podia ter tanta intensidade que a religião assumia um caráter positivamente histérico, resultando na alternância, conhecida por exemplos sem conta e neuropatologicamente compreensíveis, de estados semiconscientes, de êxtase religioso com períodos de exaustão nervosa que eram sentidos como ‘abandono’ de Deus.”¹²

¹⁰ Williston Walker. História da Igreja Cristã, Vol. II, ASTE/JUERP, São Paulo, 1980, p. 190.

¹¹ O gozo da bem-aventurança da comunidade com Deus nesta presente vida.

¹² Op. Cit. p. 91.

O pietismo teve profunda influência na vida dos fiéis das Treze Colônias. A ênfase no cultivo da vida cristã mais que no desenvolvimento do intelecto, na experiência com Cristo mais que no conhecimento da doutrina bíblica, no desenvolvimento espiritual mais que no intelectual, acabou por atrair e influenciar muitas pessoas. O enfoque na dimensão subjetiva e emocional das pessoas despertaram-nas para a oração, contemplação e comunhão. Muitas experiências de natureza emocional passaram a acontecer entre os pietistas. O pietismo favoreceu em grande medida o surgimento dos movimentos avivalistas e, em seguida, do pentecostalismo, com suas incontáveis experiências extáticas, arrebatadoras, eletrizantes.

Quando volvemos nossos olhos para a Igreja Universal, vemos que a ênfase recai totalmente sobre a experiência individual, sempre marcada por elementos emocionais. Os cultos iurdianos são pontuados por muita música, com o objetivo claro de envolver emocionalmente as pessoas, levando muitas à histeria, a choro convulsivo. As sessões de exorcismos criam um clima eletrizante entre os fiéis. E parte do culto é dedicada a ouvir os testemunhos dos que receberam bênçãos, procurando assim mostrar que “contra fatos não há argumentos”. Enfim, o elemento experimental sobrepuja o intelectual. A doutrina decorre da experiência. Deus deve ser muito mais sentido que compreendido. Sem emoção não há salvação.

À semelhança do pietismo, o que importa na Igreja Universal é a religião do coração, da experiência pessoal. Fenômenos de histeria, de êxtase religioso, à semelhança do que acontecia entre os pietistas, podem ser perfeitamente percebidos nos cultos da Igreja Universal, especialmente pelas músicas envolventes e pelas sessões de exorcismos, quando a pessoa é então possuída por espíritos malignos e o pastor atua no sentido de expulsá-los, prática esta que acaba por envolver toda a comunidade.

Todavia, a Igreja Universal não comunga o ascetismo pietista. Pelo contrário, é uma igreja engajada na vida social e que se utiliza de todos os recursos seculares afim de crescer, de se expandir-se. Assim, a Igreja Universal apropriou-se da

emoção, do elemento antropocêntrico presente no pietismo e descartou o seu elemento ascético, procurando unir emoção, experiência, juntamente com elementos seculares, até mesmo de marketing, sendo que seus cultos assemelham-se em certa medida aos programas de auditório que procuram apelar constantemente para a emoção da platéia, dos espectadores.

3. O Metodismo.

O metodismo começou e se expandiu com John Wesley (1703-1791). O nome metodismo vem de “método”, devido ao fato de o grupo ao qual Wesley fazia parte se reunir para estudos bíblicos e outras práticas cristãs em dia e hora previamente marcados, ou seja, metodicamente.

John Wesley nasceu em lar puritano, sendo que seu pai era ministro da igreja. Ele estudou em Oxford, ingressou no ministério e posteriormente foi trabalhar na mesma universidade onde estudara - Oxford - como professor de grego, quando então tornou-se líder de um grupo de estudantes, religiosos e metódicos, sendo que adotaram o nome de “metodistas”. Junto com John Wesley estavam seu irmão Carlos Wesley e um outro estudante chamado George Whitefield, que se tornaria um proeminente pregador do evangelho.

Em uma viagem aos Estados Unidos, na Geórgia, como ministro da Igreja Anglicana, Wesley manteve contato com os moravianos que para lá imigraram. Deste contato John Wesley foi despertado para a necessidade de uma “maior santificação”. Este contato de Wesley com os moravianos parece ter sido fundamental para a formação de sua concepção de uma “maior santificação”, que ele formulará posteriormente como sendo uma “segunda bênção”.

Após breve tempo nas treze colônias, ele voltou à Inglaterra. Em 1738, “converteu-se” em Londres durante uma experiência religiosa, e por 50 anos viajou pela Inglaterra, Irlanda e Escócia pregando e organizando sociedades metodistas, que não eram ainda reconhecidas como igrejas. John Wesley, Carlos Wesley e

George Whitefield, todos clérigos anglicanos, foram proibidos de pregar nas igrejas oficiais, embora muitos adeptos deles tenham surgido dentro delas. Não obstante Wesley propugnar por uma reforma no âmbito da Igreja Anglicana, a ruptura desta com aquele foi inevitável, o que redundou na formação de uma nova Igreja, a Igreja Metodista.

A base teológica de Wesley era arminiana. O arminianismo preconizava que a predestinação contrariava tanto a natureza de Deus quanto do homem e o lançava numa situação de total desespero, além do que, gerava o desestímulo para a vida de santidade e restringia a importância do Evangelho. Propôs pois que a justificação do homem era pela fé, mediante a graça, contrariando a doutrina calvinista, que afirma ser a salvação pela graça, mediante a fé. A novidade é que a fé na postulação de Armínio parte de um ato humano em direção a Deus. Todo aquele que crê recebe a graça, quando no calvinismo todo aquele que é objeto da graça de Deus recebe a dádiva de crer, que também é uma graça.

Mas além desta fissura entre arminianismo e calvinismo, Wesley introduziu a doutrina da perfeição cristã. Se a justificação era imprescindível à salvação, sendo esta um ato de Deus por meio do qual ele mesmo justificou o pecador mediante a obra redentora de Cristo, a santificação era a “plenitude da fé” (*fulness of faith*), e consistia numa busca por parte daquele que crê. Enfim, buscava Wesley harmonizar graça divina e vontade humana.

Ao que tudo indica tal consciência da busca da santificação ocorreu por ocasião de uma reunião religiosa numa casa da rua Aldergate, em Londres, no dia 24 de maio de 1738, quando ele teve a experiência de sentir um forte ardor em seu coração e quando teve uma profunda segurança da sua salvação em Cristo. Após essa experiência, Wesley passou a pregar fora dos templos, alcançando desta forma milhares de trabalhadores e mineiros ingleses.

O movimento metodista de Wesley logo chegou aos E.U.A. Os metodistas utilizavam-se de pregadores leigos afim de propagar sua crença. Nos assim chamados *camp meeting* (encontros de reavivamento), os fiéis se reuniam para

cantar, orar e pregar, sendo que nestas reuniões ocorriam várias manifestações de êxtase, o que sugere já a presença de forte caráter pietista.

Velasques Filho entende que o metodismo é uma síntese da teologia arminiana, do puritanismo e do pietismo:

“Esses movimentos, diferentes entre si, mas com muita coisa em comum, moldaram a teologia do metodismo. Podemos resumir assim esse amoldamento: todos esses movimentos enfatizavam a liberdade e a responsabilidade humanas na resposta ao chamado universal de Deus para a salvação através de Jesus Cristo. Essa resposta tinha conseqüências muito precisas tais como o afastamento da ‘mundanidade’, a busca da perfeição cristã e a responsabilidade evangelística; o metodismo, sob a influência do arminianismo, alterada pela laicidade teológica de seus pregadores, transforma a doutrina da salvação numa antropologia dominada pelo emocionalismo volitivo. Já não é mais a graça divina ou o Espírito Santo que operam a salvação, mas o desencadeamento de crises emocionais que chegavam à histeria. Eram comuns os desmaios, as crises de choro e outras manifestações ainda mais surpreendentes. O emocionalismo foi usado como meio de se alcançar a experiência da salvação; sob a influência do puritanismo o metodismo norte-americano do início do século XIX voltou sua atenção para os ‘costumes’ sociais, centrando sua pregação na condenação dos ‘pecados da carne’, como impedimentos à perfeição cristã. (...) Porém, a influência mais marcante do pietismo no metodismo foi ‘o individualismo no cultivo da vida religiosa, a leitura solitária da Bíblia e sua interpretação literal ou espiritualizada e, especialmente, a experiência pessoal com Jesus’.¹³

¹³ Antônio Gouvêa Mendonça e Prócoro Velasques Filho. Introdução ao Protestantismo no Brasil. Edições Loyola, São Paulo, 1990, p.95-96.

Certamente que o metodismo, com as características acima apontadas, mormente a busca da perfeição cristã, além da forte ênfase emocional, contribuiu com a preparação do solo e o lançar da semente para a germinação do pentecostalismo nos Estados Unidos, pois, toda essa ênfase na participação humana na salvação e na santificação levariam os fiéis a buscarem cada vez mais experiências extraordinárias, sensacionais, arrebatadoras, o que acabaria conduzindo no início do século XX ao surgimento do pentecostalismo.

O metodismo se contrapôs à doutrina calvinista da predestinação, e conferiu grande importância à participação humana na salvação, na medida em que a fé foi colocada como condição de salvação. O metodismo foi também marcado por acentuadas experiências emocionais e por uma participação mais ampla dos leigos. Sobre estas características do metodismo, assim afirma Weber:

“Em primeiro lugar, diferentemente do calvinismo, que afirmava serem ilusórias todas as coisas emocionais, manteve o princípio que a única base segura para a *certitudo salutis* era um puro sentimento da absoluta certeza do perdão, derivado imediatamente do testemunho do Espírito, cujo advento podia ser estabelecido com precisão de dia e hora. Junto a esta, encontra-se a doutrina da santificação de Wesley, que apesar de constituir um afastamento decisivo da doutrina ortodoxa, dela é um desenvolvimento lógico. De acordo com ela, alguém deste modo remido pode, em virtude da divina graça já trabalhando em seu ser, obter, mesmo nesta vida, por uma segunda transformação espiritual, geralmente separada e muitas vezes súbita, a ‘santificação’, a consciência da perfeição, no sentido da libertação do pecado”.¹⁴

Ora, tais marcas estão presentes de forma indelével na Igreja Universal. Ela apresenta-se como uma igreja de milagres, de experiências espetaculares, de cura

¹⁴ Op. Cit. p. 99.

para o corpo e para a alma, e seus cultos são envolventes, emocionantes, procurando levar as pessoas a terem a sua própria experiência religiosa, e procura utilizar-se o máximo dos leigos, assim chamados de “obreiros”, bem como reduz sobremodo o tempo de preparo de seus pastores, que recebem uma formação em tempo record, muito mais de forma experimental que teórica.

Todavia, não obstante a presença de alguns elementos do metodismo na Igreja Universal, ela não enfoca sistematicamente a necessidade de uma busca de santificação, procurando antes atribuir os problemas, as imperfeições humanas, a entidades demoníacas presentes em seus corpos e mentes, que precisam então ser expulsas, apresentando-se como a igreja na qual tal libertação é possível.

Do exposto, podemos relacionar, ao longo de todo este período histórico, a ênfase cada vez mais centrada no homem, fazendo cada vez mais concessões à participação humana na salvação, na santificação. A prática religiosa no protestantismo, com o passar do tempo, foi tornando-se cada vez mais antropológica, ou seja, passou a se orientar-se cada vez mais para o homem, para a sua experiência emocional, para as suas obras, que passaram a ser consideradas importantes para a sua espiritualidade.

O que vemos hoje, na Igreja Universal, é a radicalização do antropológico sobre o teológico. O homem é o centro do culto e da religiosidade iurdiana: suas necessidades, seus desejos, seus problemas, suas aspirações é que orientam toda a prática religiosa da Igreja Universal. Atendê-lo é o objetivo da Igreja.

A Igreja Universal absorveu dos grupos religiosos protestantes as suas manifestações espiritualizantes, emocionais, bem como sua visão de uma organização sistemática, racional da vida, que tanto influenciou o capitalismo, aplicando-o à sua organização burocrática. Ao mesmo tempo, deslocou o eixo calvinista Deus-homem para homem-Deus. E ainda mais, se o calvinismo pregava uma ética, que sendo observada nas relações de trabalho e sociais, poderia tornar a pessoa prospera, a Igreja Universal, deixando de lado a ética protestante passou

a pregar uma mensagem de prosperidade baseada no *toma lá dá cá*. Prega soluções mágicas, que não passam pela via da ética e do trabalho.

É óbvio que fazer esta relação é dar um salto hermenêutico de pelo menos 300 anos. Entretanto, tal relação é pertinente, e voltaremos a tratá-la oportunamente neste trabalho.

4. Racionalismo *versus* Espiritualismo.

Teceremos aqui algumas breves considerações acerca do protestantismo nos séculos XVIII e XIX, destacando a disputa racionalismo *versus* espiritualismo.

Via-de-regra as análises referentes aos movimentos pentecostal e neopentecostal, quando estabelecem alguma relação destes com o protestantismo, tão somente procuram mostrar o distanciamento teológico dos primeiros em relação ao protestantismo dos séculos XVI e XVII, sem levar em conta os séculos XVIII e XIX. Ora, os movimentos avivalistas, dos quais originou-se o pentecostalismo, é uma reação direta à religiosidade protestante dos séculos XVIII e XIX. Prescindir de tal análise neste trabalho seria deixar de considerar um período importantíssimo da história do protestantismo que sucedeu ao movimento da Reforma Protestante e que antecedeu ao surgimento do pentecostalismo.

O protestantismo sofreu um grande impacto devido ao movimento iluminista do século XVIII. A elevação da razão ao status de critério supremo da verdade acabou por relegar a religião ao estágio de infantilismo da humanidade. O racionalismo se apresentava como único caminho de emancipação da humanidade.

É também no século XVIII que ocorre a Revolução Industrial, que provoca uma verdadeira revolução social, alterando profundamente as relações de trabalho, de vez que acentuou a divisão social do trabalho e introduziu um sistema que iria aumentar ainda mais a exploração do trabalhador, conforme analisa Marx na teoria

da Mais-Valia absoluta e relativa¹⁵. A Revolução Industrial, associada ao pensamento iluminista, acabou por imprimir às relações de produção um rígido sistema racionalista, burocrático e explorador.

O movimento racionalista fez com que muitos teólogos na parte final do século das luzes e início do século XIX adequassem a teologia à moldura da filosofia da época, surgindo assim o liberalismo teológico, que levou muitas igrejas a privilegiarem a dimensão intelectual do homem em detrimento da sua dimensão emocional e espiritual. Tanto é assim que a expressão corporal nas liturgias protestantes é estática, a expressão emocional é reprimida, devendo o culto ser antes uma expressão da razão, um culto racional.

Privilegiou-se a formação intelectual dos ministros religiosos, exigindo que tivessem um esmerado preparo intelectual para pastorearem as igrejas sob sua responsabilidade, afinal, deveriam estar preparados para falarem a auditórios exigentes, com grande retórica, eloquência e conhecimento.

O racionalismo, que levou ao surgimento do liberalismo teológico¹⁶, fez com que muitos teólogos¹⁷ expurgassem das Escrituras do Velho e Novo Testamentos tudo o que até então era entendido como sobrenatural. Tais teólogos procuravam pois fazer uma releitura das Escrituras com as lentes do racionalismo, o que inevitavelmente os conduzia a uma interpretação “desmitologizante”, procurando interpretar cientificamente os milagres registrados nas Escrituras, de modo a adequa-los ao clima intelectual da época.

¹⁵ Karl Marx. O Capital, Vol. I, Ed. Nova Cultural, São Paulo, 1988, p. 142-276.

¹⁶ O liberalismo consistiu numa tentativa de harmonização dos postulados da fé cristã com os postulados do racionalismo. Procuraram os teólogos liberais “salvar” a teologia adaptando-a aos moldes do racionalismo, ou seja, procuraram expurgar das Escrituras tudo quanto não condizia com aquilo que era tido como racional, p. ex. milagres, aparições de anjos, enfim, tudo quanto fosse de ordem sobrenatural. Só permanecia o que passava pelo crivo da razão. Destarte, o liberalismo rejeitou a autoridade das Escrituras tal como se apresentavam, como eram cridas pela cristandade, pois entenderam que assim fazendo estariam “salvando” a teologia, que doutra forma sucumbiria sob as luzes da razão. Considerações sobre o liberalismo podem ser vistas no texto “Teologia Contemporânea” de Stanley Gundry, publicado pela Editora Mundo Cristão, São Paulo, 1983 e no texto “Teologia Protestante ao Alcance de Todos” de William Horden, publicado pela Editora JUERP, Rio de Janeiro, 1979.

¹⁷ Friedrich Daniel Ernst Schleiermacher (1768-1834); Sören Kerkegaard (1813-1855); Albrecht Ritschl (1822-1889); Rudolf Bultmann (1884-1955); Emerson Fosdick (1878-1969); dentre outros.

Todavia, durante o século XVIII sempre houve resistência ao racionalismo por parte de vários grupos religiosos, que entendiam ser necessária uma experiência pessoal, emocional com Deus. Foi assim com o movimento liderado por John Wesley à partir de 1730 e que transcorreu ao longo do século XVIII, e que acabou por resultar, após a sua morte em 1791 na formação da Igreja Metodista. Quando da sua morte, sua influência havia já alcançado os Estados Unidos da América e a Irlanda.

Acerca da obra de Wesley e do metodismo, afirma Delumeau:

“Após a morte de Wesley, o Metodismo acabou de se emancipar em relação ao Anglicanismo. Dividiu-se em vários grupos que podem se classificar em Metodistas episcopalianos e Metodistas Congregacionalistas. Estas divisões não devem impedir que se sublinhe mais uma vez a grandeza de Wesley que trouxera um estrondoso desmentido à afirmação de Voltaire: ‘É tão tibia a gente na Inglaterra, que quase não existem mais possibilidades de sucesso para uma religião nova ou renovada’. Muito pelo contrário, este apóstolo que havia pregado tempestiva e intempestivamente, de quem por muito tempo haviam escarnecido e que morreu rodeado pelo respeito de todos, tinha despertado quer Anglicanos quer Puritanos.

“Transcorria no entanto o século das ‘Luzes’. A elite culta parecia abandonar os dogmas cristãos por uma filosofia simplesmente deísta, até mesmo materialista. As Igrejas que prevaleciam-se de Jesus ficaram subitamente em confronto com novos problemas postos pelo desenvolvimento da ciência e pela emancipação do pensamento. Retardadas por suas querelas, elas não tinham se preparado para receber esse embate que a todas ameaçava. Estaria o Cristianismo condenado à morte? Realmente se abordava uma nova página da história cristã. Caminhava-se - caminha-se - apesar de inevitáveis hesitações e de quantos olhares

melancólicos lançados para trás, para uma reconciliação entre ciência e religião, para uma amizade entre Cristãos, para uma melhor compreensão da mensagem de paz e amor do Evangelho".¹⁸

Também os Estados Unidos experimentaram um avivamento religioso no transcorrer do século XVIII. O assim chamado Grande Despertamento alcançou os Estados Unidos em 1734-35, e teve como seu principal expoente o pastor congregacional em Northampton, Jônatas Edwards (1703-1758), no que foi auxiliado por Jorge Whitefield. O Grande Despertamento alcançou tanto as colônias do norte quanto as do sul, tendo conquistado além de congregacionalistas, batistas e presbiterianos. Não obstante o forte apelo emocional de suas mensagens, doutrinariamente Edwards era Calvinista, mormente no que diz respeito à tese da soberania de Deus e da predestinação.

Vemos pois que, não obstante as idéias difundidas pelo racionalismo, o século XVIII foi marcado por forte resistência por parte do protestantismo, mais notadamente através dos movimentos de avivamento ou despertamento acima considerados.

Todavia, o impacto do racionalismo sobre a religião se fez sentir ainda mais fortemente no século XIX. O deísmo¹⁹ parece ter sido a forma de teísmo que mais se amoldou aos princípios racionalistas, pois possibilitava uma adequação da fé à razão, mas que levava inexoravelmente à negação dos milagres registrados na Bíblia, bem como estabelecia a razão como primado da verdade.

Como decorrência do próprio deísmo, procurou-se equiparar cristianismo com conduta moral, deixando de lado concepções sobrenaturalistas, bem como de pecado, inferno etc. Assim sendo, a função das Escrituras seria proporcionar ao

¹⁸ Jean Delumeau. Nascimento e Afirmação da Reforma. Livraria Pioneira Editora, São Paulo, 1989, p. 245-246.

¹⁹ Filosofia que prega a crença em Deus mas não crê que o mesmo possa intervir no universo criado. Uma vez tendo criado o universo, e estabelecido leis naturais que o regem, Deus não intervêm no mesmo, tudo ocorre dentro de um universo fechado de causa e efeito, não aberto ao sobrenatural.

homem um padrão moral de vida, de escolha, pautado pela prática da caridade e da justiça.

Uma vez que Deus não intervêm no universo por ele criado, Cristo não poderia ter sido a encarnação divina, logo, negava-se a doutrina da encarnação, da expiação e da ressurreição. Afinal, quem seria então Cristo? Para resolver tal dilema, diferenciou-se o Jesus Histórico do Jesus Kerygmático²⁰. Aquele teria sido o Jesus que de fato existiu historicamente, enquanto este, o proclamado pela igreja, ou seja, o Jesus Histórico e o Jesus decorrente da fé da Igreja.

Uma vez que Deus não intervêm no universo por ele criado, Cristo não poderia ter sido a encarnação divina, logo, negava-se a doutrina da encarnação, da expiação e da ressurreição. Afinal, quem seria Cristo então? Qual a função da fé cristã?

A resposta é que Jesus Cristo veio nos mostrar um padrão de conduta moral condizente com os padrões divinos. Logo, viver a fé cristã é adequar a vida aos padrões morais pregados e vividos por Cristo, conforme se encontram registrados nas Escrituras.

Uma teologia mais recente que encontrou amparo em elementos morais e sócio-políticos da Bíblia foi a Teologia da Libertação, cuja ênfase se direcionava não ao pecado individual mas ao pecado coletivo, estrutural, e que, utilizando-se de um instrumental de análise marxista proclamava uma libertação de natureza sócio-política, da opressão da pobreza, das desigualdades sociais, da exploração econômica.

Entretanto, face à influência do racionalismo na teologia, muitos teólogos procuraram desenvolver uma teologia que se opusesse ao racionalismo e suas influências nas elaborações teológicas. Foi assim que, na Alemanha, o teólogo Friedrich Daniel Ernst Schleiermacher (1768-1834) propôs uma religião voltada para o sentimento. Conforme registra Walker “para Schleiermacher, a religião pertence

²⁰ Da palavra grega κηρυγμα (kérigma) traduz-se por proclamação, pregação.”

ao reino dos 'sentimentos'. Em si mesma, a religião não é um corpo de doutrinas, reveladas ou racionalmente abonadas, nem um sistema de comportamento, ainda que crença e comportamento nasçam da religião".²¹

Para Schleiermacher, Deus é o Absoluto e o Eterno, sem o qual tudo seria caos. Em contraste com esse Absoluto e Eterno, o homem sente-se finito, limitado, temporário, enfim dependente. Para ele esse senso de dependência é a base de toda a religião, e tal relação de dependência com o Ser Absoluto é uma experiência que envolve todo o sentimento humano, que não pode ser apropriada tão somente pela razão. Certamente, Schleiermacher foi o teólogo que mais influenciou os rumos da teologia bem como a religiosidade na Alemanha.

Na Inglaterra, de igual forma, alguns teólogos se levantaram contra a tendência racionalizante da teologia e do culto. Um movimento liderado por Edward Irving (1792-1834), em Londres, procurava persuadir as pessoas de que os dons da era apostólica podiam ser restaurados se houvesse fé suficiente. Tal movimento, que tinha também caráter messiânico e que chamava seus fiéis a aguardar a iminente volta de Cristo difundiu-se na Inglaterra e na Alemanha.

Outro importante movimento surgido na Inglaterra iniciou-se nos arredores de Plymouth por volta de 1830, devido ao empenho de John Nelson Darby (1800-1882), ex-clérigo da Igreja da Irlanda (anglicana). Os que aderiram a tal movimento passaram a serem chamados de "Irmãos de Plymouth". Conforme afirma Walker, "julgam eles que todos os crentes são sacerdotes e, daí, devem ser rejeitados todos os ministérios formais. Os credos devem ser abolidos. O Espírito Santo guia todos os verdadeiros crentes e os une na fé e no culto segundo o modelo apostólico".²²

²¹ Williston Walker. História da Igreja Cristã, Vol. II, 3ª Edição, JUERP-ASTE, 1980, p. 243.

²² Williston Walker. História da Igreja Cristã, Vol. II, 3ª Edição, JUERP-ASTE, Rio de Janeiro e São Paulo, 1980, p. 260.

Na Inglaterra do século XIX foram fundadas várias organizações religiosas voltadas para um trabalho de cunho social. Tal trabalho evangelístico fez com que o metodismo crescesse muito no século dezanove na Inglaterra, pois conforme afirma Walker “o metodismo, por exemplo, aumentou de quatro vezes de 1800 a 1860, ainda que tenha perdido gente com as facções cismáticas”.²³ É ainda na Inglaterra do século XIX que tem início as missões protestantes modernas, e que teve como seu primeiro missionário William Carey. Os missionários dirigiram-se primeiramente às regiões nas quais o império britânico possuía territórios, especialmente na Índia, mas também na Austrália, na Nova Zelândia, nas Ilhas do Pacífico, na África etc.

Enfim, ao mesmo tempo em que o racionalismo exercia forte influência sobre a religião, surgiram movimentos de resistência, de despertar, de avivamento, conclamando as pessoas a uma experiência de fé à semelhança dos cristãos do primeiro século.

Os Estados Unidos da América no final do século XIX experimentaram um novo despertar religioso. Acerca deste despertar afirma Walker:

“Começando bem no fim do século décimo oitavo, poderoso despertar do interesse religioso agitou o país. Na nova Inglaterra, o que por vezes tem sido chamado o ‘Segundo Grande Despertamento’, deu seu primeiros sinais aí por 1792. (...) Na fronteiras do Tennessee e Kentucky é que ocorreram as manifestações mais emocionais e espetaculares do despertar. Em 1800 lá começaram as ‘reuniões de campo’, especialmente em Tennessee foram elas assinaladas por gritarias emocionais e manifestações físicas. Como um todo, porém, o novo movimento, que por décadas continuou entre altos e baixos, foi menos marcado que no século anterior por tais sintomas de excitação exagerado. O impacto do reavivamento foi evidente no declínio da ‘infidelidade’, a elevação do nível

²³ Ibidem, p. 258.

moral na fronteira e o seguro crescimento das igrejas batista, metodista e presbiteriana”.²⁴

Sem dúvida, o maior expoente do Segundo Grande Despertamento foi Charles Grandison Finney (1792-1875).

Pregando ao ar livre, reunindo-se em campos, em lonas de circo, nos horários os mais variados, pregando com forte apelo emocional, Finney tornou-se o maior evangelista americano do século XIX, tendo sido também conhecido pela sua luta em prol da abolição da escravidão nos Estados Unidos.

Este despertar provocou grande crescimento no evangelismo americano. Assim afirma Walker:

“As denominações que empregaram plenamente o modelo do reavivamento vieram a ser as gigantes deste período de expansão nacional. Os metodistas, escassamente quinze mil ao tempo de sua organização independente, em 1784, passavam de um milhão em 1850. Os batistas, cem mil no início do século, no meio dele haviam aumentado oito vezes. Congregacionalistas e presbiterianos, entre os quais cedo apareceu o reavivamento do século décimo nono, continuaram a crescer com o despertar, mas resistências internas os apoucaram, e decaíram comparativamente em força denominacional e perderam a primazia que haviam conquistado”.²⁵

Junto ao crescimento numérico das igrejas também ocorreu a fundação de vários colégios pelas igrejas, bem como inúmeras obras de caráter filantrópico. O movimento avivalista despertou a consciência da necessidade de auxílio aos mais pobres, cujo número era enorme, devido à situação de exploração decorrente do

²⁴ Ibidem, p. 270.

²⁵ Ibidem, p. 273.

processo levado a efeito pela Revolução Industrial. Todavia a ação das igrejas limitava-se ao exercício da caridade, insuficiente para reverter o quadro social de penúria de milhões de pessoas.

Os movimentos de despertar espiritual, com forte ênfase no sentimento, proporcionavam a muitas pessoas experiências eletrizantes, sensacionais, que culminavam em arrebatamentos emocionais que se exteriorizavam em choro compulsivo, gritos, orações em voz alta e um acalorado clima de fraternidade entre os participantes.

É bastante significativo que vários movimentos religiosos desta natureza tenham surgido no século XIX, quando, em decorrência da Revolução Industrial, ocorreram sensíveis alterações nas relações de produção, de trabalho, fazendo com que surgisse uma enorme massa de proletários, explorados pelos capitalistas, sem perspectivas de uma vida melhor. A religião, com forte ênfase na dimensão emocional, acabou por ser atrativa a essa gama de pessoas socialmente desajustadas, que encontravam nas reuniões marcadas por arrebatamentos emocionais, alívio para as suas angústias.

Hoje, no ano 2.000, podemos constatar que, não obstante todo o progresso científico, todo o avanço do saber humano, a busca do sagrado, do divino, tendo como base experiências arrebatadoras, equipara-se em grande medida às experiências do final do século passado e início deste século. Se no final do século passado, o racionalismo, convivendo com uma massa enorme de proletários, trazia uma profunda insatisfação às pessoas, as quais estavam submetidas a condições sociais deploráveis, algo semelhante ocorre também hoje, pois apesar de todo o progresso científico, tecnológico, as condições sociais das pessoas são precárias, mormente no Brasil. E é neste contexto de milhões de pauperizados, marginalizados, num Estado que não lhes proporciona as mínimas condições de trabalho, de saúde, de educação, dentre tantas outras, que as pessoas buscam no sagrado uma experiência que venha de alguma forma lhes trazer alento, conforto, esperança face às incertezas a que estão submetidas. E, uma vez que a Igreja

Universal se apresenta na mídia como solucionadora de problemas, oferecendo prosperidade material, afetiva e física àqueles que procurarem seus templos, muitos que se encontram desesperados a procuram, após ouvir testemunhos de cura, de enriquecimento, de prosperidade.

É interessante que a Igreja Universal hoje, no ano 2.000, dirige seu apelo à emoção, ao sentimento, pregando uma mensagem na qual apresentam um Deus que cura as pessoas de suas enfermidades, que as liberta dos demônios, que faz com que elas consigam empregos melhores, se enriqueçam etc. E realiza até mesmo perante as câmeras de TV atos de exorcismo sensacionais que levam as pessoas ao delírio, unindo assim o tecnológico com o sensacional.

A estratégia utilizada no século passado e que provocou um despertar da religiosidade nas pessoas parece, *mutatis mutandis*, funcionar muito bem neste final de século. E o exemplo mais concreto que podemos mencionar é justamente a Igreja Universal, uma nova versão do pentecostalismo.

PENTECOSTALISMO

O termo pentecostalismo hoje não é estranho, pelo contrário, é até bem conhecido, pois não são poucas as igrejas que o associam ao próprio nome da denominação, como é o caso da Igreja Pentecostal Deus é Amor e Igreja Evangélica Pentecostal o Brasil para Cristo. Todavia, o pentecostalismo tem uma história recente, e expressa todo um movimento religioso do qual participa grande número de igrejas.

Assim, é imprescindível analisar este movimento religioso, pois o mesmo liga-se diretamente à Igreja Universal, antecedendo-a

1. A Gênese do Pentecostalismo.

O termo pentecostal vem da língua grega, πεντηκοστη (pentecoste), festa judaica celebrada no quinquagésimo dia após a Páscoa. Refere-se também à experiência apostólica registrada no livro de Atos dos Apóstolos, capítulo 2, onde consta o registro de uma manifestação espetacular do Espírito Santo ocorrida por ocasião da festa do pentecostes. Segundo o registro de Atos, 50 dias após a ascensão de Cristo (daí pentecostes), o Espírito Santo se derramou sobre os apóstolos, quando estes encontravam-se reunidos no cenáculo, em Jerusalém. Veio sobre eles línguas como que de fogo e eles passaram a falar em outras línguas, de sorte que os judeus estrangeiros presentes em Jerusalém compreendiam o que eles estavam falando, pois os ouviam falar em sua própria língua materna, não obstante os apóstolos não serem políglotas.

O pentecostalismo que vai surgir nos Estados Unidos no início deste século fundamenta-se na experiência apostólica registrada no livro de Atos, ou seja, aquele que hoje recebe o dom do Espírito Santo, nos termos em que

receberam os apóstolos (com a manifestação da glossolalia¹) são considerados batizados pelo Espírito Santo. Assim afirma Elemer Hesse: “Eis a própria razão de ser do Pentecostalismo: *não há batismo no Espírito Santo sem o sinal das manifestações de ‘línguas’*. Grant é categórico: ‘...receber o batismo sem falar línguas estranhas é impossível, conforme Atos 10:46,47’². ‘Recebi o batismo sem falar outras línguas. Se é verdade (o que afirmas), não o recebeste conforme a Bíblia. (...) Chega ao ponto de afirmar: ‘A língua celestial será a senha para a entrada’ no céu, e cita Mateus 22:12’³. Desta forma a confissão pentecostal é: “Cremos no batismo com o Espírito Santo de acordo com Atos 2:4”. Assim, a experiência pentecostal pretende ser uma atualização da experiência apostólica.

O pentecostalismo surgiu nos E.U.A. em 1906 e foi precedido principalmente pelo avivamento metodista do século XVIII e pelos avivamentos do século XIX, já considerados. O fato é que Wesley acabou por introduzir o conceito de perfeição cristã como sendo uma segunda obra da graça, distinta da salvação, o que resultou no movimento de santidade (*holiness*), que se espalhou pela Inglaterra e Estados Unidos.

O movimento de santidade penetrou em muitas denominações, além do que, acabou por provocar cisões em pequenos grupos de *holiness*, e foi entre estes que o pentecostalismo nasceu.

Como em todo final de século, havia em fins do séc. XIX uma expectativa de que o iminente fim do mundo fosse precedido por um grande avivamento que seria marcado pelo fenômeno da glossolalia nos moldes em que ocorreu com os apóstolos, conforme o registro de Atos dos Apóstolos.

¹ Na língua grega *γλωσσα* significa língua, linguagem, fala. Assim glossolalia é um termo que refere-se à experiência de falar em uma outra língua, inda que desconhecida. Tal experiência é atribuída à ação do Espírito Santo na vida do cristão, e é o principal fundamento da teologia pentecostal.

² Das citações bíblicas constamos: o número do livro, caso haja mais de um livro com o mesmo nome, o nome do livro, e em seguida um número indicando o número do capítulo e outro o do versículo.

³ Elemer Hasse. *Luz Sobre o Fenômeno Pentecostal*. Imprensa Metodista, São Bernardo do Campo, 1964, p. 47.

Em meio a esta expectativa, em 1898, Charles Parham⁴ fundou o Lar de Curas Betel e em 1900 o Colégio Bíblico Betel, na cidade de Topeka, Kansas. Parham ensinava aos alunos deste colégio bíblico que o falar em línguas era um dos sinais que acompanhava o batismo do Espírito Santo.

Não obstante Parham ter sido o introdutor deste ensino, o responsável pela eclosão do movimento foi um aluno negro de Parham, chamado W.J. Seymour, um batista nascido como escravo, que era cego de um olho e trabalhava como garçom.

No ano de 1906 Seymour recebeu um convite para pregar em Los Angeles da parte de uma pastora de uma igreja negra *holiness*⁵. Por ocasião de suas pregações o “batismo com o Espírito Santo” com a evidência da glossolalia fez sucesso, o que levou Seymour a alugar um armazém na Azusa Street, para sua “Missão de Fé Apostólica”. O fato de Los Angeles ser a cidade que mais crescia no país logo atraiu grande número de pessoas.

No início havia uma convivência tranqüila entre negros e brancos na comunidade, a ponto de pastores brancos do sul irem a Los Angeles para receberem treinamento dos líderes negros. Todavia, tal situação iria se modificar, pois os brancos acabaram saindo para fundar a Assembléia de Deus em 1914.

É importante registrar que a glossolalia no início do pentecostalismo era vista tão somente como uma confirmação da iminência do fim. Com o passar do tempo, entretanto, e como o fim parecesse demorar, a glossolalia passou a assumir a centralidade na teologia pentecostal⁶. Doravante a doutrina pentecostal passou a ter como fundamento a experiência apostólica da glossolalia. A partir de então o pentecostalismo se espalharia por todo o movimento *holiness*.

⁴ Paul Freston. Breve História do Pentecostalismo Brasileiro. In Nem Anjos nem Demônios - Interpretações Sociológicas do Pentecostalismo. Antoniazzi, Alberto et al. Vozes, Petrópolis, 1996, p.72-75.

⁵ Francisco Cartaxo Rolim. O Que é Pentecostalismo. Editora Brasiliense, São Paulo, 1987, p.22.
Luís de Castro Campos Júnior. Pentecostalismo - Sentidos da Palavra Divina. Ed. Ática, São Paulo, 1995, p. 31.

⁶ Paul Freston. Breve História do Pentecostalismo Brasileiro. In: ANTONIAZZI, Alberto et. alli. Nem Anjos Nem Demônios. Interpretações Sociológicas do Pentecostalismo, Ed. Vozes, 2ª Edição, Petrópolis, 1996, p.75.

A diferença significativa entre o pentecostalismo e o metodismo de Wesley consistia no fato de que, se para este a perfeição cristã era resultado de um árduo e demorado processo de santificação, por ele chamado segunda bênção, ou segunda obra da graça, para o pentecostalismo esta segunda bênção foi substituída pelo batismo no Espírito Santo. O longo processo de santificação deu lugar a uma experiência única, plena, do batismo no Espírito Santo, evidenciado pela glossolalia, ou seja, pela manifestação de línguas.

Seymour quando iniciou suas pregações considerava o batismo no Espírito Santo como a “terceira bênção”, sendo que a vida cristã experimentava três estágios: conversão (ou regeneração), a santificação e o batismo no Espírito Santo.

Numa das reuniões promovidas por Seymour, em que um menino de 8 anos falou em línguas, seguido de outras pessoas, estava presente um pastor batista chamado W.H. Durham, que trabalhava em Chicago. Ele abraçou a experiência do batismo no Espírito Santo, passando a pregá-la, retificando-a no entanto, pois para Durham a justificação/regeneração já era o início da santificação, sendo pois o batismo no Espírito Santo a Segunda Bênção. E é este ainda hoje o fundamento da fé pentecostal.

O pentecostalismo haveria de crescer muito nos Estados Unidos, mas não ficaria circunscrito aos limites de seu território, pois haveria de atingir em breve outros países através de imigrantes leigos e missionários que seriam enviados para vários países do mundo.

O pentecostalismo, antes de partir para a ação missionária, sofreria várias cisões além da Assembléia de Deus, como por exemplo, a *International Church of The Four-Square Gospel*⁷.

⁷ A *International Church of The Four-Square Gospel* foi fundada em 1918, na cidade de Los Angeles, EUA, pela missionária Aimee Semple McPherson, jovem canadense, metodista, que converteu-se em 1907 pela pregação de Robert Semple, missionário pentecostal possivelmente procedente de Chicago. No ano de 1908 teve uma experiência de cura divina com W.H. Durham, que já havia influenciado Daniel Berg e Luigi Francescon. O nome “Evangelho Quadrangular” aponta para quatro qualidades de Cristo: Salvador, Batizador no Espírito Santo, Médico e Rei que voltará. Assim, o enfoque da mensagem da IEQ é: salvação, batismo no Espírito Santo, cura e esperança da volta de Cristo.

2. O Pentecostalismo no Brasil.

O pentecostalismo no Brasil tem sido objeto de análise das Ciências Sociais, tendo sido os trabalhos de Cândido Procópio Ferreira de Camargo e Beatriz Muniz de Souza pioneiros neste campo de pesquisa, seguido de vários outros que os sucederam.

Logo na introdução de seu trabalho Beatriz Muniz de Souza faz as seguintes considerações estatísticas:

“Acusam os dados censitários de 1940 e 1950 os totais respectivos de 1.074.857 e 1.741.430 de protestantes no Brasil, número que se eleva para 3.100.000 em 1960, de acordo com estimativa do professor Procópio Camargo. Esse crescimento do Protestantismo é devido, nos últimos anos, quase que exclusivamente ao incremento dos grupos pentecostais. Parece fora de dúvida que a porcentagem do Pentecostalismo, constituindo em 1932 apenas 9,5% da população protestante, sobe atualmente a mais de 60%”⁸.

O “Censo Institucional Evangélico”, realizado pelo Instituto Superior de Estudos da Religião (ISER) em treze municípios do Grande Rio entre 1990 e 1992 apresenta os seguintes resultados acerca do crescimento pentecostal, mormente nas faixas da população mais pobre e com menos escolaridade: Foram constatadas pelo ISER⁹ 85 diferentes denominações no Grande Rio. Dos 3.477 templos somados, 61% são de grupos pentecostais ao passo que 39% de protestantes históricos. Ainda constatou o ISER que entre 1990 e 1992 foram

⁸ Beatriz Muniz de Souza. Pentecostalismo em São Paulo. Tese de Doutorado, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro, Rio Claro, 1967, p. 1.

⁹ Rubem César Fernandes. O Governo das Almas: As Denominações Evangélicas no Grande Rio. In: ANTONIAZZI, Alberto et alii. Nem Anjos Nem Demônios. Ed. Vozes, 2^a Edição, Petrópolis, 1996, p.163-203.

registrados em cartório no Estado do Rio de Janeiro a fundação de 710 templos evangélicos, numa média de 5 novos templos por semana, 204 centros kardecistas, tendas de umbanda e terreiros de candomblé, e apenas uma paróquia católica. O ISER ao pesquisar ainda no Diário Oficial do Estado, descobriu que de cada dez templos criados, nove eram pentecostais.

De acordo com a pesquisa de campo realizada pelo Datafolha¹⁰, com amostra de 20.993 eleitores por todo o país, entre os dias 15 a 17 de agosto e 5 de setembro de 1994, os evangélicos na região sudeste perfaziam um total de 13,9% dos quais 3,4% eram constituídos de protestantes históricos e 10,6% de pentecostais. Da totalidade das regiões do Brasil, de 13,3% de evangélicos, 3,4% constituíam-se de protestantes históricos e 9,9% de pentecostais.

Pelos dados acima, os pentecostais constituem a grande maioria da população evangélica brasileira. Logo, é importante analisarmos como o pentecostalismo iniciou-se e desenvolveu-se no Brasil.

Paul Freston¹¹, ao tratar do desenvolvimento histórico do pentecostalismo no Brasil, propõe que o mesmo pode ser compreendido como a história de três ondas de implantação de igrejas. O termo *onda* parece sugerir uma “analogia física”, e já foi empregado por David Martin em sua análise da história do protestantismo, distinguindo neste três ondas: Puritana, Metodista e Pentecostal¹². Assim, segundo Freston, a *primeira onda* é a da década de 1910, com a chegada da Congregação Cristã no Brasil (1910) e da Assembléia de Deus (1911). Estas duas igrejas predominam no Brasil durante 40 anos, pois suas concorrentes são inexpressivas.

¹⁰ Antônio Flávio Pierucci e Reginaldo Prandi. A Realidade Social das Religiões no Brasil, HUCITEC, São Paulo, 1996, p. 216.

¹¹ Paul Freston. Protestantes e Política no Brasil: Da Constituinte ao Impeachment. Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993, p. 64-112.

Breve História do Pentecostalismo Brasileiro. In: ANTONIAZZI, Alberto et. alli. Nem Anjos Nem Demônios. Interpretações Sociológicas do Pentecostalismo, Ed. Vozes, 2ª Edição, Petrópolis, 1996, p. 67-159.

¹² David Martin. Tongues of Fire: The Explosion of Protestantism in Latin América. Oxford, Blackwell.

A Congregação Cristã no Brasil foi organizada no ano de 1910, no bairro do Brás, na cidade de São Paulo, por Luigi Francescon, um italiano que emigrou para os Estados Unidos, indo morar em Chicago em 1890, filiando-se à Igreja Presbiteriana, sendo batizado em setembro de 1903. Francescon recebeu forte influência de W. H. Durhan, pastor batista retro-referido que acabou por sedimentar as bases da doutrina do batismo no Espírito Santo. No dia 25 de agosto de 1907, Francescon recebeu o batismo no Espírito Santo com a evidência da glossolalia. Após esta experiência passou a pregar em várias cidades, dentre elas: Nova York, Chicago, Filadélfia, Saint Louis e Los Angeles. Ainda nos Estados Unidos, recebeu uma revelação de que deveria ir para Buenos Aires, na Argentina. Foi pois para a Argentina e de lá veio para o Brasil, tendo passado a freqüentar a Igreja Presbiteriana, mas logo entrou em choque com as lideranças presbiterianas de tradição calvinista. Dada à sua origem italiana, iniciou junto a colônia italiana uma atividade proselitista. Foi para o Paraná em companhia de Vincenzo Pievani, oriundo de Santo Antônio da Platina, na casa de quem iniciou um grupo de reunião com 11 pessoas. Tendo voltado a São Paulo, Francescon reiniciou seu labor proselitista, atraindo metodistas, presbiterianos, batistas e católicos. Por sua simplicidade, Francescon de início conseguiu atrair principalmente pessoas mais pobres da população, atraindo posteriormente pessoas da classe média.

A Congregação Cristã no Brasil foi-se espalhando por todo o país, tendo se iniciado primeiramente no Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro, Estados aos quais ficou circunscrita até os anos 50. Na década de 60 em diante começou a alcançar o Nordeste, Norte e Centro Oeste. Como registra Rolim, “o enraizamento da Congregação foi, sem dúvida, tarefa de italianos e seus descendentes. Sua expansão, porém, foi obra de brasileiros conversos”.¹³

A Assembléia de Deus foi fundada no Brasil no ano de 1911, na cidade de Belém, Estado do Pará, tendo sido seus fundadores Daniel Berg e Gunnar Vingren, imigrantes suecos que receberam influência do pentecostalismo norte-

americano. Eles eram membros da Igreja de W.H.Durhan em Chicago, onde receberam a influência pentecostal. Vieram para o Brasil em 1911, para Belém do Pará, com poucos recursos. Freqüentavam a princípio a Igreja Batista em Belém, sendo que após 7 meses congregando-a, ocorreu um cisma por causa da sua mensagem pentecostal. Ocorre que uma crente falou em línguas estranhas, não uma, mas muitas vezes. Tal fato foi presenciado por vários crentes, e o fato espalhou-se rapidamente. A repercussão deste fato resultou em forte resistência por parte das igrejas protestantes instituídas, o que acabou por resultar em um cisma na Igreja Batista. Dezenove pessoas foram excluídas da Igreja Batista e formaram uma nova Igreja, tendo a princípio sido adotado o nome de “Missão de Fé Apostólica”, que em 1917 passou a adotar o nome “Assembléia de Deus”.

Com a vinda de outros suecos a partir de 1914 a igreja foi solidificando-se cada vez mais. A expansão da AD deu-se inicialmente no Norte e Nordeste, nos primeiros 15 anos de sua fundação. A expansão para outros Estados deveu-se muito à ação dos leigos, devido ao fato de que Berg evangelizava ao longo da estrada de ferro Belém-Bragança e na Ilha de Marajó, enquanto Vingren pastoreava a igreja em Belém. Os migrantes evangelizados acabaram por levar a AD para outras partes do país.

A *segunda onda* é dos anos 50 e início de 60, quando o campo pentecostal experimenta uma fragmentação. As relações com a sociedade experimentam acentuado dinamismo e três grandes grupos surgem: A Igreja do Evangelho Quadrangular (1951), a Igreja Evangélica “O Brasil para Cristo (1955) e a Igreja Pentecostal Deus é Amor (1962). A I.E.Q. foi fundada no Brasil em 1951. À semelhança da C.C.B. e AD, também recebeu influência do pentecostalismo norte-americano.

Em 1953, Harold Willians iniciou no Brasil as atividades da I.E.Q., sendo auxiliado pelo pregador de cura divina Raymond Broatright. As campanhas evangelísticas eram realizadas em tendas de lona, nos moldes em que foram realizadas nos Estados Unidos, com o nome de Cruzada Nacional de

¹³ Francisco Cartaxo Rolim. Pentecostais no Brasil. Uma Interpretação Sócio-Religiosa, Ed. Vozes,

Evangelização. O movimento teve início na cidade de São Paulo e foi atingindo outras igrejas.

Conforme dados colhidos por Freston¹⁴ em 1991 a I.E.Q. contava com mais de 3.000 igrejas e 4.000 congregações, servidas por mais de 10.000 pastores.

Muito provavelmente devido ao fato de a fundação da I.E.Q. ter sido realizada por uma mulher, as mulheres se destacam na liderança da igreja, sendo que 35% dos pastores são mulheres, havendo casos em que a mulher é pastora titular e seu esposo pastor auxiliar.

A *terceira onda* começa no final dos anos 70 e ganha força nos anos 80. Suas principais representantes são a Igreja Universal do Reino de Deus (1977) e Igreja Internacional da Graça de Deus (1980).

Freston sugere algumas pistas indicando o porquê destas três ondas surgirem nos momentos indicados. 1ª) A primeira onda, iniciada nos anos 10 é o momento da origem mundial e expansão do pentecostalismo para todos os continentes; 2ª) A segunda onda, dos anos 50, começa quando a urbanização e a formação de uma sociedade de massas possibilitam um crescimento pentecostal que rompe com as limitações dos modelos existentes, especialmente em São Paulo; 3ª) A terceira onda começa após a modernização *autoritária* do país, principalmente na área das comunicações, quando a urbanização já atinge dois terços da população, o milagre econômico está exaurido e a 'década perdida' dos anos 80 se inicia. Para Freston esta onda começa e se firma no Rio de Janeiro.

No que tange aos motivos apresentados por Freston para a expansão do pentecostalismo, gostaria de acrescentar que a expansão do pentecostalismo na primeira metade do século XX liga-se diretamente às facilidades resultantes dos meios de transporte. No início do século era uma aventura ir de um lugar a outro do mundo, mas pouco a pouco os meios de transporte foram sendo aperfeiçoados possibilitando a imigração de muitas pessoas para o Brasil. Cândido Procópio considera que o protestantismo do Brasil é de imigração e de missão ou

Petrópolis, 1985, p. 39.

¹⁴ Paul Freston. Breve História do Pentecostalismo Brasileiro. In: "Nem Anjos nem Demônios" - Interpretações Sociológicas do Pentecostalismo, Ed. Vozes, 2ª Edição, Petrópolis, p. 114.

conversão.¹⁵ Com isto, queria ele referir-se aos protestantes que vieram para o Brasil com a finalidade de aqui residirem, como é o caso dos luteranos, e dos protestantes que para cá vieram com a finalidade de fundar uma nova igreja, fazendo convertidos através da atividade evangelística. Em ambos os casos, tal foi possibilitado pelo desenvolvimento dos meios de transportes. É importante lembrarmos que o desenvolvimento da C.C.B. deu-se a princípio entre os imigrantes italianos que aqui residiam.

Quanto ao surgimento da *segunda onda* relacionada ao processo de urbanização, Ferreira de Camargo já o havia indicado.¹⁶ Quero acrescentar que o processo de urbanização foi seguido pelo êxodo rural e por um intenso processo migratório no país. Muitos destes migrantes tiveram que lidar com uma nova realidade, enfrentando muitas vezes uma condição de desterritorialização, de perda de referenciais, e encontraram nas igrejas pentecostais uma comunidade na qual comungar com outros seus sonhos, suas inseguranças, seus dramas, suas vidas, conseguindo à partir daí reorganizarem suas vidas. Além disso, foram os migrantes pentecostais os responsáveis pela sua difusão da fé pentecostal para outras regiões do país. Não é sem razão que Daniel Berg realizava sua atividade evangelística na estrada de ferro Belém-Bragança, vindo muitos dos conversos a tornarem-se portadores da mensagem pentecostal para outras regiões do país. Assim, a urbanização, associada à facilidade de deslocar-se de um lugar para outro em razão do desenvolvimento dos meios de transporte, e a migração, foram determinantes para o surgimento da *segunda onda pentecostal*.

Como já obsevamos, Edir Macedo, fundador da Igreja Universal, é originário de uma família de migrantes nordestinos, sendo fruto portanto deste processo migratório e de urbanização.

Quanto ao surgimento da *terceira onda*, parece-me que deve-se realmente ao grande desenvolvimento dos meios de comunicação de massa, que ampliou ainda mais na década de 80 e 90, principalmente após o processo de

¹⁵ Cândido Prócópio Ferreira de Camargo. *Católicos, Protestantes e Espíritas*. Ed. Vozes, 1973, p. 105-116.

¹⁶ *Ibidem*, p. 50.

democratização no país, estabelecendo uma relação midiática entre as pessoas e os pregadores pentecostais. Com a abertura houve a possibilidade de igrejas pentecostais adquirirem um maior número de emissoras de rádios e conseguirem a concessão de canais de televisão, o que no período da ditadura militar era extremamente dificultado.

No que tange à classificação das igrejas pentecostais da *primeira onda* (C.C.B. e AD), fundadas no Brasil quase que simultaneamente, parece haver um consenso em denominá-las de *clássicas*, logo, a primeira onda do pentecostalismo brasileiro seria denominado *Pentecostalismo Clássico*, também chamado de histórico ou tradicional. O termo clássico tem origem americana, pois por volta de 1970 os norte-americanos adicionaram a designação *classical* às denominações pentecostais formadas no começo do século para distingui-las das protestantes renovadas.

Quanto à *segunda e terceira* ondas há divergências quanto à sua denominação. Para Bittencourt, as igrejas que se seguiram às do Pentecostalismo Clássico são por ele denominadas de Pentecostalismo Autônomo:

“No Brasil, sim, existe um pentecostalismo autônomo, aquele que nasce independentemente tanto do protestantismo clássico - com as suas marcas distintivas - quanto do pentecostalismo clássico, onde hoje se enquadra a Assembléia de Deus, a Congregação Cristã do Brasil e a Igreja do Evangelho Quadrangular. Fora dessas três - que já compõem quase que um ‘pentecostalismo tradicional’ no Brasil -, as demais compõem um pentecostalismo autônomo”¹⁷

Assim, para Bittencourt, todas as demais igrejas, Casa da Bênção, Deus é Amor, Nova Vida, O Brasil para Cristo, Maranata, Igreja Universal do Reino de Deus, dentre outras, são catalogadas como Pentecostalismo Autônomo, sendo

¹⁷ José Bittencourt Filho. As Seitas no Contexto do Protestantismo Histórico In *Sinais dos Tempos. Igrejas e Seitas no Brasil*. Cadernos do ISER nº 21.

que ele classifica a Igreja do Evangelho Quadrangular como pertencendo ao Pentecostalismo Clássico.

Mendonça, embora reconheça os termos neopentecostalismo e pentecostalismo autônomo como sendo a mesma coisa, ou seja, usado para referir-se às igrejas que se seguiram ao Pentecostalismo Clássico, faz a seguinte observação:

“O neopentecostalismo talvez até merecesse hoje um outro nome que não o de pentecostal. O pentecostalismo clássico traz forte herança cristã, e principalmente do cristianismo protestante. O neopentecostalismo perdeu dois elementos fundamentais desses dois ramos: do pentecostalismo clássico praticamente perdeu a segunda bênção (batismo com o Espírito Santo) e do protestantismo, a Bíblia. Em lugar desses elementos, entraram aspectos mágicos com o instrumental herdado das religiões correspondentes ao imaginário social, como novenas (IURD, IIGD, catolicismo popular), bênção da água tornando-a milagrosa (água benta), óleo, flores, chaves etc. Os atos de exorcismo entram como instrumental de reorganização do universo dos clientes, separando o bem do mal”.¹⁸

Mendonça conclui que o neopentecostalismo está inserido no contexto da magia e institui pois, igrejas mágicas. Mariano¹⁹ utiliza-se do termo Pentecostalismo Neoclássico para referir-se ao pentecostalismo da *segunda onda* e *neopentecostalismo* para referir-se ao pentecostalismo da *terceira onda*. A terminologia proposta por Mariano para referir-se às três ondas do pentecostalismo parece-me mais didática, faz jus aos três momentos do pentecostalismo no Brasil, além do que evita maiores confusões.

Assim, no que diz respeito à *primeira onda, pentecostalismo clássico*, que vai de 1910 a 1950 e que inclui a C.C.B. e AD, vale considerar que, se no início

¹⁸ Antônio Gouvêa Mendonça. *Protestantes, Pentecostais & Ecumênicos*, UESP, São Bernardo do Campo, 1997, p. 159-162).

eram compostas por pessoas mais pobres e de pouca escolaridade, e sofriam a discriminação dos protestantes históricos e perseguição por parte dos católicos, hoje conta em seus quadros, ainda que de forma reduzida, com setores de classe média, profissionais liberais e empresários. Continuam porém a expressar acentuado ascetismo e enfatizam o dom de línguas. Quanto à C.C.B., continua mantendo as mesmas posturas teológicas e litúrgicas dos primeiros tempos, expressando um sectarismo exacerbado, haja vista que não se considera igreja evangélica, nem protestante, além do que, afirma que só a C.C.B. é “o único caminho da salvação” e todos quantos não são seus membros são chamados de criaturas de Deus, sendo filhos de Deus apenas aqueles que são seus membros. Já a AD é mais flexível e, ainda que preservando acentuado ascetismo, tem contudo manifestado mudanças que indicam uma assimilação do desenvolvimento que vem ocorrendo no movimento pentecostal.

No que tange à *segunda onda, pentecostalismo neoclássico*, que teve seu início nos anos 50 em São Paulo com o trabalho desenvolvido pelos fundadores da Igreja do Evangelho Quadrangular, retro-referidos, acabou esta a provocar uma fragmentação denominacional no pentecostalismo brasileiro. Se antes havia basicamente a C.C.B. e a AD, surgem agora as Igrejas “O Brasil para Cristo” e a Igreja Pentecostal Deus é Amor, Casa da Bênção, dentre outras.

Segundo Mariano, no que se refere à teologia, as duas primeiras ondas pentecostais apresentam diferenças apenas na ênfase que cada qual dá a um ou outro dom do Espírito Santo, sendo que a primeira enfatiza o dom de línguas, enquanto que a segunda, o de cura. Assim ele conclui que “justifica-se, portanto, a divisão das duas primeiras ondas pentecostais pelo critério do corte histórico-institucional, mas não por diferenças teológicas significativas entre ambas, que não existem”.²⁰ Discordo de Mariano quanto a esta colocação no que se refere à Igreja do Evangelho Quadrangular, grupo bastante expressivo da segunda onda e

¹⁹ Ricardo Mariano. Neopentecostalismo: os pentecostais estão mudando, Tese de Mestrado, USP, São Paulo, 1995, p. 25.

²⁰ Ibidem, p. 25.

que, segundo ele próprio, teve um papel fragmentador, gerando outras denominações pentecostais.

A I.E.Q. apesar de enfatizar o dom de cura, sempre enfatizou também o dom de línguas, tanto é que promovia e promove reuniões de busca do batismo com o Espírito Santo, além do que, as diferenças litúrgicas e de usos e costumes introduzidos pela I.E.Q. são muito acentuadas, distanciando em muito do pentecostalismo clássico.

A I.E.Q. “introduziu, nos cultos, o uso de instrumentos antes só usados em *shows*, como guitarras elétricas e instrumentos de sopro e o cântico de corinhos ao estilo ‘*country*’²¹. Introduziu em seguida o uso de baterias e toda sorte de instrumentos disponíveis. É importante ressaltar que tal prática por parte da I.E.Q. está ligada diretamente às mudanças culturais ocorridas nas décadas de 50 e 60, quando a bateria e a guitarra tornaram-se instrumentos popularizados pelas bandas de *rock*. A I.E.Q. também foi quem introduziu o uso litúrgico das “palmas para Jesus”. Vale lembrar que até hoje o uso de palmas não é bem recebido pelos *pentecostais clássicos* em suas liturgias. Foi a I.E.Q. também quem passou a utilizar cânticos com música popular adaptados a letras religiosas em seus cultos. Na verdade, pelo fato de ter surgido há quase 50 anos atrás, a I.E.Q. introduziu formas litúrgicas revolucionárias, que à época sofreram enorme resistência por parte do pentecostalismo clássico e dos protestantes históricos²², que não aceitavam em seus cultos guitarra e muito menos bateria. No que diz respeito à questão de usos e costumes, a I.E.Q. não colocava e não coloca sobre seus membros nenhuma imposição. As mulheres podem vestir calças compridas, vestidos, saias, bem como podem cortar o cabelo, se maquiar e usar jóias ou qualquer outro adereço. Ora, se até hoje os assembleianos chamam as mulheres

²¹ Antônio Gouvêa de Mendonça. *Protestantes, Pentecostais & Ecumênicos*, UMESP, São Bernardo do Campo, 1997, p. 158.

²² Paul Freston. *Breve História do Pentecostalismo* In “*Nem Anjos Nem Demônios*”, Ed. Vozes, Petrópolis-RJ, 1996, p. 67-68, questiona o uso do termo Protestantismo Histórico afirmando: “O protestantismo é geralmente dividido em históricos e pentecostais; já que os pentecostais não são históricos, não possuem história! Em consequência, a sociologia desse vasto fenômeno é prejudicada. O pentecostalismo é aprisionado numa jaula atemporal, e não se percebe quando a jaula está ficando pequena para o tigre”.

que usam cabelos curtos, maquiagem e jóias de “Jezabel”²³, com maior ênfase faziam nos idos anos 50.

Creio ser necessário também observar que os pentecostais, principalmente os *clássicos* e alguns *neoclássicos* como Deus é Amor, não têm muita compreensão do que seja teologia ou doutrina. Na verdade, os pentecostais clássicos sempre foram avessos ao estudo teológico, sendo que de pouco tempo para cá é que a AD tem procurado proporcionar alguma formação teológica aos seus pastores. Quanto à C.C.B. sempre foi avessa à formação teológica, bem como até hoje não permite que seus membros leiam qualquer literatura religiosa, exceto a Bíblia. Até hoje nas AD os pregadores evitam usar um esboço escrito por ocasião da pregação de seus sermões, pois tal é compreendido como pregar na “carne” e não no “Espírito”, como se o uso do intelecto, da mente, fosse uma demonstração de fraqueza espiritual. Na verdade, se se perguntar para um membro comum da AD o que é doutrina, muito provavelmente ele responderá falando de usos e costumes como corte de cabelo, roupas, proibição de ir a determinados lugares e de ingerir certas bebidas. Enfim, a questão litúrgica e de usos e costumes tem igual, senão maior relevância entre os pentecostais clássicos que a teologia. Tal se explica talvez, além da ênfase dada na questão da experiência pneumática, acessível a todos os que crêem, à baixa escolaridade de seus membros, sendo muitos analfabetos ou semi-analfabetos, com grandes dificuldades de abstração.

Com estas considerações concluo estas observações afirmando que no que se refere à I.E.Q., as diferenças para com o pentecostalismo clássico são significativas, sinalizando já nos anos 50 para aspectos que deveriam se fazer presentes no neopentecostalismo, enquanto que as igrejas tais como Deus é Amor e Brasil para Cristo se aproximam em grande medida das do pentecostalismo clássico.

²³ Referência a uma personagem do Velho Testamento, mulher do rei Acabe, que se destacou pela sua malignidade. Segundo o registro bíblico ela pintava os olhos e enfeitava os cabelos (I Reis 16:31-21:25; II Reis 9:7-37 e Apocalipse 2:20).

Quero acrescentar ainda que o crescimento dos pentecostais, que começa a ocorrer nos anos 60, conforme bem demonstrou Beatriz Muniz de Souza, deve-se não somente ao ingresso de católicos, membros de religiões afro-brasileiras e outras religiões para as suas fileiras, mas também das próprias igrejas protestantes históricas, que experimentam parcialmente um processo de pentecostalização. Assim, não é incomum hoje, membros de igrejas protestantes históricas migrarem para igrejas pentecostais, e principalmente para as neopentecostais, e serem por estas influenciadas no que tange à sua prática cúltica²⁴ e até mesmo sua teologia. Chegou-se mesmo a ser cunhado no meio evangélico a expressão “pescador de aquário” para referir-se àqueles pregadores que fazem proselitismo com membros de outras igrejas evangélicas procurando atraí-los para suas igrejas.

Já em 1977, Aúreo Bispo dos Santos percebeu esse processo de pentecostalização nas denominações do protestantismo histórico:

“Desde 1957 um movimento religioso tem penetrado nas denominações históricas (Presbiteriana, Batista, Congregacional e Metodista) ressaltando-se o batismo do Espírito Santo, glossolalia, experiências de curas miraculosas, profecias e interpretações de línguas, além de outros dons espirituais. As denominações protestantes históricas rejeitam o movimento por considerá-lo estranho aos costumes, às doutrinas, às atitudes, aos valores e ao comportamento destas denominações tradicionais.

“Como o movimento se assemelha às crenças, à conduta, aos valores, a liturgia e aos cultos das comunidades pentecostais tem sido chamado de **Pentecostalização das denominações históricas**. A rejeição do movimento pelo Protestantismo Histórico tem ocasionado divisões ou cismas no seio destas denominações tradicionais. Conseqüentemente, várias comunidades tem surgido com o nome e o sistema eclesiástico das denominações de origem.

²⁴ Prática cúltica: a prática de culto, litúrgica, de reunião para adoração.

“Os líderes deste movimento religioso chamam-no, não de pentecostalização, mas de **movimento de renovação espiritual** e as congregações renovadas são chamadas de ‘Igrejas da Renovação Espiritual’”²⁵

É também importante estabelecermos a relação entre o crescimento do pentecostalismo no Brasil e sua relação com as faixas mais pobres da população.

Em trabalho de pesquisa realizado Por Maria das Dores Campos Machado, ela estabeleceu a relação entre o crescimento das denominações pentecostais e sua inserção nos grupos economicamente desfavorecidos e de menor instrução.

“O grande crescimento dessas denominações no universo protestante explica por certo a associação entre o evangelismo e os grupos economicamente desfavorecidos e de menor instrução, registrados na Pesquisa Nacional por Amostra (PNAD) de 1988. De acordo com os indicadores compilados a partir da religião, os protestantes constituem o grupo com os maiores percentuais de fiéis com renda familiar inferior a dois salários mínimos e de pessoas com menos de três anos de escolaridade. Estes índices levaram Fernandes (1994) a afirmar que ‘o movimento evangélico se distingue pela sua penetração nas faixas mais pobres da população’ brasileira.

“Levantamentos institucionais como o realizado em 1992 pelo Instituto Superior de Estudos da Religião (ISER) para a Região Metropolitana do Rio de Janeiro, revelam igualmente que, quanto mais pobre a região, maior a densidade de templos evangélicos, em relação ao número de habitantes e ao de domicílios (ISER, 1992:p.5). E o que é mais interessante para o presente trabalho: dos 3.477 templos registrados na região do Grande Rio, 61,03% são de denominações pentecostais e 38,97% de igrejas protestantes históricas. Esta diferença cresce significativamente quando se

²⁵ Aúreo Bispo dos Santos. Pentecostalização do Protestantismo Histórico, Cadernos do ISER, nº

destacam os três primeiros anos da década de 1990, período em que os grupos pentecostais foram responsáveis pela criação de 91,27% dos templos (Ibid.:p.18). A identificação desses templos com as Igrejas sugere que a vitalidade do movimento pentecostal está associada à proliferação de pequenas denominações de iniciativa local e autônomas em relação às hierarquias maiores 'que se formam em múltiplos segmentos, por geração [...] espontânea e pobre, na base da sociedade.'(Ibid.:p.21).²⁶-

Os dados apontados pelo ISER, bem como pela pesquisa realizada pelo *Datafolha* parecem associar diretamente o pentecostalismo às classes mais pobres da população. Este parece medrar mais em meio à pobreza que entre as classes mais abastadas.

Estes dados vem confirmar algo que já era perceptível a um observador mais atento ao adentrar num templo pentecostal de qualquer de suas denominações. Percebia-se logo que as pessoas eram de classes mais pobres e de formação escolar baixa. Tal constatação se podia perceber através do pregador, que de forma sofrível lidava com a língua portuguesa, através de conversas com os membros da igreja, da observação da maneira dos mesmos se vestirem, e num contato mais próximo, através da observação do lugar onde viviam e do local onde moravam.

Podia o observador perceber também que o discurso e a prática dos pentecostais era marcada por profundo ascetismo. As mulheres não podiam cortar o cabelo, usar maquiagem, calças compridas, jóias ou qualquer outro adereço, e, no caso das solteiras, só podiam namorar moços da mesma denominação. Os homens tinham que ir de terno e gravata na igreja, sendo que não era costume deles usar calça jeans e tênis, era-lhes proibido usar bermuda, deviam estar sempre bem barbeados, além do que, deviam ter seus cabelos sempre bem aparados e só podiam namorar moças da própria denominação. Todos eles,

6, março de 1997, p. 21-24.

²⁶ Maria das Dores Campos Machado. *Carismáticos e Pentecostais. Adesão Religiosa na Esfera Familiar*, ANPOCS, Campinas, 1996, p. 43-44.

homens e mulheres, casados ou solteiros, não podiam ir ao cinema, não podiam ter televisão em casa ou assisti-la onde quer que fosse, além do que, não podiam freqüentar lanchonetes, bares, ir a bailes, praticar esportes etc. Vícios como beber, fumar, jogar, eram de todo reprovados. Havia um policiamento cerrado sobre os membros da igreja, que poderiam ser disciplinados por desrespeitar qualquer destas normas.

A pregação pentecostal sempre foi caracterizada por acentuada ênfase no ascetismo e numa vida de resignação. Assim é que os pentecostais conhecem muito mais os usos e costumes da igreja, que é algo bem concreto, que a doutrina da igreja, que na verdade eles acabam por confundir com usos e costumes, o que fica claro na afirmação deles aos crentes de igrejas protestantes históricas quando acusam: “sua igreja não tem doutrina”, numa alusão aos usos e costumes.

A pregação pentecostal sempre foi marcada por uma forte ênfase na resignação, sendo que os seus membros eram incentivados à busca das coisas espirituais: oração, consagração, santificação, e especialmente ao batismo no Espírito Santo, ou seja, a experiência de falar em línguas estranhas. Eram incentivados à resignação, à renúncia das coisas deste mundo, e a aguardarem a riqueza do céu, onde morariam numa cidade cujos fundamentos é de ouro e em cujas habitações há prata e pedras preciosas em abundância.

Assim é que muitas comunidades pentecostais cantavam:

“Lá está o meu tesouro,
Lá onde não há choro,
Onde todos cantaremos juntos
Hinos de louvor ao Senhor”.

Ou então:

“Jerusalém, que bonita é,
Ruas de ouro, mar de cristal.

Por estas ruas de ouro eu andarei,
Ruas de ouro, mar de cristal”.

A busca do dinheiro, da riqueza, eram vistos com desconfiança em relação ao fiel. “Estará o irmão se tornando materialista? Estará o irmão se mundanizando?” Enfim, as igrejas pentecostais viam na resignação, na renúncia às coisas deste mundo, no desapego à riqueza, aos bens materiais, e na busca das coisas espirituais, uma grande virtude.

Neste sentido o pentecostalismo continuou a desenvolver práticas pietistas. Sua preocupação se dirigia para o “outro mundo”, a “outra vida”, a vida eterna, pós-morte. Enfim, a sua prática religiosa nesta vida orientava-se para a vida no além.

Bourdieu faz a seguinte consideração sobre a relação entre posição social e prática religiosa:

“Se a religião cumpre funções sociais, tornando-se, portanto, passível de análise sociológica, tal se deve ao fato de que os leigos não esperam da religião apenas justificações de existir capazes de livrá-los da angústia existencial da contingência e da solidão, da miséria biológica, da doença, do sofrimento ou da morte. Contam com ela para que lhes forneça justificações de existir em uma posição social determinada, em suma, de existir como de fato existem, ou seja, com todas as propriedades que lhes são socialmente inerentes. Segundo Weber, a questão da origem do mal (*unde malum et quare?*) torna-se uma interrogação sobre o sentido da existência humana apenas no caso das classes privilegiadas, sempre à procura de uma ‘teodicéia de sua boa sorte’. Em geral, tal questão constitui uma interrogação social a respeito das causas e razões das injustiças e privilégios sociais. Assim, as teodicéias são sempre *sociodicéias*”.²⁷

Na compreensão de Bourdieu, e segundo Weber, as pessoas esperam da religião não apenas uma justificação que lhes dê sentido à vida face à existência, mas que lhes dê uma justificação do porquê ocupam uma determinada posição social.

Assim continua ele:

“Na medida em que os interesses religiosos (pelo menos no que têm de pertinente para a sociologia) têm por princípio a necessidade de justificar a existência numa dada posição social, eles são diretamente determinados pela situação social. Logo, a mensagem religiosa mais capaz de satisfazer a demanda religiosa de um grupo e, portanto, de exercer sobre ele sua ação propriamente simbólica de mobilização, é aquela que lhe fornece um (quase) sistema de justificativas de existir enquanto ocupante de uma posição social determinada.

“A harmonia quase miraculosa que sempre se observa entre o conteúdo da mensagem religiosa que consegue se impor e os interesses mais estritamente temporais, isto é, políticos, de seus destinatários privilegiados, deduz-se da definição propriamente sociológica da mensagem religiosa, na medida em que ela constitui uma condição *sine qua non* de seu êxito. Assim, por exemplo, Max Weber observa que ‘conceitos tais como ‘erro’, ‘redenção’, ‘humildade’ religiosas, são não apenas alheios mas antinômicos ao sentimento de dignidade próprio de todas as camadas politicamente dominantes e, em particular, da nobreza guerreira.

(...) As demandas religiosas tendem a organizar-se em torno de dois grandes tipos que correspondem a dois grandes tipos de situações sociais, ou seja, as *demandas de legitimação* da ordem estabelecida próprias das

²⁷ Pierre Bourdieu. A Economia das Trocas Simbólicas. Editora Perspectiva, 5ª Edição, São Paulo, 1998, p.48-49.

classes privilegiadas, e as *demandas de compensação* próprias das classes desfavorecidas (religiões de salvação).

“Max Weber encontra o princípio dos sistemas religiosos na representação que as classes privilegiadas e as classes ‘negativamente privilegiadas’ fazem de sua posição na estrutura social: entre os primeiros, o sentimento da dignidade prende-se à convicção de sua própria ‘excelência’, da perfeição de sua conduta de vida, ‘expressão do seu *ser qualitativo* que é o próprio fundamento de si e que não remete a mais nada’; entre os segundos, funda-se apenas em uma promessa de redenção do sofrimento, e no apelo da providência capaz de dar sentido ao que são a partir do que virão a ser”²⁸

Desta forma, a pregação pentecostal parece justificar aquilo que era objetivo na vida dos membros das igrejas, ou seja, sua pobreza. Sua pregação fundava-se em uma promessa de redenção do sofrimento, e no apelo da providência capaz de dar sentido ao que eram a partir do que viriam a ser. Ou seja, aqui e agora pobreza, resignação, mas no além ruas de ouro, plena riqueza.

3. O Neopentecostalismo.

A Igreja Nova Vida, fundada em 1960 no Rio de Janeiro pelo missionário canadense Robert McAlister está na origem das Igrejas Universal do Reino de Deus, Internacional da Graça de Deus e Cristo Vive, as quais, juntamente com a Igreja Renascer em Cristo e Comunidade Sara Nossa Terra, constituem as principais denominações da *terceira onda*, ou seja, o *neopentecostalismo*.

Ricardo Mariano²⁹, procurando sintetizar as ênfases de vários pesquisadores no campo neopentecostal, conclui por identificar três aspectos

²⁸ Ibidem, p. 86-87.

²⁹ Ricardo Mariano. Neopentecostalismo: os pentecostais estão mudando. Tese de Mestrado, USP, São Paulo, 1995, p. 28.

distintivos no neopentecostalismo: 1º) ênfase na guerra contra o diabo e seu séquito de anjos decaídos, identificados principalmente aos cultos afro-brasileiros e espíritas; 2º) pregação da Teologia da Prosperidade; 3º) liberalização dos estereotipados usos e costumes externos de santidade, que até há pouco figuravam como símbolos da conversão ao pentecostalismo.

Concordo com Mariano que a liberalização dos estereotipados usos e costumes externos de santidade é uma característica distintiva do neopentecostalismo em relação ao pentecostalismo clássico. Quanto à IEQ, que figura no pentecostalismo neo-clássico, rompeu com os usos e costumes do pentecostalismo clássico e é bastante liberal nesta questão. Todavia, os neopentecostais não ficam a enfatizar tal questão, talvez com algumas poucas exceções. Simplesmente os neopentecostais adotam este estilo livre de vestir, maquiar etc., mas não ficam fazendo alarde disto, ou seja, tal característica não é a todo tempo inculcada nos membros, simplesmente é reproduzida. Já o mesmo não acontece no que diz respeito à guerra contra o diabo, a Teologia da Prosperidade e a cura divina, que são enfocados e inculcados em suas reuniões.

Assim, a batalha espiritual contra as hostes do mal foi deflagrada pelo neopentecostalismo, que em nome de Jesus “amarra” os demônios e expulsa-os das pessoas. A eles é atribuída toda sorte de mal, desde doenças até pobreza.

O neopentecostalismo com a liberalização dos usos e costumes estabeleceu para os pentecostais um novo estilo de viver, que consiste em vestir-se bem, ter uma vida confortável e desfrutar dos prazeres desta vida. Para viver nesse novo estilo é necessário dinheiro. Assim, o neopentecostalismo passou a pregar a Teologia da Prosperidade, afirmando que Deus quer que seus filhos sejam prósperos em todas as áreas de suas vidas, estimulando a busca de uma vida melhor através da fé em Deus, marcada por uma relação de trocas, na qual o crente entrega a Deus a sua oferta em dinheiro e ele lhe concede o que deseja.

A Igreja Universal do Reino de Deus é certamente a “ponta-de-lança do neopentecostalismo”, e por conseguinte, atualmente, o último desdobramento do pentecostalismo. A Igreja Universal reúne vários elementos do pentecostalismo,

tanto do pentecostalismo clássico quanto do neo-clássico. Podemos mesmo afirmar que a Igreja Universal é uma síntese destas duas expressões do pentecostalismo, uma versão atualizada do mesmo, orientada de acordo com os ditames da sociedade. Do pentecostalismo clássico a Igreja Universal absorveu a *glossolalia*, não obstante não lhe dê tanta ênfase, assim como faz no que se refere ao exorcismo. Todavia, afirma-se como igreja pentecostal, e para tanto, a crença na *glossolalia* é *conditio sine qua non* para que a mesma seja assim considerada. Do pentecostalismo neo-clássico a Igreja Universal absorveu a ênfase na cura física, um elemento importantíssimo para a divulgação da igreja.

A Igreja Universal por fim rompeu com os tradicionais usos e costumes pentecostais no que se refere a vestuário, maquiagem, proibição de assistir a programas televisivos etc., e concedeu ampla liberdade de ação aos seus membros, que podem usufruir de tudo quanto existe no mundo. Assim, a Igreja Universal distanciou-se do pentecostalismo quanto à ascese por este preconizada, e inseriu-se totalmente na sociedade de consumo, estimulando seus membros ao enriquecimento, a uma vida prazerosa. Se para os pentecostais clássicos o céu era só para depois da morte, a Igreja Universal promete àqueles que a ela se aderirem o paraíso na terra, o livramento do sofrimento, da dor, enfim, a plena felicidade.

Campos, procurando situar o neopentecostalismo iurdiano, estabelece uma relação entre este e o desenvolvimento do capitalismo:

“Em todos os modelos construídos, a Igreja Universal do Reino de Deus, como parece ser óbvio para todos, é classificada como uma Igreja ‘neopentecostal’. Preferimos considerá-la também como um *pentecostalismo tardio*, cuja especificidade está justamente em adequar a sua mensagem às necessidades e desejos de um determinado público. Trata-se de uma Igreja que atua dentro de um quadro de pluralismo religioso, cuja estratégia é localizar nichos de pessoas insatisfeitas, provocando nelas estímulos diferenciados a fim de atraí-las para novas experiências religiosas.

“A Igreja Universal é um empreendimento religioso ligado ao surgimento de um *capitalismo tardio* e a um quadro cultural, em que as ferramentas de *marketing* desempenham um importante papel”.³⁰

Parece-me que a análise de Campos orienta-se de conformidade com o preconizado por Jameson, que entende ser a pós-modernidade orientada pela lógica cultural do capitalismo tardio, no qual toda a cultura foi transformada em mercadoria:

“Assim, na cultura pós-moderna, a própria ‘cultura’ se tornou um produto, o mercado tornou-se seu próprio substituto, um produto exatamente igual a qualquer um dos itens que o constituem: o modernismo era, ainda que minimamente e de forma tendencial, uma crítica à mercadoria e um esforço de forçá-la a se autotranscender. O pós-modernismo é o consumo da própria produção de mercadorias como processo. O ‘estilo de vida’ da superpotência tem, então, com o ‘fetichismo’ da mercadoria de Marx, a mesma relação que os mais adiantados monoteísmos têm com os animismos primitivos ou com as mais rudimentares formas de idolatria; na verdade, qualquer teoria sofisticada do pós-moderno deveria ter com o velho conceito de ‘indústria cultural’ de Adorno e Horkheimer uma relação semelhante à que a MTV ou os anúncios fractais têm com os seriados de televisão dos anos 50”.³¹

De certa forma, todos os grupos religiosos ligados ao neopentecostalismo se orientam por esta via, ou seja, a vida do mercado, mas nenhum deles tem hoje a expressão que tem a Igreja Universal, não somente em quantidade de adeptos mas também em visibilidade na mídia. A Igreja Universal tem se firmado cada dia

³⁰ Leonildo Silveira Campos. Teatro, Templo e Mercado. Ed. Vozes, Petrópolis, 1997, p. 52.

³¹ Fredric Jameson. Pós-Modernismo: A Lógica Cultural do Capitalismo Tardio. Ed. Ática, São Paulo, 1996, p. 14.

mais como uma igreja que tem conquistado a simpatia de grande parte de pessoas, além do que, tem conseguido cada dia mais aliados no meio evangélico, pois muitas igrejas que antes a criticavam, hoje lhe oferecem a destra de comunhão, prontas a defendê-la como igreja irmã.

Não nos estenderemos mais sobre as características do neopentecostalismo, pois o faremos no decorrer deste trabalho ao analisarmos a teologia e o culto da Igreja Universal.

A TEOLOGIA DA PROSPERIDADE

É de fundamental importância analisarmos a teologia da Igreja Universal, pois esta funciona como um quadro de referência para os seus membros, sendo-lhes inculcada constantemente em todas as suas reuniões, e atua como um elemento de legitimação de sua prática religiosa. É este componente legitimador da teologia da Igreja Universal que pretendemos enfocar neste capítulo.

Berger tece as seguintes considerações sobre o papel da legitimação, e em particular, da legitimação religiosa:

“Por legitimação se entende o ‘saber’ socialmente objetivado que serve para explicar e justificar a ordem social. Em outras palavras, as legitimações são as respostas a quaisquer perguntas sobre o ‘porquê’ dos dispositivos institucionais”. “(...) Toda legitimação mantém a realidade socialmente definida. A religião legitima de modo tão eficaz porque relaciona com a realidade suprema as precárias construções da realidade erguidas pelas sociedades empíricas. As tênues realidades do mundo social se fundam no sagrado *realissimum*, que por definição está além das contingências dos sentidos humanos e da atividade humana”. “(...) Toda legitimação serve para manter a realidade - isto é, a realidade, definida numa coletividade humana particular. A legitimação religiosa pretende relacionar a realidade humanamente definida com a realidade última, universal e sagrada. As construções da atividade humana, intrinsecamente precárias e contraditórias, recebem, assim, a aparência de definitiva segurança e permanência. Dito de outra maneira, os *nomoi* humanamente construídos ganham um *status* cósmico”. “(...) As legitimações religiosas fundam, porém, a realidade socialmente definida das instituições na realidade última do universo, na realidade ‘como tal’. Confere-se, assim, às

instituições uma aparência de inevitabilidade, firmeza e durabilidade análogas a essas qualidades tais como se atribuem aos próprios deuses”.¹

Conforme as definições e considerações de Berger, o mundo, a sociedade, é uma construção feita pelo homem. Ele precisa todavia justificar o mundo por ele mesmo criado afim de mantê-lo firme, de proporcionar uma certa segurança. Assim, o homem utiliza-se da religião afim de justificar a razão de ser da sociedade por ele construída. Ele procura ocultar das pessoas o caráter de coisa construída da ordem institucional, passando-lhes a idéia de uma coisa que foi formada *ex nihilo*. Assim, como afirma Berger, a melhor forma de manter a instituição é fazer com “que as pessoas esqueçam que esta ordem foi estabelecida por homens e continua dependendo do seu consentimento. Que acreditem que, executando os programas institucionais que lhes foram impostos, limitam-se a realizar as mais profundas aspirações do seu ser e a se porem em harmonia com a ordem fundamental do universo. Em suma: estabelece legitimizações religiosas”.²

Geralmente, a religião, a fim de legitimar-se, invoca para tanto alguma forma de revelação divina, a qual torna-se inquestionável. Assim, a Igreja Universal utiliza-se da Bíblia, afirmando que sua teologia e prática estão firmadas nela, sendo pois, de acordo com a vontade de Deus. O próprio nome da igreja está associado ao “reino de Deus”. Logo, a Igreja Universal origina-se de Deus, faz parte de seu reino, e cumpre a sua vontade. Os seus bispos não fazem mais do que dizer aos membros da igreja o que Deus quer deles e a mostrar-lhes o que Deus quer lhes dar. Enfim, não leva-se em conta que a Igreja Universal é uma organização humana, que situa-se num contexto social, sendo fruto desta sociedade. Todavia, a Igreja Universal surgiu num contexto social específico, e

¹ Peter L. Berger. O Dossel Sagrado. Paulus, São Paulo, 2ª Edição, 1985, p. 42, 45, 48-49.

² Ibidem, p. 46.

sua teologia e prática estão ligadas diretamente às mudanças ocorridas no seio do pentecostalismo e da sociedade brasileira.

A concepção religiosa difundida durante tanto tempo pelo pentecostalismo tem sofrido profundas alterações, pois o mesmo tem rompido com seu sistema de valores até pouco tempo tido como absoluto, dando lugar a uma prática religiosa pautada pela busca do enriquecimento, do desfrute deste mundo, do prazer. Tais mudanças são claramente perceptíveis no universo religioso pentecostal, e foram encabeçadas pelas igrejas neopentecostais, que absorveram e desenvolveram uma nova concepção de ser cristão, que traz consigo as marcas do sucesso e da vitória. Assim, ser um verdadeiro cristão passou a ser sinônimo de ser bem sucedido em todas as áreas da vida. Se a teologia pentecostal do pentecostalismo clássico procurava em sua *teodicéia* justificar a razão de ser da pobreza, de vez que o universo de seus membros era majoritariamente composto de pessoas pobres, o neopentecostalismo passou a desenvolver uma teologia que justificasse a razão de ser rico e estimulasse a busca da riqueza, da prosperidade. Assim, se antes havia uma teologia que justificava a razão da pobreza, agora há uma teologia que busca justificar a razão da riqueza.

O surgimento de uma teologia com este enfoque não aconteceu de forma gratuita, ocasional, mas no contexto de mudanças sociais que fizeram com que a mesma emergisse. Mariano tece as seguintes considerações sobre as mudanças sociais que levaram ao surgimento da TP:

“Enquanto seus fiéis foram esmagadoramente pobres e estiveram privados de bens materiais, culturais e educacionais, o sectarismo e o ascetismo pentecostal não geraram grandes tensões. Mas, com a ascensão social de parte dos fiéis, as tensões poderiam se intensificar, e muito, não fosse a acomodação ao mundo ou a dessectarização promovida pelo pentecostalismo. Pois, diante da mobilidade social dos fiéis, das promessas da sociedade de consumo, dos serviços de crédito ao consumidor, dos sedutores apelos do lazer e das opções de entretenimento

criadas pela indústria cultural, esta religião ou se mantinha sectária e ascética, aumentando sua defasagem em relação à sociedade e aos interesses ideais e materiais dos crentes, ou fazia concessões. Frente às mudanças na sociedade e às novas demandas do mercado religioso, muitos de seus líderes optaram por ajustar gradativamente sua mensagem e suas exigências religiosas à disposição e às possibilidades de cumprimento por parte de seus fiéis e virtuais adeptos. O sectarismo e o ascetismo começaram a dar lugar à acomodação ao mundo, acompanhando o processo de institucionalização, ou a rotinização do carisma, do pentecostalismo. No EUA, isto se deu já nos anos 50 e 60. No Brasil, este processo é mais recente, principia nos anos 70 e se aprofunda com o nascimento e crescimento do neopentecostalismo.

“Agora, muitos crentes, além de desejosos, reuniam condições de desfrutar das boas coisas que o mundo podia oferecer. Para isto, entretanto, primeiro era preciso substituir suas concepções teológicas que diziam que os verdadeiros cristãos seriam, senão materialmente pobres, ao menos desinteressados de coisas e valores terrenos. Com sua diversidade interna, o pentecostalismo poderia dar conta dessa nova demanda e de outras. E deu, entre outras formas, com o surgimento da Teologia da Prosperidade”.³

A Teologia da Prosperidade, cujo surgimento estaremos analisando ao longo deste capítulo, difunde a idéia de que Deus quer conceder àqueles que nele confiam uma vida próspera, rica. Assim, a Teologia da Prosperidade, ao mesmo tempo em que legitima a riqueza apresentada pelos líderes das igrejas que a proclamam, bem como por aqueles que encontram-se numa situação de ascensão social, financeira, ascensão esta que é apresentada como resultado de

³ Ricardo Mariano. Neopentecostalismo. Os pentecostais estão mudando. Dissertação de Mestrado em Sociologia apresentada ao Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1995, p. 146-147.

sua vida de fé, incentiva aqueles que estão vivendo na pobreza a buscarem a riqueza por meio de uma atitude de fé, partindo da premissa de que Deus é um pai rico e que quer o enriquecimento de seus filhos. Desta forma a riqueza é a bênção divina objetivada. Prosperidade é apresentada como resultado de uma vida de fé, sem tecer nenhuma consideração no que tange às questões de ordem social, como por exemplo, o trabalho.

Os membros das igrejas neopentecostais parecem não ver nenhum problema no que tange ao enriquecimento de seus líderes, pois tal enriquecimento é percebido por eles como decorrência de sua fé, que eles devem procurar imitar afim de que se tornem também bem sucedidos financeiramente. Assim, a Teologia da Prosperidade, se por um lado legitima a condição financeira dos ricos ou dos que se encontram numa situação financeira melhor, por outro lado desperta nos pobres o desejo de enriquecer, levando-os a agir de conformidade com o que pregam os bispos ou pastores.

Se em algum momento da história da igreja cristã a pobreza foi vista como virtude, como no caso dos franciscanos e das ordens mendicantes, na Igreja Universal a pobreza é vista como coisa do diabo. Assim podemos perceber pela resposta do bispo Macedo ao ser indagado: *“Como se faz para saber se o sujeito está possuído pelo diabo?”* E sua resposta foi: *“Toda sorte de miséria e desgraça, até o desemprego, é sintoma da ação do diabo. Não quero dizer que todos os pobres sejam endemoninhados, pelo contrário. Quero dizer que quem tem o diabo no corpo acaba na miséria”*.⁴

Se por um lado a Igreja Universal é uma igreja que nasceu voltada prioritariamente para a classe pobre, à semelhança do pentecostalismo em geral,

⁴ Revista *Veja*, 6 de abril de 1.995, p. 74-75.

por outro lado ela jamais fez uma opção pela pobreza. Antes, colocando-se ao lado dos pobres dirigia-lhes e continua dirigindo-lhes uma mensagem bem clara: *Deus quer libertá-los de todo o mal, inclusive da pobreza*, e se apresentava como sendo o instrumento de Deus para realizar tal feito em suas vidas.

A Teologia da Prosperidade procurou romper o dualismo material *versus* espiritual, e passou a propagar que não há nada tão espiritual quanto o dinheiro, na medida em que o mesmo é resultado da bênção de Deus e consagrado a ele. A partir desta inversão axiológica muita mudança pôde ser notada nas igrejas pentecostais, que têm recebido forte influência do neopentecostalismo, pois o critério de aferição da espiritualidade do crente deixou de ser a *glossolalia*, o falar em línguas pela ação do Espírito Santo, e passou a ser a quantidade de bens acumulada pelo crente.

Berger considera que “a necessidade de legitimação ocorre no decurso da atividade” .⁵ Desta forma, as elaborações teológicas, como “saber socialmente objetivado” ocorrem em meio à situações concretas, não são criadas de antemão visando a sua imposição a uma determinada comunidade de pessoas. Foi assim que a Teologia da Prosperidade foi sendo elaborada e reelaborada, de conformidade com o desenvolvimento da prática religiosa, visando a justificação de uma realidade social concreta, tangível, não hipotética.

Assim, a Teologia da Prosperidade surgiu dentro do contexto de uma realidade social na qual o mercado tornou-se hegemônico, tendo como objetivo justificar a participação dos crentes em tudo quanto este mercado possa proporcionar, e por esta via, acabou por legitimar o próprio mercado enquanto tal. O raciocínio parece ter caminhado da seguinte forma: *se não nos é possível mais resistir à força do mercado, dada à sua hegemonia, unamo-nos a ele, procuremos tirar o maior proveito possível do mesmo.*

A Teologia da Prosperidade deu a largada para a corrida atrás do ouro nas igrejas neopentecostais, arrastando muitos crentes do pentecostalismo clássico,

⁵ Peter L. Berger. O Dossel Sagrado. Paulus, 2ª Edição, São Paulo, 1985, p. 54.

levando-os a acreditar que Deus quer lhes fazer ricos. Alguns ostentando seus carros importados se justificam orgulhosamente: “Sou filho do Rei”.

1. A Confissão Positiva

Todo um movimento de idéias surgiu nos Estados Unidos no século XIX, o qual ensinava o controle do corpo pela mente com finalidades terapêuticas. Tal movimento surgiu a partir de experiências terapêuticas encabeçadas por Phineas Quimby (1802-1866), o qual divulgou técnicas terapêuticas formadas na Europa pelo austríaco Franz A. Mesmer (1734-1815). Em volta deste e de suas idéias surgiu então o que foi posteriormente denominado *New Thought* ou “nova filosofia”.

Foi ainda nos Estados Unidos, em fins do século XIX, que se desenvolveu o espiritismo de linha kardecista; a Ciência Cristã, de Mary Baker Eddy (1821-1910), e vários movimentos voltados para a teosofia, bem como seitas metafísicas. Esses movimentos tinham como pressuposto que as forças mentais e espirituais estavam à disposição do homem para realizar curas e resolver problemas. A esse respeito assim afirma uma das biógrafas de Mary Baker Eddy:

“A Ciência Cristã diz que o testemunho dos sentidos materiais não é digno de confiança. Ensina que devemos examinar a fundo as coisas, e assim encontrar as causas que produzem aquilo que é visível exteriormente. Declara que assim fazendo nos capacitaremos a distinguir entre a verdadeira causalidade e aquelas crenças falsas, o raciocínio incorreto, o pensamento confuso e o medo, donde procedem todos os problemas do mundo. (...) Pode-se, portanto, ver que o sistema chamado Ciência Cristã acha-se inteiramente baseado na natureza espiritual de Deus e do homem, tal como a Bíblia o revela. Pode-se ver que esse sistema reivindica para si o direito de ser a Ciência da Mente, e sustenta

que o mal, sob todas as formas em que se apresenta, ou seja, do pecado, da tristeza e da doença, é na acepção absoluta do termo, irreal, porque não é provocado por Deus. Ademais, declara que a doença e a desgraça de toda espécie são a exteriorização de uma maneira de pensar errada, de pensamentos falsos conscientes ou inconscientes. E declara que a única maneira de realmente nos livrarmos para sempre da manifestação exteriorizada desses males, consiste em detectar e corrigir os pensamentos errôneos que os produzem. Dessa maneira, a Ciência Cristã ensina que o corpo é transformado 'pela renovação da mente' conforme consta da Epístola aos Romanos (12:2)"⁶

Foi a partir de explicações desta natureza acerca da questão do pecado, do mal, da doença etc., no mundo, que Esseck William Kenyon⁷ (1867-1948) fundamentou algumas de suas teorias metafísicas, segundo as quais o sacrifício de Cristo redundava em implicações práticas para a vida das pessoas. Inicialmente foi metodista, depois batista e por fim um pregador pentecostal itinerante. Escreveu vários livros nos quais afirmava a força do espírito e da mente sobre a matéria, e que a cura era decorrente da ação da mente sobre o corpo, bem nos moldes da filosofia da Ciência Cristã, ou seja, *mens sana, in corpore sano*.

Muitos pregadores neopentecostais norte-americanos, dentre eles T. L. Osborn, Don Gossett e Benny Hinn foram influenciados por Kenyon, e tornaram-se conhecidos pela sua ênfase na cura divina. Na mesma linha do pensamento positivo encontra-se também Norman Vicente Peale (1898-1993) que ficou mundialmente conhecido pela sua pregação e seus livros, especialmente "O Poder do Pensamento Positivo" e "Mensagens para a Vida Diária", e também

⁶ E. Mary Ramsay. A Ciência Cristã e Sua Descobridora. Boston, Massachusetss, U.S.A., 1974, p. 49-50.

⁷ Paulo Romeiro considera Kenyon como o pai da Confissão Positiva. In Super Crentes. Ed. Mundo Cristão, São Paulo, 1998, p. 7.

Robert Shuller, autor de vários livros sobre o pensamento positivo. Estes autores, invariavelmente, estão ligados à Confissão Positiva.

Paulo Romeiro define a Confissão Positiva como sendo uma corrente doutrinária que “ensina que qualquer sofrimento do cristão indica falta de fé. Assim, a marca do cristão cheio de fé e bem-sucedido é a plena saúde física, emocional e espiritual, além da prosperidade material. Pobreza e doença são resultados visíveis do fracasso do cristão que vive em pecado ou que possui fé insuficiente”.⁸

T.L. Osborn, arauto da Confissão Positiva afirma e explica a importância da confissão na vida do crente, distinguindo a confissão negativa, de pecados, de fracassos, da positiva, plena de vitória:

“Poucos são os crentes que reconhecem a importância da confissão e o seu valor nas suas vidas. A palavra ‘confissão’ tem para eles a idéia de confessar pecados, fraqueza e fracasso. Isso, porém, é somente o lado negativo do assunto. A confissão *negativa* de nosso pecado apenas abre a porta para a *confissão positiva* a toda a Palavra de Deus.

“Nada, em nossa vida de crente, é mais importante que a nossa CONFISSÃO, apesar de quase nunca a mencionarem nos cultos.

“A vida cristã chama-se ‘confissão’ (no grego, ‘*reconhecimento*’ ou ‘*admissão*’) em Hebreus 3:1.

“A Palavra grega da qual se traduz a palavra ‘confissão’ quer dizer, ‘falar o mesmo’, isto é, ‘dizer o que Deus diz,’ ou ‘concordar com Deus em nosso testemunho’. O sentido é: ‘Dizer o que Deus diz na Sua Palavra acerca de nossos pecados, nossas enfermidades, nossos fracassos, nossa saúde, nossa salvação, nossas vitórias, ou acerca de qualquer outra coisa da nossa vida. Com outras palavras, a *confissão* é testificar, ou ‘*admitir*’, o que Deus diz”.⁹

⁸ Paulo Romeiro. Super Crentes. Ed. Mundo Cristão, 7ª Edição, São Paulo-SP, 1998, p. 5.

⁹ T.L. Osborn. Curai Enfermos e Expulsai Demônios. Editado por R.R. Soares, Rio de Janeiro, 1980, p. 93-94.

Nesta linha de raciocínio, se a pessoa enferma crê em alguma passagem da Bíblia que fala em cura física realizada por Deus e confessa em voz alta que Deus a pode curar, ela será curada.

Outro autor que se tornou muito popular no Brasil e que contribuiu para divulgar a Confissão Positiva foi o coreano Paul Yonggi Cho. Em capítulo intitulado “O Poder Criador da Palavra Falada” ele discorre acerca de várias experiências nas quais mentalizou algo que gostaria que acontecesse e logo as viu se concretizando. Ele registra várias experiências de cura, nas quais mentalizou a cura para as pessoas enfermas, falou, e as pessoas ficaram curadas. Ele afirma que quando a pessoa procede desta forma ela entra na “Quarta Dimensão”, título do seu livro. Ele chegou pois à seguinte conclusão:

“Assim, aprendi um segredo: antes que se possa dizer a palavra, o Espírito Santo não possui o material adequado com o qual criar. Se o Espírito Santo conceder fé ao seu coração para remover a montanha, não ore nem suplique que a montanha seja removida; antes, diga: ‘Seja removida para o meio do mar!’ E isso acontecerá. Se aprender isto, e formar o hábito de falar sob a unção do Espírito Santo, e na fé que Deus dá, então verá muitos milagres em sua vida.”¹⁰

Ainda outro autor que contribuiu em grande medida para a divulgação da Confissão Positiva no Brasil foi Don Gossett, através de seu livro “*Há Poder em Sua Palavras*”. Neste livro, ele narra que sua esposa há vários meses encontrava-se acamada em razão de uma febre reumática. Certo dia ele lhe disse: “Querida, se o Senhor é a fortaleza de sua vida, então você não tem de ficar deitada nesta cama! Você não precisa continuar fraca e doente! Em nome de Jesus levante-se e ande!” E continua narrando que sua esposa começou a se esforçar para ficar de pé, repetindo incessantemente: “O Senhor é a fortaleza da minha vida!”. E dentro

de poucos instantes ela estava curada e nunca mais sofreria daquela enfermidade. Narrando o que aconteceu e a conclusão a que chegou assim afirma Gossett:

“Na noite em que minha esposa foi curada da febre reumática foi que eu constatei que *Você recebe o que você diz*. Eu creio que recebemos o que declaramos porque Deus honra a Sua Palavra - e Sua Palavra diz que “se alguém... crer que se fará o que diz, assim será com ele” (Marcos 11:23).

“*Terá o que diz! Esta é uma promessa bíblica impressionante.*”¹¹

Falando sobre como aplicar a Confissão Positiva no caso das finanças, Don Gossett afirma:

“Deus tem uma lei divina de dar e receber. Se você quiser receber ajuda financeira de Deus, é preciso que entenda que é a medida com que você dá que determina o que você receberá de Deus. Quanto mais você dá, mais recebe: Deus sempre providencia que você receba mais do que dá. Jesus disse: “Daí, e dar-se-vos-á; boa medida recalcada, sacudida, transbordante, generosamente vos darão; porque com a medida com que tiverdes medido vos medirão também (Lucas 6:38)”.¹²

De todos os divulgadores da Confissão Positiva, o que exerceu maior influência sobre as igrejas protestantes e pentecostais foi Kenneth Hagin, nascido

¹⁰ Paul Yonggi Cho. A Quarta Dimensão. Editora Vida. Impresso pela Editora Betânia, Venda Nova-MG, 1989, p. 69-70.

¹¹ Don Gossett. Há Poder em Suas Palavras. Editora Vida. Impresso pela Editora Betânia, Venda Nova-MG, 1986, p. 11.

¹² Don Gossett. Há Poder em Suas Palavras. Editora Vida. Impresso pela Editora Betânia, Venda Nova-MG, 1986, p. 56.

no Texas em 1917. Aos 16 anos de idade foi curado de uma enfermidade que quase o levou a morte. Atribuiu tal cura à “confissão positiva”, e veio a ser um dos seus maiores divulgadores. De origem batista, igreja na qual era evangelista, aproximou-se dos pentecostais, uma vez que acreditava na cura divina. Recebeu o batismo no Espírito Santo em 1937 e nesse mesmo ano foi licenciado pastor na Assembléia de Deus, à qual pertenceu por um período de 12 anos. A partir de 1962 fundou seu próprio ministério, que tinha como marcas características visões, transes, revelações, profecias e várias experiências de ordem sobrenatural. Hagin afirma ter estado no céu e no inferno várias vezes, e de ter conversado pessoalmente com Jesus, do qual recebeu as diretrizes para a sua pregação, apesar de seus livros seguirem os argumentos e interpretações dantes propostos por Kenyon.

Kenneth E. Hagin, em um de seus livros, analisando as passagens bíblicas de João 14:10-14; e 16:7-11;23-24 afirma:

“A palavra grega, aqui traduzida como ‘pedir’ significa ‘exigir’. Ou: “Se **exigirdes** alguma coisa em meu nome, eu o farei”.

“Não estamos exigindo de Deus. Quando oramos, pedimos a Deus em Nome de Jesus. Mas estamos exigindo do diabo.

“O texto grego, na realidade, fica mais claro do que as traduções. O Grego diz: ‘Se **exigirdes** alguma coisa como seu direito...’ (não pedir como um favor).

“Tudo quanto pedimos ou reivindicamos como nosso direito, Jesus disse: ‘Eu o farei.’ Temos o direito de exigir que Satanás tire a mão de cima das nossas finanças, se estamos tendo dificuldade em cobrir o orçamento. Seja qual for a nossa necessidade, é nosso privilégio, nosso direito em Cristo, pedir e exigir que essa necessidade seja atendida” ¹³.

¹³ Kenneth E. Hagin. A Oração que Prevalece Para a Paz. Graça Editorial, Rio de Janeiro, s/d, p. 82.

A Confissão Positiva nos termos propostos por Hagin quer dizer que o crente tem o poder de conseguir aquilo que deseja, bastando para tanto que decrete, declare, confesse, determine em voz alta o que deseja receber. Tal direito foi adquirido por Jesus através de seu sacrifício vicário. Desta forma, na medida em que o crente confessa, decreta com fé, tais palavras tem o poder de mudar situações, criar realidades ainda não existentes. Se Deus criou o mundo através da Palavra, nos termos em que as Escrituras ensinam (Hebreus 11:3), o cristão deve fazer o mesmo, criar através do poder da palavra, em nome de Jesus.

Percebe-se pelas palavras de Hagin que ele atribui a entes espirituais o problema da pobreza ao afirmar “temos o direito de exigir que Satanás tire a mão de cima das nossas finanças, se estamos tendo dificuldade em cobrir o orçamento”. Desta forma a pobreza é atribuída às forças de Satanás. Nada se fala da má distribuição da riqueza, de salários aviltantes, de exploração econômica. Os problemas sociais são deslocados da realidade social para o “mundo espiritual”. Os problemas reais são resultado de conflitos no “mundo espiritual”, e para que haja vitória no mundo espiritual de nada adianta utilizar-se de raciocínios sociológicos, econômicos, antes, a arma para se ter vitória no “mundo espiritual” e assim reverter a realidade social é a confissão, o uso da palavra com fé, que alterará de forma mágica a realidade, trazendo cura, riqueza, bênçãos sem medida.

Todos estes autores, com experiências similares, mas com suas peculiaridades, concordam num ponto: a importância de confessar positivamente a Palavra de Deus como condição de conseguir bênçãos. A fala, a elocução das palavras, tem uma importância enorme no pentecostalismo. No Pentecostalismo Clássico a fala se manifestava mediante a *Glossolalia*, criando uma atmosfera “celestial”, provocando arrebatamentos emocionais, todavia, não tinha o condão de mudar realidades, de alterar as situações concretas da vida da pessoa. No entanto, tal experiência servia como uma compensação face à situação de pobreza do crente. Era um raciocínio que funcionava do seguinte modo: *Sou*

pobre, mas sou cheio do Espírito Santo, e um dia vou morar nas mansões celestiais. Já no Neopentecostalismo, a *glossolalia* recebe reduzida atenção, sendo que a Confissão Positiva se revestiu de muito maior importância. Mas vemos que a palavra continuou tendo o seu lugar de importância. Se antes era utilizada afim de se ter uma experiência espiritualizante, agora é utilizada para mudar situações, criar realidades, objetivando curas, enriquecimento, prosperidade.

O raciocínio é: se Deus criou pela palavra, e se nós somos filhos de Deus, então nós também podemos criar e mudar situações pelo uso da palavra. Assim, se no Pentecostalismo Clássico a *glossolalia* levava a um conformismo com a situação presente, com a compensação de uma vida futura no céu repleta de riquezas, a Confissão Positiva incita o crente ao não conformismo, afirmando que ele não precisa, não deve, e não tem que aceitar a sua condição de pessoa doente, pobre, derrotado. Basta que ele creia e confesse para que a cura aconteça, a prosperidade chegue a sua casa. É uma atitude de não aceitação da realidade que envolve sua vida. O crente é incentivado a utilizar-se da força da palavra, com fé, a fim de fazer com que as situações concretas de sua vida mudem para melhor.

A Confissão Positiva, se leva o crente a não aceitar a sua condição social, por outro lado aponta como único meio de mudança da situação social o uso da palavra, sendo esta dirigida a si mesmo e a Deus. Em nenhum momento se fala do uso da palavra afim de reivindicar direitos perante as autoridades constituídas, objetivando uma mudança da realidade social não apenas individual, mas coletiva. Neste sentido, a Confissão Positiva parece alienar o indivíduo da realidade social como um todo, passando-lhe a idéia que as soluções são também individuais, inibindo-o de agir como cidadão inserido na coletividade, em busca de mudanças concretas na realidade social. A Confissão Positiva passa a idéia de que as soluções são mágicas, que os problemas somente se resolvem mediante a operação das forças espirituais na realidade social.

Wilson Azevedo procede a uma interessante análise do neopentecostalismo, considerando neste a Confissão Positiva:

“Quando mergulhamos um pouco mais na cosmologia neopentecostal percebemos o papel fundamental reservado à linguagem. Ela é o instrumento através do qual se faz a ligação entre os dois reinos. A palavra humana, associada à fé, ‘cria realidades’, isto é, faz acontecer coisas neste mundo. A fé é aqui entendida como uma espécie de ‘vontade sincera’. A combinação de fé e palavra ativa forças do reino espiritual, fazendo com que o desejo expresso se realize. Esta premissa dá sentido a dois atos rituais característicos dos pentecostais clássicos, e dominantes entre os neopentecostais: a Oração e a Libertação.

“Na oração neopentecostal temos o encontro entre Palavra e Fé. Falando ao seu Deus o neopentecostal acredita que está mudando a realidade. Algumas expressões-chave utilizadas na oração reafirmam a crença no ‘poder mágico das palavras’. Por exemplo, freqüentemente ouve-se o verbo ‘declarar’ nas orações neopentecostais. ‘Declaramos este lugar santo’, ‘declaro vitória sobre estas vidas’”¹⁴.

Uma frase muito divulgada no meio evangélico no ano de 1.994, que se transformou em adesivo, e foi utilizada em ônibus, bem como em veículos de passeio era: “O Brasil é do Senhor Jesus. Povo de Deus declare isto”. Paulo Romeiro afirma que quem lançou esta frase num programa televisivo foi a pastora Valnice Milhomens.¹⁵ A crença que subjaz a esta declaração é de que se os evangélicos reiteradamente declararem que o Brasil é de Jesus, tais declarações terão o poder de alterar a realidade social e religiosa do país.

Crendo que o diabo pode tirar muita coisa das pessoas, o crente tem o direito de exigir do diabo aquilo que ele tem lhe tirado. Ele deve portanto saquear

¹⁴ Wilson Azevedo. *Guerreiros do Senhor: Um esboço da cosmologia neopentecostal*. rev.Wilson@stprj.com.br, Antropólogo, professor da Faculdade Batista Carioca de Filosofia.

Crendo que o diabo pode tirar muita coisa das pessoas, o crente tem o direito de exigir do diabo aquilo que ele tem lhe tirado. Ele deve portanto saquear o inferno e tomar do diabo e dos demônios tudo aquilo que têm lhe roubado. Está claro pois o dualismo Deus *versus* diabo.

Na teologia protestante é inconcebível que uma pessoa possa exigir alguma coisa de Deus, quando até mesmo o Filho de Deus ao orar dirigiu-se a Deus dizendo: *“Meu Pai: Se possível, passe de mim este cálice! Todavia, não seja como eu quero, e, sim, como tu queres”* (Mateus 26:39).

Já os adeptos da Confissão Positiva, ao contrário, afirmam que uma vez que Cristo venceu a morte e foi elevado ao céu, legou àquele que nele crê o direito de exigir em nome dele o que quiser. Entretanto, para que ele receba o que quer, deve antes exercitar o seu direito, decretando, declarando, reivindicando seus direitos.

2. A Fé Possuidora

A Teologia da Prosperidade surge em decorrência da Confissão Positiva. É um corpo de ensino que busca incentivar o crente a buscar a realização de todos os seus desejos de enriquecimento, de ascensão econômica, proporcionando à consciência daquele que ascendeu economicamente a paz e tranqüilidade divinas.

A Teologia da Prosperidade surgiu nos Estados Unidos no início dos anos 40 e chegou ao Brasil em meados da década de 80. É também conhecida como Confissão Positiva, Movimento da Fé e Evangelho da Saúde.

Como registra edição especial da Revista Ultimato, a Teologia da Prosperidade “chegou ao Brasil há menos de 10 anos através da tradução em português de 19 livretes de Hagin, publicados pela Graça Editorial, e através dos ministérios de Valnice Milhomens (Ministério Palavra da Fé), R.R. Soares (Igreja Internacional da Graça de Deus), Jerônimo Onofre da Silveira (Igreja do

Evangelho Quadrangular Templo dos Anjos) e Cássio Colombo (Ministério Cristo Salva), entre outros”.¹⁶ Outras igrejas como Renascer em Cristo, Nova Vida, e principalmente a Universal do Reino de Deus, bem como alguns ministérios paraeclesiais¹⁷ como ADHONEP (Associação de Homens de Negócio do Evangelho Pleno), tiveram e continuam tendo grande participação na divulgação da Teologia da Prosperidade.

Atualmente, uma das igrejas que mais tem difundido os ensinamentos da Teologia da Prosperidade é justamente a Igreja Universal. Ela apropriou-se dos ensinamentos dos divulgadores da Confissão Positiva e incorporou-os às orientações que passa para os seus membros.

Segundo o bispo Macedo as pessoas podem por em ação o que ele chama de Fé Possuidora, da seguinte maneira:

“Se você está passando por dificuldades financeiras, creia que pode sair hoje mesmo dessa crise. Ponha sua fé em ação e confesse:

“...e o meu Deus, segundo a sua riqueza em glória, há de suprir em Jesus Cristo, cada uma das vossas necessidades...” (Filipenses 4:19).

“ (...)Quando você coloca as suas palavras de acordo com as palavras de Jesus; (grifo nosso) quando você crê com toda a sua alma que Jesus não mentiu e exige d’Ele o cumprimento do que prometeu (grifo nosso), então você tem a fé possuidora (grifo nosso) e nada poderá impedir que você seja abençoado.”¹⁸

¹⁶ Elben M. Lenz César (Ed.). Teologia da Prosperidade. Série Cadernos Especiais Ultimato. Viçosa-MG, 1994, p. 14. Esta é uma revista bimestral, de veiculação no meio evangélico, editada há vários anos, sendo seu editor, bem como a maioria dos articulistas presbiterianos.

¹⁷ Ministérios que atuam de forma autônoma em relação às denominações evangélicas, mas paralelamente a estas. Têm administração própria, mas via de regra não se encontram vinculados a uma única organização religiosa, de vez que sempre pretendem alcançar um grande número de pessoas, apresentando-se normalmente como interdenominacionais, como força de apoio às denominações.

¹⁸ Edir Bezerra Macedo. Vida Com Abundância, Editora Gráfica Universal, Rio de Janeiro, 1996, p. 56-57.

A fé, de acordo com Macedo, é pois um meio de posse. O crente seria pois proprietário de muitas bênçãos, mas isto de nada lhe adiantaria se ele delas não tomasse posse, e a forma de tomar posse das bênçãos divinas é pela fé. Assim, Deus tem muitas bênçãos para os crentes, mas ele só as concederá se eles delas se apossarem pela fé.

Vejamos um fato registrado pela *Folha Universal*:

“No primeiro domingo de dezembro, aconteceu um grande clamor na Igreja Universal do Brás, do qual milhares de pessoas participaram. A reunião especial, às 10 horas, foi ministrada pelo bispo Sidney Marques e teve como objetivo a libertação dos dizimistas.

“Ao som de trezentas trombetas, tocadas por obreiros no altar e ao redor de todo o povo, **os fiéis bradaram pelo nome de Jesus sete vezes** (grifo nosso) e, em uma só concordância, **clamaram pela libertação das dívidas e dos problemas financeiros que estavam vivendo** (grifo nosso).

“-Meu Deus, a partir de hoje, os dizimistas da Tua Igreja não irão mais falar de miséria, porque eles serão cabeça e não cauda¹⁹, em o nome do Senhor Jesus! - **determinava o bispo** (grifo nosso), clamando ao toque de trombetas”²⁰.

Falando sobre as reuniões que acontecem na Catedral da Fé, em Santo Amaro, nos domingos às 18:00 hs, na reunião especial das “Grandezas de Deus”, assim consta da matéria da *Folha Universal*:

¹⁹ Expressão muito usada pela IURD para afirmar que o crente tem que estar na frente, bem sucedido, e não por trás, em último lugar. Obviamente aqui não cabe a afirmação evangélica de que “os últimos serão os primeiros e os primeiros serão os últimos” - Mateus 20:16.

²⁰ *Folha Universal*, 20 de dezembro de 1998, p. 11A.

“O bispo Roberto Mauzer ministra as orações da fé, juntamente com mais doze pastores. Na oportunidade, eles clamam em favor de todos os que comparecem, **determinando a bênção do Senhor em todos os aspectos da vida** (grifo nosso).”²¹

A expressão **determinar** aparece repetidamente nos registros da *Folha Universal* e nas orações dos pastores e bispos por ocasião dos cultos. Há a crença que uma vez determinando alguma coisa em nome de Jesus, tais palavras tem o poder de criar as realidades desejadas. Assim, se um bispo determina que os problemas financeiros deverão sumir, eles sumirão.

Todavia, conforme prega o bispo Macedo, ao orar ou decretar, o crente precisa ser bem específico para com Deus:

“Muitos são aqueles que vivem a pedir uma bênção. Ficam, no entanto, esperando por isso a vida toda e não a alcançam. Por que? Existem milhares de bênçãos prometidas na Bíblia e, se não explicitarmos o que realmente desejamos, o Senhor ficará sem poder nos atender. Se queremos um salário melhor, temos de dizer para Deus: ‘Senhor, eu quero um salário de X por mês’. Se nossa vontade é que o Senhor nos dê um carro novo, devemos estabelecer sua marca e modelo. Precisamos saber pedir, a fim de podermos saber receber”.²²

O poder da palavra é também usado para “amarrar demônios” em nome de Jesus e expulsá-los das pessoas e dos lugares. Assim, nas reuniões de libertação que ocorrem na sexta-feira em todos os templos da Igreja Universal, quando alguém apresenta um quadro que é interpretado pelos pastores como possessão demoníaca, eles se dirigem ao demônio dizendo “tá amarrado”, e o endemoninhado então coloca os braços para trás, ficando imobilizado. Após

²¹ *Folha Universal*, 09 de maio de 1999, p. 12A.

²² *Folha Universal*, 14 de fevereiro de 1999, p. 2A.

ocorre o ritual de libertação, de expulsão do demônio, também em nome de Jesus, pela força da palavra.

A Igreja Universal do Reino de Deus é sem dúvida alguma a igreja que mais prega a Teologia da Prosperidade no Brasil, sendo a principal difusora desta crença. O Bispo Macedo claramente a ensina:

“É claro que a vontade de Deus é que seus filhos sejam abençoados e prósperos. Não bastassem as Palavras de Jesus, quando disse que veio para que tivéssemos vida e vida com abundância, podemos dar uma olhada na cidade que está sendo preparada para nós, uma cidade toda feita em metais e pedras preciosas, com água e alimentos em abundância, onde todos gozarão de perfeita saúde na presença de Deus e nunca mais verão tristezas nem morte.

“ (...) Verdadeiramente, um pai rico só poderia ter filhos ricos. Se você amigo leitor, não está vivendo como um abundante filho de Deus, é porque ou está afastado das origens da sua verdadeira família, ou não quer se **apossar da herança**; entretanto, se você deseja viver a verdadeira vida que Deus lhe tem preparado, comece hoje, agora mesmo, a cobrar dele tudo aquilo que Ele tem prometido.”²³ (grifo nosso),

Afirma ainda:

“Deus nos reserva o direito de serem preenchidos em nós os três aspectos da vida humana que podem fazê-la feliz: **Espiritual, Físico e Financeiro**.

“Bendito seja o Senhor, que de dia em dia nos cumula de benefícios; o Deus que é a nossa Salvação” (Salmo 68:19).

²³ Ibidem, p. 35-36.

“João, o apóstolo do amor, que sabia perfeitamente e melhor do que ninguém que a vontade de Deus era abençoar completamente todo aquele que crêse em Jesus Cristo, disse:

“Amado, eu desejo que te vá bem em todas as coisas, que tenhas saúde, assim como vai bem a tua alma” (3 João 2).

“A expressão ‘em todas as coisas’ no grego original claramente inclui abundância financeira.

“Para receber bênçãos materiais, pela fé, você deve fazer o seguinte:

1) Estar convencido de que Deus quer que você prospere financeiramente;

2) Estar disposto a aceitar a responsabilidade de ser um dos sócios e administradores da obra de Deus.

“ (...) Deus deseja que você prospere em três aspectos, de acordo com o apóstolo João:

1. Financeiro;

2. Físico;

3. Espiritual.

“Prosperidade completa, para a sua vida”.²⁴

O bispo Macedo cita várias passagens bíblicas textualmente afim de corroborar a sua tese.²⁵

Deus, portanto, quer abençoar seus filhos, todavia é necessário que eles tomem posse dessa bênção pela fé. Deus já concedeu ao Cristão todas as bênçãos celestiais, elas estão à sua disposição, ele precisa tão somente tomar posse delas pela fé, caso contrário continuará miserável.

Jesus na cruz fez do crente uma pessoa que tem direitos diante de Deus, mas esses direitos somente são atendidos quando reivindicados.

²⁴ Ibidem, p.41.

²⁵ Ibidem, p.44-49.

“O cristão é descendente de Abraão pela fé e, na posição de descendente, é herdeiro de todas as bênçãos prometidas por Deus. Ele, o nosso Pai, quer nos dar todas as bênçãos, na sua totalidade. Abraão cobrou de Deus a Sua promessa. Se Ele não tivesse prometido, tudo bem, mas Ele prometeu e sempre cumpre a Sua palavra. A Bíblia diz que Deus zela pela Sua palavra, para cumpri-la.

“Lembre-se: sendo cristãos e descendentes de Abraão, nós também temos que cobrar de Deus aquilo que Ele nos tem prometido. A Sua palavra é a garantia, o testamento da herança. Temos dois testamentos, o Antigo e o Novo, e eles registram as Suas palavras escritas, a bússola para as nossas vidas. Não temos porque duvidar, negar ou ficar acomodados: devemos cobrar de Deus simplesmente aquilo que Ele nos prometeu, pois a Sua palavra está aí, registrada pelo Seu poder.

“Temos dois grandes advogados de posse dos testamentos, e das promessas: o Senhor Jesus Cristo e o Espírito Santo. Eles vão interceder constantemente junto ao Pai pelo cumprimento das Suas promessas”.²⁶ (grifo nosso).

Portanto, o cristão é um credor de Deus, só não consegue o que quer se não quiser, se não tiver fé, se não tomar posse da bênção, da herança de Deus aos filhos de Abraão.

A Teologia da Prosperidade é pregada de forma contundente pela Igreja Universal. Grande parte do culto é dedicado a falar sobre dinheiro, promessas de Deus, bênçãos que as pessoas podem receber. Várias campanhas são referidas durante o culto, sendo que a participação do crente em cada campanha envolve a sua participação financeira.

Durante os cultos, há realmente algo semelhante a um leilão, conforme registra Elben L. César²⁷, ao participar de um culto no sábado à noite e domingo

²⁶ *Folha Universal*, 15 de novembro de 1998, p. 2A., bispo Macedo.

²⁷ *Revista Ultimato*, janeiro/fevereiro de 1999, p.32-33.

de manhã no último final de semana de outubro de 1998, no templo da Igreja Universal situado na Avenida Celso Garcia, no bairro do Brás, em São Paulo. Ele afirma que ficou impressionado com o tanto que se falou em dinheiro. Conta que no culto de sábado, o pastor Êmerson falou ao auditório que quem quisesse levar seus desejos a Deus deveria fazê-lo junto com uma oferta de R\$ 10,00. “Quem não pagaria R\$ 10,00 por uma bênção especial?” Ele afirma que mais de 1.000 pessoas foram à frente da congregação levando R\$ 10,00. Todos foram convidados para o culto que se realizaria no domingo pela manhã às 8 horas, quando as pessoas receberiam o dom da prosperidade. Tudo se repetiu no domingo pela manhã. Uma multidão de pessoas pegaram os envelopes. O pastor prometia: “Quanto mais você dá, mais você recebe. Você vai dar mais, mas não ficará com menos, vai ficar com muito mais. (...) Vou lhe dar o azeite abençoado. Você derrama uma gota em sua cabeça e terá o dom da prosperidade”. Em seguida veio a *Campanha da Prova*, baseada no capítulo 22 de Gênesis, momento em que Abraão está prestes a oferecer Isaque em sacrifício. A prova consistia em fazer uma oferta generosa, uma oferta de fé, além da possibilidade financeira. Depois o pastor fez uma série de apelos. Convidou 33 pessoas a irem à frente da congregação (trinta e três por ser o número de anos que Jesus viveu) dispostas a oferecer de mil a trinta mil reais. Elben contou onze pessoas que atenderam ao apelo do pastor. Depois chamou 50 para ofertarem quinhentos reais. No terceiro apelo, a quantia era de R\$ 200,00 para cima. “Menos de R\$ 200,00, não tragam”, falou o pastor. Para encerrar o culto convidou todos a fazerem uma oferta de qualquer valor e em troca levar um exemplar da última edição da *Folha Universal*. Assim encerrou o culto.

Podemos perceber claramente a lógica do mercado na Teologia da Prosperidade. É óbvio que a fé, seja ela de que natureza for, mesmo a fé (confiança) em si próprio, acaba por levar a pessoa a acreditar no seu potencial de realização. Assim, muitas pessoas participando de uma reunião na Igreja Universal acabam por sentirem-se animadas a lutar e a enfrentar seus problemas, e muitas conseguem superá-los.

O mesmo podemos perceber em relação a algumas enfermidades nas quais a predisposição da pessoa, uma vez sugestionada, pode contribuir em muito para a sua cura. Assim, num grande universo de pessoas que recebem orações por parte dos bispos, algumas ficarão curadas, porque ficariam curadas de qualquer forma ou até mesmo porque as orações desencadearão nelas um processo psíquico que provocará um estímulo para lutar contra a doença, contra os problemas. Outras conseguirão prosperar financeiramente. E estas pessoas atribuirão a causa da sua cura ou prosperidade à oração do bispo, à Igreja Universal. E estas pessoas, acabarão por estimular muitas outras a agirem assim como elas agiram, entregando seus dízimos e ofertas à Igreja Universal.

A questão que se coloca é: todas elas prosperam? A resposta é não, pois o contingente de pessoas que frequenta a Igreja Universal continua sendo composto majoritariamente de pobres. Como explicar então o fato de a Igreja Universal continuar crescendo? É importante considerarmos que a Igreja Universal na verdade vende esperança. Ela não vende um produto acabado, concreto, palpável, tangível. Ainda que a comparação seja grotesca, podemos comparar a Igreja Universal a uma grande loteria. Muitos jogam na loteria toda a semana, nas dezenas de jogos que existem hoje pelo Brasil. Sena, Mega-Sena, Poupa-Ganha, Tele-Sena e outras infinidades de jogos por meio dos quais as pessoas apostam, na esperança de ficarem ricas. Sabemos que a maioria absoluta perde, jamais ganhará nada. No entanto, ao saberem que alguém ganhou 30 milhões de reais na Mega-Sena ou um carro na Tele-Sena, elas continuarão a jogar, na esperança de que um dia elas também possam ganhar. Afinal, quem mais ganha com as loterias? Obviamente quem as organiza.

O mesmo percebemos no que diz respeito à Igreja Universal. Alguns membros podem se dar bem na vida, mas a maioria continua pobre. E os que se dão bem são levados a testemunhar para os outros. E quanto à Igreja? Torna-se cada vez mais rica, mais poderosa, afinal, diferentemente da loteria, na Igreja Universal quem paga os ganhadores não é a Igreja, mas Deus.

Afinal, como é que a Igreja Universal consegue fazer isto sem que a maioria das pessoas que contribuem a questionem? Através da pregação da Teologia da Prosperidade. Esta é um componente totalmente necessário para justificar o fato de se pedir dinheiro em todos os cultos, sempre com o discurso de que o dinheiro dado é para Deus, para que a Igreja possa continuar evangelizando, libertando pessoas endemoninhadas etc. E assim, citando as Escrituras, interpretando-as a seu modo, com o argumento de autoridade da Palavra de Deus, que não pode ser questionada, pois a dúvida é coisa do diabo, a Igreja Universal persuade os seus membros de que de fato estão contribuindo para Deus e de que ele os abençoará.

Bourdier faz a respeito as seguintes considerações:

“E assim Weber enxerga na gênese histórica de um corpo de agentes especializados o fundamento da autonomia relativa que a tradição marxista confere à religião, sem daí extrair todas as conseqüências e, no mesmo lance, conduz ao núcleo do sistema de produção da ideologia religiosa, a saber, ao princípio mais específico (mas não último) da *alquímia ideológica* pela qual se opera a transfiguração das relações sociais em relações sobrenaturais, inscritas na natureza das coisas e portanto justificadas”.²⁸

Assim, no interior das representações religiosas, causas imaginárias substituem causas reais. Ou, pelo menos, as causas reais tornam-se os efeitos das causas imaginárias, transcendentais e personificadas.

É Berger que afirma:

“A ‘receita’ fundamental da legitimação religiosa é a transformação de produtos humanos em facticidades supra-humanas ou não-humanas. O

mundo feito pelo homem é explicado em termos que negam sua produção pelo homem. O *nomos* humano torna-se um *cosmos* divino, ou, pelo menos, uma realidade cujos significados são derivados de fora da esfera humana. Sem chegarmos ao extremo de simplesmente *igualar* religião e alienação (o que acarretaria uma tomada de posição epistemológica inadmissível no âmbito de um quadro de referência científico), afirmaríamos que o papel histórico da religião nas tarefas humanas de construção e manutenção do mundo é em grande parte devido ao poder de alienação inerente à religião. (...) Quaisquer que sejam os méritos 'últimos' das explicações religiosas sobre o universo em geral, sua tendência empírica tem sido a de falsificar a consciência do homem acerca da parte do universo modelada por sua própria atividade, a saber, o mundo sociocultural. Essa falsificação também pode ser descrita como mistificação. O mundo sociocultural, que é um edifício de significados humanos, é coberto por mistérios tidos por não-humanos em suas origens. Tudo o que o homem produz pode ser compreendido, pelo menos potencialmente, em termos humanos. O véu da mistificação colocado pela religião impede essa compreensão. As expressões objetivadas do humano tornam-se símbolos obscuros do divino. E essa alienação tem poder sobre os homens precisamente porque ela os protege dos terrores da anomia. A religião mistifica as instituições explicando-as como *dados* acima e além de sua existência empírica na história de uma sociedade".²⁹

Partindo da reflexão de Berger, podemos concluir que a Teologia da Prosperidade, tão propalada pela Igreja Universal, realiza este processo de mistificação, na medida em que obscurece a percepção dos elementos criadores da realidade social, atribuindo-os a *facticidades supra-humanas* ou *não-humanas*. Desta forma, a solução dos problemas inerentes à realidade só podem ser

²⁸ Pierre Bourdieu. *A Economia das Trocas Simbólicas*. Ed. Perspectiva, São Paulo, 5ª Edição, 1998.

²⁹ Peter L. Berger. *O Dossel Sagrado*. Paulus, 2ª Edição, São Paulo, 1985, p. 102.

resolvidos de forma ritual, religiosa, pois a mudança na realidade social só se opera na medida em que haja mudança no mundo espiritual, o que justifica então a prática de exorcismos, bem como todos os ritos visando à prosperidade da pessoa, o que envolve sempre a prática da contribuição financeira para a igreja.

O mercado é apresentado como uma realidade dada, criação *ex nihilo*, como algo bom. É preciso usufruir de todas as benesses que o mesmo possa oferecer. Todavia, o diabo atua neste mercado. Ele rouba as bênçãos do crente. Logo, é necessário lutar contra o diabo, vencê-lo, para que a realidade econômica seja alterada e o crente seja abençoado, próspero. O mercado é portanto totalmente legitimado pela Teologia da Prosperidade. O que esta apresenta é tão somente caminhos religiosos para a prosperidade, para o enriquecimento, na medida em que desloca as causas reais da pobreza, tomando-as como resultado da ação de demônios. Assim sendo, o caminho para o sucesso econômico está em Deus, que abençoa o crente, afastando de seu caminho os demônios que o impedem de prosperar, desfazendo feitiços, mau olhados e toda sorte de pragas, fazendo com que a porta da prosperidade se abra diante de seus olhos.

Neste sentido afirma Bourdieu:

“Nesse ponto, Weber está de acordo com Marx ao afirmar que a religião cumpre uma função de conservação da ordem social contribuindo, nos termos de sua própria linguagem, para a ‘legitimação’ do poder dos ‘dominantes’ e para a ‘domesticação dos dominados’.”³⁰

A Igreja Universal prega a ascensão individualista. Os fiéis são incentivados à busca do enriquecimento individualmente, impedindo o desenvolvimento de uma consciência de classe entre as pessoas. A Teologia da Prosperidade é pois um componente legitimador das práticas da Igreja Universal no que diz respeito à questão financeira. Mas, além de ser um elemento

³⁰ Pierre Bourdieu. *A Economia das Trocas Simbólicas*. Ed. Perspectiva, São Paulo, 5ª Edição, 1998.

legitimador de suas práticas, ela o é também do mercado, na medida em que não questiona em nenhum momento os seus mecanismos de funcionamento, antes, apropria-se deles e os aplica na sua prática organizacional e religiosa.

A Teologia da Prosperidade fez com que muitos abandonassem a Teologia da Preteridade³¹, e se amoldassem a uma nova forma de ser cristão, ou seja, viver regaladamente, abundantemente, nesta presente vida. Segundo a Teologia da Prosperidade, se alguém é verdadeiramente cristão, o seu destino é a vitória, a felicidade, a saúde, a paz, a riqueza.

Segmentos protestantes criticam sobretudo a Teologia da Prosperidade afirmando que tal ensino retirou do cristianismo a sua centralidade que é a cruz e colocou em seu lugar um bezerro de ouro, uma vez que transforma o crente em alguém que pode estar acima dos problemas, das derrotas, da doença, enfim, nas palavras de Paulo Romeiro, um “super-crente”.³² Todavia, as igrejas que mais crescem são as que pregam a Teologia da Prosperidade, e que encontram-se cada vez mais voltadas para o mercado, apropriando-se de seus mecanismos de funcionamento. Assim, ao que tudo indica, cresce mais quem capta mais as necessidades das pessoas, suas carências, e orienta seu discurso religioso e sua prática religiosa de acordo com a demanda dos clientes ou consumidores, e não de acordo com a tradição.

A religião no Brasil, da qual destaco a Igreja Universal, tem estado cada vez mais voltada para a dimensão econômica. No meio neopentecostal a maioria absoluta, senão a sua totalidade, está jungida à Teologia da Prosperidade. Muitas igrejas do Pentecostalismo Histórico também têm sido influenciadas pela Teologia da Prosperidade. E no catolicismo vemos também uma forte ênfase no aspecto mercantil da religião, pois a Igreja Católica, para não perder espaço para as evangélicas, está fazendo inúmeras concessões litúrgicas, voltadas para o *pop*, como é o caso dos padres estrelas, como Marcelo Rossi e Zeca.

³¹ Neologismo que estamos cunhando para designar a atitude de resignação e renúncia até então difundidos no pentecostalismo e mesmo no meio protestante.

³² Paulo Romeiro. Super Crentes. Ed. Mundo Cristão, 6ª Edição, São Paulo, 1998.

Pelo que podemos perceber dos *sinais dos tempos*, a economia está cada vez mais dominando a religião, num processo crescente. A religião parece estar se tornando mais um produto do mercado, e elaborando teologias que acabam por legitimá-lo plenamente. Misticismo e mercado não se contrapõem, mas caminham juntos, sendo a Teologia da Prosperidade uma teologia mistificadora e legitimadora do mercado.

A SACRALIZAÇÃO DO MERCADO

De acordo com vários sociólogos, o mercado estaria sendo cada vez mais sacralizado¹. Tal sacralização é percebida a partir da forma como o mercado é concebido, ou seja, como auto-regulável.

Uma das primeiras análises que procurou relacionar economia e religião encontra-se em Marx, quando tratou do caráter fetichista da mercadoria:

“O misterioso da forma mercadoria consiste, portanto, simplesmente no fato de que ela reflete aos homens as características sociais do seu próprio trabalho como características objetivas dos próprios produtos de trabalho, como propriedades naturais sociais dessas coisas e, por isso, também reflete a relação social dos produtores com o trabalho total como uma relação social existente fora deles, entre objetos. Por meio desse quiproquó os produtos do trabalho se tornam mercadorias, coisas físicas, metafísicas ou sociais. Assim, a impressão luminosa de uma coisa sobre o nervo ótico não se apresenta como uma excitação subjetiva do próprio nervo, mas como forma objetiva de uma coisa fora do olho. Mas, no ato de ver, a luz se projeta, realmente a partir de uma coisa, o objeto externo, para outro, o olho. É uma relação física entre coisas físicas. Porém, a forma mercadoria e a relação de valor dos produtos de trabalho, na qual ele se representa, não têm que ver absolutamente nada com sua natureza física e com as relações materiais que daí se originam. Não é mais nada que determinada relação social entre os próprios homens que para eles aqui assume a forma fantasmagórica de uma relação entre coisas. Por isso para encontrar uma analogia, temos de nos deslocar à região nebulosa do mundo da religião. Aqui, os produtos do cérebro humano parecem dotados de vida própria,

¹ Assmann, Hugo. As Falácias do Mercado. In *“Misticismo e Novas Religiões”*, Moreira, Alberto & Zicman, Renée, Ed. Vozes, 1994.

figuras autônomas, que mantêm relações entre si e com os homens. Assim, no mundo das mercadorias, acontece com os produtos da mão humana. Isso eu chamo o fetichismo que adere aos produtos de trabalho, tão logo são produzidos como mercadorias, e que, por isso, é inseparável da produção de mercadorias”.²

Marx percebe que as mercadorias que são objetos acabam por aparecer como sujeitos do processo econômico, tornando invisível a realidade da divisão do trabalho, aparecendo como tendo vida própria, à semelhança das figuras religiosas, “produtos do cérebro humano”. Assim, “os trabalhos privados só atuam, de fato, como membros do trabalho social total por meio das relações que a troca estabelece entre os produtos do trabalho e, por meio dos mesmos, entre os produtores. Por isso, aos últimos aparecem as relações sociais entre seus trabalhos privados como o que são, isto é, não como relações diretamente sociais entre pessoas em seus próprios trabalhos, senão como relações reificadas entre as pessoas e relações sociais entre as coisas”.³ Ele percebe no mercado algo que se apresenta como transcendente ao mesmo, de forma que a relação social entre os homens “assume a forma fantasmagórica de uma relação entre coisas”. Assim, fala do “misticismo do mundo das mercadorias”, de “toda magia e fantasmagoria que enevoa os produtos de trabalho”.

Tecendo considerações sobre a análise de Marx assim afirma Hinkelammert:

“As imagens religiosas que Marx vincula a este fetichismo da mercadoria derivam dessa fixação mental e vivencial da relação social entre as mercadorias. Segundo essa análise, a subjetividade das mercadorias que interagem leva a criar, por projeção outro mundo que intervém neste, um politeísmo do mundo mercantil”.⁴

² Karl Marx. O Capital, vol. I, Nova Cultural, 3ª Edição, São Paulo, 1988, p. 71.

³ Ibidem, p. 71.

⁴ Franz Hinkelammert. As Armas Ideológicas da Morte. Edições Paulinas, São Paulo, 1983, p. 34.

Marx percebeu no mercado, o fetiche da mercadoria, que faz com que algo que é imanente ao mercado, objeto, apareça como sujeito, com subjetividade própria, como transcendente ao próprio mercado.

Weber também analisou a relação entre religião e mercado na medida em que procurou estabelecer a relação entre o surgimento do capitalismo, que acabou por conferir ao mercado um caráter hegemônico, e o puritanismo, herdeiro da doutrina calvinista da predestinação e da vocação, mostrando de que forma a ascese puritana e sua concepção de vocação contribuíram para o desenvolvimento de uma ética do trabalho e da poupança, possibilitando um acúmulo de capital que era novamente investido na produção, gerando assim mais capital.⁵ A análise de Weber se reveste de suma importância, na medida em que apresenta um componente cultural (religião) influenciando na formação de uma prática econômica, ainda que não intencionalmente. E em outro texto⁶ realiza várias análises sobre religião e sociedade, pontuando em vários momentos a relação entre religião e economia.

Sung, retomando a análise de Marx sobre o fetichismo da mercadoria, mostra que, neste sistema de mercado, “o capital apresenta-se como sujeito da criação de valor, e, portanto, de crescimento econômico. É por isso que os países devedores que desejam crescer economicamente devem permanecer no mercado, a qualquer ‘custo social’, e não romper com o Grande Capital Internacional. O capital, à medida que nega que expropria a mais-valia do trabalhador, se apresenta como surgindo do nada. O exemplo mais claro deste fetichismo é o capital a juros. O investidor empresta dinheiro a juros a bancos ou a empresas, e vê o seu dinheiro crescer como por encanto. A procriação do valor pelo valor aparece como uma potência inata do valor; este aparece

⁵ Max Weber. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. Livraria Pioneira Editora, 12ª Edição, São Paulo, 1997, caps. II e V.

⁶ Max Weber. *Economia e Sociedade*, Vol. I. Editora Universidade de Brasília, 3ª Edição, Brasília, ps. 279-418, mais os textos que tratam do carisma (ps. 158-166).

como o sujeito dinâmico de tudo”.⁷ Desta forma passa-se a idéia de que o capital cria do nada, à semelhança de Javé, da tradição hebraico-cristã.

A teoria da “mão invisível” de Adam Smith, tão apregoada pelo neoliberalismo, aponta para a crença no caráter auto-regulador do mercado, ou seja, que o mercado tem suas leis intrínsecas, e basta deixá-lo à mercê de si mesmo para que as coisas se acertem da melhor forma possível. Tal crença faz com que muitos advoguem a não intervenção do Estado na economia, entendendo que a intervenção do Estado é sempre prejudicial à ordem econômica. Ora, tal crença tem algo de religioso em si mesma. É como acreditar que o mercado seja um ente inteligente, capaz de fazer todos os ajuste necessários afim de que tudo funcione bem.

Assim, Assmann fala da “messianização do mercado no discurso neoliberal”

“Assistimos hoje, a nível mundial, a uma *exacerbada retórica sobre as virtudes ilimitadas do mercado*. Trata-se de um clima avassalador, de uma *‘oukouméne’ messiânica*. Na primeira Revolução Industrial, como nos documenta Karl Polanyi, ‘deu-se um fenômeno parecido - o da insistência retórica no caráter indiscutível de uma *boa-nova*’, de um ‘evangelho jubiloso’: a ‘descoberta feliz’ do paradigma do interesse próprio que, articulando-se através dos mecanismos do mercado, aparecia como caminho seguro para o bem de todos, dispensando propósitos e intenções quanto a metas sociais. Sem isso, enfatiza Polanyi, torna-se inexplicável a assimilação serena do incrível número de vítimas da intensificada pauperização. Também hoje constatamos que *as vítimas e os excluídos (2/3 da humanidade) não abalam as certezas dos neoliberais*”.⁸

⁷ Jung Mo Sung. *A Idolatria do Capital*. Edições Paulinas, 2ª Edição, São Paulo, 1989, p. 125.

⁸ Hugo Assmann. *As Falácias Religiosas do Mercado*. In Moreira, Alberto & Zicman, Renée (Orgs.). *Misticismo e Novas Religiões*. Ed. Vozes, Petrópolis, 1994, p.114.

Sung afirma que “a partir da teoria da ‘mão-invisível’ do mercado, Michael Novak se propõe a defender o mercado como a historicização do céu, ou do Reino de Deus. Para ele, a imagem de Deus como Providência, que se inicia com santo Tomás de Aquino, é mais apropriada do que o *Nous* - o Deus onisciente e onipresente - da antiguidade”.⁹ Renato Ortiz também aborda a temática da transcendência do mercado:

“(...) O primeiro ponto que gostaria de acentuar, e que talvez não tenha sido frisado, é o fato da idéia de Mercado e Religião estar muito ligada à transcendência. Não ao tipo de transcendência que aqui poderíamos discutir, mas à idéia de uma transcendência onde o mercado é auto-regulador, ou seja, onde o mercado é pensado como algo que transcende. Ele possui vida própria e, nesse sentido, é transcendente. Diria que, se por um lado Durkheim, ao ler os economistas liberais, critica-os, por outro lado, valoriza justamente esse aspecto de transcendência que ultrapassa a individualidade e afirma o fenômeno social. Assim, sem discutir o tipo de transcendência, acho que esse elemento transcendental é que faz a primeira associação entre Religião e Mercado”.¹⁰

Joseph Stiglitz, professor de economia na Universidade Stanford e membro sênior do Instituto Brookings, que já foi economista-chefe e vice-presidente do Banco Mundial bem como participou do conselho de assessoria econômica da Presidência dos EUA de 1993 a 1997, em artigo publicado recentemente pela Folha de São Paulo, no qual tece pesadas críticas ao Fundo Monetário Internacional, à sua forma de ação, suas pressões por implantações de políticas recessivas, dentre outras, finaliza sua análise afirmando:

⁹ Jung Mo Sung. *A Idolatria do Capital e a Morte dos Pobres*. Edições Paulinas, 2ª Edição, São Paulo, 1989, p. 119.

¹⁰ Renato Ortiz. *As Falácias Religiosas do Mercado (intervenções)*. In: Moreira, Alberto & Zicman, Renée (Orgs.). *Misticismo e Novas Religiões*. Ed. Vozes, Petrópolis, 1994, p. 135.

“Desde o fim da Guerra Fria, as pessoas encarregadas de levar o **evangelho do livre mercado** (grifo nosso) até os mais longínquos cantos do mundo ganharam um poder tremendo. Esses economistas, burocratas e funcionários agem em nome dos Estados Unidos e dos outros países industriais avançados, mas falam uma língua que poucos cidadãos medianos compreendem e que poucos dos responsáveis pelo traçado das políticas se dão ao trabalho de traduzir. Hoje em dia a política econômica talvez constitua a parte mais importante da interação dos EUA com o resto do mundo. Entretanto, a cultura da política econômica internacional na mais poderosa democracia do mundo não é democrática”.¹¹

Stiglitz é explícito ao afirmar: “evangelho do livre mercado”, que procura ser levado até “os mais longínquos cantos do mundo”. Suas palavras parecem tiradas da Bíblia, do livro de Marcos cap. 16:15 e Atos 1:8, quando Jesus ordena a seus discípulos serem suas testemunhas em Jerusalém, Samaria, toda Judéia e *até aos confins da terra*, bem como pregar o evangelho a toda criatura. Stiglitz tão somente acrescenta à palavra evangelho o qualificativo “do livre mercado”, mostrando que o livre mercado é apregoado com sendo “*boa mensagem*”, tradução literal da palavra grega εὐαγγέλιον, e mais que isso, como a mais recente boa mensagem, como o mais novo evangelho.

A terminologia religiosa usada por um profundo conhecedor da economia, que já trabalhou junto ao Fundo Monetário Internacional, não é sem propósito, pois de fato, ele mesmo mostra em seu artigo que o Fundo Monetário Internacional se comporta como uma divindade, de forma onipotente e onisciente, sem pedir opinião para quem quer que seja, numa relação unilateral, “impondo” suas políticas econômicas aos demais países como sendo a solução para os mesmos, sem consultá-los, sem ouvi-los, sem nem sequer conhecer *in loco* sua realidade social.

¹¹ Joseph Stiglitz. Folha de São Paulo, Caderno 2, folha 8, 15 de abril de 2000.

As colocações esboçadas pelos autores supracitados nos mostram que o mercado passou a assimilar elementos sagrados, e como tal, exige fé por parte das pessoas, fé na sua capacidade de auto-regulação, fé na sua capacidade de ordenação da economia, fé em que realizará o melhor para a sociedade.

É bastante interessante que as crises econômicas de natureza mundial, como as ocorridas à partir de 1997 na Tailândia, atingindo outros países do Leste Asiático, nunca são explicadas em termos de erros cometidos pelos grandes organismos monetários, como p. ex. o Fundo Monetário Internacional, mas são explicadas sempre em razão de uma não adequação dos países aos mecanismos do livre mercado. Afinal, como afirma Sung, “à medida que o mercado é perfeito e tem valor metafísico e transcendente, as necessidades dos homens têm que adaptar-se ao mercado, e não o mercado à satisfação das necessidades. O que tem que se corrigir é a realidade e não o mercado”..¹²

Citando John K. Galbraith, Sung descreve as transnacionais relacionando-as com a religião:

“Esses homens da tecnoestrutura (das transnacionais) são o novo clero universal. Sua religião é o sucesso comercial; sua prova de verdade é a expansão e o lucro da empresa. Sua Bíblia é o relatório computadorizado; seu confessionário é a sala de reuniões. A equipe de vendas leva a sua imagem ao mundo, e de mensagem é o que geralmente a sua argumentação é chamada (...) Os jesuítas dessa fé austera são os diplomados da Escola de Administração de Harvard”.¹³

Sung conclui:

¹² Jung Mo Sung. A Idolatria do Capital e a Morte dos Pobres. Edições Paulinas, 2ª Edição, São Paulo, 1989, p. 119.

¹³ Jun Mo Sung. A Idolatria do Capital e a Morte dos Pobres. Editora Vozes, 2ª Edição, Petrópolis, 1998, p.121.

“A realidade é que o mercado se tornou sagrado, e os teóricos burgueses têm-se utilizado de argumentos religiosos, teológicos ou não, para legitimá-lo como tal.”¹⁴ Para ele “o mercado sacralizado é apresentado como ente capaz de superar todos os limites da possibilidade humana. Só com essa transcendentalização é que se pode prometer a acumulação ilimitada e a satisfação não só de todos os desejos atuais mas de todos os desejos ainda por vir. O mercado sacralizado é o fundamento da promessa de emancipação da humanidade pelo progresso no sistema de mercado. Isto significa que esta transcendentalização do mercado não é igual a outras transcendentalizações (saltos indevidos) das outras categorias e instituições econômicas, mas tem a peculiaridade de ser a última transcendentalização, isto é, a transcendentalização que faz do mercado o Absoluto.”¹⁵

Uma vez que o mercado é sacralizado, faz-se necessário que as pessoas tenham fé no mesmo, pois “é a fé no mercado como propulsora do crescimento econômico e realizadora do ‘bem-estar social’ que faz do mercado o critério central para este conflito. As leis do mercado determinam que é preciso crescer, não para partilhar com justiça, mas para pagar os juros, pois só assim teremos acesso a este mesmo mercado”.¹⁶ Assim, “Os crentes nas virtudes redentoras do capitalismo globalizado’ acabam, pela sua própria fé no mercado, caindo numa armadilha. A fé na capacidade da ‘mão invisível’ do mercado de transformar, através de efeitos não-intencionais, a somatória dos interesses próprios em bem comum não permite que se pense e procure soluções para a crise fora da própria lógica do mercado. Buscar soluções extramercado, como a intervenção do Estado ou da sociedade civil, seria negar a fé no mercado”.¹⁷

¹⁴ A Idolatria do Capital e a Morte dos Pobres. Edições Paulinas, 2ª Edição, São Paulo, 1989, p. 117-118.

¹⁵ Jung Mo Sung. Teologia & Economia. Ed. Vozes, 2ª Edição, Petrópolis, 1995, p. 204-205.

¹⁶ Jung Mo Sung. A Idolatria do Capital e a Morte dos Pobres. Edições Paulinas, 2ª Edição, São Paulo, 1989, p. 112-113.

Em síntese, acho perfeitamente razoável pensar o tema *sacralização do mercado* ou *religião de mercado* tendo em vista o caráter hegemônico que o mesmo assumiu a partir do século XIX, e a forma como o mesmo é visto, como um ser com vida própria, autodeterminável, auto-regulável, auto-ordenador, ou seja, com caráter transcendental.

É a partir desta ótica que passarei a analisar agora a Igreja Universal do Reino de Deus, destacando em minha análise o seu culto, sua liturgia, como ritual de sacralização do mercado.

1. O Sacrifício.

A idéia de sacrifício é muito antiga. Encontra-se presente nas religiões mais primitivas. A prática de sacrifícios às divindades existiu no Egito, na Babilônia, Assíria, Grécia, Roma, entre vários povos da Ásia Menor, entre os cananeus, bem como entre os hebreus. O sacrifício tinha como objetivo prestar homenagem à divindade, aplacar a sua ira, estabelecer uma relação de comunhão.¹⁸

Weber assim considera a prática de sacrifícios:

“Naturalmente, também os elementos específicos do ‘serviço divino’, a oração e o sacrifício, são inicialmente de origem mágica. (...) Não obstante, também as religiões indiferenciadas nos demais aspectos praticam a oração autêntica individual, como súplica, na maioria das vezes numa forma racional, puramente comercial: o rezador apresenta ao deus os serviços prestados, esperando contraprestações correspondentes. Também o sacrifício aparece no princípio como meio mágico. Em parte diretamente a serviço da coação sobre o

¹⁷ Jun Mo Sung. *Desejo, Mercado e Religião*. Editora Vozes, 2ª Edição, Petrópolis, 1998, p. 123-124.

deus: também os deuses precisam do filtro de soma dos sacerdotes mágicos [védicos (N.T.)] que suscita o êxtase, para realizar suas façanhas; por isso, conforme imaginaram os antigos arianos, pode-se forçá-los mediante o sacrifício. Ou então pode-se até concluir com eles um pacto que impõe obrigações a ambas as partes - concepção dos israelitas, de graves conseqüências. Ou o sacrifício é um meio de desviar magicamente para outro objeto a ira do deus uma vez desatada, seja este objeto um bode expiatório ou (e nomeadamente) uma vítima humana. Ainda mais importante e provavelmente também mais antigo é outro motivo: espera-se que o sacrifício, especialmente o de um animal, estabeleça uma *comunio*, uma comensalidade com efeito de confraternização, entre o sacrificador e o deus; isto representa uma modificação do sentido da idéia ainda mais antiga de que o ato de despedaçar e comer de um animal forte e, mais tarde, de um animal sagrado, proporcione a força àquele que o ingere¹⁹.

Nos registros bíblicos da história do povo hebreu (II Crônicas 5:6) consta que por ocasião da inauguração do Templo de Jerusalém, Salomão e toda a congregação sacrificaram ovelhas e bois, que de tão numerosos não se podiam contar. Registra ainda (II Crônicas 35:7) que o rei Josias ofereceu ao povo para que sacrificassem por ocasião da Páscoa, 30.000 cordeiros e cabritos e 3.000 bois, afora o que ofereceram outros líderes do povo: 7.600 cordeiros e cabrito e 800 bois. A prática de sacrifícios com finalidade expiatória, de comunhão com a divindade, era muito comum entre os hebreus.

Também o cristianismo é fortemente marcado pela idéia de sacrifício, pois a morte de seu fundador, Cristo, é interpretada como um ato de sacrifício. Ou seja, é Cristo, o Filho de Deus que, assumindo a forma de homem, toma sobre si a culpa do

¹⁸ Johannes B. Bauer. Dicionário de Teologia Bíblica, Vol. II, Edições Loyola, 3ª Edição, São Paulo, 1983, p. 1027-1028.

¹⁹ Max Weber. Economia e Sociedade, Vol I. Editora Universidade de Brasília, 3ª Edição, Brasília, 1994, p.292-293.

pecado da humanidade para com Deus, morrendo na cruz por ela, para que os homens pudessem experimentar, pela fé nele, a reconciliação com Deus. O sacrifício teve pois caráter expiatório, afim de que os homens pudessem ser perdoados de seus pecados e reconciliados com Deus. Assim, o sacrifício de Cristo é interpretado pelos autores do Novo Testamento como o sacrifício por excelência, o sacrifício perfeito. O principal signo do cristianismo, a cruz, é a expressão de um sacrifício.

A idéia e a prática de sacrifício sempre estiveram presentes na religião. A própria religião cristã se manifesta em muitos momentos através de práticas de penitências, peregrinações, macerações, autoflagelações, jejuns etc., sempre com a finalidade de purificação, de expiação de pecados. Assim, muitas pessoas ainda se autocrucificam nas Filipinas por ocasião das comemorações da Paixão de Cristo; muitas, no Brasil, pagam promessas carregando uma cruz por um longo percurso; outras sobem, ajoelhadas, escadarias de igrejas, com um peso sobre a cabeça. Os exemplos de sacrifícios se multiplicam, sempre marcados pela idéia de expiação, purificação, cumprimento de uma promessa em razão de um benefício recebido, ou então no desejo de alcançar algum benefício.

A idéia de sacrifício é tão forte entre o povo brasileiro que a pregação da salvação pela graça, um dos pilares da doutrina dos reformadores do século XVI, que anunciavam a *sola gratia* em oposição à doutrina da salvação pelas obras e à prática das indulgências, sofre grande resistência por parte das pessoas.²⁰ Elas parecem raciocinar da seguinte forma: “se é totalmente de graça então não pode ser tão bom assim”. Desta forma, várias expressões da religiosidade evangélica, destacando os pentecostais, são marcadas por acentuado legalismo, que se apresenta como uma forma de sacrifício. A maioria dos evangélicos e protestantes no Brasil afirma a fé em Jesus como único meio de salvação, mas entende que, se não for batizada por imersão “nas águas” e se não adotar os usos e costumes da igreja, não será salva.

²⁰ Não pretendo ser simplista, atribuindo apenas a esta questão a dificuldade do crescimento das igrejas protestantes, pois o esvaziamento do sagrado nas mesmas, dentre outros, é também analisado como um dos fatores preponderantes do seu não crescimento, de vez que as mesmas aboliram quase que totalmente os elementos simbólicos do sagrado.

A idéia de sacrifício relaciona-se também com o mercado, na medida em que este, para que possa perpetuar-se, exige o sacrifício por parte das pessoas. Assim, é comum no discurso econômico falar-se em arrocho salarial, corte nos gastos públicos, sempre atingindo áreas vitais como saúde, educação e segurança. Desta forma, os interesses do mercado se sobrepõem aos interesses do homem, da sociedade, e acaba por afirmar a lógica da exclusão, o que a princípio contrária uma das funções da religião, que é criar formas de solidariedade. Neste sentido afirma Ortiz que “essa religião do mercado, implica numa contradição frente a todos os outros movimentos religiosos. Enquanto as religiões, e não apenas as tradicionais, criam formas de solidariedade, a religião do mercado é uma ruptura de solidariedade. O mercado só une na medida em que as pessoas atuam na funcionalidade do sistema. Portanto, a solidariedade só é pensada enquanto eficácia e desempenho. É como se a dimensão de um homem só fosse estendida para todo o universo e fosse pensada como a única dimensão dos homens”.²¹ Assim, no mercado, a solidariedade só pode ser pensada enquanto eficácia, reunir para produzir de forma mais eficaz.

Na continuidade de sua análise Ortiz, evocando análise de Assmann conclui que esta forma de solidariedade do mercado acaba por gerar exclusão, que passa a fazer parte de sua lógica de funcionamento. Para que o mercado funcione é necessário que muitos sejam dele excluídos, e tal exclusão parece ser vista como necessária. Ou seja, se se continua acreditando que o mercado é auto-regulável enquanto grande parte da população mundial vive em estado de pauperização; e se as grandes instituições financeiras mundiais, como o Fundo Monetário Internacional, continuam a exigir uma política de austeridade por parte dos países devedores como condição de novos empréstimos, sabendo de antemão que mais recessão implica no sacrifício de mais vidas humanas, tais sacrifícios certamente são contabilizados como necessários à manutenção do sistema de mercado. Em nenhum momento a fé no mercado é abalada, inda que sua perpetuidade implique no aumento de mais sacrifícios.

²¹ Renato Ortiz. *As Falácias Religiosas do Mercado (Intervenções)*. In. *Misticismo e Novas Religiões*. Moreira, Alberto & Zicman, Renné (Orgs). Ed. Vozes, 2ª Edição, Petrópolis, 1994, p. 136.

Sung, no tocante ao sacrifício que se exige para a sobrevivência do mercado assim afirma:

“Este novo ‘deus Capital que dá vida’ tem na realidade uma lógica necrofílica: ele só dá a possibilidade de vida ao trabalhador se ele puder sugar esta mesma vida. O salário que é pago aos trabalhadores é sempre menor do que o valor produzido pelo trabalho. Senão, não há motivo e nem interesse de manter este trabalhador. O valor-vida produzido que não retorna, nem pelo salário e nem pelos meios indiretos, é a morte do trabalhador que dá vida ao capital, que o faz crescer e tornar-se cada vez mais poderoso.

“É o sacrifício do sangue dos pobres ao deus Moloc²²(Levítico 20:3). É a imolação exigida por este ídolo para que o mercado-Reino continue funcionando e expandindo, dando ‘migalhas de vida’ para os pobres. Aqueles que nem a esta ‘migalha’ conseguem ter acesso, os desempregados crônicos, são condenados ao ‘anátema’, são excluídos da sociedade.

“Como para a rápida acumulação do capital é importante não haver pressão para aumento de salários e direitos dos trabalhadores, o ‘pleno emprego’ é evitado e se deixa um contingente de desempregados - ‘o exército de reserva industrial’. A lógica do capital exige que, além da apropriação da mais-valia, condene uma parcela da população à morte através do desemprego”.²³

É esta a irracionalidade presente na racionalidade do mercado. Aquilo que o homem criou, que é obra de suas mãos, de repente parece ter vida própria e se coloca acima de seu criador, parecendo que *o homem foi criado para o mercado e não o mercado para o homem*. De acordo com esta ótica do mercado, sempre haverá

²² Divindade adorada pelos amonitas, um dos povos cananeus. É representado por uma imagem de bronze com os braços esticados, na qual se colocava lenha e ateava-se fogo, e quando a estátua estava em brasas, sacrificavam-lhe crianças, colocando-as sobre os seus braços em brasas. Tal prática foi adotada pelos hebreus em alguns momentos de sua história, conforme pode-se constatar pelos registros do Velho Testamento.

sacrifícios necessários, sacrifícios esses que sempre recairão sobre as pessoas pobres e sobre os países mais pobres. É condição para que o mercado sobreviva. Uma maioria de pobres é sacrificada em benefício de uma minoria rica, e assim o mercado sobrevive, é esta a sua lógica, é esta a sua racionalidade.

A Igreja Universal do Reino de Deus é uma igreja que desenvolve com muita originalidade o tema do sacrifício. Não que o tema do sacrifício seja novo, pelo contrário, como já falamos acima, é muito antigo. Todavia a Igreja Universal inovou em matéria de sacrifício.

Uma figura veterotestamentária²⁴ de destaque nas matérias dos jornais e programas radiofônicos e televisivos da Igreja Universal é Abraão que, conforme o relato do livro de Gênesis, capítulos 12 a 25, foi chamado por Deus para ser o pai de numerosas nações, ser uma bênção para todas as famílias da terra. Todavia, ele já era velho, bem como sua esposa, e não podiam ter filhos. Ele então ora a Deus e este promete que ele teria um filho na sua velhice. Tal promessa se cumpre quando Abraão tinha cem anos e Sara 90. Nasce Isaque, o filho prometido. Este filho cresce, e quando já era adulto, Deus ordena a Abraão que suba com ele até um dos montes da terra de Moriá e lá o ofereça em sacrifício. O capítulo 22 de Gênesis registra este momento dramático da vida do personagem Abraão. Apesar de o pedido parecer absurdo, Abraão não questiona a Deus, antes, faz tudo como este lhe ordena. Sobe com seu filho Isaque até um dos montes, levando a lenha, o fogo, o cutelo, mas não levando todavia o cordeiro do sacrifício. Chegando ao cume do monte Abraão prepara o altar, coloca sobre ele o seu filho e empunhando o cutelo ergue o braço afim de sacrificá-lo, momento em que um anjo intervém impedindo que ele conclua o sacrifício, afirmando que Deus estava satisfeito com sua obediência e que seu filho seria poupado. Abraão olha e vê então um cordeiro que se encontrava emaranhado num arbusto, toma-o e o oferece a Deus em sacrifício e retorna para sua casa, momento em que Deus reitera a sua promessa de abençoá-lo abundantemente.

²³ Jung Mo Sung. A Idolatria do Capital e a Morte dos Pobres. Edições Paulinas, 2ª Edição, São Paulo, 1989, p. 127-128.

UNIVERSAL

UNIVERSAL

UNIVERSAL

A Igreja Universal, tomando como paradigma este episódio do Velho Testamento, propõe que Deus se agrada dos sacrifícios que lhe são oferecidos, e abençoa aquele que o realiza com fé e obediência, mesmo que tais sacrifícios possam parecer absurdos. A fé deve desafiar a lógica, a racionalidade, os cálculos matemáticos, e deve levar o crente a oferecer a Deus o seu tudo, à semelhança de Abraão, na certeza de que assim fazendo ele lhe dará tudo o de que tiver necessidade, tudo o que desejar.

Esta idéia do crente prestar sacrifícios para Deus é totalmente rechaçada pelo protestantismo, principalmente pelas igrejas que adotam os ensinados advindos dos reformadores do século XVI. Para o protestantismo o único sacrifício necessário para a salvação do ser humano foi o realizado por Cristo, que na sua morte e ressurreição aboliu o sistema do culto veterotestamentário, fazendo de cada crente um sacerdote, que se apresenta diante de Deus confiado não em seus méritos mas no perfeito sacrifício realizado por Cristo, na certeza de que ele é o único mediador entre Deus e os homens. Assim, Berkhof, expoente da teologia protestante afirma: “A obra sacerdotal de Cristo é exposta com maior clareza na Epístola aos Hebreus, onde o Mediador é descrito como o nosso único verdadeiro, eterno e perfeito sumo sacerdote, constituído por Deus, que assume vicariamente o nosso lugar e, pelo sacrifício de Si mesmo, obtém uma real e perfeita redenção...”²⁵

Em razão desta compreensão, o protestantismo aboliu qualquer prática religiosa que envolva sacrifício, inclusive a penitência. Até mesmo a prática do jejum é vista com certa reserva pelos protestantes, na medida em que envolva qualquer idéia de um sacrifício meritório para com Deus.

Afinal, em que consiste o sacrifício na Igreja Universal? Ele consiste não no oferecimento de sacrifícios de animais, aliás condenado pela mesma ao referir-se a alguns rituais realizados por religiões afro-brasileiras, conforme podemos constatar em

²⁴ Do Velho Testamento, parte da Bíblia que registra a história dos hebreus.

²⁵ Louis Berkhof. Teologia Sistemática. Ed. Luz para o Caminho Publicações, 1ª Edição, Campinas, 1990, p. 367.

matéria recente da *Folha Universal* intitulada “Morte e Sangue em Rituais Satânicos”.²⁶ O sacrifício do crente hoje, metaforicamente chamado de Isaque, consiste na oferta financeira que o crente leva até o altar nos templos da Igreja Universal. Assim, é comum ouvirmos um pastor falar nos cultos da Igreja Universal: “pegue o seu envelope, coloque nele o seu Isaque e leve-o até o altar de Deus, e ofereça ali o seu sacrifício”.

Há neste ato todo um ritual que lembra os sacrifícios do Velho Testamento, dentre os quais o de Isaque é o mais mencionado. Tal ato é sagrado, a oferta ali depositada é sagrada, e o que Deus fará em resposta à fé e obediência dos ofertantes é também sagrado.

Vejamos um dos relatos concernentes à prática de sacrifícios na Igreja Universal, registrado na *Folha Universal*:

“Bahia - Aconteceu na última segunda-feira, no Centro de Convenções de Salvador, uma reunião para todos os empresários cristãos, a fim de mostrar que tudo o que eles conquistaram até hoje é muito pouco se comparado com o que Deus tem preparado para nós.

“A reunião começou com o depoimento de várias pessoas que chegaram à Igreja Universal endividadas e falidas, e que se tornaram empresárias bem sucedidas participando das reuniões de libertação e prosperidade.

“De todos os testemunhos, o de Rosemarie e Marcel Almeida se destacou. O casal, acreditando que as bênçãos materiais não eram importantes, não dava valor à prosperidade e não a via como algo proveniente de Deus.

“- Quando nós chegamos na IURD estávamos falidos; tínhamos uma dívida que, aos olhos dos homens, era impossível de ser paga. A pressão que recebíamos dos nossos credores era muito difícil de suportar, pois incluía até ameaças.

²⁶ *Folha Universal*, 08 a 14 de agosto, p. 2A.

“Mesmo endividados, no entanto, entramos num propósito com Deus e cumprimos. Foi, para nós, naquela altura, um enorme sacrifício mas fomos deveras honrados: em três meses pagamos a nossa dívida e os lucros do nosso restaurante triplicaram!

“Isso permitiu que expandíssemos o nosso negócio e viéssemos a ter a vida abundante que hoje possuímos - testemunhou Rosemarie.

“O bispo pregou para os empresários que o sacrifício é a chave das bênçãos econômicas, deixando claro que nenhum dos grandes homens da Bíblia prosperou sem antes ter sacrificado e confiado nas promessas de Deus”²⁷ (grifo nosso).

No mesmo jornal em matéria intitulada “Crer é confiar de todo o coração” de autoria do bispo Romualdo Panceiro, após contar a história de uma viúva que ofereceu ao profeta Elias toda a comida que tinha, ou seja, um bolo, em detrimento de seus próprios filhos, numa época em que não havia comida (I Reis 17:10-13), ele assim conclui:

“A mulher não duvidou da palavra do homem de Deus e, por isso, foi abençoada. Um pouquinho de azeite e farinha que tinha para comer apenas um dia, e depois morrer, durou muito tempo: *“Foi ela e fez segundo a palavra de Elias; assim, comeram ele, ela e a sua casa muitos dias”*. (I Reis 17:15).

“Prezado leitor, é exatamente assim que acontece na Igreja Universal. Aqui não passamos a mão na sua cabeça ou choramos junto com você, porque isso não vai resolver o seu problema, mas levamos a pessoa a tomar uma atitude de fé, que é a única forma de sair da dificuldade.

“(…) Portanto, se você está passando por dificuldades, sejam elas quais forem, financeiras, familiares, físicas ou sentimentais, se a sua vida está morta é porque você ainda não creu no Senhor Jesus de todo o seu coração e de toda a

sua alma. Você ainda não se lançou apresentando a Ele a única coisa que lhe resta. **Ninguém que apresenta um sacrifício a Deus volta com as mãos vazias, pois Ele é infinitamente grande para dar muito mais do que você possa imaginar. Se assim fizer, a bênção de Deus estará sobre você**".²⁸ (grifo nosso).

O bispo Macedo, falando da campanha deflagrada na Igreja Universal, intitulada Fogueira Santa de Israel, no período de 18 de julho a 15 de agosto de 1999, que consiste em o crente levar o dinheiro no envelope, de acordo com o tanto que espera receber a mais até a Igreja Universal, dinheiro este que é acompanhado de um pedido de oração, pedido este que é levado pelos bispos até o Monte Sinai, onde orarão pelo crente, assim doutrina os membros de sua igreja através do órgão de veiculação da mesma, a *Folha Universal*:

"Esta luta árdua e constante é o preço que cada um tem que pagar para obter bênçãos. Não se pode simplesmente fazer uma oração e ficar esperando que as coisas aconteçam. Não! Há que se empenhar, perseverar, lutar ou mesmo sacrificar por aquilo que se deseja conquistar! Quem quiser conquistar alguma coisa, de qualquer natureza, tem que trilhar pelo caminho do sacrifício! E quanto maior aquilo que se deseja, maior também será o preço a pagar, maior terá de ser o sacrifício!

"Infelizmente, a grande maioria das pessoas quer seguir sempre o caminho das águas, isto é, escolher o caminho mais fácil para a conquista. Outras, no entanto, são avarentas e se preocupam mais com o preço a pagar do que com o objetivo a conquistar. Para este tipo de pessoas, a Bíblia afirma: '*Quem somente observa o vento, nunca semeará, e o que olha para as nuvens nunca segará*' (Eclesiastes 11.4).

²⁷ *Folha Universal*, 23 de agosto de 1998, p. 9A.

²⁸ *Folha Universal*, 02 de maio de 1999, p. 3A.

“Aqueles que vivem a observar o custo do sacrifício jamais estarão aptos a sacrificar. O caráter de um sacrifício é assim: a pessoa se lança nele com garra e coragem, de corpo, alma e espírito. Não se deve tentar fazer um sacrifício ‘mais ou menos’; ou se sacrifica direito, ou não se sacrifica. É tudo ou nada!

“Assim devem proceder aqueles que estiverem dispostos a participar desta Fogueira Santo no Monte Sinai. Se você estiver disposto a sacrificar a Deus o seu tudo, então participe e creia que Deus lhe honrará; mas se você não estiver neste espírito, meu amigo, não participe’.

“ (...) Estaremos, de 18 de julho a 15 de agosto, lutando com o povo, na fé de Moisés, em todos os templos da Igreja Universal. Você terá 27 dias para tomar sua decisão. Deus quer te abençoar, mas só dependerá de você. Não aja precipitadamente; pergunte primeiro a si mesmo: ‘Estou disposto a pagar o preço? Estou pronto para sacrificar a Deus o meu tudo?’”²⁹

No mesmo jornal, em matéria intitulada “A vitória depois do sacrifício”, há o registro do testemunho da senhora Norma Leal Moitinho, que era alcoólatra e sofria de depressão e que diz ter sido curada na Igreja Universal. O entrevistador lhe pergunta e ela responde:

*“O que aconteceu depois que a senhora soube da cura? De lá para cá, aprendi a exercitar a minha fé, a usar o nome de Jesus em todos os momentos e a viver em constante comunhão com Ele. Tornei-me **dizimista e ofertante** (grifo nosso), comecei a participar dos propósitos de fé na Igreja. Depois da Fogueira Santa, Deus começou a abrir as portas da minha vida financeira. Consegui comprar uma casa, nas outras fogueiras santas conquistei um sítio que transformei em empresa e hoje alugo o espaço para festas e eventos especiais. Tenho um apartamento de veraneio numa praia no Estado do Rio, telefones e carro. Na época que conheci Jesus tinha uma casa, mas não havia*

prosperidade. Hoje em dia, nossa vida é regalada. A família também desfruta dessas bênçãos, todos estão na presença de Deus. Vivo diariamente a promessa de Deus em minha vida.” O entrevistador novamente lhe pergunta: **Qual o segredo das suas vitórias? O sacrifício. Se eu não tivesse sacrificado continuaria na miséria, doente e destruída até hoje. Não me arrependo e jamais deixarei de sacrificar a Deus**³⁰.(grifo nosso).

É ainda o bispo Macedo que falando da relação entre sacrifício e dinheiro afirma:

“Sabemos que sacrificar é a mesma coisa que ofertar, e Deus sempre Se agradou das ofertas, porque elas fazem parte da vida do povo. O próprio Deus estabeleceu os diversos tipos de ofertas no Antigo Testamento.

“A oferta é, na verdade, uma espécie de relação entre o ser humano e o próprio Deus, um relacionamento bonito onde a criatura oferece algo ao seu Criador e vice-versa, ou seja, há um inter-relacionamento através das ofertas mútuas. Nessa troca de ofertas está o pacto da graça de Deus”.³¹

Os vários depoimentos e matérias acima mencionados nos permitem perceber a relação entre dinheiro e sacrifício de forma ritualizada na Igreja Universal. Tal prática diverge em grande medida do ensino do protestantismo e do pentecostalismo clássico. No protestantismo a salvação e tudo o que a envolve é compreendida como graça de Deus, como favor imerecido de Deus aos homens. No pentecostalismo não há a idéia de contribuir financeiramente como um sacrifício, mediante o qual Deus atenderá ao pedido do sacrificante. Já no neopentecostalismo iurdiano a idéia de sacrifício ocupa um lugar central nos cultos. Deus abençoa, mas a pessoa tem que pagar um preço pela bênção, e este preço é o sacrifício consubstanciado na contribuição financeira.

²⁹ *Folha Universal*, 18 de julho de 1999, p. 2A.

³⁰ *Folha Universal*, 08 de agosto de 1999, p. 7A.

Nos vários cultos que presenciei na Igreja Universal pude constatar claramente o ritual que se faz em torno da oferta.

No dia 17 de julho de 2.000, no culto das 10:00hs, no templo da Igreja Universal em Ribeirão Preto, na avenida Francisco Junqueira, 1461, o bispo Robson, após falar por um período de 15 minutos sobre a importância do crente sacrificar para Deus, e da campanha da "Fogueira Santa de Israel"³², chamou os presentes ao culto a levarem até o púlpito o seu sacrifício. Muitos então se levantaram e, subindo alguns degraus na parte da frente do templo, entraram num espaço de aproximadamente 4 metros quadrados, envolto por uma grinalda, representando o Santo dos Santos³³, e depositaram numa urna, simbolizando a arca da aliança, o seu dinheiro. Em seguida o bispo orou a Deus rogando as suas bênção sobre os sacrificantes. Ritual semelhante a este acontece repetidamente nos cultos promovidos pela Igreja Universal.

Tais rituais levam-nos a concluir que os serviços e bens religiosos na Igreja Universal são pagos. A questão é: O que diferencia o pagamento feito na Igreja Universal pelos bens religiosos de outras formas de pagamento? O seu caráter ritual pretensamente sagrado. Há toda uma aura de sacralidade em torno do dinheiro, que recebe a nomenclatura religiosa, simbólica, de sacrifício. Assim, o crente pega o seu dinheiro, levanta-se e leva-o até à frente do templo, que simboliza o altar, e o deposita aos pés do bispo, que então orará a Deus por ele, com a promessa de que ele agora tornou-se credor de Deus, tem o direito de exigir que ele faça o que ele deseja. Assim como no Velho Testamento o animal do sacrifício era separado, santificado, na Igreja Universal o dinheiro é sacralizado, é apresentado como o sacrifício por excelência que o crente pode fazer para Deus.

³¹ *Folha Universal*, 18 de abril de 1999, p. 6A.

³² Campanha deflagrada pela Igreja Universal durante os meses de junho-julho/2000. Durante este período os crentes são desafiados a entregar o seu sacrifício (oferta) dentro de um envelope, com um pedido feito a Deus. No mês de agosto os bispos irão até o Monte Sinai e levarão os pedidos dos crentes e orarão em seu favor para que Deus os atenda. O dia 17 de julho foi o último dia da campanha.

³³ O Santo dos Santos no Velho Testamento era o lugar onde o sumo-sacerdote adentrava uma vez por ano, no dia da expiação, para realizar o sacrifício pelos pecados do povo e interceder por ele. É onde encontrava-se o altar do sacrifício, a arca da aliança e as tábuas da lei. Era o lugar mais sagrado para o povo de Israel.

Como afirma Prandi, “pagar pela religião é uma experiência muito recente entre nós. Na tradição brasileira, os católicos não se sentem responsáveis pelo provimento de recursos para o financiamento da religião; não se paga o dízimo ou qualquer contribuição sistemática, a não ser as espórtulas dos ritos encomendados e pequenas contribuições não obrigatórias em dinheiro durante o ofertório da missa. (...)É no pentecostalismo que se colocou mais decisivamente a questão do pagamento da religião e da expansão religiosa financiada seguidamente por todos os seus adeptos”.³⁴

De fato, no pentecostalismo, e mais especificamente no neopentecostalismo, é que teve início a experiência de pagar pela religião, pagar para poder receber as bênçãos divinas. Assim, a ruptura com a doutrina da salvação pela graça, afirmada pela Reforma Protestante, foi total. “*Sem dinheiro não há salvação*”,³⁵ pois o pagamento feito na Igreja Universal é prioritariamente em espécie. Assim, o dinheiro ocupa importância acentuada e se situa no centro do ritual sacrifício.

Hinkelammert, considerando a análise de Marx sobre o dinheiro afirma:

“O dinheiro é uma mercadoria. Mas não é uma mercadoria como as outras. É uma mercadoria destacada. É aquela mercadoria que serve como denominador comum de todas as outras e na qual todas as outras têm de transformar-se para receber a confirmação de seu valor. O dinheiro serve como intermediário entre o preço de cada uma das mercadorias e o trabalho social ou sistema elementar de divisão do trabalho; e a transformação da mercadoria em dinheiro confirma em que grau o preço de tal mercadoria estava de acordo com o que a divisão do trabalho objetivamente exigia. Nesse sentido o dinheiro serve para exprimir o valor das mercadorias.

³⁴ Reginaldo Prandi. *A Realidade Social das Religiões no Brasil*. HUCITEC, São Paulo, 1996, p. 266 e 269.

³⁵ Pedrinho A. Guarechi. “*Sem Dinheiro Não Há Salvação*”. In: GUARECHI, Pedrinho A. e GUARCHELOVITCH, Sandra (org.), *Textos em Representações Sociais*. Ed. Vozes, Petrópolis, 1994.

“(...) Essa análise do dinheiro leva Marx de novo ao plano da crítica da religião. Agora o dinheiro aparece como um ser dotado de subjetividade. Mas ao contrário da subjetividade das mercadorias, entre as quais não há hierarquia, o dinheiro aparece como superior, é o rei no mundo das mercadorias. Não é uma mercadoria qualquer, mas destacada, ainda que qualquer mercadoria possa-se transformar em dinheiro. É a porta de todas as mercadorias, através da qual chegam à confirmação do seu valor. Mas sendo esse senhorio do dinheiro precisamente a renúncia do homem a pôr a produção a seu serviço, Marx continua no texto citado com uma referência ao Apocalipse:

“Estes têm um conselho, e darão seu poder e autoridade à besta. E que nenhuma mercadoria pudesse ser comprada ou vendida, a não ser por aquele que tivesse o sinal ou o nome da besta, ou o número de seu nome’.

“O dinheiro aparece agora como besta, pela qual o homem perdeu sua liberdade”.³⁶

Considerando a relação *dinheiro e sacrifício* na Igreja Universal, podemos perceber que o mesmo é sacralizado, é levado até o altar, é considerado o sacrifício por excelência, e, na medida em que é sacrificado a Deus, mediante a oração do bispo ou pastor, tem o poder de se multiplicar miraculosamente. É-nos possível estabelecer aqui a relação entre o investidor que empresta dinheiro a juros para bancos ou empresas e vê o seu dinheiro aumentar como que magicamente, com o crente que leva o seu dinheiro para a igreja, sacrificando-o a Deus, na expectativa de receber muito mais. Ora, na medida que o crente ou o investidor agem desta maneira, achando que como por encantamento o dinheiro irá se multiplicar, estão negando uma realidade clara que é o trabalho que produz o capital. Todo o ritual de sacrifício que se faz em torno do dinheiro na Igreja Universal acaba por sacralizar o sistema de mercado, na medida em que sacraliza o elemento que melhor simboliza o mercado que é o dinheiro.

³⁶ Franz Hinkelammert. *As Armas Ideológicas da Morte*. Edições Paulinas, São Paulo, 1983, p. 42-43.

Não há nenhuma crítica ao mercado como sistema hegemônico, antes há a pregação de que aquele que tem fé e sacrifica será próspero. E tal prosperidade prometida é individualista, gerando até mesmo uma concorrência entre os crentes. O bispo inicia o leilão dizendo: *Quem quer sacrificar cinco mil reais?* Depois vai abaixando o valor: *dois mil, quinhentos reais, até chegar em dez reais*. E o fiel recebe pelo que sacrifica a Deus. Recebe a oração do bispo, rogando bênçãos sobre a vida do crente sacrificador.

Nesta ótica, Deus parece comandar todo o sistema de mercado, fazendo com que o dinheiro do sacrificante renda a *cem, a sessenta e a trinta por um*. Quem é excluído é porque não tem fé, é porque não sacrifica a Deus, pois quem sacrifica se torna-se próspero. Assim, além do sacrifício de cada dia, presente na luta da vida, o crente é chamado a sacrificar o seu ganho, às vezes o dinheiro da sua comida, com a promessa de que ganhará muito mais. O mercado é visto como algo muito bom, que possibilita ao crente viver uma *vida regalada, abundante, abençoada*. Assim, no ritual do *sacrifício necessário* para a prosperidade, ou seja, no sacrifício do dinheiro, o bispo o sacraliza e diz: *“o dinheiro é veículo de felicidade”*. Poderíamos mesmo colocar em sua boca as palavras de Colombo sobre o ouro, citadas por Marx, colocando em seu lugar a palavra dinheiro: *“O dinheiro é uma coisa maravilhosa! Quem o possui é senhor de tudo o que deseja. Com o dinheiro pode-se até fazer entrar almas no paraíso”* (Colombo, em carta da Jamaica, 1503)³⁷.

2. O Negócio.

O que é o dízimo?

O Bispo Macedo assim define que o dízimo:

QUANTO

DE 10% DO LUCRO

“É a décima parte, e segundo a Bíblia é a décima parte de todos os rendimentos de uma pessoa, que deve ser dedicada a Deus. O dízimo foi instituído pelo Senhor, como uma espécie de imposto às suas criaturas. Assim como nós, cidadãos brasileiros, temos obrigação de pagar nossos impostos ao governo, a fim de que com este imposto ele venha beneficiar toda a nação, também o Senhor Jesus, através dos nossos dízimos, faz-se chegar e beneficiar àqueles que estão nas trevas deste mundo, através da difusão do Evangelho, pelo rádio, jornal ou pela televisão em todo o mundo.”³⁸

De acordo com explicação do pastor J. Cabral “a razão desta contribuição ser a décima parte da produção do ofertante certamente está no fato de que o sistema decimal era muito conhecido pelos povos da Antigüidade, desde que aprenderam a usar os dez dedos das mãos para calcular”.³⁹

A fundamentação bíblica para o pagamento do dízimo encontra-se em vários textos da Bíblia no Velho Testamento, sendo o mais destacado o do profeta Malaquias no capítulo 3:8-12, onde o profeta declara que o povo de Israel estava roubando a Deus na medida em que não entregava aos sacerdotes os dízimos e ofertas, e afirma que o povo seria amaldiçoado caso não se arrependesse, e em contrapartida, caso o povo se arrependesse e voltasse a entregar os dízimos e ofertas ao sacerdote, no templo, Deus abriria as janelas dos céus e derramaria sobre o povo bênção sem medida, tornando a terra produtiva, de forma que todas as nações reconheceriam a sua bem-aventurança.

O bispo Macedo compara o dízimo a Jesus Cristo:

“O dízimo não tinha e não tem apenas um valor simbólico; ele representa realmente o próprio Primogênito, Jesus Cristo, o Filho do Altíssimo, que O deu à humanidade, a fim de redimi-la para Si”.⁴⁰

³⁷ Karl Marx. O Capital, Vol. I. Nova Cultural, São Paulo, 1988, Cap. II, p. 111.

³⁸ Edir Bezerra Macedo. Vida com Abundância, Editora Gráfica Universal, Rio de Janeiro, 1996, p. 81.

³⁹ J. Cabral. A Deus o que é de Deus, Editora Gráfica Universal, Rio de Janeiro, 1997, p. 16.

⁴⁰ Edir B. Macedo. O Perfeito Sacrifício. Editora Gráfica Universal. Rio de Janeiro, 1996, p. 69.

É ainda o bispo Macedo quem afirma:

“Dar o dízimo é candidatar-se a receber bênçãos sem medida, de acordo com o que diz a Bíblia, sob os aspectos físicos, espiritual e financeiro.

“Quando pagamos o dízimo a Deus, Ele fica na obrigação (por que prometeu) de cumprir a Sua Palavra, repreendendo os espíritos devoradores que desgraçam a vida do homem, atuando nas doenças, nos acidentes, nos vícios, na degradação social e em todos os setores de atividade humana, fazendo com que o homem sofra eternamente.

“Quando somos fiéis no dízimo, além de nos vermos livres desses sofrimentos, passamos a gozar de toda a plenitude da Terra, tendo Deus a nosso lado nos abençoando em todas as coisas”.⁴¹

De acordo com esta explicação do bispo Macedo, na medida que o crente entrega o seu dízimo a Deus, este se torna compromissado a abençoá-lo. Ele fica obrigado para com o dizimista a livrá-lo das desgraças, das doenças, dos acidentes, dos vícios, e a conceder-lhe uma vida plena em todas as coisas.

O Dízimo segundo a explicação do pastor J. Cabral é o mínimo necessário que um crente deve entregar a Deus:

“ (...) Pelo que inferimos da própria Bíblia, o dízimo não é a contribuição justa, específica e absoluta do crente, senão o mínimo com o que deve contribuir para a obra de Deus. O dízimo é o mínimo necessário, e como é um percentual, qualquer pessoa pode e deve pagá-lo. Tem sido uma contribuição eficaz porque não dispensa outras ofertas e não exime o cristão de contribuir com mais, se assim o desejar. Graças a essa forma de sustento, a Igreja não precisa andar

⁴¹ Edir Bezerra Macedo. Vida com Abundância, Editora Gráfica Universal, Rio de Janeiro, 1996, p. 79.

mendigando por aí, pedindo esmolas a um e a outro para cumprir a sua missão”.⁴²

Assim, aquele que é dizimista tem o direito de exigir, de cobrar de Deus o seu crédito.

O dinheiro assume na Igreja Universal um caráter sagrado:

“Da mesma forma, o dinheiro não tem outro caráter senão aquele que lhe damos. Há quem o considere coisa vil e suja, mas se for bem empregado, pode adquirir o caráter de **coisa sagrada**. E é isso que o dinheiro deve significar para o cristão: um dos muitos valores que Deus lhe confiou e do qual, como bom mordomo, ele deverá também prestar contas”.⁴³ (grifo nosso).

Semelhante afirmação faz o bispo Macedo:

“O dinheiro é uma ferramenta sagrada usada na obra de Deus. Ele é o dono de todas as coisas, mas nós somos os Seus sócios nos seus empreendimentos. Dessa maneira o dinheiro, que é humano, deve ser a nossa participação, enquanto que o poder espiritual e os milagres, que são divinos, são a participação de Deus”.⁴⁴ (grifo nosso).

Edir Macedo fala sobre a sociedade entre Deus e o homem, sendo que o contrato social desta sociedade é o dízimo:

“ (...) Uma das maiores revelações dadas ao homem, é a de que Deus deseja **ser nosso sócio**. Deus precisa de você, para lhe dar oportunidade de

⁴² J. Cabral. A Deus o que é de Deus, Editora Gráfica Universal, Rio de Janeiro, 1997, p. 86-87.

⁴³ Ibidem, p. 60.

⁴⁴ Edir Bezerra Macedo. Vida com Abundância, Editora Gráfica Universal, Rio de Janeiro, 1996, p. 74-75.

participar de Suas bênçãos e ajudá-lo a transmitir a todas as pessoas a Sua Palavra.

“ (...) As bases da nossa sociedade com Deus são as seguintes:

“O que nos pertence (nossa vida, nossa força, nosso dinheiro) passa a pertencer a Deus; e o que é dEle (as bênçãos, a paz, a felicidade, a alegria, e tudo de bom) passa a nos pertencer.

“ (...) Não perca a oportunidade de ser **sócio de Deus**. Coloque-se à Sua disposição com tudo o que você tem e comece a participar de tudo o que Deus tem também”.⁴⁵

Com a pregação do dízimo nos moldes que faz a Igreja Universal há uma total sacralização das práticas negociais próprias da economia de mercado. Tal prática é um verdadeiro negócio que a pessoa faz com Deus, tornando-se seu sócio, adquirindo amplos direitos diante dele, direitos que podem ser cobrados, exigidos, reivindicados a qualquer momento.

Estabelece-se pois uma sacralização do dinheiro na Igreja Universal. Deus não só abençoa os negócios dos crentes, como ele próprio é o maior de todos os negociantes, e convida os crentes a serem seus sócios, sociedade esta que implica em o crente entrar com o capital, que é apresentado na forma de dízimo, e Deus, na condição de sócio gerente desta sociedade, direciona as aplicações para fundos de investimentos onde o lucro é garantido.

Nos moldes do liberalismo, a Igreja Universal parece consagrar o princípio de ascensão individualista, onde só vencem os melhores. Assim, na medida em que um fiel não prospera financeiramente, tal se deve à sua falta de fé, de coragem para sacrificar a Deus, para entregar-lhe seus dízimos.

Assim, não se cogita de luta de classes, das causas sociais da pobreza, enfim, das causas reais dos problemas sociais, de vez que tais causas são transferidas para o mundo espiritual, sendo os seus causadores o diabo e suas hostes de anjos caídos, de

demônios, que só são vencidos na medida em que o fiel entrega no altar de Deus seus dízimos, ocasião em que os espíritos devoradores são desbaratados e as portas da prosperidade se abrem para que o fiel experimente uma ascensão social.

Desta forma, a luta de classes, as relações de produção, a exploração do trabalhador, são transferidas para o mundo espiritual. O diabo e seus demônios são os devoradores, que impedem o crente de prosperar financeiramente, logo, a luta tem que ser travada no mundo espiritual, e o ápice desta luta ocorre no momento em que o crente entrega a Deus os seus dízimos, pois é neste momento que ele desfere o golpe final em Satanás, que é então afastado de seu caminho, e aí, ninguém mais pode impedi-lo de ser uma pessoa próspera.

Dízimo é, pois, na Igreja Universal, um negócio sagrado, realizado sob os auspícios da bênção de Deus, que convida homens a serem seus sócios, e mesmo seus credores, na medida em que investem em seu reino. É a sacralização do mercado, configurado no negócio realizado entre o homem e Deus.

3. O Desafio.

Além dos dízimos, o mínimo que o crente pode entregar para Deus, há também, na Igreja Universal, a prática das ofertas. Se o dízimo faz do crente um credor de Deus, uma vez que está sendo fiel na contribuição da décima parte exigida, ele pode todavia aumentar em muito o seu crédito diante de Deus através da prática das ofertas.

Segundo o bispo Macedo a oferta simboliza Jesus Cristo:

⁴⁵ Ibidem, p. 84-87.

“A oferta simboliza Jesus Cristo. Entre todos os símbolos⁴⁶, a oferta é a que melhor representa o Senhor Jesus Cristo, pois Ele é a oferta de Deus para o ser humano, afim de que através da mesma, este possa se reconciliar com o Criador.

“Quando a pessoa entrega uma oferta, está repetindo simbolicamente o que Deus fez ao dar parte de Si (Seu Filho). A oferta é parte da pessoa, pois carrega consigo o tempo de vida gasto para ser conseguida.

“A Bíblia afirma que Jesus deu o Seu sangue para salvar a humanidade. O sangue de Jesus é Ele mesmo, Sua vida, Seu sacrifício. Costumo afirmar que o dinheiro é o sangue da Igreja, pois carrega consigo parte das vidas das pessoas (tempo, suor, inteligência e esforço para ser conseguido); é a este aspecto que me refiro”.⁴⁷

Aqui o bispo Macedo expressa claramente que a oferta é resultado do trabalho das pessoas, mas, contraditoriamente, estas ofertas retornam para o crente em muito maior proporção, de forma mágica, como que por encantamento, pois em nenhum momento nos registros dos testemunhos dos que dizem terem enriquecido graças à oferta fala-se que eles precisaram trabalhar arduamente afim de que conseguissem acumular riqueza. Esta parece surgir como que por encanto, através da ação do sumo encantador - Deus.

A oferta obedece à lógica do **é dando que se recebe**. Quanto mais a pessoa dá mais ela recebe. É assim que é exposta esta questão na seção de doutrina da *Folha Universal*, com o título “é preciso dar para receber”:

“Ninguém dá uma oferta só por dar; só os hipócritas dizem isso. Quando damos uma oferta há um simbolismo muito forte nesse ato. É como se

⁴⁶ É muito curioso que todos os símbolos do cristianismo, cruz, peixe etc., sejam relegados à uma condição de segunda importância, e o dinheiro (oferta) passa a ser o símbolo que melhor representa Cristo, e por conseguinte, o cristianismo.

⁴⁷ Edir Bezerra Macedo. O Perfeito Sacrifício. Editora Gráfica Universal, Rio de Janeiro, 1996, p. 21.

estivéssemos dizendo: 'Ó, Senhor, eu estou dando aqui o que eu posso, o que eu tenho, e eu espero que Tu também me dê alguma coisa'.

"Essa relação de troca está presente na natureza humana. Certa vez um pastor comentou com um jovem sobre isso, e o rapaz disse: 'O Senhor está dizendo que quando levamos uma oferta para Deus estamos propondo um negócio com Ele?' O pastor respondeu: 'E você quer uma pessoa melhor do que Deus para negociar?'

"É claro que é apenas uma ilustração, mas por que não? Por que não podemos pedir a Deus e oferecer-Lhe alguma coisa?"⁴⁸

Nestas considerações doutrinárias a oferta é colocada basicamente como uma moeda de troca com Deus. O crente dá para receber. Sua relação com a divindade objetiva a conquista de benefícios imediatos, para o aqui e agora. É o que se percebe do testemunho de Davi Alves Bessa, 34 anos, empregado na construção civil e cujo maior sonho era ter uma casa própria:

"-Ao chegar, gostei da pregação. Era bastante diferente daquilo que pensava. Senti uma certeza tão grande em meu coração, que **decidi fazer um desafio com Deus** (grifo nosso). Dei tudo o que tinha no bolso, fazendo assim um voto de confiança.

"Nessa época, trabalhava como empregado na construção civil, mas a partir daquele dia, minha vida começou a mudar. Deus me deu condição de abrir minha própria empresa, começando com dois empregados. Não demorou muito e já estava com 180 funcionários trabalhando.

"Antes de fazer prova com Deus morava de aluguel em dois cômodos mofados, mas não aceitava aquela situação. Assim, por ter a certeza de que o Senhor Jesus podia me abençoar e, que isso só dependia de mim, **comecei a**

⁴⁸ *Folha Universal*, 25 de abril de 1999, p. 6A.

fazer desafios (grifo nosso). Em pouco tempo, minha vida financeira prosperou grandemente.

“Hoje, após oito anos na Igreja, possuo meu escritório; comprei três apartamentos em bairros conceituados da capital paulista; tenho dois carros, telefones e, sobretudo, a paz reina dentro do meu lar”.⁴⁹

Por esse e outros testemunhos já mencionados podemos ver que nem sequer se fala do trabalho como meio de ganho. Os testemunhos que são registrados tão somente narram que a pessoa foi até a Igreja Universal, entregou a sua oferta, desafiou a Deus e logo ficou rica, próspera, ou, pelo menos, em melhores condições financeiras. Todavia não se fala como a pessoa conseguiu ganhar dinheiro, que atividade ela realizou afim de conseguir dinheiro. Afinal, o dinheiro caiu do céu.

Vemos assim o distanciamento total da prática da Igreja Universal em relação ao puritanismo, pois, segundo Weber, “a criação de uma ética capitalista somente foi obra - ainda que não intencionada - do ascetismo intramundano do protestantismo, o qual [abriu] precisamente aos elementos mais piedosos e eticamente mais rigoristas o caminho à vida dos negócios e [lhes] apontava, sobretudo, o êxito nessa área como fruto de uma condução da vida racional”.⁵⁰ Assim, o puritanismo tinha uma ética que levava o puritano a trabalhar, pois tinha o trabalho como uma forma de glorificar a Deus, e de vez que vivia uma vida austera, frugal, acabava por poupar, reinvestindo o excedente na produção e acumulando mais capital. Ora, o acúmulo era decorrente do trabalho, que tinha por trás de si uma ética que o orientava. Já na Igreja Universal não, as coisas acontecem de forma mágica. Leva-se o dinheiro para Deus (Igreja), o bispo ora, e o dinheiro se multiplica magicamente. É um verdadeiro *abacadabra* religioso que nega as relações de trabalho, as relações de produção, ocultando do ofertante que ele está sendo expropriado de seus bens.

⁴⁹ *Folha Universal*, 20 de dezembro de 1998, p.11A.

Assim, a oferta realizada para Deus com o objetivo de conquistar bens materiais é totalmente legitimada e incentivada pela Igreja Universal, que vê na oferta uma relação de troca sagrada com Deus. Desta forma o bispo Romualdo prega: “para que Deus possa fazer acontecer um milagre em sua vida, para que você venha a ser abençoado e próspero, é preciso que se entregue por completo; do contrário, sua vida continuará do mesmo jeito que está. Em outra passagem da Bíblia o Senhor Jesus diz: *‘Daí, e dar-se-vos-á; boa medida, recalcada, sacudida, transbordante, generosamente vos darão; porque com a medida com que tiverdes medido vos medirão também’*. (Lucas 6:38)”.⁵¹

Parece-me que esta forma de prática religiosa, da oferta como um desafio à divindade, um desafio sagrado, reflete em certa medida a competitividade do mercado. Ao entregar a oferta o fiel compete consigo mesmo, com aqueles que estão presentes ao culto e com o próprio Deus, além de atender ao desafio do pastor ou bispo.

O fiel é também desafiado a dar a maior oferta possível. É comum pastores chamarem os fiéis a dar tudo o que têm. Eles são desafiados a entregar a Deus tudo o que possuem com a promessa de que Deus lhes dará muito mais. Assim, concorrem com seus próprios sentimentos de dúvida, de desconfiança, até ao ponto de crerem que entregando a Deus aquela oferta ele a retornará em muito maior quantidade.

O bispo Macedo falando sobre a prática das ofertas afirma:

“A verdade sobre esse assunto é que quando alguém traz uma oferta para o Senhor, Ele não repara a quantia, se é muito ou pouco, mas sim se é o melhor que a pessoa está dando. Deus nunca vê a importância trazida pela pessoa em sua mãos, mas sim a que restou no bolso. (grifo nosso).

⁵⁰ Max Weber. *Economia e Sociedade*, Vol. I. Editora Universidade de Brasília, 3ª Edição, Brasília, 1994, p. 391-392.

⁵¹ *Folha Universal*, 15 de novembro de 1998, p. 3A.

“Há uma avaliação por parte de Deus entre a oferta dada e a que poderia ser oferecida”.⁵²

Assim, o desafio é para que o crente ofereça tudo o que tem, com a promessa de que Deus o abençoará, dando-lhe em muito maior proporção.

Bourdieu vê neste tipo de prática certa relação com a própria magia:

“A maioria dos autores está de acordo em reconhecer nas práticas mágicas os seguintes traços: visam objetivos concretos e específicos, parciais e imediatos (em oposição aos objetivos mais abstratos, mais genéricos e mais distantes que seriam os da religião); estão inspiradas pela intenção de coerção ou de manipulação dos poderes sobrenaturais (em oposição às disposições propiciatórias e contemplativas da ‘oração’, por exemplo); e por último, encontram-se fechadas no formalismo e no ritualismo do *tomá lá dá cá*. Todos estes traços estão fundados em condições de existência dominadas por uma urgência econômica que impede qualquer distanciamento em face do presente e das necessidades imediatas sendo ademais pouco favoráveis ao desenvolvimento de competências eruditas em matéria de religião, e por esta razão, têm maiores oportunidades de se manifestar nas sociedades ou nas classes sociais mais desfavorecidas do ponto de vista econômico e, por isso, predispostas a ocupar uma posição dominada nas relações de forças materiais e simbólicas. Mas isso não é tudo. Toda prática ou crença dominada está fadada a aparecer como *profanadora* na medida em que, por sua própria existência e na ausência de qualquer intenção de profanação, constitui uma contestação objetiva do monopólio da gestão do sagrado e, portanto, da *legitimidade* dos detentores deste monopólio”.⁵³

⁵² Bispo Macedo. *Nos Passos de Jesus*. Editora Gráfica Universal, Rio de Janeiro, 1998, p. 112.

⁵³ Pierre Bourdieu. *A Economia das Trocas Simbólicas*. Editora Perspectiva, São Paulo, 1998, p.44-45.

Parece-me que a Igreja Universal enquadra-se em muito do que Bourdieu aqui afirma. Apesar de não considerar a Igreja Universal tão somente como “tenda de magia”, parece-me certo que ela é uma mistura de tradição pentecostal com um pouco de magia, dado ao acentuado misticismo que nela se encontra presente, sendo o próprio dinheiro um objeto místico, na medida que se torna mediador com a divindade de favores, de bênçãos. O dinheiro assume até mesmo um caráter fetichista, mágico, na medida em que sua oferta proporciona a solução de todos os problemas mais o enriquecimento financeiro do ofertante.

O dinheiro na Igreja Universal é de fato sacralizado. É na verdade o que há de mais sagrado, o principal dos sacrifícios, a principal oferta, o melhor que alguém pode oferecer à divindade, algo semelhante ao próprio Jesus Cristo.

Parece-me que a Igreja Universal, através de sua teologia e prática, de fato sacraliza o mercado, na medida em que coloca o dinheiro como mediador de bênçãos divinas, na medida em que consagra o princípio do individualismo, uma vez que a ascensão financeira depende tão somente da fé do crente e de sua disposição de sacrificar a Deus, de entregar-lhe seus dízimos e ofertas.

O discurso da Igreja Universal em nada difere do discurso neoliberal. A única diferença está na sua roupagem religiosa. Usando uma expressão do livro do Apocalipse, cap. 13:11, que refere-se à besta que emerge da terra, é possível dizer que a Igreja Universal “parece cordeiro, mas fala como dragão”. Seu discurso é o discurso do mercado, sua prática é a prática do mercado, da ascensão individualista, do enriquecimento, do acúmulo de capital. Citando Weber, na Igreja Universal “as ações religiosa ou magicamente exigidas devem ser realizadas ‘para que vás muito bem e vivas muitos e muitos anos sobre a face da Terra’”.⁵⁴

É ainda Weber quem afirma:

⁵⁴ Max Weber. Economia e Sociedade, Vol. 1. Editora Universidade de Brasília, 3ª Edição, Brasília, 1994, p. 280.

“*Do ut des* é o dogma fundamental, por toda parte. Esse caráter inere à religiosidade cotidiana e das massas de todos os tempos e povos e também de todas as religiões. O afastamento do mal externo e a obtenção de vantagens externas, ‘neste mundo’, constituem o conteúdo de todas as ‘orações’ normais, mesmo nas religiões extremamente dirigidas ao além”.⁵⁵

Podemos concluir este capítulo afirmando que a Igreja Universal tem como meta principal a “obtenção de vantagens externas, ‘neste mundo’”. Ela age com base no *toma lá dá cá*. Prega esta mensagem aos seus membros, mostrando-lhes a necessidade de sacrificar para Deus, negociar com Deus, desafiar a Deus. Para atingir seus objetivos ela se adequa ao mercado, utiliza-se de todos os seus mecanismos, e na sua prática litúrgica o sacraliza, através de um ritual cujo centro é o dinheiro, signo maior do mercado, que é então sacralizado e elevado à condição de sobreexcelente sacrifício, num ritual no qual Deus e homem tornam-se sócios, entram num pacto, através do qual se estabelecem obrigações recíprocas, num ritual no qual o homem, credor de Deus pela oferta a ele entregue, desafia a Deus, prova-o, para que lhe conceda centuplicado o que lhe ofertou.

Todo este ritual por parte do fiel visa tão somente uma coisa: *que tudo lhe vá bem e ele seja de longa vida sobre a face da Terra*. Por parte da Igreja Universal, o seu enriquecimento parece traduzir de forma clara o que ela visa: o fortalecimento e crescimento da instituição, objetivo este que parece estar sendo realizado com grande sucesso.

⁵⁵ Max Weber. *Economia e Sociedade*, Vol. I. Editora Universidade de Brasília, 3ª Edição, Brasília, 1994, p. 93.

A MERCANTILIZAÇÃO DO SAGRADO

A comercialização de bens religiosos parece ter existido de longa data na história. O cristianismo mesmo surgiu no contexto de uma sociedade já habituada à comercialização do sagrado.

É sabido que no próprio judaísmo havia um amplo mercado de bens religiosos, o que é observado no registro bíblico do evangelista João, que faz menção de Cristo expulsando do templo os que vendiam bois, ovelhas e pombas, e também os cambistas, que realizavam a troca da moeda estrangeira pela usada em Jerusalém, necessária para a aquisição das ofertas e holocaustos a serem utilizados no serviço litúrgico pelo adorador, sempre com grande vantagem financeira.

Assim afirma um estudioso da religião judaica:

“Tudo, no templo, desfrutava de considerável sacralização. As *receitas*: a didracma, os dízimos, as partes sacerdotais tiradas, antecipadamente, dos sacrifícios, os resultados do comércio de animais consagrados ao altar, as ofertas regulares de certas famílias, os donativos de peregrinos vindos de todo mundo romano. (...) Seu papel de *cofre* para fundos públicos e privados: segundo Flávio Josefo, o tesouro do templo sempre suscitou a cobiça dos conquistadores e ocupantes. (...) Este formidável poder econômico se justificava por ser o templo o lugar privilegiado da presença de Deus em seu povo”.¹

Há textos bíblicos fazem referência ao comércio de bens religiosos na Ásia Menor nos primórdios da Igreja Cristã:

¹ Émile Morin. Jesus e as Estruturas de seu Tempo. Edições Paulinas, São Paulo, 3ª Edição, 1984, p. 40.

“Por esse tempo houve grande alvoroço acerca do Caminho. Pois um ourives chamado Demétrio, que fazia de prata nichos de Diana, e que dava muito lucro aos artífices, convocando-os juntamente com outros da mesma profissão, disse-lhes: Senhores, sabeis que deste ofício vem a nossa prosperidade, e estais vendo e ouvindo que não só em Éfeso, mas em quase toda a Ásia, este Paulo tem persuadido e desencaminhado muita gente, afirmando não serem deuses os que são feitos por mãos humanas. Não somente há o perigo de a nossa profissão cair em descrédito, como também o de o próprio templo da grande deusa, Diana, ser estimado em nada, e ser mesmo destruída a majestade daquela que toda a Ásia e o mundo adoram”.²

Há ainda o registro bíblico de que, no início da Igreja Cristã, um homem chamado Simão, que praticava a mágica, e que gozava de grande respeitabilidade pelos habitantes de Samaria, vendo os sinais miraculosos realizados pelos apóstolos aderiu à fé cristã, e percebendo que quando eles impunham as mãos sobre as pessoas elas recebiam o Espírito Santo, sendo tal fato acompanhado de evidências externas, ofereceu dinheiro aos apóstolos para que tal poder também lhe fosse concedido, ao que o apóstolo Pedro respondeu-lhe: “O teu dinheiro seja contigo para perdição, pois julgaste adquirir por meio dele o dom de Deus”.³ É do nome Simão, personagem do episódio referido, que deriva a palavra simonia, que passou a ser utilizada para referir-se à prática do comércio de coisas sagradas, religiosas.

Intenso comércio de bens religiosos ocorreu também durante a Idade Média, sendo que a prática das indulgências, a venda do perdão papal, que era adquirido mediante pagamento em espécie, constituiu o estopim religioso da

² Livro dos Atos dos Apóstolos, capítulo 19:23-27, Bíblia, Sociedade Bíblica do Brasil, Tradução de João Ferreira de Almeida, Edição Revisa e Atualizada, Brasília-DF, 1992.

³ Livro dos Atos dos Apóstolos, capítulo 8:9-25, Bíblia, Sociedade Bíblica do Brasil, Tradução de João Ferreira de Almeida, Edição Revista e Atualizada, Brasília-DF, 1992.

Reforma Protestante levada a efeito por Matinho Lutero na Alemanha.⁴ Todavia, além das indulgências havia um amplo comércio de bens religiosos, conforme registra Bieller, citando observação feita por Lucien Febre sobre tal prática nas terras do Eleitor da Saxônia, Frederico, o Sábio:

“Este escândalo das indulgências existe, mas o daqui, ao contrário, é ainda mais clamoroso do que em outras partes. O Eleitor, nos anos que antecedem à Reforma, se empenha em enriquecer sua coleção de relíquias preciosas para atrair muitos peregrinos à sua cidade. A essas relíquias se vinculam indulgências cujo benefício se obtém mediante determinadas ofertas. Destarte, importa acrescentar sempre relíquias novas e mais sensacionais: pedaços dos cueiros do menino Jesus, fiapos da palha do presépio, cabelos da Virgem e gotas de seu leite...”⁵

O comércio de bens religiosos é, portanto, muito antigo, e tem se intensificado cada vez mais. Atualmente o comércio de bens religiosos, no contexto de uma economia de mercado, tem experimentado acentuado crescimento. Tal comércio implica em vendas de produtos religiosos como imagens, pingentes, rosários, incensos, cristais, livros, panfletos, óleos, e até mesmo promessas de cura.

O comércio de bens religiosos, durante um longo período da história do ocidente foi realizado sob os auspícios da igreja de Roma, que detinha o seu monopólio. Tal situação entretanto sofreu transformações, ocasionando o fenômeno da concorrência na esfera religiosa, fazendo com que as igrejas se adaptassem à nova realidade social, política e econômica.

⁴ Williston. Walker História da Igreja Cristã, II. JUERP/ASTE, 3ª Edição, Rio de Janeiro, 1981, p. 12.

⁵ André. Biéler. O Pensamento Econômico e Social de Calvino. Casa Editora Presbiteriana S/C. São Paulo, 1990, p. 46.

1. Igreja-Empresa

Entendo ser importante destacar aqui a relação entre o pluralismo religioso⁶ e suas implicações para a prática religiosa e sua inserção no mercado, pois foi o pluralismo religioso gerou uma competição por fiéis entre as várias igrejas, devido ao fim do monopólio religioso antes assegurado pelo Estado, ocasionando a concorrência religiosa entre os vários grupos estabelecidos. Ou seja, sem a existência do pluralismo religioso não existiria a concorrência entre os vários grupos religiosos, pois o que existiria seria uma situação de monopólio religioso.

A quebra do monopólio religioso e a conseqüente concorrência entre os grupos religiosos acabou por transformá-los em verdadeiras empresas religiosas, que passaram a disputar no mercado os seus clientes, cada qual procurando oferecer um produto que viesse a satisfazer o interesse do consumidor.

O pluralismo religioso surgiu nos Estados Unidos da América e teve forte influência sobre o desenvolvimento religioso em vários países do mundo, sendo o princípio da liberdade religiosa levada a outros países através das agências missionárias americanas, que procuravam estabelecer a fé protestante em vários países através do trabalho missionário.

Sobre a contribuição americana para a propagação do princípio da liberdade religiosa e por conseguinte do pluralismo religioso, assim expressa Robinson Cavalcanti:

“A maior contribuição da independência americana foi o estabelecimento do princípio da liberdade religiosa, da completa separação entre a Igreja e o Estado, pela primeira vez na história das instituições

⁶ O pluralismo religioso consiste na coexistência de várias denominações religiosas num mesmo país, sendo-lhes assegurada nos termos da lei a liberdade de culto.

políticas. Um dado revolucionário que rompe, inclusive, com a prática milenar da civilização ocidental. O artigo VI da Constituição estatui que 'nenhuma prova religiosa jamais será exigida como qualificação para algum ofício ou cargo público nos Estados Unidos.' E a primeira Emenda à Constituição (1791), declara que o 'Congresso não legislaria sobre o estabelecimento de religião ou proibindo o exercício dela.' (...) A Constituição Federal dos Estados Unidos é um marco no estabelecimento do pluralismo como princípio de governo. Ela é um símbolo do pensamento liberal, na edificação de um Estado democrático de Direito, onde sejam assegurados os direitos e garantias dos cidadãos, onde se estabelece o princípio da soberania popular e da alternância do poder."⁷

Com o surgimento do pluralismo religioso nos Estados Unidos, ocorre a separação entre Igreja e Estado, acaba-se o monopólio religioso, e ocorre o fenômeno do denominacionalismo, ou seja, surgem várias denominações protestantes no solo americano, presbiteriana, congregacional, metodista etc., tendo cada qual que procurar oferecer um determinado serviço religioso à sua clientela. A disputa por adeptos, fala-se hoje em disputa por consumidores de bens religiosos, foi crescendo mais e mais intensamente na medida em que novos grupos religiosos foram sendo organizados. Surgiu desta forma um mercado religioso, inserido no contexto de um mercado maior, cada vez mais abrangente, hegemônico, e hoje, globalizado, que acabou se impondo à religião. Acerca desta relação mercado-religião assim considera Campos:

"O sistema de mercado só atingiu o seu ápice, quando conseguiu penetrar no âmago da religião e oferecer-lhe a ilusão de ocupar um espaço privilegiado dentro dele, quando na realidade, a religião foi se transformando cada vez mais numa de suas mercadorias.

⁷ Robinson Cavalcanti. Cristianismo e Política. Nascente Livraria e Editora Ltda. São Paulo, 1985, p. 146-147.

“(...) A partir desse triunfo do mercado, não se pode mais falar que a religião usa as leis do mercado para vender a sua mercadoria, mas que ela mesma se submeteu àquelas leis e se transformou numa mercadoria também vendável no mercado. A sua submissão aos interesses dos consumidores, fenômeno a nosso ver essencial para se entender o neopentecostalismo, traz de volta as discussões sobre a interioridade das pessoas, suas fantasias, desejos e sonhos, matéria-prima que sempre ligou magia e religiosidade popular”.⁸

Campos propõe pois que a religião é mais uma das mercadorias veiculadas no mercado, e que estas obedecem à lógica do mercado. Vejamos também a esse respeito as considerações de Berger ao analisar o pluralismo religioso:

“A característica-chave de todas as situações pluralistas, quaisquer que sejam os detalhes de seu pano de fundo histórico, é que os ex-monopólios religiosos não podem mais contar com a submissão de suas populações. A submissão é voluntária e, assim, por definição, não é segura. Resulta daí que a tradição religiosa, que antigamente podia ser imposta pela autoridade, agora tem que ser *colocada no mercado*. Ela tem que ser ‘vendida’ para uma clientela que não está mais obrigada a ‘comprar’. A situação pluralista é, acima de tudo, uma *situação de mercado*. Nela, as instituições religiosas tornam-se agências de mercado e as tradições religiosas tornam-se comodidades de consumo. E, de qualquer forma, grande parte da atividade religiosa nessa situação vem a ser dominada pela lógica da economia de mercado.

“(...) Repetindo, a característica social e sociopsicológica crucial da situação pluralista é que a religião não pode mais ser imposta, mas tem que ser posta no mercado. É impossível, quase *a priori*, colocar no

⁸ Leonildo Silveira Campos. Teatro, Templo e Mercado. Simpósio-UMESP-Vozes, São Paulo, São

mercado um bem de consumo para uma população de consumidores, sem levar em conta os desejos destes em relação ao bem de consumo em questão”.⁹

Do exposto, vê-se que a lógica do mercado se impõe à religião, o pluralismo religioso gera uma competição, o que invariavelmente afeta o conteúdo da oferta de bens religiosos, uma vez que estes têm que se adequar às exigências dos consumidores. Assim, ou a religião adequa-se às exigências dos consumidores caso queira expandir-se, ou então resiste à lógica do mercado e entrincheira-se em suas práticas religiosas, com reduzida possibilidade de crescimento.

Parece-me que a discussão acadêmica em torno do tema religião e mercado no contexto brasileiro deveu-se ao surgimento dos movimentos de cura divina, iniciados na década de 50. Duglas Monteiro, na década de setenta, após analisar alguns movimentos de cura divina, percebe nestes a presença de características que os situam no contexto de uma prática religiosa fundamentalmente inserida no mercado e que iria se acentuar nas décadas subsequentes. Vejamos algumas das características por ele percebidas nestes movimentos:

a) “Em primeiro lugar, a constituição de uma situação de mercado que tem em germe todos os problemas de ‘marketing’ que lhe são peculiares, tais como a necessidade de atender às exigências variáveis do consumidor, garantindo, ao mesmo tempo, aquela diferença marginal que distingue o produto, mas isto sem prejuízo para a padronização imposta por uma ação racional.

b) “Em segundo lugar, a redução da importância das fidelidades e das clientelas cativas, em proveito da expansão de clientelas flutuantes e transitórias, formadas por consumidores que buscam eficácia nos gestos, nas palavras e nos

Bernardo do Campo e Petrópolis, 1997, p. 175.

⁹ Peter Berger. O Dossel Sagrado. Paulus, 2ª Edição, São Paulo, 1985, p. 149,156.

objetos carregados de força, oferecidos por uma certa agência, mas que também não tem dúvida em somar eficácias dos produtos de diferentes empresas”.

c) “A significativa complementariedade e, até mesmo, a convergência objetiva entre práticas religiosas que remontam a tradições diferentes, senão antagônicas, caracterizaria alguma coisa que talvez pudesse ser vista como uma das ‘harmonias econômicas’ possíveis nesse mercado. É isso que sugere o encontro entre as entidades de umbanda e os poderes invocados pela *cura divina*.”

d) “A redução da importância das querelas doutrinárias e a irrelevância da formação teológica dos agentes. (...) A formação teológica sobrepõe-se hoje, como indispensável para os missionários que dirigem os movimentos de *cura divina*, uma formação (na maior parte dos casos, ‘em serviço’) que os capacite a administrar; a dirigir, enquanto animadores, grandes concentrações; a adquirir a sensibilidade para captar as variações nas preferências dos consumidores, o desembaraço da complexidade das tramas da sociedade industrial moderna.”

e) “De lugar, por excelência, da mensagem de conversão-salvação e, secundariamente, de orientação ética, a Bíblia passa a ser um instrumento de legitimação do poder - especificamente - do poder de ‘operar maravilhas’¹⁰.

Enfim, Duglas Monteiro percebe já nos anos 70, manifestações claras decorrentes da inserção da religião na economia de mercado, pregando uma mensagem de libertação, de cura, invocando a manifestação do poder divino transcendente, enquanto se organiza de forma racional de conformidade com os ditames da economia capitalista. Ele vê o fenômeno de uma religião voltada para as massas, com uma clientela flutuante, e objetivando atender às exigências do consumidor.

Certamente, o que Duglas Monteiro percebeu nas religiões de cura divina exacerbou-se em muito em algumas manifestações religiosas mais recentes, como é o caso da Igreja Universal do Reino de Deus. Se à época em que ele fez

¹⁰ Duglas Teixeira Monteiro. Igrejas, Seitas e Agências: Aspectos de um Ecumenismo Popular, *in* A Cultura do Povo. Edênio Valle, José J. Organizadores. 4ª Edição, Editora Cortez, São Paulo, 1988, p.106-111.

sua pesquisa o veículo de comunicação de massa era o rádio, através do qual os missionários procuravam alcançar o seu público, nas duas últimas décadas a televisão se popularizou, estando presente em praticamente todos os lares e sendo em grande medida preferida ao rádio, que ainda tem grande audiência e continua sendo explorado como instrumento de comunicação pelas várias igrejas. Todavia, a Igreja Universal e outras tantas “ligaram Deus na tomada da TV”, e tal estratégia de comunicação é fundamental para o seu sucesso.

Na mesma década de 70, Rubem Alves, tecendo considerações ao texto de Duglas Monteiro, segue por outra ótica na análise das empresas de cura divina. Vejamos suas considerações:

“Sugiro, portanto, que o fenômeno das empresas de cura divina deva ser compreendido segundo um modelo econômico e não religioso. O que lhe dá a sua configuração específica é o fato da *comercialização* de bens espirituais, e não o fato de serem espirituais os bens comercializados.

“É necessário evitar um equívoco. Ao sugerir que as empresas de cura divina sejam interpretadas a partir da economia não estou, de forma alguma, sugerindo que superestruturas sejam produtos e reflexos de infraestruturas. Não reduzo o religioso ao econômico. Note-se que estou questionando que as empresas de cura divina devam ser classificadas como religião. A meu ver não estamos diante de uma manifestação religiosa que lança mão de métodos empresariais. Sugiro a direção inversa: a mentalidade de empresa aqui começa a produzir e a distribuir bens espirituais. Esta é a razão por que me parece que poderemos chegar a resultados surpreendentes se, ao invés de enfatizar o caráter *religioso* da empresa, no exercício da ‘arte da desconfiança’, preferirmos abordar o fenômeno a partir do caráter *empresarial* do religioso. Pergunto-me se nas empresas de cura divina não estamos diante de uma nova fronteira promissora que se abre para a economia, o comércio dos bens espirituais? Saúde é um bem espiritual. Não se trata simplesmente de uma dor de

estômago, uma tosse que não pára, uma palidez que impressiona. Lado a lado com os sintomas físicos estão o medo, a incerteza, a ansiedade. É possível incorporar as necessidades espirituais à lógica dos valores de troca.”¹¹

Por fim, conclui Rubem Alves:

“Parece-me que a empresa de cura divina é apenas uma dentre as várias tendências da economia para comercializar bens espirituais. Nas palavras a um tempo ingênuas e cínicas de Alvin Toffler, estamos diante de um novo momento do capitalismo, acusado de materialista pelo marxismo: a ‘espiritualização da economia’. Também os valores espirituais podem ser produzidos e distribuídos segundo a lógica dos valores de troca. Assim, a mais variada gama de ‘experiências’ já se torna acessível pela mediação do dinheiro. (...) É possível ter experiências sem se deixar questionar por elas e sem questioná-las. Ao cliente da cura divina pouco importa compreender o que está ocorrendo. O que importa é que a coisa funcione. Se não funcionar, ele pouco tem a perder. Sem a cura divina, ele estaria no desamparo, de qualquer forma”.¹²

Na verdade, tanto a análise de Duglas Monteiro quanto a de Rubem Alves abordam a questão da relação religião-mercado, sendo que o que as diferencia é o fato de a abordagem de Duglas Monteiro analisar a religião a partir de sua inserção no mercado, enquanto que Rubem Alves aborda a absorção da religião pelo mercado, transformando-a em mais uma de suas mercadorias.

¹¹ Rubem Alves. *A Empresa da Cura Divina: Um Fenômeno Religioso?* In *Cultura do Povo*. Edênio Valle e José J. Queiroz (organizadores). Cortez Editora, São Paulo, 4ª Edição, 1988, p. 115-116.

¹² *Ibidem*, p. 116-117.

Mendonça, 13 anos depois, fazendo uma análise do neopentecostalismo destaca a característica empresarial das igrejas que nele se inserem:

“1) Características empresariais de prestação de serviços ou de oferta de bens de religião mediante recompensa pecuniária, com modernos sistemas de administração e ‘marketing’. Algumas já são multinacionais”¹³.

Vê-se pois, que Mendonça percebe no neopentecostalismo uma das características dantes mencionadas por Duglas Monteiro e Rubem Alves, enfocando o seu caráter empresarial.

Lísias Negrão, fazendo referência aos textos de Duglas Monteiro e Rubem Alves conclui:

“A crescente mercantilização e burocratização da religião no mundo contemporâneo expressaria, creio eu, este duplo movimento: de um lado, uma religião que se assume cada vez mais enquanto tal, deixando de lado sua plurifuncionalidade; de outro lado, ao assumir-se, apela cada vez mais aos princípios racionalizadores característicos das esferas seculares”.¹⁴

Enfim, Negrão conclui que religião e empresa são conceitos que parecem intercambiar-se. De um lado, a religião se assume cada vez mais enquanto tal, de outro, ela apela cada vez mais para os princípios racionalizadores das esferas seculares, assim como fazem as empresas, logo, reunindo características religiosas e ao mesmo tempo empresarias.

Mais recentemente (1997), Campos, em sua pesquisa acerca da Igreja Universal chegou à seguinte conclusão:

¹³ Antônio Gouvêa Mendonça. Sindicato de Mágicos: Pentecostalismo e Cura Divina. In: Pentecostais & Ecumênicos. O Campo Religioso e Seus Personagens. UMESP, S. Bernardo do Campo, 1997.

¹⁴ Lísias Nogueira Negrão. As Falácias Religiosas do Mercado (Intervenções). In: Misticismo e Novas Religiões. Moreira, Alberto & Zicman, Renée (Orgs.), Ed. Vozes, 2ª Edição, Petrópolis, 1994, p. 134.

“Concluimos também que coexistem, no mesmo lugar, atitudes típicas de fiéis de um ‘templo’ e clientela de um ‘mercado’. Estes últimos não se integram no grupo nem formam comunidade. São pessoas em trânsito, que buscam somente benefícios passageiros. Os fiéis permanecem e estão levando a Igreja Universal a se tornar uma ‘igreja’ e não simplesmente um ‘mercado’”.¹⁵

Analisando os textos de Duglas Monteiro e Rubem Alves, 20 anos após terem sido os mesmos escritos, associando-os à análise de Mendonça e Campos, podemos perceber claramente a sua atualidade, e é-nos de alguma forma mais fácil tirar algumas conclusões à luz do desdobramento dos grupos religiosos de cura divina e do neopentecostalismo.

Considerando os grupos religiosos atuais, destacando a Igreja Universal do Reino de Deus, parece-me que trata-se de uma empresa, que utiliza-se de todos os recursos possíveis a fim de vender os seus bens religiosos. Uma empresa muito bem estruturada de conformidade com as exigências burocráticas de uma economia de mercado, altamente competitiva, em fase de grande expansão, utilizando-se de todo o aparato dos meios de comunicação, de marketing, de assessoria empresarial, jurídica, econômica, política etc., sempre com uma meta bem clara, crescer; atrair uma grande clientela e arrecadar cada vez mais capital, e reinvesti-lo a fim de continuar crescendo cada vez mais.

Por outro lado, considerando o culto da Igreja Universal, sua prática litúrgica, percebe-se a força dos elementos mais primitivos da religião associados à formação de uma comunidade que tem se solidificado cada dia mais, e que se utiliza de vários signos da religião cristã. Percebemos a presença de um grupo de fiéis ao lado de um grupo de pessoas que estão à busca de benefícios transitórios. Desta forma, concordo com Leonildo Campos, bem como com Lísias Negrão, que há na Igreja Universal tanto elementos da religião, como elementos

empresariais. Parece-me que o grande crescimento da Igreja Universal deve-se a esta associação do religioso com o empresarial. Desta forma, a Igreja Universal utiliza-se de elementos da religião, bem como utiliza-se dos princípios racionalizadores do mercado e os aplica na sua estrutura organizacional, nos moldes de uma empresa moderna, assim como utiliza-se de práticas monetárias em seus cultos, conforme já consideramos no capítulo anterior, afim de angariar mais dinheiro e assim se fortalecer como empresa-igreja.

O acúmulo de dinheiro pela Igreja Universal, sua gama imensa de oferta de bens religiosos em troca de dinheiro a insere necessariamente na condição de uma empresa de bens religiosos, bens que na sua maioria se constituem em promessa de cura, de libertação de demônios, de prosperidade, de solução para problemas familiares, afetivos etc. Na verdade a Igreja Universal se coloca como uma panacéia para todos os males das pessoas.

Assim, concluímos que a Igreja Universal do Reino de Deus é uma combinação de empresa e igreja, porque, se por um lado ela traz consigo elementos próprios do cristianismo, como os sacramentos, a Bíblia, as orações, o culto, por outro ela está organizada de forma empresarial, sintonizada com as demandas do mercado, pronta a reformular a sua oferta de bens religiosos de conformidade com as exigências dos consumidores. Parece-me que a Igreja Universal soube combinar bem melhor que outras igrejas que a antecederam os elementos próprios da igreja com os da empresa, tornando-se portanto uma igreja-empresa. Assim, enquanto a maioria das igrejas protestantes desenvolveu um discurso condenatório ao emprego de práticas empresariais na administração eclesiástica, a Igreja Universal utilizou-se de todos os recursos de administração empresarial afim de projetar-se no mercado e conquistar o seu espaço.

Discordo portanto daqueles que atribuem o crescimento da Igreja Universal tão somente às suas práticas místicas, bem como daqueles que atribuem o seu crescimento ao seu tino empresarial. A meu ver o crescimento da Igreja Universal

¹⁵ Leonildo Silveira Campos. Teatro, Templo e Mercado. SIMPÓSIO/UMESP/VOZES. São Paulo/São Bernardo do Campo/Petrópolis, 1997, p. 199.

deve-se à sua combinação dos ingredientes igreja-empresa. É este casamento que tem feito da Igreja Universal uma igreja prolífera.

Ora, obviamente a procura por uma religião tal como a Igreja Universal não é obra do acaso. Tal procura deve-se a fatores sócio-culturais. É o que bem mencionou Rubem Alves em suas considerações das Empresas de Cura Divina:

“Por detrás da opção popular pela ‘cura divina’ se encontra o desespero quanto à cura humana: a inacessibilidade dos agentes de saúde, o alto custo dos serviços médicos e dos medicamentos, as barreiras burocráticas que se interpõem entre o doente e a cura. Na cura divina o enfermo está pelo menos convencido do cuidado pessoal do Grande Médico, em oposição ao crescente anonimato que caracteriza as relações paciente-médico (especialmente o paciente pobre)”.¹⁶

É justamente esse vácuo social, essa incapacidade do Estado responder às necessidades básicas da população, de proporcionar-lhes assistência médica, alimentação, educação, segurança, dentre outras, que se insere a Igreja Universal, oferecendo a esperança de cura, apoio afetivo, emocional, que cativa as pessoas, despertando nelas a esperança de solução para os seus males, e ajudando-as de alguma forma a reorganizarem suas vidas.

É pois no contexto do pluralismo religioso, no qual o monopólio deixou de existir, que cada grupo religioso tem que disputar os seus fiéis, os seus consumidores, a sua clientela, e neste afã, muitos grupos religiosos, dos quais destacamos a Igreja Universal, tem se organizado empresarialmente, de conformidade com as exigências do mercado, procurando desta forma alcançar o maior número de pessoas possível, e conseqüentemente, um maior capital.

¹⁶ Ibidem, p. 116.

2. Religião-Magia

Durkheim definiu religião nos seguintes termos:

*“Uma religião é um sistema solidário de crenças seguintes e de práticas relativas a coisas sagradas, ou seja, separadas, proibidas; crenças e práticas que unem na mesma comunidade moral, chamada igreja, todos os que a ela aderem”.*¹⁷

Para Durkheim a religião difere da magia:

*“Não existe igreja mágica. Entre o mago e os indivíduos que o consultam, como entre esses próprios indivíduos, não existem laços duradouros que façam deles membros de um mesmo corpo moral, comparável ao formado pelos fiéis de um mesmo deus, pelos praticantes de um mesmo culto. O mago tem clientela, não igreja, e seus clientes podem muito bem não ter entre si nenhuma relação, a ponto de se ignorarem uns aos outros; até as relações que têm com o mago são geralmente acidentais e passageiras, são em tudo semelhantes às de doente com o médico. O caráter oficial e público de que, às vezes, é investido não muda nada nessa situação; o fato de que ele aja em plena luz do dia não o liga de maneira mais regular e mais durável àqueles que recorrem aos seus serviços”.*¹⁸

Para Durkheim, portanto, a magia nunca forma uma comunidade, mas sim, clientela, distinguindo pois, da igreja.

¹⁷ Émile Durkheim. *As Formas Elementares de Vida Religiosa*. Ed. Paulinas, São Paulo, 1989, p. 79.

¹⁸ *Ibidem*, p. 76-77.

Não obstante as distinções clássicas entre magia e religião, sendo que aquele refere-se a uma prática que visa sempre resultados imediatos por meio da coação, e esta ser uma formadora de sentido, capaz de compatibilizar biografia e história, podemos ver que o próprio Weber achava difícil efetuar uma separação total entre elas, dando a entender que elementos religiosos e mágicos muitas vezes encontravam-se reunidos.

“É possível distinguir a ‘magia’ como coação mágica, daquelas formas de relações com os poderes supra-sensíveis que se manifestam como ‘religião’ e ‘culto’ em súplicas, sacrifícios e veneração e, em conformidade com isso, designar como ‘deuses’ aqueles seres religiosamente venerados e invocados, e como ‘demônios’ aqueles forçados e conjurados por magia. A distinção quase nunca pode ser feita em profundidade, pois mesmo o ritual do culto ‘religioso’, neste sentido, contém quase por toda parte grande número de componentes mágicos. E o desenvolvimento histórico dessa distinção deve-se com frequência simplesmente ao fato de que, no caso de repressão de um culto por um poder secular ou sacerdotal a favor de uma religião nova, os antigos deuses continuaram existindo como ‘demônios’”.¹⁹

Mendonça, em sua análise do neopentecostalismo o associa diretamente à magia:

“A sociedade brasileira hoje é um mundo caótico, que marginaliza cada vez mais as classes pobres e desorganiza a classe média. Ora, as religiões tradicionais, como religião, tem a função de cultuar e manter um universo fixo e previsível. Quando esse universo se desorganiza, as religiões tradicionais têm dificuldade para ajustar as pessoas. Entra, então,

a magia, com sua visão mais compartimentada do universo, que permite ajustes imediatos e parciais. Seria, então, lícito, sob o ponto de vista das ciências sociais, concluir que o neopentecostalismo é um ajuste entre religião e magia”.²⁰

Mendonça enumera algumas características do neopentecostalismo, além da característica empresarial já mencionada:

“ (...) 2) Distanciamento da Bíblia, usada esporadicamente sem nenhum rigor hermenêutico ou exegético, não estando afastado o uso mágico;

3) Inexistência de comunidade. Seus frequentadores são clientes e a relação entre a ‘empresa’ e o ‘cliente’ é na base do *do ut des*;

4) Como não há comunidade de adoração e louvor, o ‘culto’ tem características de ajuntamento de interessados na obtenção imediata dos favores do sagrado;

5) Intenso ambiente de magia. Os mágicos de plantão estão a serviço da ‘empresa mágica’, que traça normas gerais de prática mas outorga certa margem de liberdade às características de cada um.

Considerada a individualidade do mágico, pelo que não existe ‘igreja mágica’ como afirmava Durkheim, as empresas de cura divina configuram-se como sindicato de mágicos”.²¹

Campos, analisando especificamente o neopentecostalismo iurdiano conclui:

¹⁹ Max Weber. Economia e Sociedade. Editora Universidade de Brasília, 3ª Edição, Brasília, 1994, p. 293-294.

²⁰ Antônio Gouvêa Mendonça. O Neopentecostalismo. In: Protestantes, Pentecostais & Ecumênicos. O campo religioso e seus personagens. UMESP, São Bernardo do Campo, 1997, p. 161.

²¹ Sindicato de Mágicos: Pentecostalismo e Cura Divina. In, Protestantes, Pentecostais & Ecumênicos. O Campo Religioso e seus personagens. UMESP, São Bernardo do Campo, 1997, p. 165-166.

“(...) Concluímos que, possivelmente as asserções de Monteiro, Alves e Mendonça sejam válidas para certos grupos, em determinadas épocas e circunstâncias, mas que no caso da Igreja Universal, atualmente, essas observações estão perdendo a validade, pois está surgindo uma rede de comunidades e isto poderá levar a IURD a se tornar uma denominação religiosa à semelhança de outras, que hoje fazem parte do protestantismo”.²²

Se Mendonça, num primeiro momento viu o neopentecostalismo tão somente como “sindicato de mágicos”, noutro porém, entende que o mesmo é uma associação entre religião e magia, à semelhança de Campos.

Parece-me que a Igreja Universal contraria a afirmação de Durkheim de que *não existe igreja mágica*, pois, ao que tudo indica, a Igreja Universal reúne tanto elementos da magia quanto da religião. Não é possível afirmar hoje que a Igreja Universal não é uma comunidade, pois fazê-lo seria contrariar aquilo que é perceptível a qualquer observador atento ao participar de seus cultos, pois são vários os obreiros, assim como também várias são as pessoas que criam vínculos de comunhão entre si e com a igreja.

A meu ver, a análise de Weber sobre a relação religião/magia é bem mais coerente com a realidade, e a Igreja Universal parece ir nessa direção, reunindo culto com componentes mágicos. Desta forma, a Igreja Universal reúne comunidade e clientela ao mesmo tempo, sendo que ambos pagam pelos bens religiosos que lhes são oferecidos.

A Igreja Universal se apresenta como uma agência de soluções para problemas imediatos: financeiros, físicos, afetivos etc.. Neste sentido ela opera no âmbito da magia, e atrai uma clientela que está à busca de soluções imediatas para os seus problemas. Ao mesmo tempo ela tem proporcionado relações comunitárias, à semelhança das igrejas. A combinação destes dois ingredientes religião-magia é de fundamental importância para o seu sucesso, pois possibilita-

²² Leonildo Silveira Campos. Teatro, Templo e Mercado. SIMPÓSIO/UMESP/VOZES. São

lhe uma oferta de bens religiosos e mágicos ao mesmo tempo, atendendo assim a uma ampla clientela.

Sobre tal fenômeno Pierucci tece as seguintes considerações:

“Magia e religião concorrem no mercado religioso com armas e truques diferentes, com poderes distintos e chances desiguais de procura e aceitação dos serviços que oferecem, assim como da atração que exercem. Conseqüentemente, com chances desiguais de sucesso. Além do mais, religião e magia podem combinar-se em doses diferentes nos produtos oferecidos pelas diferentes organizações religiosas, melhorando ou diminuindo sua competitividade ao sabor dessa variável proporcionalidade.

“(…) As religiosidades mais bem sucedidas hoje não pretendem mais impor pautas rigorosas de conduta para regulamentar a vida. Deixaram de moralizar e alegremente passam a oferecer, com destaque, aquele tipo de serviços que a sociologia clássica chamou de serviços mágicos.

“Serviços mágicos são serviços tópicos executados por especialistas em troca do devido pagamento, tendo em vista recompensas bem específicas e imediatas para o cliente. Serviço mágico é quando um problema específico do cliente é resolvido pelo mago ou feitiçeiro aqui e agora. Neste mundo, nesta vida: uma dor física, uma doença, desemprego, aflição, desalento, a sena acumulada, um parente drogado, um filho que se quer ter, um caso de amor a descomplicar.

“A revalorização, tática que seja, dos aspectos mágicos presentes nas diversas religiões é uma das conseqüências mais importantes da livre concorrência religiosa”.²³

Assim, concluímos que a Igreja Universal do Reino de Deus é uma combinação de magia e religião. Se por um lado ela se presta a apresentar

Paulo/São Bernardo do Campo/Petrópolis, 1997, p. 199.

²³ Antônio Flávio Pierucci. Folha de São Paulo, Caderno Especial, Fé-Ano 2000, p. 7, 26 de dezembro de 1999.

soluções para problemas imediatos, por outro, ela proporciona a muitas pessoas que estão vivendo uma situação de anomia um sentido para a vida, a possibilidade de reorganizarem suas vidas. É uma combinação de comunidade e aglomerado de pessoas porque, sendo uma religião voltada para as massas, que utiliza-se dos modernos meios de comunicação, ela tem um grupo de freqüentadores flutuantes, que vão à igreja sem nenhum compromisso, mas tem também um grupo de fiéis comprometidos, que participam ativamente da igreja, e que mantêm relações fraternas entre si.

A Igreja Universal soube combinar muito bem os ingredientes religião-magia e igreja-empresa, o que explica a meu ver o seu crescimento. A combinação do ingrediente religião magia lhe permite oferecer uma gama muito maior de bens religiosos e mágicos que muitas igrejas que a antecederam, enquanto a combinação do ingrediente igreja-empresa, possibilita-lhe uma organização de acordo com as exigências do sistema de mercado vigente, enfim, uma maior adaptação e flexibilidade à situação sócio-econômica em que encontra-se inserida.

3. O Mercado da Fé

Andrew Chesnut, na matéria da Folha de São Paulo com o título “Competição Espiritual no Mercado Livre da Fé” tece as seguintes considerações sobre o mercado religioso no Brasil:

“Hoje há um livre mercado religioso no Brasil. O consumidor pode escolher a religião que satisfaça as suas necessidades. O Brasil está quase igual aos Estados Unidos, onde o livre mercado sempre existiu. Hoje há mais pentecostais do que católicos que freqüentam templos religiosos”.²⁴

²⁴ Andrew Chesnut. Folha de São Paulo, Caderno 5, p. 6, de 06 de junho de 1999.

Em matéria da *Folha de São Paulo*, analisando a questão do mercado religioso no Brasil assim afirma Pierucci:

“Nunca houve tanta liberdade religiosa no Brasil como agora. Nunca antes as religiões foram tão livres para se estabelecer. A situação atual da esfera religiosa brasileira é de competição pluralista e imediatamente globalizada entre religiosidades e ‘espiritualidades’ oriundas de todos os quadrantes do mundo e reentrâncias da nossa história.

“Reina aqui aberta concorrência entre as mais diferentes formações religiosas, assim como entre os mais diversos tipos de organização religiosa - igrejas, seitas, cultos, centros, terreiros, ordens, denominações, comunidades, casas, redes, movimentos. Tudo muito movimentado nas fileiras da religião hoje.

“Toda essa animada liberdade de culto e de associação religiosa que está sendo experimentada em nosso país é a conclusão lógica banal da separação Igreja/Estado operada pela primeira República já em 1890 e inscrita na Constituição de 1891”.²⁵

Enfim, o pluralismo religioso gera competição, conduz à mercantilização da fé, do sagrado, provoca alteração no conteúdo da mensagem religiosa, agora orientada para atrair, seduzir as pessoas, via-de-regra tratando de questões urgentes, imediatas. Entretanto, se por um lado a religião se orienta para atender as necessidades das pessoas, por outro, tais necessidades são também construídas pelos agentes religiosos. É o que considera também Pierucci:

“A ‘necessidade religiosa’ é fartamente construída pelo trabalho dos diferentes agentes da oferta religiosa. A ‘demanda religiosa’ é produzida pela oferta. Eis, sem complicações, a verdade sociológica desse admirável

Brasil religioso, explicação simples, mas satisfatória. A existência de um *homo religious* estatisticamente impactante depende da vitalidade do mercado religioso.

“Antigamente, a regulação estatal do campo religioso restringia a concorrência, já que alterava os incentivos interferindo nas oportunidades dos produtores religiosos, assim como nas opções dos consumidores. A concorrência franca acabou resultando em agentes religiosos menos acomodados, mais dinâmicos e bem dispostos e em organizações religiosas mais eficientes na mobilização de séquitos, públicos, clientelas - sim: religiosamente mobilizado por dentro e na superfície.

“ (...) A proposição-chave dessa explicação pode, pois, ser formulada do seguinte modo: à medida que um mercado religioso se torna realmente competitivo e pluralista, tende a aumentar o nível de participação religiosa da população. O grau de pluralismo religioso já conseguido entre nós possibilita que o mercado concorrencial seja abastecido com ofertas religiosas diversificadas, promovidas por empresas religiosas mobilizadas e motivadas para a competição. (...) Aí está a efervescência. Nos profissionais. Daí vem a efervescência”.²⁶

Desta forma, para Pierucci, o crescimento da participação das pessoas na Igreja deve-se ao trabalho dos profissionais, que atuam com mais competitividade em busca de uma maior clientela. E nessa disputa instala-se o “vale-tudo” da fé. Se por um lado a religião ausculta o povo para perceber suas necessidades e oferecer-lhe um produto que atenda às suas necessidades, por outro, ela estabelece aquilo de que as pessoas precisam para a solução de seus problemas e o coloca no mercado, utilizando-se para tanto de todos os recursos de marketing afim de persuadir as pessoas de que o produto oferecido é bom e que vale a pena elas pagarem para obtê-lo, ainda que a custa de muito sacrifício.

²⁶ Antônio Flávio Pierucci. Folha de São Paulo, Caderno Especial, Fé-Ano 2000, p. 7, 26 de dezembro de 1999.

A Igreja Universal se enquadra justamente nessa situação. Ela procura diversificar ao máximo os seus produtos religiosos, utilizando-se de um grupo de profissionais que recebem uma orientação básica num breve período de tempo, afim de colocá-los no mercado. É uma das poucas igrejas no Brasil que mantém suas portas abertas o dia todo, e em centros maiores, durante vinte e quatro horas por dia. Realiza um plantão constante, antecipando o que alguns supermercados fazem hoje. Ela pode ser enquadrada como uma igreja que mercantiliza o sagrado por todos os meios possíveis, utilizando-se de todos os mecanismos do mercado.

O bispo Macedo, conforme declarações publicadas na *Folha Universal* em 15.10.95, citadas por Leonildo S. Campos, rechaça o título de mercantilista aplicado à Igreja Universal:

“Não deveriam ser tratados como ladrões e chantagistas aqueles que dedicam suas vidas para servir o outro. O título de mercantilista não cabe a nenhuma organização religiosa que esteja inserida em um sistema no qual sem dinheiro nada se pode fazer; muito mais quando esse sistema é injusto, sujo e, pior, aceito, propagado e imposto aos cidadãos, no uso de uma racionalidade mentirosa, hipócrita, maldosa e sem Deus”.²⁷

É ainda Leonildo S. Campos que, tratando desta questão assim afirma:

“Porém, diga-se de passagem, a ‘mercantilização do sagrado’ como estigma lançado a diversas práticas religiosas é uma incoerência do sistema capitalista porque, se tudo nele é negócio e mercadoria, por qual motivo a religião deveria estar fora desse mercado? Afinal de contas, uma sociedade que mercantiliza o sexo, a inteligência, os sentimentos humanos

²⁶ Antônio Flávio Pierucci. *Folha de São Paulo*, Caderno Especial, Fé-Ano 2.000, p. 7, 26 de dezembro de 1999.

mais íntimos, por que resiste tanto à idéia de se considerarem os fenômenos religiosos bens comercializáveis?”²⁸

Analisemos as colocações do bispo Macedo e de Campos.

Macedo reage contra o fato de empregar-se em relação à Igreja Universal o adjetivo mercantilista. Por que? A razão está no fato de que o termo mercantilização no contexto religioso, principalmente evangélico, ser carregado de uma negatividade muito intensa. Referir-se no meio evangélico a uma denominação religiosa chamando-a de mercantilista é o mesmo que afirmar que tal denominação é exploradora da boa fé das pessoas, fraudulenta. Daí a razão de sua reação, devido à conotação que o termo recebeu no meio evangélico, uma conotação pejorativa.

Analisando as considerações de Campos, realmente não é lógico, dentro da lógica do mercado, excluir a religião de seu domínio, de vez que se mercantiliza o sexo, os sentimentos íntimos, a inteligência humana etc. A religião não prescinde de dinheiro, principalmente em se tratando da rotinização do carisma, cuja condição prévia é, segundo Weber, “...a eliminação de sua atitude alheia à economia, sua adaptação a formas fiscais (financeiras) da provisão das necessidades e, com isso, a condições econômicas capazes de render impostos e tributos”.²⁹ Na verdade, a “pecha” de mercantilista é atribuída não raro a algumas religiões por parte de seus concorrentes. Aliás a atribuição de mercantilista a uma religião somente ocorre num contexto de pluralismo religioso, quando ninguém mais detém o monopólio da religião, e via de regra, quem mais utiliza o termo mercantilista em relação a uma religião são os concorrentes que de alguma forma

²⁷ Leonildo Silveira Campos. Teatro, Templo e Mercado. UMESP/Vozes/Simpósio, Petrópolis-São Paulo-São Bernardo do Campo, 1997, p. 177.

²⁸ Leonildo Silveira Campos. Teatro, Templo e Mercado. UMESP/Vozes/Simpósio, Petrópolis-São Paulo-São Bernardo do Campo, 1997, p. 177.

²⁹ Max Weber. Economia e Sociedade, Vol. I. Editora Universidade de Brasília, 3ª Edição, Brasília, 1994, p. 165.

estão perdendo os seus clientes, perdendo espaço no mercado religioso, no qual também mercantilizam seus bens religiosos.

Por outro lado, esta constatação não nos permite usar tal raciocínio e tomar qualquer forma de mercantilização do sagrado como algo correto, principalmente quando as contribuições financeiras são realizadas com base em promessas de curas, de libertações de demônios, prosperidade material, sucesso amoroso e coisas semelhantes, e os fiéis não têm sequer como exigir a contraprestação do serviço prometido, pois o cumprimento da promessa não depende só de quem promete, mas também da fé da pessoa que espera alcançar a bênção prometida, e quando tal bênção não se concretiza, sempre a culpa recai sobre o fiel, que não teve fé suficiente para ser curado, para ser liberto, para ser bem sucedido.³⁰ Tal situação diz respeito não somente à Igreja Universal, mas a toda e qualquer transformação de bens religiosos em mercadoria.

Ora, em um tal sistema religioso, que se encontra inserido no sistema de mercado e obedece à sua lógica, necessário seria que as pessoas tivessem um mínimo de garantia pela consecução das promessas feitas. Todavia, o que acontece é que, sob a égide do princípio da liberdade de culto consagrado pela Constituição Federal, comete-se toda sorte de abusos, de má fé em relação às pessoas crédulas, que num momento de desespero recorrem à instituição religiosa em busca de uma solução dantes anunciada e prometida. Parece que a lógica do mal maior e do mal menor tem funcionado neste caso. É melhor suportar um mal menor, a exploração da boa fé de pessoas crédulas, a criar qualquer forma de embaraço para o exercício da liberdade religiosa.

Enfim, não se pode de fato querer eliminar da religião a circulação de dinheiro, especialmente quando esta encontra-se inserida no sistema de mercado, onde nada se faz sem dinheiro, mas ao mesmo tempo, não se pode justificar sob esta premissa toda sorte de exploração religiosa, pois fazê-lo seria também concordar com a má fé praticada nas várias práticas comerciais presentes no mercado. Mas, na medida em que o mercado invade o espaço da

religião, os valores parecem sofrer alterações substanciais, impondo o mercado inexoravelmente a sua lógica.

No mercado religioso, a fé, os “bens de salvação”, tornam-se mais uma mercadoria, que é vendida assim como se vende qualquer outro produto no supermercado. Não é sem razão que alguns falam da Igreja Universal chamando-a de “supermercado da fé”, e até mesmo adesivos já foram utilizados em veículos com os dizeres: “Jesus é o caminho, e o bispo Macedo é o pedágio”, ou ainda, “Templo é dinheiro”.

4. O marketing da fé

A Igreja Universal, consciente do fato de se encontrar num país de elevada marginalidade social, que tem uma população extremamente carente em todos os sentidos, procurou atuar teleguiada pelos anseios das pessoas, especialmente dos mais marginalizados, e elaborou uma oferta de bens religiosos e o divulgou como sendo a solução para os males, as insatisfações, as frustrações, os problemas das pessoas.

Na verdade, o pentecostalismo no Brasil sempre caminhou ao lado dos pobres. Na prática é uma igreja dos pobres. É a constatação do historiador Andrew Chesnut:

“Os pentecostais oferecem apoio espiritual para muitas pessoas deixadas de lado pelo processo elitista de modernização na América Latina. A Igreja Católica sempre focalizou a elite que tinha recursos. A formulação da ‘opção preferencial pelos pobres’ feita pela Teologia da Libertação é muito irônica. A igreja pentecostal nunca teve de fazer opção pelos pobres porque é uma igreja dos pobres. Os bispos e pastores em geral são pobres, cursaram até o terceiro ano primário e viviam de vender

³⁰ Max Weber. *Economia e Sociedade*, Vol. I. Editora Universidade de Brasília, 3ª Edição, Brasília,

pipoca na rua. É claro que há exceções. Há bispos mais preparados e há corrupção, mas a maioria é de origem humilde”.³¹

A constatação de Chesnut é procedente, a igreja pentecostal sempre foi uma igreja de pobres e que desenvolveu uma teologia para justificar a situação de pobreza, pregando uma mensagem de resignação em relação a esta vida, e a esperança de um céu repleto de glória. Todavia, a pregação neopentecostal afirma que Deus quer que seus filhos sejam prósperos, ricos nesta existência. Esta tem sido a pregação da Igreja Universal: prosperidade, saúde, vida regalada.

Com a finalidade de atingir seu objetivo, a Igreja Universal criou um logotipo para a Igreja, representada por uma pomba com suas asas abertas, em cor branca, dentro de um coração de cor vermelha, simbolizando o Espírito Santo, a paz, a bênção de Deus para os corações, ao mesmo tempo que transmite a idéia de que a Igreja Universal é uma igreja que ama as pessoas, proporciona acolhida, bem como fez da frase “Jesus Cristo é o Senhor” a marca registrada da igreja, que se encontra no frontispício de todos os seus templos, de tal modo que, ao ver tal frase escrita à porta de um prédio, ou em qualquer outro lugar, a pessoa logo a identifica com a Igreja Universal.

A Igreja Universal realizou os mais diversos investimentos afim de crescer.³²

Atualmente, o mais ambicioso projeto social da Igreja Universal é a Fazenda Canaã, que é uma grande área de terra adquirida no Nordeste pelo bispo Marcelo Crivella, com o lucro do CD que o mesmo gravou para a Sony, que lhe proporcionou até o presente momento R\$ 1.070.000,00 (um milhão e setenta mil reais), e que consistirá na aplicação no Brasil dos métodos utilizados nos kibutzim em Israel.³³

1994, p. 296.

³¹ Folha de São Paulo, caderno “Mais!”, p. 6, 06 de junho de 1999.

³² No capítulo primeiro, no item Estrutura Organizacional, citamos alguns dos investimentos feitos pela Igreja Universal.

³³ Revista Vinde-Eclésia, nº 50, janeiro de 2.000, p. 15.

Os programas de rádio e televisão são marcados por pregações, nos quais as pessoas são doutrinadas e chamadas a irem até os templos da Igreja Universal, bem como entrevistas com pessoas que dão seu depoimento de como suas vidas mudaram depois que passaram a freqüentar a Igreja. Durante as entrevistas na televisão, enquanto as pessoas dão seu depoimento, aparece constantemente na parte inferior da tela os endereços dos templos da Igreja Universal na capital do Estado em que o programa é transmitido, bem como o endereço dos templos da região onde o programa é assistido. As pessoas são então convidadas a se fazerem presentes a estes templos, nas várias campanhas de oração, quando então o pastor ou bispo, representantes “legítimos” de Deus, orarão em favor de suas vidas, e assim elas serão abençoadas e seus problemas resolvidos.

A Igreja Universal trabalha com o sistema de correntes de oração ou novenas de oração, sendo que a pessoa para receber a bênção pretendida tem que participar de sete ou nove semanas seguidas de oração, indo ao templo da Igreja Universal, tempo suficiente para que seja convencida a se tornar um membro freqüente da Igreja. Assim, em todos os templos da Igreja Universal, durante toda a semana, a programação é uniformizada. Segunda-feira: Corrente da prosperidade; terça-feira: corrente da saúde; quarta-feira: corrente dos filhos de Deus; quinta-feira: - corrente da família; sexta-feira: corrente da libertação; sábado: terapia do amor; domingo: louvor e adoração.

É bastante significativo os temas das correntes em alguns dias da semana. Na segunda-feira é realizada a corrente da prosperidade. No imaginário popular brasileiro é um dia de lamentação, porque muitas pessoas iniciam a semana de trabalho, ao mesmo tempo em que para os desempregados é um dia em que desejariam estar trabalhando. Enfim, um dia em que muitos tendem ao mau humor, ao desânimo. A corrente da prosperidade objetiva atingir aqueles que estão enfrentando problemas de trabalho, de dinheiro, dentre outros, ou que desejam prosperar em seu trabalho, subindo de posto, ganhando um melhor salário.

Ainda, às segundas-feiras, em vários templos da Igreja Universal é realizada a Corrente dos Empresários, voltada para empresários ou profissionais liberais, procurando atingir a classe média e média alta, oferecendo àqueles empresários e profissionais liberais que estão enfrentando problemas financeiros uma solução, o que ocorre por meio da oração do pastor ou bispo e da fidelidade deste empresário na entrega à Igreja de seus dízimos e ofertas.

Uma das matérias sobre a corrente dos empresários traz o seguinte título: “Corrente dos Empresários: saída em meio à crise”³⁴. E acrescenta: “Fazendo valer as promessas de Deus, com fé e determinação muita gente tem conseguido sucesso nos negócios”.

Um casal de empresários fez o seguinte depoimento:

“Eu pensava que tinha muitas coisas mas, com a Palavra de Deus, percebi que não possuía nada diante do que Ele tem para me oferecer. Agora sei o que é ter coisas grandes. Não posso me satisfazer com dois carros e um telefone celular. Tenho que ter muito mais. Minha esposa e eu passamos por muitas necessidades e só depois de conhecermos Jesus é que tudo começou a mudar - revelou Antônio”.³⁵

Assim, a Igreja Universal, com o seu marketing, desperta a cupidez das pessoas, o desejo de ter cada vez mais, de acumular cada vez mais bens. A lógica da comunhão, da solidariedade, dá lugar à lógica da individualidade, do acúmulo de bens, mesmo numa “comunidade” de fiéis.

Na sexta-feira ocorre a corrente da libertação, que objetiva expelir os demônios que impedem as pessoas de serem prósperas e felizes. Também no imaginário popular brasileiro a sexta-feira é um dia supersticiosamente visto como de azar, principalmente quando se associa sexta-feira com dia 13. As sextas-feiras são também dias em que são realizados despachos e feitiços com maior

³⁴ *Folha Universal*, 13.11.99, p. 6B.

³⁵ *Folha Universal*, 13.11.99, p. 6B.

intensidade. Assim a Igreja Universal realiza seus cultos de libertação às sextas-feiras, em algumas ocasiões à meia-noite.

A Igreja Universal realiza ainda aos sábados a reunião intitulada “Terapia do Amor”. Ela percebeu o grande número de problemas conjugais, de pessoas sós à procura de um par, e assim atrai pessoas desejosas de verem seus problemas afetivos resolvidos. E é justamente no sábado, dia em que os casais ficam mais juntos, e também, em que a solidão parece se fazer sentir mais forte.

A Igreja Universal forma um verdadeiro exército de obreiros e obreiras, que são preparados em pouquíssimo tempo, e que auxiliam o pastor durante o culto, distribuem o jornal da Igreja, bem como realizam um trabalho corpo a corpo fora dos templos, afim de levar um maior número de pessoas para os templos da Igreja. Todas as pessoas são desafiadas a serem missionários, a levar outros para os cultos da Igreja Universal. Tal estratégia confere auto-estima, valor às pessoas que se tornam obreiros, muitas delas que antes de virem para a igreja eram totalmente desprovidas de auto-aceitação, de auto-estima, de senso de valor próprio, e que chegam na Igreja Universal e dentro de pouco tempo são convidadas a serem obreiros, a vestir um uniforme e ocuparem um papel importante nos horários de culto. Assim, tais obreiros vestem literalmente o uniforme da Igreja e trabalham gratuitamente em favor da mesma.

É durante o culto que ocorre uma maior intimidade entre pastor e consumidores, quando então os produtos religiosos são oferecidos em pessoa pelo pastor, e quando as pessoas são desafiadas a contribuir financeiramente.

Através da televisão e do rádio a Igreja Universal entra nos lares. No início do programa o pastor fala para as pessoas colocarem um copo com água sobre o televisor ou sobre o rádio. Ao final do programa ele ora abençoando o copo com água e chama o ouvinte a tomá-lo, como que um sacramento, com a promessa de que tomando-o com fé, ele será abençoado. Com esta estratégia o ouvinte permanece ligado no programa até o seu final, esperando o pastor abençoar o copo com água.

O templos da Igreja Universal oferecem comodidade ao freqüentador. Cadeiras estofadas, livrarias anexas, para que possa adquirir os livros dos autores da igreja, estacionamentos junto aos templos, dentre outras. É até mesmo significativo o fato de muitos templos da Igreja Universal se instalarem em locais onde antes eram supermercados e cinemas, locais de comercialização de produtos que visam atender vários gostos e necessidades.

O administrador de empresas e especialista em marketing Antônio Miguel Kater Filho, que presta assistência de marketing à Igreja Católica, e que teve dentre seus alunos o Padre Marcelo Rossi assim afirma sobre o marketing da Igreja Católica:

“A Igreja não desenvolveu as técnicas para atingir e agradar aos seus consumidores, que são os fiéis. Os clientes da Igreja, que vão à missa pelo menos uma vez por semana, também freqüentam postos de gasolina, agências de banco, restaurantes. São paparicados em todos esses locais, exceto na Igreja. O consumidor da fé é mal recebido e maltratado. Pode-se constatar isso em coisas simples. Quem passa duas horas sentado em um banco de igreja sai de lá com dor nas costas porque os bancos não são anatômicos. Em algumas igrejas não se ouve a palavra do padre porque o eco produzido pela aparelhagem de som deficiente mais atrapalha do que ajuda. Não pára por aí. Muitos padres não têm dicção fluente porque são estrangeiros que não cuidaram de aprimorar a pronúncia. Quem vai ao supermercado para comprar uma caixa de fósforo pode deixar o carro na sombra, com um vigilante por perto para dar segurança. Nas igrejas, ao contrário, não há local para estacionar. Se um consumidor for a uma agência bancária ou a um restaurante e receber esse tipo de tratamento, irá embora sem titubear.”³⁶

³⁶ Revista Veja, 9 de junho de 1999, p. 12.

Ainda falando sobre o problema da racionalização teológica e de comunicação dos padres assim afirma:

“Há alguns anos passei por uma grave crise financeira. Fui à missa da Santíssima Trindade num domingo. O padre explicou o amor do pai pelo filho, do filho pelo pai. Tudo de uma maneira teológica perfeita. Falou quinze minutos. Entendi tudo. Mas não tocou o meu coração. Saí da celebração com os mesmos conflitos. Na volta para casa, parei meu carro em um supermercado vizinho a uma igreja evangélica. Um pastor pregava lá dentro. Dizia com toda força: ‘Meu filho, Deus ama você. Se você soubesse como Deus te ama...’ Aquelas palavras, ditas com tanta emoção, me comoveram. Meu coração foi tocado imediatamente. Tive vontade de correr para dentro daquela igreja porque queria ouvir de alguém que Deus me amava porque eu não estava me amando. O pastor evangélico tinha o remédio para o meu mal. O padre tinha apenas belas palavras vazias. O curioso é que eu não me movi. Naquele momento poderia ter me tornado um evangélico. Não abandonei o catolicismo, mas todos os dias milhares de pessoas em todo o mundo deixam a Igreja Católica como quem troca de sabão em pó no supermercado. Uma pesquisa realizada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, a CNBB, mostrou que grande parte dos evangélicos é de ex-católicos”.³⁷

Kater Filho, respondendo à pergunta do repórter da Veja, se a Igreja Católica já foi mais competente na hora de colocar seu produto no mercado assim afirma:

“Muito mais. Um grande publicitário disse que a Igreja tem o melhor logotipo já criado. É a cruz. O símbolo diz tudo e é muito fácil de ser reproduzido, até por crianças. É facilmente identificada em qualquer

³⁷ Revista Veja, 9 de junho de 1999, p. 12.

cultura. Foi assim que a Igreja ensinou a publicidade a fazer logotipos simples. O primeiro veículo de comunicação de massa da História foi o sino, em um época em que não havia nem megafone. Os padres mandavam erguer torres altas e criavam códigos. Três badaladas rápidas significavam que o padre estava chamando para a missa, badaladas lentas avisavam as mortes. Essa comunicação se estendia por um raio de vários quilômetros. Os primeiros outdoors foram as torres das igrejas. Quando se entra em pequenas cidades o que se vê primeiro é a torre, que vira um ponto de referência para a população”.³⁸

Kater Filho fala ainda da confissão como sendo uma excelente pesquisa qualitativa, dentre outras considerações.

Fiz estas citações para mostrar em primeiro lugar que as igrejas Católica, protestantes, pentecostais e neopentecostais, destacando a Igreja Universal, têm investido em marketing para atingir seus objetivos. As igrejas têm compreendido cada vez mais que “a propaganda é a alma do negócio”, que hoje tudo é interpretado em termos de marketing, e que não se pode prescindir de marketing no final do século XX, o século da comunicação, da informática, caso queira se perpetuar e crescer no século XXI. Em segundo, lugar Kater Filho mostra que mais importante que raciocínios corretos é comunicar com emoção a mensagem religiosa, pois as pessoas buscam mais emoção que explicações racionais. Se a pessoa vai a um templo e consegue chorar, isto a fará sentir-se mais aliviada face aos seus problemas. Assim, ainda que um pastor não tenha um formação teológica adequada, mas se comunique com forte emoção tem mais possibilidade de atingir os corações das pessoas e persuadi-las a crerem no que está pregando, que aquele que prega de forma bem lógica e eloquente, mas sem emoção.

As comodidades proporcionadas pela igreja, bem como um discurso agradável e emocionante, associados a músicas que mexem com a emoção das

³⁸ Ibidem, p. 13.

peças e as envolvem são fundamentais como estratégia de marketing para quem pretende alcançar o maior número de pessoas, o que é claramente anunciado por aqueles que trabalham como assessores de marketing.

É preciso salientar que tanto a Igreja Católica quanto as Igrejas Protestantes deixaram-se ultrapassar em termos de marketing, pois se antes o sino marcava as horas e acontecimentos importantes, hoje temos o relógio como instrumento popular, bem como os modernos meios de comunicação. O sino tornou-se obsoleto. A Igreja Católica continuou até neste século (XX) a celebrar suas missas em latim, com uma liturgia extremamente rígida, sem nenhum apelo emocional, bastante ritualista, enquanto as Igrejas Protestantes insistiram também em uma liturgia voltada para a razão, com pouco apelo emocional, com exceção dos evangélicos pentecostais, que desenvolveram forte apelo emocional, certamente uma das razões de seu crescimento.

Todavia, as igrejas protestantes inovaram em alguns aspectos como por exemplo na educação. As igrejas protestantes introduziram o flanelógrafo como recurso didático, uma novidade para a época. Investiram em escolas e em assistência social. Desenvolveram ainda a prática da evangelização pessoal, visitando os lares e pregando o evangelho. A realidade é que o flanelógrafo já ficou ultrapassado perto de tantos recursos didáticos modernos, a prática evangelística de casa em casa também diminuiu, levando em conta as muitas ocupações que as pessoas têm no seu dia-a-dia. Por outro lado as igrejas protestantes não investiram em outras estratégias de evangelização afim de cooptar um maior número de pessoas para as suas fileiras. A introdução de novas estratégias de evangelização vieram através das Igrejas Pentecostais e Neopentecostais, principalmente através da Igreja Universal, que passou a usar a mídia como o grande veículo de comunicação.

Na Folha Universal há o “Cantinho do Coração” que tem como objetivo aproximar pessoas solitárias visando uma possível aproximação e união, e que recebe em torno de 500 cartas semanalmente. É um espaço da *Folha Universal* onde é publicada as cartas dos remetentes, onde a pessoa fala qual é a sua

profissão, altura, cor dos cabelos, dos olhos, idade, peso, talentos, e tipo de pessoa com quem gostaria de se corresponder. Numa matéria da *Folha Universal*, em que se registra o primeiro casamento resultante das correspondências publicadas no “Cantinho do Coração” o redator registra:

“Percebendo o sofrimento das pessoas na vida sentimental, o bispo Macedo, líder da Igreja Universal, decidiu fazer a coluna Cantinho do Coração na Folha Universal, ao mesmo tempo em que criou a Terapia do Amor - corrente realizada na IURD”.³⁹

Enfim, a Igreja Universal fica atenta às necessidades das pessoas, e em cima dessas necessidades elabora a receita de um produto, de um bem religioso que possa trazer-lhes satisfação.

A *Folha Universal* publica também matéria relativa à beleza feminina. Em uma matéria com o título: “O segredo de uma pele bonita está no uso do produto ideal”⁴⁰, há a foto de três jovens mulheres, uma negra, uma morena e uma branca, e vários conselhos sobre maquiagem. Em outra matéria sobre os cuidados da mulher com o corpo, sob o título: “Cabelos mudam de cor ou de estrutura, mas o brilho pode continuar o mesmo”⁴¹, discorre-se sobre vários produtos importantes para o tratamento do cabelo e formas de deixá-lo mais bonito. Em todos os jornais da *Folha Universal* há ainda uma foto de uma obreira de Igreja Universal, geralmente jovem, bonita e bem maquiada, com os cabelos bem arrumados, onde consta o nome, a idade da jovem, e em seguida que a mesma é obreira da Igreja Universal e o templo que a mesma frequenta. A maioria das fotos é de jovens entre 15 e 20 anos.

A Igreja Universal criou vários *slogans*: “*Pare de sofrer*”; apresentando-se como solucionadora de sofrimentos, proporcionadora de alívio para as pessoas; “*Igreja Universal: onde um milagre espera por você*”, apresentando-se como tendo

³⁹ *Folha Universal*, 18 de julho de 1999, p. 8B.

⁴⁰ *Folha Universal*, 13 de junho de 1999, p. 8B.

⁴¹ *Folha Universal*, 02 de maio de 1999, p. 8B.

o poder de realizar milagres, de operar transformações que estão para além da ciência, de realizar prodígios; “*onde está a Igreja Universal está o Espírito da Criação*”, associando a Igreja Universal ao poder criador de Deus.

No rodapé de algumas páginas da *Folha Universal* há o endereço de vários templos da Igreja Universal, e ao lado dos endereços, escrito em letras bem grandes, em cor vermelha e azul: “Endereços da Felicidade”, sendo que a palavra felicidade é grafada com os mesmos tipos do nome Folha Universal, na capa do jornal, associando felicidade à Igreja Universal.

Os *slogans* criados chamam a atenção, atraem, despertam nas pessoas que estão sofrendo enfermidades, perturbações, relações afetivas rompidas, crises financeiras, o desejo de se dirigirem até os templos da Igreja Universal, onde encontram sempre as portas abertas, nos grandes centros, 24 horas por dia, e onde encontram também uma obreira ou um obreiro, com um sorriso aberto, pronto a ouvi-lo, a acomodá-lo no templo nos horários de culto, a oferecer-lhe um exemplar da Folha Universal, ou uma mensagem impressa de esperança. Durante o culto ele ouve uma mensagem de fé, de esperança, e é desafiado a voltar nas reuniões seguintes, com a promessa de que assim fazendo ele será abençoado.

A Igreja Universal trabalha pois em cima das necessidades imediatas das pessoas, de seus desejos mais urgentes, de seus desesperos, de suas desilusões, de suas frustrações, apresentando-se como agência de solução de problemas, e seus pastores e bispos como mediadores “legítimos” entre a divindade e os pecadores que padecem em seus sofrimentos.

A Igreja Universal estabelece pois uma **mediatização** com as pessoas através dos meios de comunicação, fazendo a ponte entre a igreja e os consumidores de bens religiosos, e estabelece através de seus pastores e bispos uma **mediação** entre o consumidor de bens religiosos e a divindade, **mediação** esta que é sempre estabelecida na base das ofertas. É o marketing da fé.

MISTICISMO E MERCADO

Berger define misticismo como “a atitude religiosa em que o homem visa a união com as forças ou seres sagrados”.¹

Para Mendonça, “a matriz do misticismo é a via da *invenção* que ocupa a via da *reflexão* na vida religiosa. Um imediatismo na relação com o sagrado substitui a mediação do discurso. Há uma inquietude que busca a quietude. A multiplicidade das coisas, a necessidade e a exclusão causam cansaço ou não saciam os espíritos mais necessitados do descanso que produz a unidade e que supera o dualismo perturbador”.²

Para Mendonça pois, “...o misticismo, ao negar as formas de intermediação e o mundo criado por elas, mundo compartimentado e racionalizado, é uma tentativa de recuperação do direito à vida, porque ele se nega a aceitar planos diferentes de existência. Esses, sendo opostos e excludentes, acabam em alguma forma de espoliação e redução ao meramente utilitário”.³ Desta forma ele conclui:

“O êxtase religioso, constitui, dentro do misticismo, o mais forte componente de recusa da intermediação do discurso articulado (a glossolalia parece ser a negação ou inversão do discurso do sistema) e do esforço de fuga para um outro universo que corresponde a essa negação ou inversão. Por outro lado, a ‘experiência espiritual’ do ‘dom de línguas’, característica do êxtase pentecostal, é uma recuperação do poder perdido socialmente, uma vez que a sua relação com a sociedade abrangente é de subordinação e marginalização. Como essa recuperação do poder não se

¹ Peter Berger. O Dossel Sagrado. Elementos para uma Teoria Sociológica da Religião. Paulus, 2ª Edição, São Paulo, 1985.

² Antônio Gouvêa Mendonça. A volta do Sagrado Selvagem: misticismo e êxtase no protestantismo do Brasil. In Religiosidade Popular e Misticismo no Brasil. Vários autores. Edições Paulina, São Paulo, 1984, p. 14.

³ Ibidem, p. 16.

estende pela sociedade, porque não é por ela reconhecida, ela se manifesta no reconhecimento da congregação através do prestígio e acesso às lideranças. Ao menos num universo restrito, a recuperação do poder é real.

“Em resumo, pode-se entender o ressurgimento do misticismo como um componente necessário da religiosidade dominada e marginalizada das massas pobres que tendem a crescer na sociedade industrializada. Na medida em que as religiões tradicionais, como o caso do protestantismo especialmente, reproduzem os mecanismos do poder da sociedade, marginalizando seus fiéis em relação ao sagrado, tendem a perder seus adeptos para formas de religiosidade em que a crença e o ritual favorecem canais para o acesso ao sagrado sob a forma de misticismo e êxtase”.⁴

À luz das considerações de Berger e Mendonça sobre o misticismo, podemos de fato entender que as igrejas pentecostais e neopentecostais crescem cada vez mais na medida em que dirigem um apelo profundamente místico às pessoas. Estas são chamadas a terem uma experiência mística com Deus, são chamadas para serem libertas dos demônios, para serem curadas de suas enfermidades, para experimentarem prosperidade material, para experimentarem solução para os conflitos familiares, dentre tantos outros. Os cultos, os ritos da Igreja Universal apelam fortemente ao emocional, provocam lágrimas nos cultuadores, êxtases, arrebatamentos. Todavia, ainda que chamando as pessoas a terem uma experiência mística, tal experiência é mediatizada pelo bispo ou pastor, legítimos representantes da Igreja Universal e de Deus.

Via de regra a Igreja Universal constata que os males presentes nas vidas das pessoas, e que as impedem de serem felizes, bem sucedidas, é a presença de demônios em suas vidas, a presença de feitiços que foram feitos para prejudicá-las, e que ela, Igreja Universal, pode eliminar, libertar, desfazer, expulsar, desobstaculando o caminho, promovendo felicidade.

⁴ Ibidem, p. 19.

De fato, o exorcismo é a marca registrada da Igreja Universal. Até mesmo suas lideranças assim o reconhecem. É o caso do bispo Marcelo Crivella Bezerra, sobrinho do bispo Macedo, e atualmente o maior expoente da Igreja Universal, depois do próprio bispo Macedo. Respondendo à pergunta do repórter de Vinde-Eclésia, se a Igreja Universal está mudando, afirma:

“Essencialmente, não. A Universal surgiu como uma igreja de libertação. Todos nós, que conhecemos a Bíblia, sabemos que este dom foi dado a ela. Num Brasil que se transformava num país altamente místico, tomado por religiões africanas que trouxeram uma catástrofe para o continente de origem - hoje, a África tem 34 milhões de aidéticos, e o culto aos espíritos é danoso a qualquer sociedade -, a Igreja Universal veio para mostrar o Evangelho da libertação. Jesus disse: “Expulsai demônios”, e a lurd teve a coragem de fazer isto na televisão. Ela surgiu assim, cresceu assim e é assim que prossegue”.⁵

O bispo afirma que o Brasil tornava-se um país místico, e a Igreja Universal veio para mudar tal situação, como que negando o caráter místico da Igreja Universal, ao mesmo tempo em que afirma ser a expulsão de demônios a tônica da Igreja Universal, prática esta profundamente mística.

Necessário se faz pois tecermos algumas considerações sobre a cosmologia da Igreja Universal e a forma como a mesma utiliza o misticismo afim de captar recursos financeiros para a instituição,

Wilson Azevedo, citando Rúbem César Fernandes, ao falar sobre o papel da Trindade no protestantismo afirma:

“Torna-se difícil encaixar num esquema triádico um fenômeno que, a meu ver, já se desdobra em quatro. Portanto, sem querer com isto incorrer numa heresia, proponho acrescentar a esta curiosa classificação trinitária

⁵ Vinde-Eclésia, nº 50, janeiro de 2.000, p. 8.

uma quarta figura que, mesmo não sendo uma pessoa da Trindade, e mesmo não sendo reconhecida entre os cristãos como divina, representa uma ênfase distintiva do neopentecostalismo: o Diabo. De um modo bastante incômodo para os demais protestantes, o Diabo é referência constante no discurso, no ritual e na cosmologia neopentecostal”.⁶

Na crença neopentecostal há um dualismo Deus *versus* Diabo, e a crença que o universo está dividido em dois reinos: o reino espiritual e o reino material. O reino espiritual é habitado por seres espirituais: Deus, o Diabo, anjos e demônios, que estão em luta constante. Assim sendo, a doença no corpo ou na mente humana, a miséria, os conflitos do relacionamento humano são resultantes do que acontece no reino espiritual.

Como explica o Bispo Macedo, Satanás, ou Lúcifer, é um anjo que caiu.⁷ Sua queda, segundo ele, deveu-se à sua pretensão de ser igual a Deus, a seu orgulho. Ele foi portanto precipitado por Deus para a terra, e juntamente com ele uma grande parte dos anjos. Esses anjos caídos são espíritos sem corpos, que passaram a viver errantes, e que “vivem a procurar corpos para através deles poderem levar avante seu intento maligno”. Segundo ele Satanás pode se transformar em espírito de luz, se apresentar com uma face boa, mas que tem como objetivo enganar as pessoas e por fim destruí-las. Para ele, orixás, caboclos, pretos-velhos, guias, espíritos familiares, espíritos de luz, são todos demônios, ou seja, anjos caídos, que procuram destruir a vida das pessoas.

Segundo o bispo Macedo, os demônios se apossam da pessoas de várias maneiras:

1. Por hereditariedade. O demônio que estava no corpo do pai, em falecendo este, procura se apossar do filho ou da filha para continuar sua obra maligna.⁸

⁶ Wilson Azevedo. Guerreiros do Senhor: Um esboço da cosmologia neopentecostal. rev.wilson@stprj.com.br.

⁷ Bispo Macedo. Orixás, Caboclos & Guias. Deuses ou demônios? Editora Gráfica Universal, 14ª Edição, Rio de Janeiro, 1998, p. 30.

⁸ Ibidem, p. 45.

2. Pela participação direta ou indireta em centros espíritas.

3. Por “trabalhos” ou “despachos”.

4. Por “maldade” dos próprios demônios. “Temos uma pessoa em nossa igreja que quando freqüentava o espiritismo perdeu um filho com dezessete anos, porque ao passar por uma encruzilhada deu um pontapé nas coisas ali arriadas. Mil e um desastres automobilísticos têm acontecido nas encruzilhadas em que se colocam constantemente trabalhos de bruxaria. Existem os demônios que se dizem responsáveis pelas encruzilhadas e vivem a espreita de quem por ali passe para penetrar naquele corpo e dele se apossar”.⁹

5. Por envolvimento com pessoas que praticam o espiritismo. “Há pessoas que são tão ‘carregadas’ de demônios que em um simples contato com outras, transmitem influências demoníacas. É muito comum dizer: puxa, fui na casa de fulano e senti o ambiente carregado... acabei saindo de lá com uma dor horrível de cabeça...Na cultura popular brasileira, são bem conhecidas expressões como ‘mau olhado’, ‘quebranto’, ‘olho-de-seca-pimenteira’, ‘pé-frio’, ‘azarado’, etc. Essas expressões traduzem de alguma forma um sinal de possessão de demônios”.¹⁰

6. Por comidas sacrificadas a ídolos. “Todas as pessoas que se alimentam dos pratos vendidos pelas famosas ‘baianas’ estão sujeitas, mais cedo ou mais tarde a sofrer do estômago. Quase todas essas baianas são ‘filhas-de-santo’ ou ‘mães-de-santo’ que ‘trabalham’ a comida para terem boa venda. Algumas pessoas chegam a vomitar as coisas que comeram, mesmo que isso tenha sido há muito tempo”.¹¹

7. Por rejeitarem a Cristo.

Macedo afirma ainda que os espíritos malignos são os grandes causadores das enfermidades na vida das pessoas:

⁹ Ibidem, p. 47.

¹⁰ Ibidem, p. 47.

¹¹ Ibidem, p. 48.

“É incrível o número de pessoas que consultam os médicos, cheias de doenças e ouvem a tradicional frase: ‘Você não tem nada. Pode ficar tranqüila e sossegada’. Algumas teimam e fazem exames, porém estes também nada acusam. A explicação do médico é aquela de sempre: mania de doença, impressão, etc. Alguns chegam a encaminhar seus clientes a um psiquiatra.

“Afirmo categoricamente que todas as pessoas possesas têm alguma enfermidade, doença ou dor. Ao ‘descansarem’ nos corpos das pessoas, os espíritos demoníacos contamina-os, fazendo com que o sofrimento físico tome conta da pessoa. Existem algumas doenças que caracterizam a possessão. Durante os anos do meu ministério, tenho notado que os sintomas são sempre os mesmos. Segue abaixo uma lista de dez sinais de possessão: 1. Nervosismo; 2. Dores de cabeça; 3. Insônia; 4. Medo; 5. Desmaios ou ataques; 6. Desejo de suicídio; 7. Doenças que os médicos não descobrem as causas; 8. Visões de vultos ou audição de vozes; 9. Vícios; 10. Depressão”.¹²

O bispo Macedo explica que toda doença é causada por espíritos malignos, e que pode ser combatida com tratamento médico, com remédio ou tratamento espiritual, com oração e expulsão dos demônios que causam a doença, sendo este último até mesmo mais eficaz. “Toda doença tem uma vida; isto é, algo que a faz aumentar e continuar a sobreviver. Se a pessoa sofre de uma ulceração na pele, esta doença é provocada por um germe que só é visto por intermédio do microscópio, mas o germe está vivo. Há uma força que o faz viver e essa força tem vida. É o espírito de enfermidade. Quando se toma um remédio eficaz, o germe morre. O espírito de enfermidade deixa o ‘corpo’ do germe e a doença, naturalmente, acaba”.¹³

¹² Ibidem, p. 64-65.

¹³ Ibidem, p. 66.

Para Macedo, a possessão pode ser total ou parcial, o demônio pode tomar todo o corpo e mente da pessoa ou se alojar em alguma parte do corpo, perna, braço, causando uma enfermidade nestes membros, ou então na mente, deixando a pessoa louca. Daí a necessidade de ao expulsar o demônio expulsá-lo do corpo todo, pois se o expulsar apenas do braço ele se alojará na perna ou em outro lugar do corpo. Os demônios tem o poder de gerar doenças no corpo das pessoas e em suas mentes, bem como conflitos familiares, prejuízos financeiros etc. Enfim, grande parte dos males sociais são causados pelos demônios.

A pesquisadora Margarida Oliva vê na questão do demonismo, na forma como ele é apregoadado pela Igreja Universal, a razão de seu crescimento:

“A nosso ver, a IURD tem sucesso e experimentará rápida expansão (inclusive em nível internacional) porque promete alívio à violência da sociedade - violência personificada pelo demônio - que se abate especialmente sobre os mais fracos e mais carentes.

“Em uma sociedade organizada de tal forma que uns poucos têm demais e muitos não têm nada; em que a propaganda televisiva estimula o desejo mimético anunciado, aos que não têm satisfeitas nem mesmo as suas necessidades básicas, que a felicidade está na posse e no consumo do supérfluo, a carência humana é exacerbada, o desejo perde seus limites e a violência inerente ao ser humano se torna irrefreável, destrutiva dos laços sociais e do próprio sujeito que se torna duplamente vítima. Contra a falta de saúde, de dinheiro e de amor (frutos da violência de uma organização social inumana) a IURD convoca para a caça aos demônios e promete milagres. Fala a linguagem do pensamento religioso primitivo em cujo estágio se encontra ainda grande parte da humanidade.

“(…) O demônio surge, assim, como eixo do esquema vitimário do bode expiatório, manifestado no frenesi coletivo que desemboca no rito do exorcismo. Sobre o demônio, feito bode expiatório, se projeta a responsabilidade por toda a violência, tanto social como pessoal. Ao

denunciá-lo e expulsá-lo, a IURD cumpriria, de modo exemplar, a função social primordial da religião que, segundo R. Girard, seria a de controlar a violência para tornar possível a vida em sociedade”.¹⁴

Margarida Oliva vê pois no demonismo presente na Igreja Universal uma forma de controle da violência presente na sociedade, seja da violência causada pelas desigualdades materiais, fome, falta de um teto para morar, de acesso à educação, aos meios de saúde etc., sendo o Diabo e seus demônios transformados nos causadores das doenças, da miséria, do desemprego etc.

É preciso notar aqui que tal compreensão desloca as causas reais dos problemas sociais, transferindo-as para entidades que transcendem a sociedade. Ora, na medida em que o diabo e seus demônios são os grandes responsáveis pelas doenças e mazelas sociais, ameniza-se a responsabilidade do homem social, bem como exime-se as estruturas sociais construídas pelo homem de qualquer participação nos problemas presentes na sociedade. As estruturas opressoras do próprio sistema social acabam por ser isentadas de qualquer participação nos problemas sociais, sendo que a Igreja Universal se torna a grande agência de solução dos males sociais, uma saída através da fé.

Todavia, parece-me que as pessoas que procuram a Igreja Universal o fazem quando a apregoada racionalidade do mercado não lhes proporciona as condições necessárias para a solução de seus problemas. Face ao desespero causado por uma situação de enfermidade, de crise financeira, de desestruturação familiar; as pessoas deixam de lado a racionalidade propugnada pela ordem social, pelo mercado, e mergulham na busca do transcendente, da divindade, na qual esperam encontrar ancoradouro, porto seguro para suas vidas. Parece que nestas circunstâncias desesperadoras as explicações racionais, intelectuais, propostas por uma ordem racional que trás em si muito de irracionalidade, se tornam vazias, e elas buscam algo que possa lhes auxiliar face

¹⁴ Margarida Oliva. O Diabo no “Reino de Deus”. Por que proliferam as seitas? Editora Musa, São Paulo, 1997, p. 22-23.

às incertezas da vida, e trazer-lhes o mínimo de segurança face à *anomia* que se estampa diante de seus olhos.

Assim, por mais irracional que possa parecer a prática do demonismo, do misticismo na Igreja Universal, ela encontra ressonância da parte de muitas pessoas que vivem uma situação de desespero, e funciona como um pronto-socorro para os marginalizados, para os desesperados, para aqueles que estão enfrentando qualquer forma de sofrimento, ajudando-as de alguma forma, a reorganizarem o universo de suas vidas. Não é sem razão que a Igreja Universal tem como seu mais conhecido *slogam* a frase “*Pare de Sofrer*”. Enfim, entre a “racionalidade” do mercado, e a “irracionalidade” religiosa, na hora do sofrimento, do desespero, as pessoas em grande medida optam por esta e não por aquela, afinal, a “racionalidade” do mercado as exclui.

Assim, em meio ao sofrimento, assistindo um programa televisivo da Igreja Universal, na qual o bispo anuncia que Deus pode curá-la, torná-la uma pessoa feliz, resolver o seu problema financeiro, resolver o seu problema de solidão, dentre tantos, a pessoa se dirige aos templos da Igreja Universal na esperança de encontrar o que foi anunciado. Alguns até mesmo procuram a Igreja com o seguinte pensamento: *Não tenho nada a perder*.

Parece-me que a prática religiosa da Igreja Universal acaba por obstaculizar uma conscientização das pessoas para as realidades sociais, para as contradições presentes na sociedade, e para a compreensão de que os problemas sociais tem causas sociais, e que a não ser que essas causas sejam combatidas, os problemas continuarão a existir. Ela acaba por criar nas pessoas uma falsa consciência da realidade. É o que afirma Berger:

“Quaisquer que sejam os méritos ‘últimos’ das explicações religiosas sobre o universo em geral, sua tendência empírica tem sido a de falsificar a consciência do homem acerca da parte do universo modelada por sua própria atividade, a saber, o mundo sociocultural. Essa falsificação também pode ser descrita como mistificação. O mundo sociocultural, que é um

edifício de significados humanos, é coberto por mistérios tidos por não-humanos em suas origens. Tudo o que o homem produz pode ser compreendido, pelo menos potencialmente, em termos humanos. O véu da mistificação colocado pela religião impede essa compreensão. As expressões objetivadas do humano tornam-se símbolos obscuros do divino. E essa alienação tem poder sobre os homens precisamente porque ela os protege dos terrores da anomia". :.¹⁵

Em entrevista realizada com o bispo Macedo, publicada na Revista Veja em 6/12/95, o mesmo afirma serem os demônios os grandes responsáveis pelos problemas sociais:

Veja - *O que causa o mau casamento?*

Macedo - São forças do demônio. Existe um espírito que só atua na destruição do lar. É o chamado espírito familiar. Você pode verificar isto a partir das etapas que o casal enfrenta na vida. Esse espírito normalmente vem dos pais. Se eles são divorciados, o mesmo espírito que destruiu o lar dos pais vai tentar destruir o lar dos filhos, dos netos, dos bisnetos. Isso é uma herança maldita".

Veja - *Quer dizer que, além de herdar os genes de seus pais, um pecador herda o espírito satânico?*

Macedo - Ele passa de pai para filho por todas as gerações, até que a pessoa tenha um encontro com Jesus. Aí, corta-se a maldição.

Veja - *Que outros espíritos diabólicos o Senhor entende que acometem a humanidade?*

Macedo - Existe o demônio da prostituição (prostitutas, homossexuais) e de enfermidade. Este faz a pessoa se manter doente por toda a vida. Por exemplo, a epilepsia é causada por um espírito. Há muitas pessoas que

¹⁵ Peter L. Berger. O Dossel Sagrado. Paulus, 2ª Edição, São Paulo, 1985, p. 102.

foram curadas da epilepsia sem medicação, apenas por influência da “libertação”.

Veja - *A Aids é causada por um espírito também?*

Macedo - Creio que sim. De tempos a tempos aparece uma enfermidade terrível, pior que a anterior. Antes era o câncer, agora é a Aids. Amanhã vai haver coisa pior. O que importa é que está havendo um crescimento e que a ciência não tem tido capacidade de segurar isso. Fiquei sabendo que a Aids é um vírus que, ao ser examinado, de repente já se transforma numa outra coisa e, depois, em outra. É uma coisa incontrolável. Quer dizer, é uma coisa diabólica.

Veja - *Como se faz para saber se o sujeito está possuído pelo diabo?*

Macedo - Toda sorte de miséria e desgraça, até o desemprego, é sintoma da ação do diabo. Não quero dizer que todos os pobres sejam endemoninhados, pelo contrário. Quero dizer que quem tem o diabo no corpo acaba em miséria.

Veja - *O diabo ataca o senhor freqüentemente?*

Macedo - Ele tenta, às vezes, pela mídia, nos destruir. Só que não sou bobo, não leio a mídia. A Globo é a própria encarnação do diabo. Ela destrói a sociedade com a sua programação de novelas sujas, podres. Leva à família toda podridão que ela é e vive. Esse Deus grande que nós cremos, que fez de um povo escravizado uma nação poderosa, esse Deus que eu amo, ele vai destruir a Globo. Onde quer que a Globo jogue as imagens de sua programação nojenta degrada as pessoas. Mesmo assim, oro pelo Roberto Marinho. Temos de amar nossos inimigos. Porque, se eu amo só aqueles que me amam, que proveito há nisso?

O bispo Macedo apresenta dez passos que a pessoa tem que dar afim de se ver liberta dos demônios¹⁶:

¹⁶ Bispo Macedo. Orixás, Caboclos & Guias. Deuses ou Demônios? Editora Gráfica Universal, Rio de Janeiro, 1997, 131-140. O bispo Macedo dedica um capítulo que trata exclusivamente dos

- 1º Passo: Aceitar de fato o Senhor Jesus como único Salvador.
- 2º Passo: Participar das reuniões de libertação.
- 3º Passo: Ser batizado.
- 4º Passo: Buscar o batismo com o Espírito Santo.
- 5º Passo: Andar em santidade.
- 6º Passo: Ler a Bíblia diariamente.
- 7º Passo: Evitar as más companhias.
- 8º Passo: Frequentar reuniões de membros.
- 9º Passo: Ser fiel nos dízimos e nas ofertas.
- 10º Passo: Orar sem cessar e vigiar.

Veja que a libertação implica em se tornar membro da Igreja Universal, ser batizado, doutrinado, participar das reuniões da igreja e ser fiel na contribuição financeira para a Igreja.

Na verdade, todo esse processo de libertação dos demônios tem a sua contrapartida, que é o aprisionamento da pessoa à Igreja Universal, seja em termos de frequência aos cultos bem como na contribuição financeira, pois, se a pessoa começar a faltar aos cultos, os demônios a possuirão novamente, e, se ela deixar de entregar seus dízimos e ofertas à Igreja Universal, os demônios devoradores virão sobre ela e lhe causarão prejuízos financeiros, conforme ensina o Bispo Macedo:

“Quando alguém se propõe a seguir ao Senhor Jesus, tem de andar segundo as normas por ele estabelecidas. Somos nós quem acompanhamos o Senhor e por isso devemos dar ouvidos à Sua voz.

“A Bíblia diz em Malaquias 3:10 que há um espírito devorador, causador de toda miséria, desgraça e caos na vida daqueles que roubam ao Senhor nos dízimos e nas ofertas (...) Se formos fiéis ao Criador de

todas as coisas, Ele certamente será fiel a nós e jamais deixará faltar o nosso sustento, tampouco permitirá que os espíritos devoradores atuem na nossa vida".¹⁷

O pastor José Cabral identifica três demônios que impedem a pessoa de contribuir para Deus e conseqüentemente não prosperar na vida: o demônio do egoísmo, o demônio da cobiça e o demônio do consumismo.¹⁸ Assim, se a pessoa está enfrentando problemas financeiros é porque não tem sido fiel nos dízimos, é porque os demônios estão agindo em sua vida e acarretando miséria, fracasso, destruição. Para que a pessoa possa prosperar em todas as áreas de sua vida, necessário se faz que ela vá para a Igreja Universal, creia em Jesus Cristo, e seja liberta de todos os demônios que estão agindo em sua vida, impedindo-a de prosperar, e em seguida ela precisa ser fiel na sua participação na igreja, mormente em sua contribuição financeira, senão estes demônios voltarão e se apossarão dela e gerarão miséria, doença, destruição.

A Igreja Universal explora com sucesso o misticismo e o utiliza como seu principal produto de venda, e ao contrário das igrejas protestantes, que utilizando-se de uma teologia sistematizada, racional, voltada para convencer intelectualmente as pessoas, rejeitou toda forma de superstição presente na religiosidade popular brasileira, denominando-a de paganismo, de ignorância, e propugnando por um culto voltado para a razão, no qual o corpo permanece inerte, sem expressão, a Igreja Universal soube com maestria se apropriar dos elementos da cultura religiosa popular brasileira, e ao mesmo tempo rejeitou os elementos da religião afro-brasileira como umbanda, candomblé, dentre outros, bem como o espiritismo, de origem européia. Assim sendo, a Igreja Universal não nega a força da superstição na vida das pessoas. Afirma o poder do mal olhado,

subtítulos de cada passo que a pessoa precisa dar.

¹⁷ Bispo Macedo. Orixás, Caboclos & Guias. Deuses ou Demônios? Editora Gráfica Universal Ltda. Rio de Janeiro, 1998, p. 136.

¹⁸ J. Cabral. A Deus o que é de Deus - uma reflexão cristão sobre o dízimo. Editora Gráfica Universal Ltda, Rio de Janeiro, 2ª Edição, 1997, p. 48.

do feitiço, do olho gordo, da macumba sobre a vida das pessoas, ao mesmo tempo que afirma o poder da arruda, do sal grosso, do óleo abençoado, da água de cheiro, dentre tantos outros objetos como mediadores do sagrado, na medida em que são utilizados pela igreja, abençoados pelo pastor ou bispo. Assim, ao mesmo tempo em que se apropria de elementos presentes no misticismo popular, a Igreja Universal se apresenta como superior a toda forma de feitiço, de macumba, das religiões afro-brasileiras, expulsando os demônios das pessoas, e dando-lhes o devido nome, afirmando que são oriundos dos terreiros de umbanda, quimbanda, candomblé e do espiritismo, e que a Igreja Universal é mais forte que eles, é superior à religião onde os mesmos são invocados, pois tem o poder de expulsá-los em nome de Jesus, usando os objetos acima mencionados em seu ritual.

O diabo ocupa pois um lugar de proeminência nos cultos da Igreja Universal. É quase impossível participar de um culto da Igreja Universal no qual não ocorra uma manifestação das “entidades espirituais do mal”, sempre seguido de um ritual de exorcismo, no qual é feita até mesmo uma “entrevista com o demônio”. Pergunta-se pelo seu nome, o que ele deseja com aquela pessoa, faz-se com que o mesmo ajoelhe perante o pastor, dentre outras coisas. O pastor em alguns cultos neste momento canta com a Igreja: “o diabo não é mais aquele, olha a cara dele”, adaptando esta letra a músicas cantadas em programas de auditório. Realiza-se uma verdadeira dramatização em torno do endemoninhado, que fala com voz cavernosa, agressiva, até que se consuma o ritual de expulsão, quando então a pessoa volta ao normal. Todo esse ritual é eletrizante, pessoas choram, gritam, e juntas realizam a “queima do diabo”. Pois o pastor conclama a toda a igreja que juntamente com ele grite continuamente para o demônio: “Queima, queima, queima...”, enquanto batem os pés, num gesto de que estão pisando o demônio, calcando-o sob seus pés. Esse ritual serve por um lado para afirmar que as entidades demoníacas de fato existem, e por outro lado para mostrar o poder da Igreja Universal de expulsá-los, e assim expressar sua superioridade sobre as “forças do mal”, bem como sobre as demais religiões, inclusive evangélicas.

Para ganhar a concorrência sobre outras igrejas evangélicas e atrair os membros destas para as suas fileiras, a Igreja Universal afirma a crença de que crentes podem ficar endemoninhados. Assim afirma o bispo Macedo:

“Este capítulo não existiria se eu não tivesse visto constantemente pessoas de várias denominações evangélicas caírem endemoninhadas, como se fossem macumbeiras, ao receberem a oração da fé. De nada adianta fazer jogo de palavras para justificar tais situações. Já li algumas obras onde seus autores acham diferença entre opressão e possessão; demonismo e satanismo, alegando com bonitos intercâmbios de palavras que um cristão não pode ficar endemoninhado.

“ (...) Conheci uma senhora que foi membro de uma igreja evangélica por 18 anos consecutivos. Entendia muito bem a Bíblia; era assídua, tinha testemunho exemplar e exercia cargos na igreja. Chegou com uma Bíblia na mão e o braço direito muito inchado, parecendo flebite. Possuía também outras enfermidades e pediu que orasse em seu favor. Quando orei, aquela senhora se entortou e se tornou bastante agressiva, falando palavras desconexas e fazendo gestos estranhos. Percebi, com espanto, que estava completamente endemoninhada. Na conversa que tivemos posteriormente em meu escritório, ela declarou ter sido uma crente fiel durante todos aqueles anos e não sabia explicar o acontecido.

“Foi um caso muito sério, pois por três meses aquela senhora manifestava em seu corpo os mais estranhos demônios, até ser totalmente libertada, tornando-se, posteriormente, uma fiel obreira da Igreja.”¹⁹

O Bispo Macedo narra várias experiências de crentes de outras igrejas evangélicas que estavam endemoninhados ao procurar a Igreja Universal. Com tal doutrina e afirmação de experiência, procura o mesmo cooptar para si membros de outras igrejas, que não encontrando manifestações sensacionalistas

de expulsão de demônios em suas igrejas, e vendo os programas da Igreja Universal, são levados a procurar nela aquilo que não encontram em suas igrejas. Assim, a doutrina do endemoninhamento dos crentes é um forte elemento de atração de membros de outras igrejas evangélicas, logo, um instrumento de concorrência.

Não há dúvida de que o exorcismo é um dos elementos sensacionais da Igreja Universal, responsável por atrair, seduzir um número crescente de pessoas. Afinal, numa sociedade na qual grande parte da população acredita em mal olhado, quebranto, feitiço, macumba, como responsáveis por desgraças pessoais, na medida em que se levanta um grupo religioso que se arvora com o poder de libertar a pessoa de toda sorte destes males e dos demônios que a afligem, não é difícil a pessoa se dirigir até tal grupo religioso afim de buscar libertação para o que a perturba. Assim, libertação de demônios e cura física são duas faces da mesma moeda na Igreja Universal.

Desta forma a Igreja Universal, ao oferecer seus bens religiosos aos consumidores, oferece aquilo que é bem conhecido do povo, dando-lhe todavia nova roupagem. Assim, dá-se o nome de corrente de oração àquilo que os católicos normalmente chamam de novena, dá-se o nome de água abençoada, unguida, àquilo que os católicos chamam de água benta etc.

A questão a ser levantada é: o que custa a libertação e a cura oferecidas pela Igreja Universal?

Quando a pessoa chega à igreja, participa do culto, após todo o ritual de libertação, a pessoa é desafiada a fazer uma oferta para “Deus”, ocasião em que as obreiras e obreiros da igreja passam a sacola de coleta e as pessoas depositam ali o seu dinheiro. Isto depois de um longo período de culto, depois de muita música, choro, exorcismo, enfim, depois que as resistências emocionais das pessoas encontram-se fragilizadas, e estas estão prontas para fazer o que o pastor ou bispo mandar.

¹⁹ Bispo Macedo. Orixás, Caboclos & Guias. Deuses ou Demônios? Editora Gráfica Universal Ltda, 14^a Edição, Rio de Janeiro, 1998, p. 115-116.

Ainda nos cultos, o pastor realiza vários rituais para arrecadar o dinheiro das pessoas. Há por exemplo o ritual da rosa unvida. O pastor oferece aos presentes um botão de rosa abençoada para as pessoas levarem para suas casas e a colocarem no quarto, quando se trata de problemas conjugais, na sala, quando se trata de problemas de relacionamentos familiares entre filhos, e caso a pessoa queira levar a rosa unvida, ela deverá entregar à igreja uma certa quantia em dinheiro. Oferece-se ainda sabonete “descarrego de Jesus”, que, uma vez usado pela pessoa ao se banhar, por ter sido abençoado pelo pastor, terá o poder de descarregar mal olhado, feitiço etc. É claro que a oferta que a pessoa entrega para a igreja é muito superior ao valor do produto em si, que uma vez abençoado pelo pastor tem o seu valor sobremodo elevado.

Além destes, é oferecido óleo unvido, sal grosso, dentre tantos outros produtos abençoados que a pessoa levará para casa, estabelecendo-se um elo de ligação entre a casa e o templo, funcionando tais elementos como reforço para a fé da pessoa, que ao olhar para tais objetos chegará até mesmo a creditar aos mesmos o poder de trazer sorte, bênçãos a suas vidas. Funcionarão pois como amuletos, com a diferença de que a ligará mais e mais à igreja, e uma vez experimentando qualquer situação positiva voltará à igreja para se apropriar uma vez mais das bênçãos de Deus.

Faz-se necessário lembrar que uma das condições de libertação pregadas pelo bispo Macedo é a contribuição financeira para a Igreja Universal através de dízimos e ofertas. Assim, a pessoa, com medo de que os demônios a possuam entregará seus dízimos e ofertas à igreja, numa contribuição sistemática.

Em todos os rituais da Igreja Universal há uma forte dose de misticismo, seja no ato de entregar uma rosa abençoada, um óleo unvido, um sabonete benzido à pessoa; ou então uma palmilha abençoada para a pessoa colocar dentro do sapato, para que onde quer que seus pés pisem ela conquiste o seu espaço, seja vitoriosa.

A Igreja Universal tem sabido explorar muito bem este universo místico, próprio do imaginário popular brasileiro, e assim tem conseguido atrair muitos adeptos e dinheiro.

A Igreja Universal estabeleceu uma intensa rede de produtos e estratégias de colocá-los no mercado. Consegue persuadir o consumidor que o custo por ele aplicado lhe resultará em muito lucro, em muitas bênçãos. E assim, muitos, dizendo que não tem mais nada a perder, entregam à igreja tudo quanto lhes restam, na esperança de receberem em muito maior proporção.

Através de um processo de mediatização, consegue colocar o seu produto no mercado de forma atrativa, sedutora, persuasiva, e através de mecanismos que são utilizados nos cultos, persuade as pessoas de que o pastor ou bispo ali presentes são legítimos representantes de Deus e que tem o poder de serem mediadores dos pecadores que ali se encontram. E após um longo período de culto, de cânticos, de expulsão de demônios, quando as pessoas se encontram emocionalmente frágeis, fala dos trabalhos da igreja voltados para as necessidades das pessoas e de quanto tudo isto custa, e mostra para as pessoas que tudo na vida tem um sacrifício, e que a libertação delas, a sua prosperidade também exige sacrifício, que Deus quer ver nelas uma atitude de fé, e que esta atitude de fé se consuma no ato de elas depositarem na Igreja Universal o seu dinheiro, e, com esta prova de fé, Deus as abençoará. Desta forma, a Igreja Universal consegue comercializar seus produtos, que são apresentados como produtos santos, divinos, que tem o selo de Deus, a garantia dos céus, e que, portanto, são da melhor qualidade possível, pois expulsa demônios, cura doenças, e torna a pessoa próspera e feliz.

Em última instância a Igreja Universal se propõe a satisfazer às necessidades das pessoas, a realizar os desejos que estão presentes no seu interior, tudo em nome de Deus. O produto que ela vende é a felicidade, a paz, a prosperidade. Todavia, em nenhum momento estes produtos são colocados como produtos, e nem tampouco é dito que a pessoa está pagando por um produto. Ao contrário, ao colocar o seu dinheiro nas mãos dos bispos e pastores, a pessoa o

faz persuadida de que está tendo uma atitude de confiança em Deus, com a certeza de que ele a abençoará através dos seus representantes “legítimos”. O dinheiro entregue é pois um ato apresentado como voluntário, ato de fé, não obstante a coerção emocional, psicológica, que é feita sobre a pessoa.

Com este discurso a Igreja Universal:

1. Desloca a luta de classes do mundo real, material, para um mundo espiritual;
2. Privilegia a ascensão individualista das pessoas e não a ação coletiva.
3. Atua como elemento de atenuação dos conflitos sociais. Isto na medida em que desloca a luta de classes para a luta contra os demônios. E ficam assim amarrando os demônios enquanto a violência continua crescendo, o desemprego aumentando, os problemas sociais se acentuando.

Mas a Igreja Universal certamente não se importa com estas questões, pois o que pretende é vender a sua mercadoria, o seu produto, os seus bens religiosos, o que tem feito muito bem. E se o desemprego e a pobreza tem aumentado, todavia a Igreja Universal tem se enriquecido, os bispos tem se enriquecido. E isto faz parte da lógica do mercado: concentração de renda à custa da expropriação dos trabalhadores, à custa do trabalhador que deixa nos cofres da Igreja Universal o dinheiro do ônibus e volta à pé para casa, acreditando que tal sacrifício é necessário para que Deus o abençoe, porque assim Ihe disse o bispo. Enfim, Misticismo e Mercado se fundem na Igreja Universal.

É certo que nenhuma instituição prescinde de dinheiro, mas é também certo que o espírito que dá vida à Igreja Universal é o dinheiro. Ela está toda fundamentada sob a lógica do capital, pregando que Deus abençoa àqueles que dão mais, na verdade, os que pagam mais, consagrando com esta prática o mercado, formando uma concepção de Deus que se assemelha a um banqueiro, a um mercador.

A Igreja Universal para se inserir no mercado precisou moldar a concepção da divindade a um capitalista, doutra sorte seu discurso cairia no vazio. Precisou

elaborar uma guerra de proporções cósmicas entre Deus e o diabo, sendo este vencido aos pés dos bispos e pastores, numa teatralização que visa mostrar o poder da Igreja Universal e convencer as pessoas a entregar seu dinheiro para a mesma, prometendo usar de sua “legitimidade” perante Deus para reivindicar, determinar, exigir que ele cumpra suas promessas na vida daqueles que entregam seu dinheiro para a igreja. O misticismo tornou-se um produto comercializável como qualquer outro, só que em nome de Deus.

Se o Reino de Deus se expandirá ou tem se expandido através da Igreja Universal é discussão para os teólogos, mas que o Império da Igreja Universal do Reino de Deus tem crescido a cada dia não se tem a menor dúvida, pois conforme reportagem da Revista Veja²⁰, a Igreja Universal, além da Igreja com todos os seus templos, possui 80 empresas, entre elas uma financeira, uma construtora, uma gráfica e emissoras de televisão e rádio, e sua arrecadação estava prevista para ultrapassar os 2 bilhões de reais em 1999, o que a coloca na lista das 100 maiores empresas do país.

Enfim, o misticismo se transformou num produto altamente lucrativo, sendo a Igreja Universal um exemplo de como misticismo e mercado, ao invés de se excluírem, tornaram-se uma combinação cujo resultado é lucro certo.

²⁰ Revista Veja, 3 de novembro de 1999, p.39-40.

CONCLUSÃO

Temos hoje, no Brasil, um mercado religioso altamente competitivo e lucrativo, que movimenta quantias vultosas, na verdade inestimáveis. A dificuldade de se contabilizar os valores arrecadados e movimentados pelas igrejas deve-se ao sigilo por parte das mesmas quanto a este assunto. O bispo Macedo, ao ser indagado sobre qual era o patrimônio da Igreja Universal respondeu de forma evasiva citando a Bíblia: “Não posso falar em números. A *Bíblia* ensina que Davi cometeu um grave erro e veio uma maldição sobre o povo judeu porque ele contou o número de pessoas que compunham Israel”.¹ Assim, falar de dinheiro na Igreja Universal, do quanto se pede, é obrigação dos pastores e bispos, mas falar do quanto se arrecada, do quanto se acumula de capital é totalmente proibido, até mesmo para quem entende muito de contabilidade como o bispo Macedo.

De um lado vemos no contexto religioso evangélico as igrejas protestantes que resistem de certa forma à força do mercado, mas que pouco a pouco vão cedendo à sua força, à sua sedução, até mesmo por uma questão de sobrevivência, enquanto que no contexto pentecostal e neopentecostal a Igreja Universal tem sido paradigmática e tem ditado padrões de ação evangelística.

O advento do pluralismo religioso resultou na formação de um mercado religioso, altamente competitivo, concorrencial, que por conseguinte leva os vários grupos religiosos a utilizarem-se de todas as estratégias de marketing afim de colocarem seus produtos no mercado, sempre voltados para os interesses dos consumidores, ao mesmo tempo em que, através do trabalho dos profissionais

¹ Revista Veja, 6 de dezembro de 1995, p. 75.

religiosos, acabam por criar certos produtos religiosos e persuadir os consumidores de sua importância para suas vidas.

A Igreja Universal, como “ponta de lança” do neopentecostalismo está liderando todo este processo.

Entendo que a razão do sucesso da Igreja Universal encontra-se no fato de ter a mesma combinado o ingrediente igreja com o ingrediente empresa de forma magistral.

No âmbito da sua liturgia, a Igreja Universal procura combinar elementos da religião cristã, da religiosidade popular brasileira e da magia. Desta forma, a Igreja Universal utiliza-se da Bíblia, dos sacramentos, das orações, dos cânticos, bem como desenvolve práticas de exorcismos, além de utilizar-se de objetos mediadores do sagrado, como sal grosso, arruda, óleo ungido, copo de água benzido, rosa ungida, dentre outros, que funcionam como talismãs, como objetos mágicos, para trazer bênçãos para as pessoas, para os seus lares. Assim, tais objetos levados para a casa, estabelece uma ligação entre a casa e a igreja.

Ao lado de toda essa expressão religiosa, com manifestações fortemente místicas, irracionais, a Igreja Universal procurou se estruturar empresarialmente, de acordo com os princípios racionalistas do mercado, com toda racionalidade administrativa de uma empresa. Assim, a Igreja Universal, além da própria estruturação dos templos, da prática religiosa, possui uma rede de empresas: banco, construtora, rádios, redes de televisão etc. Desta forma a Igreja Universal terceiriza para suas próprias empresas a administração de seu patrimônio, tendo controle total sobre os mesmos. Assim, os recursos que são captados na dimensão da irracionalidade, no culto, através dos dízimos e ofertas, são administrados de forma bem racional, dentro dos mais modernos métodos de administração empresarial.

A Igreja Universal soube combinar melhor que as igreja que a antecederam esses dois ingredientes: religião/magia e empresa. E para conseguí-lo de forma eficaz, precisou adaptar-se ao mercado, fazendo concessões na área tanto da doutrina quanto dos usos e costumes, agindo com muito mais flexibilidade que as

demais igrejas pentecostais. Houve pois uma total liberação de usos e costumes no que tange ao vestuário, corte de cabelo, dentre outros, com exceção do uso de fumo, bebidas alcóolicas e similares.

No campo da doutrina a Igreja Universal instrumentalizou-se da Teologia da Prosperidade, ensinando e pregando que Deus não quer que seus filhos sejam pobres, pois ele é um pai rico, que tem prazer em que seus filhos participem da sua riqueza. Assim, a Igreja Universal passou a estimular a busca da riqueza, da prosperidade, despertando a cupidez nos seus membros, o desejo de ter cada vez mais. Tal pregação diverge do pentecostalismo do qual a mesma origina-se. Se o pentecostalismo clássico e neo-clássico, bem como o protestantismo, sempre pregaram a necessidade de o crente fugir do mundo, pois o reino do Senhor Jesus “não é deste mundo”, a Igreja Universal, representante maior do neopentecostalismo, prega que o crente deve gozar dos prazeres deste mundo, deve buscar o enriquecimento. Se antes pregava-se que os crentes deveriam aguardar o “Celeste Porvir”², conforme analisa Mendonça em sua pesquisa da hinologia protestante, ao abordar o Protestantismo Peregrino e Milenarista, agora prega-se o evangelismo da posse, pois cabe ao crente tomar posse das bênçãos de Deus ainda nesta existência.

Através da Teologia da Prosperidade a Igreja Universal passou a mostrar às pessoas que o caminho mais curto para a prosperidade é o da contribuição financeira para a igreja. Adotando pois o lema *é dando que se recebe*, a Igreja Universal passou a estimular as pessoas a levarem o máximo que pudessem para a igreja, com a promessa de que Deus lhes daria muitas vezes mais. Basta que o crente faça uso da *fé possuidora* afim de tomar posse das bênçãos divinas. Desta forma, a Teologia da Prosperidade, se por um lado legitima as práticas monetárias desenvolvidas pela Igreja Universal, com o amparo de uma certa hermenêutica bíblica, que utiliza-se da Bíblia para justificar práticas já arraigadas, por outro lado, acaba por legitimar o próprio mercado, uma vez que seu ensino

² Antônio Gouvêa Mendonça. O Celeste Porvir. A Inserção do Protestantismo no Brasil. ASTE, Ciências da Religião e Pendão Real. São Bernardo do Campo-SP, 1995, p. 228-230 e 234-240.

prima pela ascensão individual, estimula a competitividade, desperta a cupidez nas pessoas, bem como uma compulsão para o consumo, uma vez que o ter cada vez mais passa a ser evidência da bênção divina.

Se por um lado, a Igreja Universal utilizou-se da Teologia da Prosperidade para legitimar suas práticas monetárias, por outro, utilizou-se do culto para sacralizar tais práticas, de vez que o dinheiro é o elemento centralizador de seus cultos, em torno do qual gravita toda a liturgia.

A Igreja Universal utiliza-se de três metáforas em seus cultos. A primeira é a do *Deus Negociante*. Afirma que entregar os dízimos para a Igreja é tornar-se sócio de Deus, e ele ficará obrigado a pagar ao dizimista, com juros e correção monetária o valor por ele entregue à igreja. Fica pois o dizimista na condição de credor de Deus, com o direito de exigir dele o cumprimento de tal crédito na sua integralidade.

Uma segunda metáfora utilizada é a do *sacrifício*. Tomando como referência o sacrifício veterotestamentário, mormente o sacrifício de Abraão, a Igreja Universal afirma que o caminho do enriquecimento, da prosperidade, é o *sacrifício*. Prega que Deus não dá nada de graça para ninguém, que tudo tem um preço. Assim, o crente precisa fazer um sacrifício para Deus, sendo que o *sacrifício* mais importante que o crente pode oferecer a Deus, que ele jamais rejeita, é o *sacrifício do dinheiro*. Assim o crente é conclamado a *sacrificar* para Deus, levando até a igreja a sua contribuição financeira. Ao fazê-lo o crente passa a ter o direito de exigir de Deus que ele cumpra o que lhe foi pedido por ocasião do *sacrifício*.

Uma terceira metáfora utilizada pela Igreja Universal por ocasião dos cultos é a do *desafio*. Segundo ensina a Igreja Universal, Deus quer ser desafiado pelo crente. Assim, o crente deve *desafiar* a Deus para que ele mostre o seu poder para o fiel. Tal *desafio* consiste em o crente levar para a igreja a sua oferta, como que dizendo: “*Se tu és Deus mesmo, prove dando-me muito mais do que eu te ofereci*”. E Deus, *desafiado* pelo crente, fica na obrigação de responder a tal

desafio, provando seu poder, retribuindo ao *desafiante* com uma quantia bem maior que a ofertada.

Com tais práticas litúrgicas a Igreja Universal equipara Deus a um mercador, a um negociante, a um ser ávido por dinheiro (sacrifício), que quer ser desafiado pelo homem mortal afim de provar o seu poder.

Se a Teologia da Prosperidade legitima as práticas monetárias da Igreja Universal, bem como o mercado, seu culto o sacraliza, na medida em que torna todas as práticas do mercado, bem como o sentimento de cupidez, de enriquecimento individual, santos, introduzindo-os na sua prática litúrgica.

A Igreja Universal em sua prática litúrgica também mercantiliza o sagrado. Há vários elementos pelos quais o crente tem que pagar afim de receber as bênçãos de Deus. Ele precisa pagar para ser próspero em seus negócios, em seu trabalho, em sua vida familiar, em seus estudos, para ser curado de suas enfermidades etc. Assim, na Igreja Universal "*sem dinheiro não há salvação*". Sem dinheiro as pessoas terão que continuar amargando o inferno na terra, mas com dinheiro elas poderão sair do inferno para gozar o paraíso na terra.

Antes do pastor ou bispo orar pelo crente, este é conclamado a entregar à igreja o seu dinheiro, com a promessa de que orará a Deus, e ele atenderá o seu pedido. Assim, pastores e bispos são mediadores dos crentes. Suas orações são poderosas, pois abrem os cofres do céu, fazendo derramar sobre os crentes todo o dinheiro de que precisam. A força da oração está atrelada à contribuição financeira que o crente faz para a igreja. Quanto mais dinheiro, mais poderosa a oração, capaz de mover o cosmo, fazendo com que as forças divinas operem a seu favor, concedendo-lhe o benefício pleiteado. Desta forma, os bens espirituais, como a oração, a fé, a esperança, são também comercializáveis na Igreja Universal. E para colocar o produto no mercado a igreja criou uma enorme rede de comunicação: rádio, jornal, televisão, dentre outros. Através destes recursos a Igreja Universal vai interiorizando na pessoa a idéia de que a solução para os seus problemas estão nos templos da igreja. *Pare de sofrer*, é o *slogam* principal.

Muitas pessoas acabam por interiorizar tal mensagem e se dirigem aos templos da igreja em busca de solução para os seus problemas.

Na Igreja Universal a solução para todos os problemas sociais ocorre de forma mágica. Basta dar o dinheiro para a Igreja e tudo o mais se resolve magicamente. O trabalho humano como condição de transformação da realidade é relegado a segundo plano. Nada se ouve sobre trabalho nos testemunhos levados ao ar pela Rede Record em seus programas de entrevista, bem como nos testemunhos registrados na *Folha Universal*. Os testemunhos de mudanças de vida, de solução de problemas, simplesmente afirmam que a pessoa levou seu dinheiro para a igreja e todos os seus problemas foram resolvidos.

A Igreja Universal se distancia totalmente da teologia protestante, mormente da teologia calvinista, que tem no trabalho o principal meio de glorificação de Deus, trabalho que deve ser norteado pela honestidade, pela lisura, pela dedicação. A riqueza seria consequência, não fim, tendo como meio o trabalho humano. Nada de magia. Já na Igreja Universal tudo se resolve de forma mágica. Se a teologia calvinista é teocêntrica e cristocêntrica, o homem tem como fim de sua existência glorificar a Deus, a teologia da Igreja Universal está permeada de antropocentrismo. A teologia, o culto, enfim toda a sua prática está voltada para o atendimento dos interesses imediatos do homem. A teologia e o culto devem se orientar de acordo com os interesses dos consumidores.

Na sua relação com o mercado, a Igreja Universal utiliza-se de toda sorte de elementos místicos: sal grosso, arruda, óleo ungido, rosa ungida, palmilhas abençoadas, chaves benzidas para fazer com que as portas do sucesso, da prosperidade se abram para o crente. Misticismo e mercado se unem na Igreja Universal. A pessoa vai à igreja, deixa a sua oferta e leva um objeto sagrado para casa. Tais objetos são utilizados como amuletos, como tendo o poder de espantar “mal olhado”, “olho gordo”, “inveja” etc.

O exorcismo é o elemento místico que recebe grande destaque. Na Igreja Universal os demônios estão presentes por toda parte. Está alguém com dor de cabeça? É demônio. Está alguém nervoso? É demônio. Os demônios povoam

todos os espaços, os corpos e mentes das pessoas, causando toda sorte de desgraças. E somente a Igreja Universal pode libertá-los, tornando-os prósperos. Com esse discurso e essa prática, a Igreja Universal tem seduzido grande número de pessoas que engrossam dia-a-dia as suas fileiras.

A Igreja Universal é exemplo claro de como o misticismo é uma realidade tangível no ano 2.000. A crença em anjos, demônios, bem como em objetos que se tornam sagrados após serem abençoados pelo bispo, e assim, capazes de mudar situações adversas é algo corriqueiro na liturgia iurdiana. Os demônios se ajoelham aos pés dos bispos e pastores, são por eles entrevistados, ridicularizados, e por fim expulsos, enquanto a platéia pula, grita, chora, canta.

A Igreja Universal é ainda exemplo claro de como misticismo e mercado não são excludentes, mas ingredientes que se combinam muito bem. Assim, a Igreja Universal comercializa o místico, pois é um produto em alta no mercado religioso, que tem uma demanda cada vez maior.

A Igreja Universal é uma igreja que encontra-se inserida em um universo místico bastante amplo. Afinal, esoterismo, budismo, umbanda, quimbanda, candomblé, catolicismo estão repletos de elementos místicos, que são também comercializáveis. O próprio mercado tem a sua dimensão mística, na medida em que exige uma certa da fé das pessoas nos seus mecanismos de funcionamento, de auto-regulamentação.

Se em algum momento mercado e religião eram excludentes, hoje caminham juntos. A “racionalidade” do mercado absorveu a “irracionalidade” da religião, fazendo desta mais um produto comercializável.

A questão que se coloca neste final de trabalho é: a Igreja Universal apropriou-se dos mecanismos do mercado afim de vender os seus produtos religiosos, ou o mercado se apropriou da Igreja Universal? É esta uma mera extensão do mercado, ou dele se utiliza?

O bispo Marcello Crivella, em recente entrevista à Vinde/Eclésia³, ao ser indagado se “*só músicas evangélicas não garantem as vendas dos discos*”

³ Vinde/Eclésia, Janeiro/2000, p. 14.

respondeu: “Neste último CD, a própria Sony foi um espelho disso. Ouviram as minhas músicas e disseram: ‘Bacana, mas não são comerciais. Vamos encomendar ao Michael Sullivan músicas de dor-de-cotovelo porque isto vende’. Eles entendem muito de vender e comprar, nestas coisas eles são campeões”. E ao ser indagado se “*não trabalharia com mais liberdade se usasse a estrutura da Universal*” respondeu: “A Sony tinha o interesse de criar um *padre Marcelo*, de disputar o mercado gospel. A Igreja Universal tinha interesse em fazer uma fazenda no Nordeste. A Sony pagou R\$ 850 mil, que foi o dinheiro que usamos para pagar a fazenda. Aliás, já foi mais porque recebi R\$ 320 mil pela venda dos CDs”. Por fim o entrevistador perguntou: “*Então, ao assinar com a Sony, o senhor tinha consciência da estratégia comercial da gravadora?*” respondeu: “Sim. Eles acreditavam que um pastor evangélico poderia vender muitos CDs”.

Segundo declarações como esta, a Igreja Universal estaria utilizando dos mecanismo do mercado, de forma consciente, afim de atingir os seus objetivos. Ao mesmo tempo, percebemos que a Sony, uma empresa do mercado de gravações utiliza-se do bispo Marcelo Crivella, representante da Igreja Universal, com fins meramente comerciais, ou seja, porque acredita que o mesmo seja um produto vendável no mercado, desde que trabalhado de acordo com as exigências do mesmo. Assim, compõe-se músicas estilo dor-de-cotovelo e coloca um pastor para cantar, na certeza de que tal combinação resultará em venda certa, e portanto, em lucro.

Não creio que seja possível reduzir a Igreja Universal ao mercado, tomá-la como sendo tão somente mais uma de suas mercadorias. Não obstante todas as práticas monetárias desenvolvidas pela Igreja Universal, todo o seu apelo em torno do dinheiro, e a centralidade que o mesmo ocupa em seus cultos, ainda assim ela traz consigo vários elementos da religião cristã, bem como da magia, e uma forte ênfase na transcendência divina e na sua manifestação sobrenatural, na sua intervenção na vida das pessoas, curando, libertando dos demônios, trazendo prosperidade financeira. A Igreja Universal desta forma, se por um lado deixa uma fila enorme de pessoas frustradas, desacreditadas de religião, em

razão de terem perdido muitos de seus bens e não terem recebido as prometidas bênçãos de Deus, por outro lado proporciona a muitas pessoas desterritorializadas, desesperadas, sós, condições de reorganizarem suas vidas, pois encontram uma comunidade na qual se reunir, pessoas com as quais conversar, e muitas acabam encontrando assim um sentido para suas vidas.

Desta forma, na Igreja Universal há “não somente anjos, nem somente demônios”.

Entendo que a relação Igreja Universal - mercado é de imbricação. Ora o mercado parece se sobrepor à igreja, ora a igreja parece se sobrepor ao mercado. Tal relação é intercambiária.

Na condição de empresa-igreja ela não pode prescindir das relações de mercado, doutra sorte irá à falência, ou não terá o sucesso objetivado em números cada vez mais crescentes de membros e patrimônio. Por outro lado, se abrir mão dos elementos próprios da religião, que constituem os produtos pela mesma oferecidos, não terá mais o que oferecer aos seus consumidores. Assim, a Igreja Universal insiste em pregar a existência de um cosmo dualista, no qual anjos e demônios se digladiam, onde as forças divinas e demoníacas operam, e que o caminho da libertação e da vitória é o exorcismo, e o caminho da prosperidade é a contribuição financeira para a igreja.

Um dos elementos determinantes do crescimento da Igreja Universal foi ela ter sabido explorar bem o enorme contingente de marginalizados do país, pessoas sem esperança, entregues à própria sorte, sem nenhum amparo por parte dos órgãos estatais, dispensando-lhes atenção, despertando-lhes o senso de valor próprio, de auto-estima, proporcionando-lhes uma comunidade com a qual pudessem se identificar. Assim, as condições sociais precárias vivenciadas por grande parcela do povo brasileiro, destituído de assistência médica, de alimento, de abrigo, de educação, de amor próprio, contribuiu enormemente para o surgimento e crescimento da Igreja Universal, assim como da maioria absoluta das igrejas pentecostais, constituídas em sua maioria de pobres.

Além deste componente social, a Igreja Universal tem sabido utilizar-se muito bem dos elementos da cultura religiosa popular brasileira, afirmando o poder do “mau olhado”, do “feitiço”, do “olho gordo” e utilizando-se de arruda, ólego unguido, rosa unguida, e coisas semelhantes, para espantar demônios, libertar pessoas. Utiliza-se também de novenas, correntes de oração, práticas já conhecidas pelo povo.

A Igreja Universal soube tirar proveito dos elementos sociais e culturais do povo brasileiro em seu favor, tendo feito o mesmo em outros países nos quais tem se estabelecido.

Todo o crescimento da Igreja Universal tem provocado forte crítica por parte de alguns seguimentos da imprensa e de igrejas protestantes e evangélicas. Todavia, parece-me que tais críticas não estão isentas de parcialidade e interesses escusos.

No que tange à imprensa, tanto a Rede Globo quanto a Rede Manchete, que dirigiram pesadas críticas à Igreja Universal, o fizeram tão somente após a aquisição por esta da Rede Record de Rádio e Televisão. Não se pode separar tais críticas de interesses concorrenciais, e portanto, financeiros. Tais críticas tiveram todavia efeito contrário ao pretendido, pois a Igreja Universal se fortaleceu ainda mais no Brasil, colocando-se na condição de minoria perseguida, tendo conseguido o apoio até mesmo de grupos protestantes que, mesmo tendo concepções teológicas divergentes, viram o perigo de ser ameaçada a liberdade de culto no Brasil, e saíram em sua defesa.

Os ataques à Igreja Universal por parte da imprensa se tornaram reticentes, tímidos. Tal se deve primeiramente ao fato de a Igreja Universal ter se fortalecido, tanto como igreja, bem como em seus órgãos de comunicação, como é o caso da Rede Record, estando em condições de sair à forra, e instrumentalizar os seus órgãos de comunicação em sua própria defesa, bem como no ataque ao inimigo, colocando-se na condição de perseguida. Por outro lado, os profissionais dos meios de comunicação não se sentem nem um pouco à

vontade para criticar uma empresa na qual poderão eventualmente pleitear emprego.

Não menos isentas de parcialidade são as críticas dirigidas pelas igrejas católica, protestante e evangélica. A primeira porque perdeu o seu monopólio religioso e tem perdido cada dia mais fiéis para outras igrejas. As protestantes e evangélicas por verem surgir uma igreja que cresceu em 23 anos o que muitas delas não cresceram em mais de 100 anos no Brasil. Inda que muitas críticas tenham como base questões teológicas, como a doutrina da salvação pela graça, em contraposição ao pagamento pelas bênçãos divinas, o elemento concorrencial está presente, o que torna tais críticas parciais, de vez que eivadas de interesses institucionais.

Quanto à questão da boa fé ou má fé dos líderes da Igreja Universal, é assunto que torna-se um tanto difícil analisar. Não obstante ser evidente que quem se enriquece com as contribuições dos crentes é a Igreja Universal, e que a maioria dos seus membros continua pobre, não é possível generalizar que haja má fé por parte da liderança da Igreja Universal. Certamente há os que só objetivam ganhar dinheiro, mas certamente há os que acreditam piamente no que pregam. Todavia, tal análise subjetiva carece de elementos concretos para ser analisada, além do que, não constitui o escopo deste trabalho, que é mostrar que a Igreja Universal encontra-se estruturada, organizada, em todos os sentidos, de acordo com os mecanismos do mercado, constituindo-se numa igreja-empresa, que procura combinar elementos empresariais com elementos da religião, sendo tal combinação a razão de seu sucesso, de seu crescimento.

Da pesquisa acerca da Igreja Universal se percebe que a linha demarcatória da relação igreja-mercado está cada vez mais tênue. Ora os elementos da igreja parecem se confundir com os do mercado, ora os do mercado parecem se confundir com os elementos próprios da igreja. Ora o mercado parece instrumentalizar-se da igreja, ora esta parece instrumentalizar-se do mercado.

O que se percebe hoje no contexto das igrejas é que o mercado tem exercido uma influência crescente sobre as mesmas, levando-as a fazerem cada

vez mais concessões no campo da doutrina e da prática, afim de se adequarem ao seu modo de funcionamento e desta forma experimentarem crescimento.

As igrejas mais novas não têm dificuldade em se adequarem a este modelo empresarial, mercadológico, todavia, as igrejas mais antigas, principalmente as ligados ao protestantismo, continuam entrincheiradas, esforçando-se por resistir à força do mercado, vendo suas concorrentes crescendo cada vez mais, enquanto que suas comunidades experimentam um crescimento vegetativo.

É difícil fazer qualquer tipo de previsão, mormente no que tange aos caminhos da religião, todavia, ao que tudo indica, a relação igreja-mercado tende a estreitar cada vez mais, com grande probabilidade de uma sobreposição cada vez mais crescente do mercado sobre as igrejas, em razão da competitividade existente.

A questão que se coloca é: estamos presenciando um momento de reencantamento do mundo com a “volta” do misticismo, ou estamos presenciando as últimas conseqüências do processo de secularização? Creio ser prematura qualquer conclusão definitiva neste sentido, todavia, parece-me que misticismo e mercado são dois lados da mesma moeda. O mercado parece estar dominando sobre a religião, transformando-a em mais uma de suas mercadorias.

Neste sentido, a Igreja Universal encontra-se inserida numa universo muito mais amplo, que é o universo cultural, que tem sofrido inúmeras transformações e que, segundo Jameson⁴, tem se transformado em mercadoria.

Parece-me que a “volta” do misticismo, longe de ser uma reação ao racionalismo, é antes uma adequação da religião ao sistema de mercado, que pretende ser o reino da razão, mas que também encontra-se eivado de irracionalidade, na medida em que estabelece uma lógica de acumulação e de exclusão social sem precedentes, e que ainda assim persiste em pregar uma ideologia neoliberal como sendo o único caminho de salvação.

⁴ Fredric Jameson. Pós-Modernismo: A Lógica Cultural do Capitalismo Tardio. Ed. Ática, São Paulo, 1996.

Desta forma, o evangelho da prosperidade, as práticas monetárias da Igreja Universal, refletem um movimento no meio religioso que está acontecendo em todo o universo cultural, ou seja, a transformação do mesmo em mercadoria.

Weber, um tanto pessimista com os rumos que o capitalismo, dissociado dos valores religiosos poderia tomar, encerra as suas reflexões na Ética Protestante:

“Ninguém sabe ainda a quem caberá no futuro viver nessa prisão, ou se, no fim desse tremendo desenvolvimento, não surgirão profetas inteiramente novos, ou um vigoroso renascimento de velhos pensamentos e idéias, ou ainda se nenhuma dessas duas - a eventualidade de uma petrificação mecanizada caracterizada por esta convulsiva espécie de autojustificação. Nesse caso, os ‘últimos homens’ desse desenvolvimento cultural poderiam ser designados como ‘especialistas sem espírito, sensualistas sem coração, nulidades que imaginam ter atingido um nível de civilização nunca antes alcançado’”.⁵

⁵ Max Weber. A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo. Livraria Editora Pioneira, 12ª Edição, São Paulo, 1997, . 131.

BIBLIOGRAFIA

LIVROS E PERIÓDICOS ESPECIALIZADOS

- ALTIZER, Thomas J. J. A Morte de Deus. Introdução à Teologia Radical. Ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1967.
- ALVES, Rubem. A Volta do Sagrado: Os Caminhos da Sociologia da Religião no Brasil". In: *Religião e Sociedade*, nº 3, 1978, p. 109-141.
- _____. "A Empresa da Cura Divina; Um Fenômeno Religioso? " In VALLE, Edênio & Queiroz, José J. (org.). *A Cultura do Povo*. São Paulo, Cortez & Moraes/EDUC, 1979.
- _____. *O Que é Religião*. Editora Brasiliense, 2ª Edição, São Paulo, 1981a.
- AMORESE, Rubem Martins (Editor). *A Igreja Evangélica Na Virada do Milênio: A Missão da Igreja num País em Crise: 1º Congresso Nacional da AEVB em Brasília-DF, julho de 1994*. Comunicarte, Brasília, 1995.
- ANTONIAZZI, Alberto et al. *Nem Anjos nem Demônios. Interpretações Sociológicas do Pentecostalismo*, 2ª Edição, Editora Vozes, Petrópolis, 1995.
- ASSMANN, Hugo. *A Igreja Eletrônica e seu Impacto na América Latina*. Petrópolis, Vozes, 1986.
- _____. "A Igreja Eletrônica". In: *Sinais dos Tempos: Diversidade Religiosa no Brasil*. Cadernos do ISER, nº 23, Rio de Janeiro, p. 65-73.
- _____. *As Falácias do Mercado*. In: MOREIRA Alberto & ZICMAN Renée (org.). *Misticismo e Novas Religiões*. Ed. Vozes, 2ª Edição, Petrópolis, 1994.
- AZEVEDO, Wilson. *Guerreiros do Senhor: Um Esboço da Cosmologia Neopentecostal*. rev.Wilson@stprj.br.
- BAUER, Johannes. *Dicionário de Teologia Bíblica, Vol. II*. Ed. Loyola, 3ª Edição, São Paulo, 1983.

UNICAMP

BIBLIOTECA CENTRAL

SEÇÃO CIRCULANTE

- BERKHOF, Louis. Teologia Sistemática. Ed. Luz Para o Caminho, Campinas, 1990.
- BERGER, Peter L. O Dossel Sagrado: Elementos para uma Sociologia da Religião. Ed. Paulinas, São Paulo, 1985.
- _____. Rumor de Anjos. Ed. Vozes, 2ª Edição, Petrópolis, 1997.
- BIÉLER, André. O Pensamento Econômico e Social de Calvino. Casa Editora Presbiteriana S/C. São Paulo, 1990.
- BITTENCOURT FILHO, José. "As Seitas no Contexto do Protestantismo Histórico". In: *Sinais dos Tempos: Igrejas e Seitas no Brasil*. Cadernos do ISER, nº 21. p. 27-32.
- _____. "Remédio Amargo". In: ANTONIAZZI, Alberto et. alii. *Nem Anjos Nem Demônios: Interpretações Sociológicas do Pentecostalismo*. Ed. Vozes, 2ª Edição, Petrópolis, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. A Economia das Trocas Simbólicas, Ed. Perspectiva, São Paulo, 1998.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O Pentecostalismo. In: Cadernos do ISER, nº 6, Rio de Janeiro, 1970, p. 1-3.
- _____. A Crise das Instituições Tradicionais Produtoras de Sentido. In: MOREIRA, Alberto & ZICMAN, Renée, *Misticismo e Novas Religiões*. Ed. Vozes, 2ª Edição, Petrópolis, 1994.
- CABRAL, José. A Deus o que é de Deus. Editora Gráfica Universal Ltda, Rio de Janeiro, 1997a.
- _____. Nova Era & Velhas Mentiras. Editora Gráfica Universal Ltda, Rio de Janeiro, 1997b.
- CALVINO, João. As Institutas ou Tratado da Religião Cristã. Casa Editora Presbiteriana, 1ª Edição, São Paulo, 1989.
- CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. Católicos, Protestantes e Espíritas. Ed. Vozes, Petrópolis, 1973.
- CAMPOS JÚNIOR, Luís de Castro. Pentecostalismo - Sentidos da Palavra Divina. Ed. Ática, São Paulo, 1995

- CAMPOS, Leonildo Silveira. Protestantismo Histórico e Pentecostalismo no Brasil: Aproximação e Conflitos. In: GUTIERREZ, F. Benjamim & CAMPOS, Leonildo Silveira. Na Força do Espírito: Os Pentecostais na América Latina: um desafio às igrejas históricas. Aipral-Pendão Real-Ciências da Religião, São Paulo, 1996.
- _____. Teatro, Templo e Mercado. Ed. Vozes-Simpósio-UMESP, São Paulo, 1997.
- CARVALHO, José Jorge. O Encontro de Velhas e Novas Religiões: Esboço de Uma Teoria dos Estilos de Espiritualidade. In: MOREIRA, Alberto & ZICMAN, Renée (orgs.), Mistiscismo e Novas Religiões. Ed. Vozes, Petrópolis, 1994.
- CAVALCANTI, Robinson. Cristianismo e Política. Nascente Livraria e Editora Ltda. São Paulo, 1985.
- CHO, Paul Yonggi. A Quarta Dimensão. Ed. Vida, Impresso pela Editora Betânia, Venda Nova-MG, 1989.
- COMTE, Augusto. Curso de Filosofia Positiva. Ed. Abril Cultural, São Paulo, 1978.
- COSTA, Neusa Meirelles. O Misticismo na Experiência Religiosa do Candomblé. In: Religiosidade Popular e Misticismo no Brasil (vários autores). Edições Paulinas, São Paulo, 1984.
- DELUMEAU, Jean. Nascimento e Afirmação da Reforma. Livraria Pioneira Editora, São Paulo, 1989
- D'EPINAY, Christian Lalive. Religião, Espiritualidade e Sociedade: Estudo Sociológico do Pentecostalismo Latinoamericano. In: "O Pentecostalismo". Cadernos do ISER, nº 6, Rio de Janeiro, 1977, p. 5-9..
- DURKHEIM, Émile. As Formas Elementares de Vida Religiosa: O Sistema Totêmico na Austrália. Ed. Paulinas, São Paulo, 1989.
- FERNANDES, Rubem César. O Debate entre Sociólogos a Propósito dos Pentecostais. In: "O Pentecostalismo", Cadernos do ISER nº 6, Rio de Janeiro, 1977, p. 49-59.
- _____. As Missões Protestantes em Números. *Cadernos do ISER*, nº 10, 1978, p. 27-82.

- _____. Governo das Almas: As Denominações Evangélicas no Grande Rio. In: ANTONIAZZI, Alberto et alii. *Nem Anjos Nem Demônios: Interpretações Sociológicas do Pentecostalismo*. Ed. Vozes, 2ª Edição, Petrópolis, 1996..
- FRANÇA, Maria Cecília. Algumas Considerações em Torno da Geografia Religiosa. In: Cadernos do ISER, vol. 5, Rio de Janeiro, 1975, p. 30-35.
- FRESTON, Paul. Evangélicos na Política Brasileira. *Religião e Sociedade*, V. 16, ½, Rio de Janeiro, ISER, 1992a, p.26-44.
- _____. Protestantes e Política no Brasil: da Constituinte ao Impeachment. Tese de Doutorado, IFCH-Unicamp, Campinas, 1993.
- _____. "Breve História do Pentecostalismo Brasileiro". In: ANTONIAZZI, Alberto et. alii. *Nem Anjos Nem Demônios: Interpretações Sociológicas do Pentecostalismo*. Ed. Vozes, 2ª Edição, Petrópolis, 1996.
- GOMES, Wilson. "Nem Anjos Nem Demônios. In: ANTONIAZZI, Alberto et. alii., *Nem Anjos Nem Demônios: Interpretações Sociológicas do Pentecostalismo*. Ed. Vozes, 2ª Edição, Petrópolis, 1996.
- GONDIM, Ricardo. O Evangelho da Nova Era. Abba Press Editora e Divulgadora Cultural Ltda, São Paulo, 1993a.
- GOSSETT, Don. Há Poder em Suas Palavras. Ed. Vida, Impresso pela Editora Betânia, Venda Nova-MG, 1986.
- GUARESCHI, Pedrinho A. "Sem Dinheiro Não Há Salvação": Ancorando o Bem e o Mal entre os Neopentecostais. In: GUARESCHI, Pedrinho A. e GUARCHELOVITCH, Sandra (org.), *Textos em Representações Sociais*. Ed. Vozes, Petrópolis-RJ, 1994.
- GUNDRY, Stanley. Teologia Contemporânea. Ed. Mundo Cristão, São Paulo, 1983.
- GUTIÉRREZ, Benjamim e CAMPOS, Leonildo Silveira. AIPRAL-Pendão Real-Ciências da Religião, São Paulo, 1996.
- HAGIN, Kenneth E. A Oração que Prevalece para a Paz. Graça Editorial, Rio de Janeiro, s/d.

- HASSE, Elemer. Luz Sobre o Fenômeno Pentecostal. Imprensa Metodista, São Bernardo do Campo, 1964.
- HELDE, Sérgio von. Um Chute na Idolatria. Editora Gráfica Universal Ltda, Rio de Janeiro, 1997.
- HIGUET, Etienne. O Misticismo na Experiência Católica. In: Religiosidade Popular e Misticismo no Brasil (vários autores). Edições Paulinas, São Paulo, 1984.
- HINKELAMMERT, Franz. As Armas Ideológicas da Morte. Edições Paulinas, São Paulo, 1983.
- HORDEN, William. Teologia Protestante ao Alcance de Todos. JUERP, 2ª Edição, Rio de Janeiro, 1979.
- HOWE, Gary Nigel. Representações Religiosas e Capitalismo: Uma “Leitura” Estruturalista do Pentecostalismo no Brasil. In: “*Pentecostalismo*”, Cadernos do ISER nº 6, Rio de Janeiro, 1977, p. 39-48.
- ITIOKA, Neuza. Os Deuses da Umbanda. ABU Editora S/C, São Paulo, 1987.
- KERTI, Beatriz Maria e MELLO, Maria Cláudia Costa. Salões de Milagres por Cura Divina. In: Cadernos do ISER nº 5, Rio de Janeiro, 1975, p. 10-16.
- KOLAKOWSKI, Leszek. O Diabo. *Religião e Sociedade*, nº 12/2, p. 4-22, 1985.
- LANDIM, Leilah. “Quem São as Seitas?” In: *Sinais dos Tempos: Igrejas e Seitas no Brasil*. Cadernos do ISER, nº 21, p.11-21.
- LEITE FILHO, Tácito da Gama. *Seitas Neopentecostais*. Ed. JUERP, Rio de Janeiro, 1990.
- LINS, Paulo & SILVA, Maria de Lourdes da. Bandidos e Evangélicos: Extremos que se Tocam. *Religião e Sociedade*, nº 15/1, p. 166-173.
- MACEDO, Edir B. Vida com Abundância. Ed. Gráfica Universal Ltda, Rio de Janeiro, 1996a.
- _____. O Perfeito Sacrifício. Ed. Gráfica Universal Ltda, Rio de Janeiro, 1996b.
- _____. O Diabo e Seus Anjos. Ed. Gráfica Universal Ltda. Rio de Janeiro, 1996c.
- _____. O Senhor e o Servo. Ed. Gráfica Universal Ltda. Rio de Janeiro, 1997a.
- _____. Estudo do Apocalipse, Vol. I. Ed. Gráfica Universal Ltda, Rio de Janeiro, 1997b.

- _____. Nos Passos de Jesus. Ed. Gráfica Universal Ltda. Rio de Janeiro, 1997c.
- _____. A Libertação da Teologia. Ed. Gráfica Universal Ltda. Rio de Janeiro, 1997d.
- _____. A Libertação da Teologia. Editora Gráfica Universal Ltda, Rio de Janeiro, 1997e.
- _____. Orixás, Cablocos & Guias. Ed. Gráfica Universal Ltda, Rio de Janeiro, 1998.
- _____. Doutrinas da Igreja Universal do Reino de Deus - Vol. I. Ed. Gráfica Universal Ltda, Rio de Janeiro, 1999.
- MACHADO, Maria das Dores Campos. Carismáticos e Petencostais Adesão Religiosa na Esfera Familiar. Ed. Autores Associados e ANPOCS, Campinas, 1996.
- MARASCHIN, Jaci C. O Simbólico e o Cotidiano. In: Religiosidade Popular e Misticismo no Brasil (vários autores). Edições Paulinas, São Paulo, 1984.
- MARIANO, Ricardo. Neopentecostalismo: Os pentecostais estão mudando. Dissertação de Mestrado em Sociologia apresentada ao Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.
- MARRA, Cláudio Antônio Batista (editor). Igreja Universal do Reino de Deus: Sua Teologia e Sua Prática. Editora Cultura Cristã, São Paulo, 1997.
- MARTIN, David. Tongs of Fire: The Explosion of Protestantism in Latin America. Oxford, Blackwell, 1990.
- MAC'ALISTER. Dinheiro: Um Assunto Altamente Espiritual. Carisma Editora, Rio de Janeiro, 1987.
- MARIZ, Cecília Loreto. "Libertação e Ética. Uma Análise do Discurso de Pentecostais que se Recuperaram do Alcoolismo". In: ANTONIAZZI, Alberto et alii. *Nem Anjos Nem Demônios: Interpretações Sociológicas do Pentecostalismo*. Ed. Vozes, 2ª Edição, Petrópolis, 1996.
- MARX, Karl. O Capital, V. I. Ed. Nova Cultural, 3ª Edição, São Paulo, 1998.

- MENDONÇA, Antônio Gouvêa. A Volta do Sagrado Selvagem: Misticismo e Êxtase no Protestantismo do Brasil. In: *Religiosidade Popular e Misticismo no Brasil* (vários autores), Edições Paulinas, São Paulo, 1984.
- _____. "Um Critério de Classificação Religiosa". In: *Sinais dos Tempos: Igrejas e Seitas no Brasil*. Cadernos do ISER, nº 21, Rio de Janeiro, 1989, p. 73-76.
- _____. "Um Panorama do Protestantismo Brasileiro Atual". In: *Sinais dos Tempos: Tradições Religiosas no Brasil*. Cadernos do ISER, nº 22, Rio de Janeiro, 1989, p. 37-86.
- _____. Sindicato de Mágicos: Pentecostalismo e Cura Divina. Ed. IMS - Edims. *Estudos da Religião*, nº 8, São Bernardo do Campo, 1992, p. 49-59.
- _____. O Neopentecostalismo. Ed. IMS - Edims, *Estudos da Religião*, nº 9, São Bernardo do Campo, 1994, p. 147-159.
- _____. O Celeste Porvir. A Inserção do Protestantismo no Brasil. Ed. Aste, São Paulo, 1995.
- _____. Protestantes, Pentecostais & Ecumênicos. O campo religioso e seus personagens. Ed. UMESP, São Paulo, 1997.
- MENDONÇA, Antônio Gouvêa e VELASQUES FILHO, Prócoro. Introdução ao Protestantismo no Brasil. Ed. Loyola, São Paulo, 1990.
- MONTEIRO, Duglas Teixeira. Sobre os Dois Caminhos. *Cadernos do ISER*, nº 5, 1975, p. 21-29.
- _____. A Cura por Correspondência. In: *Religião e Sociedade*, Nº 1, 1977, p. 61-79.
- _____. "Igrejas, Seitas e Agências: Aspectos de um Ecumenismo Popular". In: VALLE, Edênio (org.), *A Cultura do Povo*. Cortez e Moraes, EDUC, São Paulo, p. 81-111.
- MOREIRA, Alberto & ZICMAN, Renée. Misticismo e Novas Religiões. Ed. Vozes, 2ª Edição, Petrópolis-RJ, 1994.
- MORIN, Émile. Jesus e as Estruturas do Seu Tempo. Ed. Paulinas, 3ª Edição, São Paulo, 1984.

- NEGRÃO, Lísias Nogueira. As Falácias Religiosas do Mercado (Intervenções). In: *Misticismo e Novas Religiões*. Moreira, Alberto & Zicman, Renée (Orgs.), Ed. Vozes, 2ª Edição, Petrópolis, 1994.
- NOGUEIRA, Carlos Roberto. F. O Diabo no Imaginário Cristão. Ed. Ática, São Paulo, 1986.
- NOVAES, Regina C. Reyes. Os Escolhidos de Deus: Pentecostais, Trabalhadores e Cidadania. Editora marco Zero, São Paulo, 1985.
- _____. "Os Pentecostais e a Organização dos Trabalhadores". In: *Religião e Sociedade*, nº 5, 1980, p. 65-93.
- OLIVA, Margarida. O Diabo no "Reino de Deus": Por que proliferam as seitas? Ed. Musa, São Paulo, 1997.
- OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de. A Renovação Carismática Católica. In: *"Pentecostalismo"*, Cadernos do ISER, nº 6, Rio de Janeiro, 1977, p. 25-30.
- OLIVEIRA FILHO, José Jeremias de. Notas de Sociologia das Seitas. In: Cadernos do ISER, nº 5, Rio de Janeiro, 1975, p. 17-20.
- ORO, Ari Pedro. Globalização e Religião. Ed. Vozes, Petrópolis, 1997.
- ORTIZ, Renato. As Falácias Religiosas do Mercado (Intervenções). In: Alberto, Moreira & Zicman, Renné (Orgs.). *Misticismo e Novas Religiões*. Ed. Vozes, 2ª Edição, Petrópolis, 1994.
- OSBORN, T. L. Curai Enfermos e Expulsai Demônios. Ed. R.R. Soares, Rio de Janeiro, 1980.
- PIERATT, Alan B. O Evangelho da Prosperidade: Análise e Resposta. Edições Vida Nova, São Paulo, 1993.
- PIERUCCI, Antônio Flávio e PRANDI, Reginaldo. A Realidade Social das Religiões no Brasil. HUCITEC, São Paulo, 1996.
- RAMSAY, E. Mary. A Ciência Cristã e Sua Descobridora. The Christian Science Publishing Society, Boston, Massachusetts, U.S.A, 1974.
- RAMALHO, Jether Pereira. Algumas Notas Sobre Duas Perspectivas de Pastoral Popular: a das comunidades eclesiais de base e a dos grupos evangélicos

- pentecostais. In: "*Pentecostalismo*", Cadernos do ISER nº 6, Rio de Janeiro, 1977, p. 31-39.
- RIBEIRO, Boanerges. Protestantismo e Cultura Brasileira: Aspectos Culturais da Implantação do Protestantismo no Brasil. Casa Editora Presbiteriana, São Paulo, 1981.
- RIBEIRO, René. "Igrejas e Cultos no Brasil". In: Revista de Antropologia, Vol. 21, p. 13-25.
- RODOVALHO, Robson. Quebrando as Maldições Hereditárias. Koinonia, Goiânia, 1992.
- ROLIM, Francisco Cartaxo. A Propósito do Pentecostalismo de Forma Protestante."O *Pentecostalismo*", Cadernos do ISER, nº 6, Rio de Janeiro, 1977, p. 11-20.
- _____. Pentecostais no Brasil - Uma Interpretação Sócio-Religiosa. Ed. Vozes, Petrópolis, 1985.
- _____. O Que é Pentecostalismo. Ed. Brasiliense, São Paulo, 1987.
- _____. "Assembléia de Deus"; "Congregação Cristã no Brasil"; "Igreja Pentecostal Deus é Amor". In: *Sinais dos Tempos: Diversidade Religiosa no Brasil*. Cadernos do ISER, nº 23, Rio de Janeiro, 1990, p. 47-63.
- ROMEIRO, Paulo. Supercrentes: O Evangelho Segundo Kenneth Hagin, Walnice Milhomens e os Profetas da Prosperidade. Editora Mundo Cristão, São Paulo, 1993.
- _____. Evangélicos em Crise. Ed. Mundo Cristão, São Paulo, 1995.
- SANTOS, Aúreo Bispo dos. Pentecostalização do Protestantismo Histórico. In: "*Pentecostalismo*", Cadernos do ISER, nº 6, Rio de Janeiro, 1977, p. 21-24.
- SOARES, Luiz Eduardo. "Perguntar, Ouvir: As 'Seitas' e a Invenção Metáforica do Espaço Humano". In: *Sinais dos Tempos: Igrejas e Seitas no Brasil*. Cadernos do ISER, nº 21, p. 52-63.
- SOARES, Mariza Carvalho. "Os Crentes nas Eleições". In: *Religião e Sociedade*, nº 12/3, 1985, p. 102 a 108.

- _____. Guerra Santa no País do Sincretismo. In: *Sinais dos Tempos: Diversidade Religiosa no Brasil*. Cadernos do ISER, nº 23, 1990, p. 75-104.
- SOUZA, Beatriz Muniz. Pentecostalismo em São Paulo. Tese de Doutorado em Sociologia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro, Rio Claro, 1967.
- SOUZA, Luiz Alberto Gómez de. "O Novo e a Novidade no 'Mundo das Crenças'". In: *Sinais dos Tempos: Igrejas e Seitas no Brasil*. Cadernos do ISER, nº 21, p. 43-51.
- SUNG, Jung Mo. A Idolatria do Capital e a Morte dos Pobres. Edições Paulinas, 2ª Edição, São Paulo, 1989.
- _____. Teologia & Economia. Ed. Vozes, 2ª Edição, Petrópolis, 1995.
- _____. Desejo, Mercado e Religião. Ed. Vozes, 2ª Edição, Petrópolis, 1998.
- TAVARES NETO, José Querino. Igreja Presbiteriana do Brasil: Poder, Manutenção e Continuismo. Tese de Mestrado, IFCH-Unicamp, Campinas, 1997.
- VELASQUES FILHO, Prócoro. Religião, Ídolos e Reino de Deus. In: *Religiosidade Popular e Misticismo no Brasil* (vários autores), Edições Paulinas, São Paulo, 1984.
- WACH, Joaquim. Sociologia da Religião. Edições Paulinas, São Paulo, 1990.
- WALKER, Williston. História da Igreja Cristã. Editora JUERP e ASTE, 3ª Edição, Vol. I e II, São Paulo, 1980.
- WEBER, Max. "Sociologia da Religião (tipos de relações comunitárias religiosas)". In: *Economia e Sociedade: Fundamentos da Sociologia Compreensiva*. Vol. 1, UNB, 3ª Edição, Brasília, 1994.
- _____. A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo, Livraria Pioneira Editora, 12ª Edição, São Paulo, 1997.
- _____. A Ciência como Vocação. In: *Ciência e Política, duas vocações*. Ed. Cultrix, São Paulo, 1999.

OUTRAS PUBLICAÇÕES

Revista *Veja*.

Revista *Vinde-Eclésia*.

Revista *Ultimato*.

Jornal *Folha de São Paulo*.

Jornal do Brasil.

Folha Universal.